



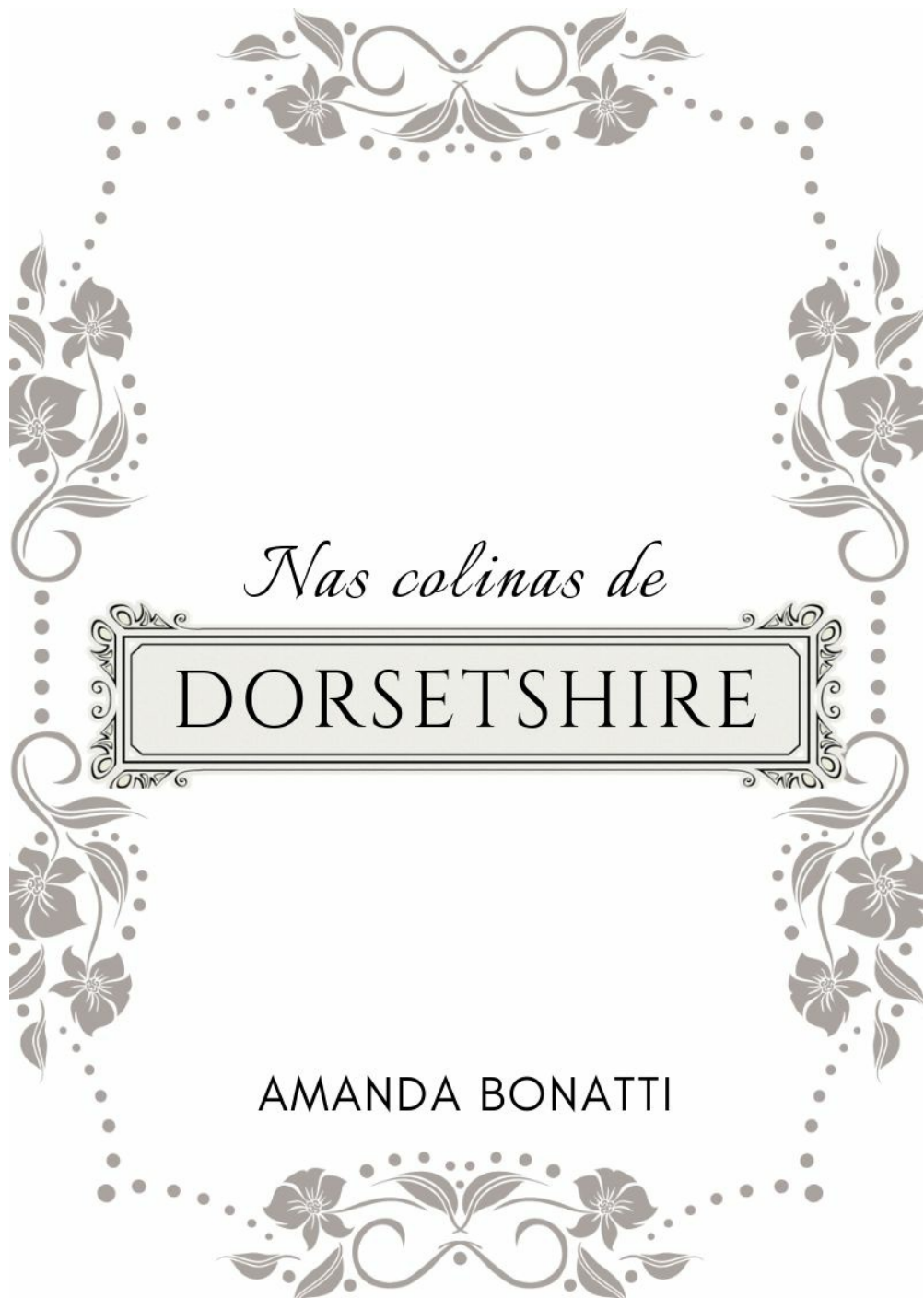
...  AMANDA BONATTI  ...

Nas colinas de
DORSETSHIRE



 editora
coerência





PERIGOSAS NACIONAIS

**Amanda Bonatti - 1ª Edição —
2019**

PERIGOSAS ACHERON

Copyright

Copyright@2019 AMANDA. BONATTI

Capa: Décio Gomes

Revisão: Bianca Gulim

Diagramação Digital: Giuliana Sperandio,
Help – Serviços Literários

Direitos imagens: © pngtree.com.

Está é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança entre esses aspectos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

Bonatti, Amanda

Nas Colinas de Dorsetshire, 1ª edição –
2019/362 páginas

1. Romance
 2. Época
-

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – Tangível ou intangível – sem o consentimento por escrito das autoras.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Sumário

[Copyright](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Lista](#)

[Biografia](#)

[Confira outras obras da Autora](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



a

A página de agradecimentos é algo que nunca falta nos meus livros. Ela é tão importante quanto todas as outras páginas que se seguem. Cada nome representa um pouco de força, de incentivo que recebi. Escrever este livro foi um desafio, quem me acompanhou sabe que coloquei toda minha energia e amor nestas linhas. E é a vocês, que estiveram ao meu lado, que quero agradecer.

À minha família; mãe (Eliana Bonatti), pai (Silvio Bonatti), irmãos (Bruno e Guilherme

Bonatti), filho (Eduardo Garcia), esposo (Evandro Garcia), avós, tios e primos, obrigada! Sou grata a cada um pelo incentivo, por acreditarem que meu sonho é possível.

A meu esposo, Evandro, obrigada por ouvir-me e por dar sua opinião na parte da história em que eu estava indecisa sobre qual rumo tomar. Amo você.

Agradeço aos amigos, leitores e blogueiros, tanto aos meus parceiros literários quanto a todos os blogs e igs que participaram das divulgações e do projeto de “Primeiras impressões”.

Muito obrigada às lindas leitoras betas: Nathalia Conceição Ferreira, Amanda Leandro e Ana Cleide da Silva. Ter vocês ao meu lado durante o processo de escrita foi fundamental. Cada comentário, sugestão e crítica levaram-me adiante. Vocês são maravilhosas.

Agradeço pelo trabalho cuidadoso e impecável da revisora Bianca Gulim e pela capa deslumbrante feita por Décio Gomes.

Sou imensamente grata à Editora Coerência pela oportunidade e confiança no meu trabalho. Jamais conseguiria descrever o quanto fiquei feliz em receber o convite para esta publicação. Obrigada!

Obrigada, Deus!

Amanda Bonatti

NOTA DA AUTORA

N

A história contada neste livro trata-se de uma ficção ambientada na Inglaterra do século XIX, na comuna de Dorset — anteriormente chamado Dorsetshire — e Londres. Vários lugares e edificações citadas durante a narrativa realmente existem ou existiram, no entanto tudo mais se trata de fábula criada para vos entreter.

PERIGOSAS NACIONAIS

Espero que gostem. Boa leitura.

Amanda Bonatti

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

P

Wiltshire, 07 de setembro de 1805.

Neste instante, a pena treme nas minhas mãos. As letras são borrões quase indecifráveis, entretanto preciso continuar registrando-as. Estou tão desesperada, descrente e aos prantos que temo não ser capaz de concluir estas linhas, ou manchar com as minhas lágrimas este papel encardido, que será anexado a uma espécie de livreto costurado por mim mesma, no qual eu costumava escrever alguns poemas, mas que depois se tornou o depósito das minhas lamentações. As folhas estão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

repletas delas, mas também de momentos tão aprazíveis que jamais ousei imaginar que um dia viveria... E eu vivi! Sei que até o último minuto da minha existência serão a essas lembranças que me agarrarei. Somente elas me darão algum consolo, mesmo que tenha sido por ousar tentar ser livre e feliz que hoje me encontro aqui, enclausurada e sem perspectivas.

Tenho à minha frente um castiçal de bronze onde repousa uma vela acesa e quase inteiramente derretida, mas que ainda ilumina um pouco este frio aposento, lançando sobre as paredes de pedra as sombras das minhas próprias mãos movimentando-se freneticamente. Sinto latente a angústia de registrar minha vida, como se isso fosse me salvar, como se pudesse! Suspiro, sentindo uma crença quase vã no impossível, fortalecida pelo amor que ainda pulsa forte no meu peito. Sempre pulsará!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que saudades sinto do abraço do meu irmão Richard, do sorriso da minha amiga Helen, das colinas e dos prados por onde corríamos livres...

Que saudades sinto daquelas tardes deliciosas, quando sem pressa e sem preocupações eu sentia o deleite do calor do sol aquecendo meu rosto enquanto escrevia versos para o mar, recostada em algumas pedras da costa de Dorsetshire¹, sentindo meus pés tocarem a areia branca e macia da praia de Weymouth², desviando meu olhar do papel apenas para admirar a desconcertante vista marítima na tentativa de encontrar a linha onde o verde finalmente se perdia no azul.

Eu sorria ao observar Audrey correr das ondas que se desembolavam na areia, gargalhando quando conseguia fugir delas, depois avançando na direção do mar somente para em seguida correr

PERIGOSAS ACHERON

outra vez, em uma brincadeira que consistia no puro prazer de vencer a água e não se deixar molhar. Com seu vestido favorito de cambraia azul erguido até os tornozelos, ela dava chutes nas ondas e arremessava para longe algumas gotículas salgadas que reluziam coloridas antes de se juntarem novamente ao mar.

Em momentos assim, eu desejava que meus talentos para a escrita fossem substituídos pelo talento da pintura somente para eternizar o sorriso da minha irmã quando vinha na minha direção com a face corada e os olhos brilhantes, satisfeita por eu ter atendido ao seu pedido de outra vez acompanhá-la em um passeio à beira-mar. Quantos sonhos, quantas risadas compartilhávamos...

— Audrey, venha, devemos voltar agora! Logo ficará tarde. — Acenei para aquela criança que, na verdade, já havia crescido mais do que eu

tinha capacidade de perceber, ainda a mimando como se fosse uma menina, e não uma mocinha de quatorze anos.

— Um dia teremos uma casa à beira-mar.
— Ela girou o corpo com os braços erguidos e um sorriso aberto. —Será uma linda casa com muitas janelas e, de todas elas, teremos a vista do infinito azul, assim como a residência do duque de Gloucester³ — afirmou, olhando para a rua em frente à praia, apontando a imponente mansão.

— A casa de verão do irmão do rei George III⁴? — Ri, alarmada com a pretensão dela, observando a mansão de tijolos vermelhos com mais de cinquenta janelas. Com certeza era a casa mais bela e alta que já havíamos visto.

— Sim! Dizem que o rei passou alguns invernos na Gloucester Lodge⁵. Inclusive, mamãe contou que ele fez de Weymouth sua residência de
PERIGOSAS ACHERON

férias de verão em muitas ocasiões e que acredita que voltará este ano. Já pensou se tivérmos o privilégio de vê-lo se aventurando no mar em uma máquina de banho⁶?

Ela aproximou-se mais de mim e sorriu, depois se sentou na areia e secou os pés para logo em seguida calçar suas velhas botas de couro. Permaneci alguns segundos olhando-a antes de saber o que responder, evitando lhe arrancar os sonhos, mas com medo de que sonhar tão alto, e com tanta certeza, fosse um dia trazer a ela uma grande infelicidade. Além disso, lembro-me de sentir-me preocupada, pois Audrey demonstrava ter desejos frívolos demais e dar muita importância a eles.

— Não sei como poderemos um dia morar em uma casa assim, mas com toda certeza qualquer lugar seria agradável se eu tivesse sua companhia

— exprimi-me, afagando seus cabelos.

— Seria agradável? Lolla! Será muito mais do que isso! E claro que teremos a companhia uma da outra, sempre! Se um dia eu me casar com um homem muito rico, e assim espero, a levarei para morar comigo... Isso se você ainda estiver solteira! Mas, se você se casar primeiro, e penso que será isso que vai acontecer, promete que me levará?

— Depende muito... — falei com um sorriso enviesado. — Se for uma boa irmã e ajudar-me com as tarefas de casa...

— Lolla!

— Claro que a levarei, mas precisa entender que nenhuma casa grande, mesmo com a vista mais linda do mundo, pode me dar mais alegria do que este momento que compartilhamos. Não pense que será mais feliz por ter coisas belas, se o restante de sua vida for cinza. Sabe o que evitará que sua vida

seja cinza? — perguntei-lhe da forma mais amável que consegui, mesmo assim já via seus olhos voltarem-se para a areia, como se quisesse ficar triste.

— Eu sei, o amor verdadeiro — respondeu, impaciente. — Sempre diz isso, mas penso que podemos ter as duas coisas, não? Contudo, claro que, se eu tiver de escolher, o amor sempre virá em primeiro lugar.

— Não apenas o amor, Audrey, e sim as virtudes daquele a quem entregar seu coração. Vai querer entregá-lo a um homem mau, que não saiba cuidar do seu amor como ele merece?

— Jamais vou amar um homem assim. Não sei como pode dizer tais coisas.

— Nem tudo é como podemos ver — falei com seriedade, entretanto achei que não deveria dizer mais nada, pois Audrey mostrava-se um tanto

confusa com minhas divagações, temi que pensasse que eu estivesse a desencorajando a fazer aquilo que ela mais amava, que era sonhar com o mais lindo futuro.

Mesmo eu, um tanto mais cética do que ela, também tinha meus sonhos, os quais guardava apenas para mim. Não almejava uma mansão, criados, vestidos ou qualquer bem que pudesse ser consumido pelo tempo, mas algo sólido, resistente e infindável, ou que ao menos durasse o tempo da minha existência...

E, sim, encontrei, pois o amor que sinto foi plantado tão fundo que ninguém poderá arrancá-lo.



Weymouth, litoral de Dorsetshire.

25 de maio de 1805.

Areia da praia, mistérios do mar. Meus sonhos são tão dispersos como o vento que agita os grãos de fina seda. Meus sonhos são como areia, como lágrimas ardentes... Mas também morrem, voltam a ser mar.

Agitando as ondas da praia, enredado às ondas do mar, vem vento, varre os sonhos inconsistentes, os medos, a amargura. Leva embora todas as ilusões. Que fique apenas a doçura, o encanto, a paz. Varre, vento, varre... Só quero ser feliz e amar.

CAPÍTULO 1

1

“Aquilo que pedimos aos céus na maioria das vezes se encontra em nossas mãos.”

Shakespeare.

Bincombe, 25 de maio de 1805.

Audrey veio por todo o caminho pedindo que eu lesse para ela os poemas que escrevi nesta tarde. “Quais poemas?”, tive vontade de perguntar. Tantas horas sentada renderam poucas linhas, mas confesso que fiquei muito satisfeita com elas.

Ocupo-me agora de preencher algumas páginas para contar como foi delicioso este dia.

O trajeto longo e cansativo de ida e volta compensou por sua beleza, e nossas pernas são bastante fortes, pois costumamos caminhar muito, afinal esse é nosso único meio de locomoção e nossa juventude ainda garante um bom fôlego. Mamãe diz que jamais conseguiria andar tanto, por isso nunca nos acompanhou em passeios mais distantes, indo ao mar apenas quando recebemos convites para irmos de *barouche*⁷ ou quando papai pode alugar um.

O céu estava tão intenso, de um azul-anil maravilhoso, como não me recordo de já ter visto antes, sem nuvens. Depois que nos afastamos do litoral e das mansões de verão, por todo o caminho fomos cercadas pela natureza abundante, presenteadas com a verdadeira explosão de cores

do azul do céu em contraste com o verde das campinas.

Quando chegamos ao nosso vilarejo em Bincombe — no condado de Dorsetshire —, depois de cinco milhas de caminhada, o sol já caía tímido, mas ainda raiando sobre as folhagens enquanto um ar friozinho se apresentava. Não havíamos planejado demorar tanto, mas eu e Audrey paramos algumas vezes para admirar a paisagem, descansar e também simplesmente jogar conversa fora sob uma árvore, admirando a densa e esplêndida vegetação rasteira de incontáveis arbustos nativos, uma variedade de samambaias, musgos e líquens.

Por conta da demora, logo que regressamos — muitas horas depois —, e mesmo antes de colocar nossos pés no jardim, ouvimos mamãe gritar nossos nomes, furiosa. Richard surgiu logo em seguida, e também nosso pai com uma

expressão que de nada podia ser descrita como aprazível, muito ao contrário, ele estava tão irritado quanto nossa mãe.

— Minha nossa! Pensei que teria de mandar Richard encontrá-las, que tivessem se perdido no caminho ou caído no mar e sido levadas por ele — disse-nos nossa mãe, alarmada. — Mas, oh, não! "Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio. Ele o livrará do laço do caçador e do veneno mortal"⁸ — recitou com as mãos em prece, agradecendo aos céus por nosso retorno. — Agora venham jantar, deixei tudo pronto. Não que mereçam, pois me deixaram muito preocupada.

— Eu disse que elas logo retornariam — falou Richard, meu irmão mais velho, pondo-se atrás da nossa mãe, alargando os olhos e retorcendo os lábios como se me dissesse: “Estão muito

encarecidas”.

— Em outro dia, poderiam ter demorado o quanto quisessem — completou papai, olhando para meu irmão —, mas recebemos hoje uma importante visita e eu mal soube o que dizer para justificar a ausência das minhas duas filhas. Se eu soubesse aonde iriam e que demorariam tanto, teria proibido que saíssem — acrescentou, severo.

— E quem veio? Nunca recebemos visitas.
— Audrey estranhou, batendo as botas antes de entrar em casa.

Fiz o mesmo e encaminhei-me para a cozinha junto com os demais, também curiosa para saber quem tinha nos visitado, mas já maldizendo o visitante que fazia com que eu e minha irmã ganhássemos uma bronca pelo passeio que tanto havíamos apreciado.

— O senhor Boorman — respondeu meu

irmão com um olhar divertido, já que papai e mamãe nos lançavam olhares rígidos e pareciam estar verdadeiramente irritados.

— Ora, Richard, e quem é o senhor Boorman? — perguntei, pois jamais ouvira aquele nome na minha vida, não que me recordasse.

— O senhor Boorman é dono de uma propriedade neste condado, além de ter pelo menos mais três casas de campo. Dizem que sua mansão em Londres é considerada uma das mais belas de toda a Inglaterra — discursou mamãe, como se tal informação revelasse muito sobre o dito senhor.

— E o que ele queria aqui? — inquiri, para que dessa forma alguém dissesse-me algo de mais relevante, que me fizesse acreditar que talvez a bronca tivesse sido merecida e que realmente havíamos sido irresponsáveis por ter deixado tão ilustre senhor sem nossa presença. Porém, até

aquele momento, não estava nem um pouco arrependida pela demora.

— Veio fazer uma oferta de trabalho para seu pai — respondeu minha mãe, animada, enquanto nos servia pães para que comêssemos junto ao caldo que havia preparado. — O senhor Boorman quer que seu pai cuide da *House Flowers*⁹, a casa de campo que ele tem na vila de Woolgarston¹⁰. Ainda não é nada certo, o senhor Boorman voltará aqui outra vez até que esteja tudo acertado... Bem, assim ele nos disse. E, em caso positivo, seu pai morará na mansão, onde nos foi garantida uma ala de hóspedes, que é até mesmo melhor do que esta casa... O senhor Boorman assegurou que arrumará um posto para mim também. Disse-lhe que qualquer coisa servia, mas que sabia cozinhar como ninguém.

— Quem disse isso? — interrompi a

narrativa, mesmo sabendo que mamãe detestava que fizessem isso.

— Que cozinho muito bem? Ora, Lolla, e você não sabe? Não come todos os dias o que preparo? Claro que não temos ingredientes refinados, mas...

— Não, mamãe! Quem disse que a ala de hóspedes da mansão é melhor que nossa casa? — indaguei, séria.

— Ele mesmo, o próprio senhor Boorman.

— Que observação indelicada — acrescentei.

— Não se preocupe, ele não disse isso por superioridade ou querendo nos rebaixar por sermos pobres. Não, não faça essa sua peculiar expressão inflexível, Lolla...Ele é um bom homem, falou para que soubéssemos que a oferta é boa e que a devemos considerar. Aliás, por mim já está tudo

PERIGOSAS ACHERON

certo, basta que seu pai aceite — declarou, olhando-o.

— Como se houvesse opções — resmungou meu pai, sentado à mesa, olhando para seu prato sem comer coisa alguma.

Eu quis dizer a ele que sempre há opções, pois somos livres para realizar as escolhas, porém os caminhos errados, sim, podem limitar nossa liberdade. Mas não, não disse nada.

— E eu, mamãe? — perguntou Audrey, apreensiva. — Eu e Lolla ficaremos sozinhas nesta casa com Richard?

— Ora, Lolla já tem dezenove anos e Richard tem vinte e três — disse mamãe, olhando-nos com aquele olhar de “não são mais crianças, mas agem como tais”. — São suficientemente adultos para cuidarem de si mesmos e de você também. Mas não será assim por muito tempo, pois

PERIGOSAS NACIONAIS

penso que o senhor Boorman pode vir a contratar Richard para alguma função... E, se estiverem em busca de mais empregados, quem sabe, com o tempo, conseguiremos todos alguma função na *House Flowers*. Tenho certeza de que precisam de muitos criados. Imaginem uma casa com mais de dez aposentos, muitas salas, lareiras e saletas de banho! Pois foi o que nos disse o senhor Boorman...

— Eu adoraria conhecer uma mansão assim — expressiu Audrey.

Eu confesso que, mesmo sem conhecer o senhor Boorman, já não estava mais suportando ouvir seu nome, mas não houve jeito, pois mamãe discursou sobre ele durante todo o jantar, muito animada com o futuro e a promessa de uma mudança de vida. Papai estava calado, olhava para a janela enquanto comia como se pudesse ver algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

além das vidraças. A verdade é quase nada se podia enxergar, já que a noite seguia enegrecendo todo o céu.

O que estaria pensando? Pude ver que havia algo em seus olhos, pois, por mais que papai seja costumeiramente mais quieto que todos seus filhos e esposa, ainda assim pareceu haver uma nuvem de preocupação em seu olhar, nublando seus pensamentos, levando-o para longe.

Mais tarde, já no aposento que divido com minha irmã, avivamos o fogo da pequena lareira. Audrey ajudou-me a desamarrar meu espartilho, compartilhando comigo suas inseguranças em relação à novidade, mas sem deixar de mostrar que a ideia de morar em uma mansão a agradaria muito, mesmo que fosse como criada. Por mais que goste de sonhar, ela realmente parece não ver muito mais em nosso destino além de nos casarmos com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homens de posses. Pois, sim, tudo que se espera de uma boa filha solteira e pobre é que ela se case com o melhor pretendente que puder arrumar quando a hora chegar. Quanto mais rico, melhor, claro, garantindo assim a estabilidade da sua família.

Minha família vem de uma geração inteira de trabalhadores, ninguém possui títulos nobres, grandes propriedades ou terras que possam arrendar. Ainda assim, sempre me considereei muito feliz e agradecida e não tenho medo do destino que me aguarda, pois sei que posso usar minhas mãos para trabalhar e tenho minhas convicções muito seguras em relação ao casamento. Não há curvas para a felicidade quando se consegue ser feliz com pouco, quando tudo que se tem já é o que basta!

Por sorte, aprendi com a benção da observação e não com a experiência amarga e cruel. Minha mente sempre viva e atenta já teve provas

PERIGOSAS ACHERON

suficientes para saber que devo escolher o marido, e não suas posses. O contrário já causou grandes estragos em corações mais sonhadores, como no da minha querida amiga Helen, que se casou com um jovem abastado — por conveniência da família —, mas que parece fazê-la sofrer todos os dias.

Helen tem apenas vinte e um anos e já está fadada ao casamento infeliz, um marido que ignora sua inteligência, não reconhece seus talentos e vive como se ainda não estivesse casado, não permitindo que ela se expresse ou reclame das suas longas ausências quando vai sozinho às temporadas em Londres, e a trata como se fosse a mulher mais insignificante e obtusa que já teve o desprazer de pôr os olhos.

Quem me dera tais absurdos tivessem sido julgamentos meus, mas não, foi Helen que me contou tudo sobre o senhor Thompson quando fui

PERIGOSAS NACIONAIS

visitá-la em seu novo lar, alguns meses após seu casamento. Senti que ela queria me dizer algo mais, mas não consegui que se abrisse, pois a senhora Abigail, a governanta da casa, pouco nos deixou a sós, de modo que não pudemos conversar com mais liberdade.

Pensar que Helen possa estar sofrendo me aflige, e tudo que posso desejar é que as coisas melhorem para ela, além de um destino diferente para mim e Audrey. É com esse desejo que descansarei a pena esta noite, da mesma forma como deitarei meu corpo, entregando-me a um sono manso, desejando sonhar com as belezas do oceano que admirei hoje e com as campinas que se arrastam até meu vilarejo querido.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

2

*“Somos do mesmo material do que se tecem
os sonhos, nossa pequena vida está rodeada de
sonhos.”*

Shakespeare.

Bincombe, 26 de maio de 1805.

Audrey viu-me sentada junto à escrivaninha do nosso aposento hoje pela manhã e perguntou-me novamente sobre meus poemas. Cheguei a assustar-me com sua aproximação repentina quando parou

atrás de mim e espiou o livreto nas minhas mãos. Virei-me para ela com o olhar de advertência, mas sorri ao ver que ela me ofertava um sorriso encantador.

— Você está tão linda, Lolla — disse, aproximando-se mais. — Seus cabelos estão dourados com a luz do sol batendo neles. Você é sempre linda, mas com o sol da manhã fica toda iluminada. Seus olhos ficam em um tom de azul tão clarinho, e até seus cílios e sobrancelhas brilham como o ouro.

— Pois noto que a poeta aqui é você, Audrey. Deveria tentar escrever — sugeri, animada.

Mas, quando ela parou ao meu lado e tentou espiar novamente, sem demora fechei o livro e pedi que não me espiasse de tal maneira, pois aqueles poemas eram muito particulares e encontravam-se

todos inacabados. Ela fez uma expressão de mágoa, mas foi para a cozinha sorrindo e cantando, então tornei a abrir o livreto e continuei a leitura das páginas já escritas. Entretanto, logo minha irmã retornou, avisando-me que mamãe necessitava do nosso auxílio na cozinha.

Abri as janelas para que a brisa matinal arejasse o ambiente e, antes de atender ao chamado de mamãe, espiei a rua estreita e bucólica na qual moramos, onde casinhas praticamente idênticas enfileiram-se uma após a outra, do mesmo tamanho e formato, feitas de pedras fortes e rudimentares — algumas parcialmente cobertas de líquen de um verde brilhante — e com telhados negros e tortos exibindo chaminés fumacentas. Do outro lado da rua, vi quando Benjamin, meu vizinho desde sempre, saía pela porta da frente da sua casa, e, ao ver-me, fez-me uma reverência, sorrindo.

— Como está sua irmã, senhor Benjamin? Tem recebido notícias dela? — perguntei-lhe, elevando o tom de voz.

Há pouco mais de um mês eu vinha escrevendo cartas para Helen sem que recebesse outra em resposta. Helen jamais deixaria de responder-me, então eu já estava preocupada.

— Helen? — Ele parou e virou-se enquanto abotoava sua casaca azul-marinho. — Minha irmã esqueceu-se de nós, pelo visto. Mas iremos visitá-la em breve, e então ela terá de nos receber.

— Tenho certeza de que ela ficará feliz em vê-los, Ben! — disse-lhe.

Ah, como eu gostaria que ele soubesse o tipo de homem com o qual sua irmã se casara. Será que nem ao menos desconfiava?

— Não sei, pois mamãe escreveu a ela há algumas semanas e Helen sequer nos respondeu —
PERIGOSAS ACHERON

discorreu Benjamin.

— Helen não faria isso, deve ter ocorrido algo com a correspondência. — Tentei mostrar a ele como aquilo era inconcebível em se tratando de Helen. Quem sabe deveriam antecipar a visita, mas não ousei sugerir isso a ele, apesar da minha apreensão. — Quando for visitá-la, diga-lhe que estou com muitas saudades! — pedi.

Benjamin assentiu e despediu-se, descendo pela exígua rua, sumindo em pouco tempo.

— Dolores! — gritou minha mãe da cozinha. Apressei-me a atendê-la, pois sua voz era de irritação, além disso, chamava-me pelo meu nome de batismo. Encontrei-a com um balde na mão, exasperada com minha demora. — Apanhe água com seu irmão e depois vão buscar legumes e leite. — E então entregou-nos uma moeda e recomendou que não demorássemos.

Fizemos o que ela nos pediu, andando alguns metros até as proximidades da fazenda Fergus, onde um vizinho vendia leite, carnes, ovos e legumes para os moradores do nosso vilarejo. Depois, buscamos a água que armazenávamos em um reservatório nos fundos da nossa casa.

— Sei por que nossa mãe está tão ansiosa. O senhor Boorman voltará hoje para falar com nosso pai. Eu os ouvi conversando. Mamãe deseja muito esse emprego. Eu a ouvi dizer: “Esta é uma oportunidade única, então temos de nos sacrificar”. Mamãe almeja mais do que nunca que o senhor Boorman permita que todos nós nos alojemos na ala de criados da sua mansão — contou Richard.

— Agora compreendo essa agitação toda, mas sacrificar o quê? — perguntei, sem entender.
— Bem, espero que nosso pai consiga o trabalho, embora esteja preocupada com as mudanças que

isso possa acarretar. Se todos forem trabalhar na *House Flowers*, isso implicará deixar nossa casa. Talvez seja esse o sacrifício a que mamãe se referia.

— Lolla, não acho que você deva ser uma criada. Posso muito bem fazer qualquer tipo de trabalho, mas você e Audrey não. O futuro de vocês precisa ser melhor que isso.

— Não há mal em ser uma criada, Richard. Meu futuro será ótimo se eu sempre estiver com minha família...

Claro que meu irmão tem sonhos muito maiores do que ser um criado, porém a nossa realidade não permite grandes devaneios, como os que Audrey gosta de sustentar. Richard sabe que não será um marinheiro ou soldado da realeza, nem poderá estudar para melhorar de vida. Ele herdará tudo do nosso pai, e esse *tudo* é nossa simples casa

em Bincombe e nada mais. Então, seria mais correto chamar seus sonhos de desejos, ambições tão grandes como apenas ter uma esposa e uma moradia digna, talvez trabalhar em um terreno próprio, plantando e colhendo algo com suas próprias mãos, cuidar da sua família com independência e ser feliz.

Sobre a visita, Richard estava certo, pois, assim que retornamos, nossa mãe pediu que nos arrumássemos com nossos melhores trajes para que, como nos disse ela, causássemos melhor impressão do que causaríamos com os *trapos* que usávamos no dia a dia.

Em algumas horas, vimos uma bela faetonte¹¹ parar em frente à nossa casa e um senhor de meia-idade trajado elegantemente descer da carruagem, sendo recebido por nosso pai e Richard, os homens da casa. Mamãe cochichou para nós: “O

senhor Boorman jamais deve ter sido recebido em uma casa pelos próprios donos dela!”, referindo-se ao fato de não termos criados para fazer essa cortesia.

Para economizar as tão queridas folhas deste livreto, vou apenas dizer que não gostei do senhor Boorman e revelarei logo o motivo: foram seus olhos. O que há naquele olhar para que eu o tenha repugnado tanto? Pensei muito sobre isso depois que ele se foi. Não, não era somente o olhar altivo de quem se sente superior, mas também a forma como me encarou enquanto se dirigia a mim, com olhos vidrados e sobrancelhas crispadas. Avaliava-me ou julgava-me por qualquer coisa que não pude entender.

A maior parte da conversa foi entre meu pai e o tal senhor, sozinhos, sentados próximos à pequena lareira da sala, enquanto eu e meus irmãos

tentávamos ouvir qualquer coisa, sentados à mesa da cozinha.

— Deus nos ajude para que dê tudo certo. “A fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”¹²— mamãe orava baixinho, de olhos fechados.

Depois de conversar reservadamente com meu pai, o senhor Boorman veio à nossa pequena cozinha e, antes de se despedir, trocou conosco algumas poucas palavras. Lembrando-se do que certamente meus pais lhe disseram no dia anterior, de que eu e minha irmã havíamos ido ao litoral de Weymouth, ele perguntou, olhando-nos firmemente, se tínhamos apreciado o passeio, salientando sua surpresa por termos caminhado tanto e acrescentando que, se soubesse que planejávamos tal aventura, teria nos mandado uma faetonte para que, assim, não precisássemos andar

tanto.

— Que grande gentileza, senhor — falei com simpatia. — Agradecemos sua cortesia, porém jamais conceberíamos cometer um excesso desses com sua bondade.

— Seria algo que eu faria com muita satisfação. Jamais supus que mocinhas tão delicadas pudessem andar tanto. São muitas milhas...

— De fato, gastamos mais tempo com o caminho de ida e volta do que nas areias de Weymouth, mas não somos tão delicadas e creio que o próprio passeio tenha sido tão agradável justamente por causa do trajeto que percorremos. Eu mesma penso que não gostaria tanto de ir a Weymouth se morasse a uma milha de lá — expus-me, ignorando o olhar torto de minha mãe pela resposta enviesada.

— Mostra que sabe apreciar a felicidade independentemente de qualquer adversidade — respondeu o senhor Boorman, olhando-me com seus olhos grandes e tentando exhibir um sorriso em seu rosto vermelho.

Pensei em responder que a companhia da minha irmã, uma caminhada por um prado lindo, verdejante, e um litoral azul como a costa de Dorsetshire jamais poderiam ser nomeados de *adversidades*, mas me calei.

Quando o visitante se foi, papai nos disse que havia conseguido o trabalho, mas que por enquanto apenas ele iria para a mansão. Mamãe ficou satisfeita, pois nosso pai recebeu um adiantamento, uma quantia muito maior do que ele imaginava, e disse que melhoraremos de vida rapidamente.

Papai cuidará da casa, dos jardins e de

alguns serviços necessários para a manutenção da grande propriedade rural do senhor Boorman.

— Imagine, ele tem tantas casas que mal consegue passar um tempo em todas elas em somente um ano! — mamãe falou, admirada.

— Sim, a *House Flowers*, na qual trabalharei e que recordo-me de ser uma mansão belíssima, é onde ele passa o maior período do inverno. No verão, parte para Londres, para as sessões do parlamento... — contou-nos papai.

— Uma vida social agitada, com toda certeza — concordou nossa mãe. — Só posso imaginar, já que nunca estive em Londres, que lá é maravilhoso. Quem sabe um dia o senhor Boorman não necessite de seus serviços em sua residência de Londres? — idealizou com uma grande esperança nos olhos. Os de Audrey também brilharam.

— Pare com isso, Mary — pediu papai, um

PERIGOSAS ACHERON

pouco irritado com a esfuziante alegria de nossa mãe. — Sabe que faço tudo isso por vocês, mas não devem sonhar além do que temos hoje. Um dia de cada vez...

— Sim, um dia de cada vez — assentiu mamãe.

— Papai, como o senhor conheceu o senhor Boorman? Disse-nos ainda há pouco que se recorda da *House Flowers*, mas creio não ter nos contado sobre quando esteve lá — perguntou Richard, avivando o fogo da lareira antes de virar-se para escutar sua resposta.

— Eu o conheci há muitos anos, antes de vocês nascerem e antes mesmo de conhecer sua mãe. Pode não parecer, por conta de toda aquela boa aparência que as roupas refinadas dão a um homem e também pela minha pele, mais enrugada e queimada pelo sol, entretanto eu e o senhor

Boorman temos praticamente a mesma idade...

Não achei que meu pai tinha razão em julgar que sua aparência era inferior à do nosso recente visitante. Quanto às vestimentas, até poderia concordar, porém eram apenas tecidos nobres que enfeitavam por fora. Meu pai possui uma vivacidade no olhar e saúde aparente em seu rosto corado, não aquele rosto inchado e vermelho, com olhos pálidos e sem brilho como os do senhor Boorman. Considerei tudo isso em silêncio enquanto o ouvia contar a história de como se conheceram.

— Meu pai conhecia o pai de James... — falou, sentando-se em sua poltrona e olhando para todos nós como se fosse contar uma lenda.

Ficamos em silêncio para ouvi-lo após aquele tom enigmático.

— James é o primeiro nome do senhor
PERIGOSAS ACHERON

Boorman? — perguntei, interrompendo-o, mas atenta à narrativa que se iniciaria.

— Sim, ele se chama James Boorman — confirmou. — Bem, apesar de nossos pais se conhecerem, não era por frequentarem as mesmas rodas sociais. Meu pai era apenas um criado naquela mansão, assim como também serei. Naquela época, quando eu tinha em torno de vinte anos, passei alguns dias na *House Flowers* por conta de uma nevasca que me impediu de partir em pouco tempo. Eu havia ido avisar meu pai que minha mãe adoecera e precisava de cuidados, porém eu mesmo pensava que não era nada muito grave e meu pai concordou que devia ser apenas um resfriado ou qualquer indisposição por conta do frio, já que nossa casa não era bem aquecida. Fui convidado a permanecer entre eles até que parasse de nevar e nesse tempo conheci James. Ele é o

PERIGOSAS NACIONAIS

único filho do senhor Henry Boorman e herdou tudo com o falecimento do pai.

“Nos dias que passei naquela mansão, foi inevitável que nos conhecêssemos, pois tínhamos a mesma idade e James estava entediado por estar sem companheiros com quem pudesse conversar e beber. Colocou-me à mesa como se eu fosse o filho de um nobre, um amigo seu, e comi e bebi com ele até tarde. Eu não estava acostumado a beber tanto e já estava passando mal, ao passo que ele nem parecia afetado pelo álcool. Sugeriu que eu misturasse o vinho com água se tivesse um estômago muito fraco. E assim fiz, até que não suportei mais a bebida e apenas o vi consumir várias taças, além do conteúdo de uma garrafa inteira que já havia sorvido antes. Tive de praticamente carregá-lo até seu aposento e, depois de deixá-lo esparramado sobre a cama e tirar-lhe as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

botas, fui para meu aposento na ala dos criados, que ficava abaixo dos aposentos dos patrões.

“Fiquei por quase uma hora sem conseguir dormir, sentado na cama enquanto olhava pela janela, com dores no estômago, quando vi uma claridade incomum em tons de vermelho brilhando no gramado e reluzindo em minha janela. Enfiei a cabeça para fora, olhando para o alto, e vi que das janelas do aposento de James saía muita fumaça. Corri pelos corredores e agitei o sino para a criadagem acordar. Berrei: ‘Fogo! Fogo no aposento do senhor James!’. Agitado, subi depressa os degraus e segui para o local em chamas, encontrando James deitado em sua cama, balbuciando coisas incompreensíveis. E então ele começou a tossir e abriu os olhos, eu o arranquei daquele aposento e o deixei com os outros empregados, que chegavam apavorados ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corredor. Pedi baldes de água e usei o que encontrei naquele local, pois havia água fria na banheira do toucador. Assim, consegui abrandar as chamas e, depois de alguns minutos, conseguimos contê-las.

“As paredes de tijolos ficaram enegrecidas ao redor da janela e da lareira, mas todo o mais estava intocado. Os criados abriram a janela e arejaram o ambiente, expulsando toda a fumaça, enquanto James, já mais desperto com o susto, parecia enfim perceber o risco que correra. Ele estava bem, disse-nos que acendera sozinho a lareira e que estava tão tonto que não se deu conta da janela semiaberta, por isso o vento arrastou as cortinas para perto do fogo e trouxe as labaredas para uma cadeira e uma mesinha de madeira que estavam próximas. ‘Ande, vá logo agradecer ao senhor... Como é mesmo seu nome?’, perguntou o senhor Henry Boorman com o cenho vincado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Disse-lhe quem e chamava Christopher, e de imediato ele fez o filho se dirigir a mim e agradecer-me por ter salvado sua vida. ‘Mas ele mesmo podia ter evitado isso, se, quando me largou bêbado em minha cama, tivesse acendido a lareira e fechado minha janela’, James falou após apertar minha mão. Fiquei em silêncio e aquiesci.

“James ainda exigiu que o pai demitisse o funcionário responsável por acender a lareira, que não o tinha feito naquela noite nem tampouco fechado as janelas. Era meu pai, que ficou pálido e reconheceu seu erro, mas o senhor Henry Boorman impediu que o filho demonstrasse essa autoridade, ainda mais se tratando do meu pai, um criado zeloso e cujo filho havia salvado a vida de James. ‘Sendo assim, o que posso fazer? Se o senhor permite todas as inadimplências que os criados cometem, tal qual essa que quase me custou a

PERIGOSAS ACHERON

vida!’. E saiu bravo, dirigindo-se a outro aposento daquele corredor, já que o dele estava com um terrível cheiro de fumaça.”

— Que história! Já gosto mais do senhor Boorman *pai* do que esse senhor Boorman de hoje — exprimi-me, chocada. — O senhor não teve culpa de ele se embebedar até perder os sentidos... Ajudou-o e ainda foi insultado?

— Foi exatamente o que o senhor Henry Boorman falou ao filho: “James, se quer culpar alguém, culpe a si mesmo e suas extravagâncias. Beba menos vinho e não perderá a consciência. Podia você mesmo ter percebido a janela aberta e acendido a lareira com muito mais cautela, ou chamado alguém que o fizesse adequadamente, se julgasse necessário”.

— Muito coerente! É totalmente inadmissível que um homem possa beber tanto que

não saiba mais caminhar com as próprias pernas, pior ainda que depois culpe os obstáculos à sua frente por sua queda garantida! — falei.

— Por isso nunca bebi mais do que uma taça de vinho depois daquela noite. Foi uma terrível lição. Veja, Richard, por qual razão sempre fui tão severo com você em relação à bebida — disse papai, olhando para meu irmão.

Tal severidade havia gerado efeito, pois Richard praticamente não bebia e nunca o vi ficar sequer tonto por causa do álcool.

— Tudo que é consumido em excesso faz mal. “Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito”¹³ — respondeu mamãe com seus costumeiros trechos bíblicos. — Mas o senhor Boorman era jovem e imaturo, o homem que conhecemos agora é completamente honrado —

finalizou.

“Oh! Que formosa aparência tem a falsidade”¹⁴, pensei.

CAPÍTULO 3

3

*“O que interessa mesmo não é a noite em
si, são os sonhos.”*

Shakespeare.

Bincombe, 05 de junho de 1805.

Papai já está há mais de uma semana na *House Flowers*. Hoje recebemos sua segunda carta desde que partiu. A primeira missiva nos comunicava sua chegada e dizia que escreveria em breve com mais notícias. Já nessa outra carta,

PERIGOSAS NACIONAIS

contava que se adaptara bem ao trabalho e que o senhor Boorman havia permitido que nossa família o visitasse em sua nova acomodação na mansão, convidando-nos para permanecer durante uma semana. Fiquei surpresa com o convite para irmos à casa de campo do patrão de meu pai, ainda mais ao saber que ele mandaria uma *barouche* especialmente para nos buscar. Isso, a meu ver, é um tanto incomum.

Audrey ficou eufórica com a novidade, e é de se entender sua empolgação, pois quase nunca somos convidados para ir a lugar algum e muito menos temos a oportunidade de passear em uma rica carruagem, como certamente deve ser a do senhor Boorman, ou entrar em uma propriedade de tamanha magnitude.

Creio que ter algo variado para agitar nossa pacata rotina pode ser agradável para todos nós e

PERIGOSAS ACHERON

começo a considerar que *talvez* minhas primeiras opiniões sobre o senhor Boorman estejam todas erradas, pois, de verdade, ele tem sido muito solícito conosco.

O dia de hoje foi de grandes surpresas, pois também recebi notícias da minha querida amiga Helen. Benjamin voltou da casa da sua irmã junto com a mãe e veio logo entregar-me a carta que ela enviou a mim. Eu estava com Audrey em nosso aposento e lia para ela em voz alta um livro de Thomas Malory, viajando pelas aventuras de “Os Cavaleiros da Távola Redonda”, quando escutei um assovio próximo à janela.

— Senhoritas. — Benjamin sorriu e curvou a cabeça com elegância. — Como estão?

— Estamos bem — disse Audrey um tanto apressada, aborrecida com a interrupção na leitura.

— Que bom — disse ele, fazendo uma

careta para Audrey. — Helen mandou uma carta para a senhorita, Lolla — anunciou, agitando o papel nas mãos.

Saltei da cama em um só pulo, larguei o livro no colo de Audrey e corri para a janela.

— E como Helen estava? — inquiri, apressada.

— Não quer ler a carta para saber? — Ele recolheu a carta novamente em suas costas e sorriu.

— Nem brinque comigo, Ben! Dê-me a carta, mas também me diga o que achou da sua irmã. Tenho certeza de que, por ser um irmão atencioso, pode me dizer algo além das linhas que Helen me escreveu.

— Agora que mencionou — disse, buscando qualquer pensamento perdido —, Helen está mesmo muito diferente.

— Diferente como, Ben? — Crispei a testa e o avaliei.

— Ah, casada, penso que isso a deixou mais séria. Helen quase não ri, embora tenha demonstrado muita alegria ao nos ver chegar. Creio que a sisudez do marido a tenha contagiado, ou a deixado mais madura e menos brejeira. Falando no senhor Thompson, ele nos disse que viajaria ainda esta semana, mas que Helen não o acompanharia, então mamãe sugeriu que ela passasse um tempo conosco nesse período em que ficará sozinha, mas ele disse que gostaria que sua esposa o esperasse e que a traria para passar uns dias com mamãe assim que ele retornasse de Londres.

— Ele viajará para Londres novamente? Recordo que ano passado o senhor Thompson deixou Helen sozinha por toda a temporada.

— Ele nos disse que são principalmente

questões de negócios que o levarão a Londres. Ele precisa ir — falou Benjamin. — Helen também não demonstrou nenhuma vontade de acompanhá-lo. Se bem que minha irmã está tão apática que penso que já não demonstra muita vontade para qualquer coisa.

— Ah, Ben... — Suspirei, triste. — Isso não é nada bom. A brejeirice de Helen é toda sua luz. Helen, sem isso, deixa de ser ela mesma... — Suspirei mais uma vez, preocupada. — Em todos os casos, dê-me logo essa carta.

Estendi os braços além da janela e fiz Benjamin me entregar a carta, embora ele tenha ainda me provocado um pouco, ameaçando correr com a missiva em mãos. Assim que ele se afastou, sentei-me na janela e recostei-me em suas laterais, colocando o papel sob a luz do sol.

— Benjamin é muito irritante — disse

PERIGOSAS NACIONAIS

Audrey, revirando os olhos. — Ele é sempre tão impertinente!

— Audrey! Benjamin não é nada disso. — Sorri, olhando-a enviesado. — Sabe aonde tantas implicâncias podem levar?

— Não...

— Ao altar, minha irmã! — provoqueei-a.

— O quê? Eu e Benjamin? — E então ela riu como se eu falasse a coisa mais absurda do mundo. — Não sei como pode pensar isso.

— Também não sei, você é só uma menina. Então pronto, já parei!

— Também não sou uma criancinha... Não exagere. Há muitos cavalheiros que certamente pensariam que já debutei. Se tivéssemos a oportunidade de sair mais vezes, quem sabe eu encontraria um pretendente.

PERIGOSAS ACHERON

— Audrey! Está mesmo pensando nisso? Se estiver, saiba que não precisa ir muito longe para encontrar um cavalheiro perfeito para você. — Sorri, apontando a casa de Benjamin.

— Pare, Lolla! — Audrey me acertou com uma almofada. — Leia a carta de Helen em voz alta — pediu.

— Isto é uma carta particular, Audrey, não um romance ou uma peça de teatro — proferi, balançando a cabeça ao vê-la corar e voltar os olhos para o livro que eu havia largado em seu colo.

Com o coração palpitante, comecei a ler a carta escrita por minha estimada amiga:

Querida Lolla,

“Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem

todas, só as de verão. No fundo, isso não tem muita importância. O que interessa mesmo não é a noite em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado”.

Recorda-se, Lolla, daquela noite quando eu, você, Audrey, Richard e Ben estávamos reunidos na pequena sala de minha casa — oh, saudosa casinha — e líamos “Sonho de uma Noite de Verão”, de Shakespeare? Eu e você teimávamos sobre quem interpretaria Hérnia, a moça teimosa que fugia de casa para ficar com seu amado Lisandro e não se casar contra sua vontade com Demétrio, um homem que ela não amava. Oh, lembra-se? Eu e você queríamos ser a mesma personagem, e então acabei perdendo o papel, pois você foi muito mais obstinada e tão teimosa que acabou convencendo a todos... Realmente, eu

nunca poderia ser Hérnia...

Pobre de mim, que nem de meu próprio destino soube me defender. A infelicidade se abateu sobre mim desde que meu casamento com Elmer Thompson foi acertado. Mamãe dizia que era para o meu bem e que essa seria a vontade de papai, se ele ainda estivesse entre nós. Sofri tanto, você sabe, pois mal o conhecia, mas imaginei que, depois de casada, quem sabe eu pudesse amá-lo. Elmer é jovem e belo, não seria impossível me afeiçoar a ele. Imaginei que com o tempo qualquer coisa parecida com uma aceitação acalentaria meu coração ao menos um pouco e, se ele fosse bom para mim, quem sabe meu amor fosse dele para sempre. Como me enganei... Quando pensei que não havia como sofrer mais, logo a vida me mostrou que sempre é possível cair mais fundo na dor.

Por que digo tudo isso, escrevendo estas linhas para você, quando sei que este ato, além de não me ajudar com o meu pesar, ainda pode promover seu desespero e preocupação por mim, sem também poder fazer nada? Não tenho essa resposta, então peço que me perdoe pela angústia que por ventura eu venha lhe causar, mas escrever esta carta parece ser uma forma de gritar.

Se os primeiros meses do meu casamento foram de tristeza e solidão, hoje posso dizer que são de medo e dor. Não vou narrar cada cena de humilhação a qual fui submetida, nem as inúmeras vezes que pensei em fugir, mas apenas pedir que voltemos em pensamento para aquela noite feliz... Fecho meus olhos e nos vejo sorrindo, sentados no tapete fofinho de pele branca de ovelha. Vejo sobre a mesinha as xícaras de chá fumegantes que Audrey nos serviu e, ao meu lado, Richard nos

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo dar gargalhadas ao imitar a voz de Lisandro quando propõe à Hérnia uma fuga para a floresta. Hérnia foi mais feliz, ao menos lhe foi dada a permissão de decidir entre casar-se com Demétrio, morrer e converter-se à adoração da deusa Diana e se afastar do convívio com os demais. Eu, Lolla, teria preferido a morte ou o convento. Ah, teria, sim!

Não me culpe por desejar isso, pois já não tenho mais esperanças de voltar a sentir meu coração bater feliz como antes. Então, já cheguei a desejar que os braços da morte viessem como um beijo suave, que enfim meus olhos descansassem e minha mente pudesse ter sua libertação, já que meu próprio corpo tornou-se cativo. Talvez meu desejo não demore a ser atendido, pois ouvi dizer que a tristeza definha e mata como se também fosse uma praga.

PERIGOSAS ACHERON

Amanhã, Elmer viajará para Londres... Na verdade, está apenas esperando que minha mãe e Richard voltem para Bincombe para partir. Ficarei meses sem sua presença opressora, então estarei bem. Os dias em que ele não está aqui são os mais felizes do meu ano...

Lolla, quando puder, me escreva. Faça isso logo, entre os meses de junho e setembro ainda estarei sozinha.

Com carinho, Helen Thompson.

Oh, como doeu ler aquelas linhas tão carregadas de dor! Como senti saber que Helen estava infeliz e sofrendo tanto sem que eu pudesse estar ao seu lado para lhe dar um pouco de força e, mesmo que minimamente, tentar reduzir seu martírio. Lágrimas escorreram suaves pelo meu rosto e minha garganta se fechou. Dobrei a carta

em três partes e corri para fora de casa, deixando Audrey confusa com minha atitude.

— Lolla, aonde vai? O que há nessa carta para que tenha ficado dessa forma? — perguntou através da janela.

— É saudade de Helen — respondi, forçando uma postura mais contida.

— Helen está melhor que nós. Ela se casou muito bem e saiu deste vilarejo. Tem de ficar feliz por ela, e não lamentar sua ausência, Lolla — recomendou-me com um olhar atônito.

“Oh, pobre criança!”, pensei.

— Ainda assim, sinto saudades — limitei-me a responder.

Audrey abriu os lábios como se fosse dizer algo a mais, porém afastei-me e segui pela rua do vilarejo com o passo apressado. Virei à direita

rumo às pastagens abertas e, depois de andar meia milha, segui por um longo caminho de árvores e sebes. Subi a colina que tinha vista para o canal inglês e enfim respirei fundo. Dali, eu tinha a visão de Portesham e Bincombe, vilarejos vizinhos.

Assim que me sentei para chorar sozinha, ouvi a voz do meu irmão chamando por mim e o vi subindo a colina em minha direção.

— Por Deus, Lolla, como caminha depressa! Tive de correr para alcançá-la. Oh, Lolla, está chorando? — perguntou, agachando-se ao meu lado e examinando meus olhos. — Está, sim... Diga-me, por quê?

— Oh, Richard, isso é muito inconveniente da sua parte, pois vim aqui para chorar sozinha e assim não precisar responder perguntas — falei com a voz embargada.

— É essa carta? É por causa dela que está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando? — Adivinhou ao olhar para minhas mãos e ver o papel já amassado, com a letra bonita de Helen, que se destacava aos seus olhos. — É de Helen?

— Agora ela é a senhora Thompson. Helen está casada — corriji-o, sem ânimo, e mostrei a ele os dizeres na frente do papel, onde minha amiga escrevera seu nome de casada.

— Ora, sim, e daí? Deixou de ser Helen? — Ele fez uma expressão confusa.

— Temo que tenha deixado... — Minha voz saiu como um sopro e suspirei fundo.

— O que quer dizer? São más notícias? Helen não está bem? — questionou, agitado.

— Sempre o mesmo Richard — sorri fracamente —, fazendo perguntas para as quais já sabe as respostas.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, talvez eu saiba, ou ao menos possa tentar adivinhar, pois se fossem boas notícias você não estaria assim, tão prostrada, após receber a carta da sua melhor amiga. Sei que suas saudades não derrubariam lágrimas por Helen se soubesse que ela está feliz.

— É, Richard, acertou. Mas não pergunte o que Helen diz na carta nem me faça mentir...

— Não perguntarei nada, mas venha aqui.
— Richard me puxou para um abraço e deixou que eu deitasse minha cabeça em seus ombros. — Ah, minha irmã, que coração doce e derretido o seu... que sensível à dor de todos. — Suspirou.

“Mas como ser indiferente?! É Helen! É minha sonhadora e bondosa amiga Helen...”, pensei.

Richard me deixou chorar em seus ombros até a angústia suavizar. Fiz como Helen
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recomendou, pensei em nossos momentos correndo pelas campinas, ou quando íamos colher frutas no campo e nos perdíamos em nossas conversas e risadas. Quando líamos nossos romances favoritos até tarde e quando apostávamos corrida com Richard para ver quem chegava primeiro à colina.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

4

*“O destino é o que baralha as cartas, mas
nós somos os que jogamos.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 08 de junho de 1805.

Chegamos hoje cedo à *House Flowers*, mas somente agora pude encontrar um tempo para escrever, pois o dia foi agitado e de muitas surpresas. Primeiro falarei do caminho de nosso vilarejo até a casa de campo do senhor Boorman,

PERIGOSAS NACIONAIS

onde meu pai está trabalhando e onde estou agora, em um dos seus amplos aposentos, olhando através da janela a lua cheia brilhar sobre as sebes floridas do jardim. Quase não necessito de uma vela para escrever, pois a noite está tão clara que ilumina todo o ambiente.

Saímos muito cedo de Bincombe, logo que vimos a bonita carruagem do senhor Boorman parada junto à nossa porta e o cocheiro nos aguardando. O sol nem havia surgido e já estávamos todos arrumados, com exceção de Richard, que tem o sono pesado e precisou ser quase derrubado da cama por nossa mãe para, assim, finalmente ficar de pé. Mamãe estava eufórica, correndo de um lado a outro na cozinha e nos aposentos com uma vela acesa, arrumando nossos pertences. Ainda estava escuro, mas o sol já começava a deixar o horizonte avermelhado, da

PERIGOSAS ACHERON

forma como ele era mais bonito de se ver.

Mamãe checou se nossos vestidos estavam limpos, se a roupa de Richard estava amassada e se nossos cabelos estavam trançados de uma forma impecável, fez tudo isso com uma expressão tão aterrorizada em seu rosto que pensei que estávamos fugindo de uma guerra iminente. As únicas coisas que fiz questão de não esquecer foram dois livros de Shakespeare — para me distrair caso precisasse — e meu amado livreto de poesias, praticamente sem poema algum, mas repleto dos meus escritos simples e cotidianos — talvez eu devesse chamá-lo de diário. Não importa o nome, apenas que escrever me faz refletir sobre meu dia e ocupa-me até o sono chegar.

A surpresa boa da viagem foi saber que a *House Flowers* fica no mesmo trajeto da casa de Helen, na mesma vila, em Woolgarston, a vinte e

três milhas de Bincombe. Quando Helen se casou, há dois anos, fui visitá-la com Benjamin e Audrey, e hoje recordei-me do caminho e vi que estávamos indo para a mesma vila. Foi uma surpresa muito feliz, mas que não permaneceu muito comigo, já que mamãe me proibiu de mencionar meu desejo de visitar minha amiga e pedir ao senhor Julius — o cocheiro — que parasse alguns minutos. Passamos muito perto da casa de Helen, reconheci a bela mansão ao longe, em uma colina além das margens da estrada pela qual passamos. Imagine minha aflição por estar tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante de minha estimada amiga.

— É a casa de Helen! Como gostaria de vê-la... - Estiquei meu pescoço para fora da cobertura removível da caleça e pus-me a olhar a casa.

— Em outro momento, poderá visitá-la, mas não hoje. Seu pai nos aguarda e não estamos

em uma caleça própria ou alugada. Seria muito impertinente pedir algo assim — respondeu mamãe com uma autoridade inflexível.

A mim nada mais restou fazer a não ser aquiescer. Minha expressão melancólica deve ter despertado a piedade do meu irmão, pois ele pegou minha mão e a apertou entre as dele, e então em silêncio fiquei pensando em Helen pelo resto do caminho.

Chegamos à *House Flowers* depois de duas horas de viagem e nos surpreendemos com a suntuosidade da mansão. Trata-se de uma ampla casa de campo isolada, imponente e bela com suas paredes de pedras, telhado de ardósia, dois andares e sótão. A entrada é uma bonita porta de ferro sob uma varanda grande e aconchegante. Ali, fomos recepcionados pelo senhor Boorman — que, sem sorrir, deu-nos as boas-vindas —, bem como uma

governanta e alguns criados, todos muito bem-vestidos.

Procurei papai com os olhos e o vi surgir da lateral da propriedade, mas não vi nenhum brilho de alegria por nos ver chegar, embora ele tenha dito o contrário após sorrir languidamente. Olhava especialmente para mim, cheguei a vê-lo suspirar por um momento. Isso me fez ficar apreensiva e prestar mais atenção nas suas reações.

Enquanto éramos recebidos, o cocheiro tentou falar algo ao senhor Boorman, provavelmente avisá-lo de que sua carruagem havia sido arranhada no caminho, pois passamos por uma trilha estreita com galhos pontudos e alguns já quebrados, que tocaram na madeira da caleça de forma violenta e chegaram a lhe arrancar a pintura.

— Há quantos anos o senhor é meu cocheiro e anda por essas mesmas trilhas? —

inquiriu o senhor Boorman com a expressão irritada. — E sua incompetência, Julius, ainda me dá prejuízos? Eu deveria descontar do seu ordenado, não deveria?

— Sim, senhor — respondeu o senhor Julius com os olhos voltados para os pés.

— Mas não farei isso — disse ele, olhando para o cocheiro e depois para mim e meus irmãos. — Pois sou tolerante demais para fazer algo assim, não acha?

— Sim, senhor...

Ah, como senti vontade de me intrometer e dizer ao senhor Boorman que parasse de perturbar aquele pobre homem! A expressão constrangida do senhor Julius mexeu comigo e me fez ter vontade de defendê-lo daquele tom arrogante e cínico incutido nas palavras do senhor Boorman. O cocheiro se foi, mas o embaraço permaneceu no ar.

Então o dono da casa disse-nos para que ficássemos à vontade e com um leve abaixar de cabeça se retirou.

Não discorrerei sobre o deslumbramento de Audrey desde o momento em que chegamos, direi apenas que ela parece pisar em nuvens de tão feliz. Com os olhos brilhando e os lábios entreabertos, ela girou o corpo ainda no jardim e, sorrindo, olhou tudo à sua volta completamente encantada.

— Oh, Lolla, contemple este jardim — cochichou baixinho perto de mim. — E veja aquelas escadas, e aquelas estátuas! Olhe quantos cavalos logo adiante, naquela cocheira! Esta não é a casa de campo mais linda que você já viu? — perguntou-me.

— É, sim, Audrey, a mais linda — respondi, sorrindo.

O restante da manhã foi para conhecermos a

mansão e os jardins. Além disso, descobrimos que nosso pai reside em uma pequena moradia de pedra nos fundos da *House Flowers*. Ele nos explicou que era a antiga habitação do último jardineiro e que ele é o único criado a ter uma casa apenas sua naquele terreno. Todos os outros possuem aposentos na ala de criados ou vêm da vila todas as manhãs para trabalharem ali. A casa cedida a meu pai, apesar de pequena, é muito forte e quente, capaz de acomodar nossa família de maneira simples, mas confortável. Foi justamente quando eu e Audrey arrumávamos nossas coisas ali que papai nos interrompeu:

— Vocês não, minhas filhas. Há um aposento na *House Flowers* para as duas. O senhor Boorman fez questão de ceder dois aposentos para que fiquem mais confortáveis.

— Isso é ilógico — respondi, alargando os olhos e com o sorriso esmorecendo em meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viemos para ficar perto de você, papai, e garanto que ficaremos mais confortáveis aqui, e não sozinhas na mansão.

— Ah, Lolla, não seja desmancha-prazeres — Audrey reclamou em tom dramático. — Quando teremos outra oportunidade de explorar uma mansão assim? Seus aposentos devem ser enormes e lindos. Não quer conhecer?

— Oh, Audrey, essa não é nossa realidade! — retruquei, olhando para ela e para meu pai. — Viemos para ver papai, não para brincar de fingir ter uma vida que não temos.

— O senhor Boorman fez o convite. Devem aceitar ou irão desapontá-lo — asseverou papai em tom grave.

Meus olhos esmaeceram, mas tive de acatar sua ordem. Sim, *ordem*, pois não posso chamar de *convite* algo que não tive a escolha de não aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

— É apenas uma gentileza — completou mamãe. — E não se recusa assim uma cortesia de tal magnitude. “Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia”¹⁵...

Ao ouvir mamãe dizer isso, Audrey deu um sorriso vitorioso e eu arquejei, inconformada.

— Richard e Mary passarão a noite aqui comigo — papai acrescentou, olhando para minha mãe e meu irmão. — E devem se preparar para essa noite, pois vão jantar com o senhor Boorman.

— Jantar com o senhor Boorman? Eu e Audrey? — inquiri, alarmada. — Somente nós duas?

Confesso que, assim que papai anunciou tal coisa, a ideia me aterrorizou prontamente, pois não temos nenhuma intimidade com o senhor Boorman, a não ser a gratidão por ele estar ajudando nossa família ao oferecer um ótimo trabalho para meu

PERIGOSAS ACHERON

pai. Jantar à sua mesa pareceu-me absurdo demais.

— Ora, sim, e Richard também — respondeu meu pai com o cenho vincado, mostrando que não estava nem um pouco feliz com minhas objeções e expressões assustadas.

— E o senhor e a mamãe? — perguntei.

— O que tem eu e sua mãe? Nós ficaremos aqui.

— Por que jantarão sozinhos, se todos os seus filhos foram convidados para estarem à mesa do senhor Boorman? O convite foi restrito a nós, seus filhos?

— Ouça bem, Lolla, eu e sua mãe jantaremos aqui, precisamos conversar um pouco. Ademais, eu sou criado nesta casa, não um visitante para ser convidado para o jantar. Agora pare de fazer tantas perguntas. Se quiserem, usem o tempo livre durante esta tarde para darem uma volta nos PERIGOSAS ACHERON

arredores, mas voltem logo.

— Lolla, deixe-me ver se está apresentável antes de ir — falou mamãe. — Oh, não, a viagem amassou seu vestido. Troque-se e coloque algo em seu cabelo, talvez aquela tiara de cetim.

Minha resposta foi apenas um olhar torto, e claro que não troquei de vestido e muito menos fui me produzir para o jantar. Depois, papai praticamente empurrou a mim, Audrey e Richard para fora da sua nova casa. Eu quis ainda protestar e dizer que me recusava a participar de um jantar onde meus pais não estivessem à mesa, mas a alguns metros da casa onde eu me esbanjaria com um banquete de encher os olhos — e o estômago —, quando na verdade preferia estar com eles, comendo qualquer caldo que minha mãe preparasse.

— Deixe de ser desagradável, Lolla —

Audrey disse antes de revirar os olhos para mim e seguir pelo jardim.

— Você foi muito coerente com seus protestos — Richard disse a mim antes de também se voltar para o jardim. — Mas é como nosso pai falou, o senhor Boorman poderia se chatear conosco se não aceitássemos sua cordialidade.

— Ora, cordialidade, pois sim — falei, irritada, sentindo minhas bochechas esquentarem. Richard apenas riu de mim.

Antes do jantar, ainda dispúnhamos de algum tempo livre, o qual aproveitei para passar quase toda a tarde sozinha, sentada debaixo de uma árvore frondosa, com suas folhagens verdes pendendo sobre mim. Descobri que atrás da mansão há um belo campo verdejante com algumas trilhas floridas e árvores deslumbrantes. Encontrei o local adequado, onde pensei que ninguém

pudesse me ver, mas Richard apareceu algumas horas depois.

— Ah, está aí? Está se escondendo? — Deu passadas largas em minha direção.

— Tenho motivos para isso?

— Diga-me você. Percebi que não está contente desde que chegamos.

— E como poderia estar? Há algo no senhor Boorman que me incomoda... Não consigo entender tanta gentileza. Somos apenas os filhos de um de seus criados. Entende, Richard, que nem era para estarmos aqui?

— Que bobagem, Lolla. E se o senhor Boorman for mesmo apenas gentil? Talvez solitário e que aprecie a presença de alguns jovens em sua casa? — contrapôs, agachando-se ao meu lado.

— Ele lhe pareceu ser assim logo que

chegamos? — perguntei com um olhar enviesado ao lembrar-me de como ele tratou o senhor Julius.

— É, não pareceu. Na verdade, ele foi muito rude com o cocheiro, mas, como você mesma sempre diz, nem tudo é o que parece ser.

— Pois bem! Se é sua opinião e se é algo que eu mesma sempre digo, então aceito que talvez eu esteja errada...

— Agora ou antes? — Ele riu, e eu estreitei meus olhos, segurando o riso. — Então muito bem! Mas pare de franzir tanto seu rosto ou ficará enrugada antes da hora...

— Onde está Audrey? — sondei.

— Se eu disser, não vai acreditar...

— Oh! Então já tenho medo da resposta.

— Estávamos no jardim quando, de uma das janelas, Audrey viu um lindo piano em uma

PERIGOSAS NACIONAIS

saleta. Então não sossegou até falar com a governanta e obter permissão para ver o piano de perto. Está há horas tentando tocar alguma coisa. Sabe que ela é péssima no piano. — Richard fez uma expressão muito engraçada.

— Ah, Richard, que coisa feia para se falar de sua irmã — repreendi-o, mas também já estava rindo.

Permanecemos mais alguns minutos ali, debaixo da árvore, até que Richard lembrou que devíamos voltar para nos aprontarmos para o jantar. E foi então que tive a oportunidade de confirmar que meus receios estavam certos... Não era em vão a minha antipatia pelo dono da casa, bem como meu desejo de não querer jantar naquela mansão ou de aceitar um aposento para passar a noite. Oh, que incômodo senti ao estar sentada na mesma mesa que ele, recebendo o peso de seus olhos pálidos

PERIGOSAS ACHERON

sobre mim. Escolheu meu lugar de modo que eu ficasse voltada para ele, e assim passou metade do jantar, avaliando-me como se fosse eu o pedaço de carne em sua bandeja.

Tenho medo dele. Não apenas medo, ou talvez nem seja isso, mas é qualquer sentimento que não gosto de ter, não consigo nomear, mas não posso evitar sentir.

— Estejam à vontade — disse ele, erguendo sua taça de vinho em minha direção.

Oh, e como comeu! Não me recordo em toda minha vida de já ter visto um homem comer e beber tanto em uma única refeição.

Depois, Audrey deu-me o desprazer de comentar sobre meus escritos e dizer ao senhor Boorman que eu gostava muito de poesia e que inclusive escrevia algumas. Por que ela disse isso? Tão melhor seria ter permanecido quieta, como eu e

Richard estávamos. Então tive de sorrir e confirmar que gostava muito de ler, embora minha irmã estivesse exagerando sobre os poemas próprios, pois eu não sentia que poderia considerá-los bons o suficiente.

— Todas as mocinhas gostam de ter com o que se ocupar — disse ele, solenemente, mas já afetado pela bebida. — Se não é o piano, são os livros, normalmente romances bobos que são uma grande perda de tempo. Mas a verdade é que tudo isso se acaba com a juventude, depois precisam se ocupar com coisas mais sérias, a casa, o marido e os filhos, então não sobra tempo para qualquer passatempo irrelevante.

— Então o senhor acha, senhor Boorman, com o perdão do comentário, que os livros e a arte de escrever são coisas irrelevantes? —tive a audácia de perguntar, porque seu comentário fora

absurdo demais para não receber uma resposta à altura. — E que o casamento, por consequência, retira da mulher sua jovialidade e as coisas que mais aprecia fazer? — acrescentei.

O senhor Boorman parecia não ter acreditado no meu desaforo, me olhou embasbacado antes de abrir a boca:

— Essas literaturas cheias de romances tolos podem até não ser irrelevantes para uma mocinha que não tem mais nada a fazer na vida, mas é uma grande perda de tempo, sim, pois não as tornam mais espertas ou mais centradas, ao contrário, agitam as mentes infantis e as tornam rebeldes, insurgentes como as heroínas que todos esses romances apresentam. E o casamento é o que é. A realidade não é como nos livros. Às vezes, senhorita, uma mocinha precisa fazer o que é o certo, e não aquilo que *pulsa* em seu coração ou em

sua mente ainda afetada pela imaturidade. — E ele disse *pulsa* com tanta ironia que cheguei a fazer uma careta.

Meu rosto corou. Certamente, devo ter ficado com a pele em brasa com aquele comentário hostil, e ainda estou com o coração palpitante de raiva e um tremor dentro do corpo que não sei controlar. Que insensível pensamento o dele e que triste forma de se expressar! Percebi que não convinha discutir, e o próprio senhor Boorman não esperava que eu dissesse coisa alguma, não parecia disposto a saber minha opinião e talvez até se irritasse com ela. Então me calei, pensando: “Quem guarda a sua boca guarda a sua vida, mas quem fala demais acaba se arruinando”¹⁶. E que Deus me livre de um dia não fazer apenas o que pulsa em meu coração ou o que me diz minha mente, mesmo que eu me engane depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

5

*“Guarda teu amigo sob a chave de tua
própria vida.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 09 de junho de 1805.

Estou agora sentada debaixo de uma árvore no bosquinho que fica nos fundos da *House Flowers*. Preciso escrever enquanto minha memória ainda detém com perfeição tudo o que ocorreu nesta manhã...

Bem cedo, Audrey bateu na minha porta. Abri os olhos e me vi em um aposento diferente, que não o meu, e em poucos segundos me dei conta de que estou na casa de campo do senhor Boorman. Espreguicei-me na enorme cama onde um lindo dossel carmim impedia a claridade de atingir meus olhos e me sentei ainda sonolenta. Audrey não esperou que eu a atendesse e surgiu no meio do aposento com toda sua alegria esfuziante.

— Você precisa se arrumar rápido, Lolla!
— ela quase gritou.

— Por quê? A mansão está pegando fogo novamente? — graciei, lembrando-me da história acontecida ali há tantos anos.

— Nem diga algo assim! É que Richard avisou que podemos andar a cavalo, pois o senhor Boorman deixou uma recomendação ao cocheiro para que aprontasse os animais caso seus hóspedes

quisessem passear — contou-me, muito animada. — Veja isso, Lolla, ele nos chama de hóspedes!

Só Deus sabe como foi odioso ouvir o nome do senhor Boorman logo pela manhã, e agora já não temo estar sendo injusta, pois ele me deu amostras da sua personalidade rude e descortês. Entretanto, pareço ser a única a pensar assim, já que mamãe e papai o têm em mais alta conta e sempre repetem o quanto devemos ser agradecidos por todas as gentilezas que ele nos fez e ainda fará. Audrey está encantada demais para reclamar de qualquer coisa e apenas Richard parece ter percebido que o senhor Boorman não é o bom homem que pintam.

Depois de me trajar, desci como um vulto as escadarias rumo ao salão principal e alcancei sem demora a porta que leva ao jardim. Audrey vinha logo atrás de mim, pedindo que a esperasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estanquei nos degraus da escada e me virei para ela, vendo-a com aqueles olhinhos castanhos suplicantes, então logo em seguida surgiu uma criada anunciando que o desjejum especial estava servido.

— Vá, Audrey, vou chamar Richard — falei, olhando novamente para o jardim e vendo meu irmão ao longe, sozinho perto das sebes floridas.

Audrey assentiu em ir sem mim, pois estava ansiosa para novamente se deliciar com os quitutes que certamente lhe serviriam.

Meus planos também incluíam algo muito doce para a manhã, mas nada que se pudesse comer. Eu havia pensado nisso algumas vezes antes de adormecer na noite anterior e estava pronta para falar com Richard e convencê-lo a me ajudar em meu plano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os cavalos estão mesmo à nossa disposição? — perguntei ao meu irmão antes mesmo de estar próxima a ele.

— Oh! Como vai, Lolla? — Ele arqueou as sobancelhas. — Eu vou bem. Dormi bem, sim. Havia um confortável colchão duro que papai colocou no chão da sala, e eu estava tão próximo da lareira que pensei que fosse queimar vivo. E você, como dormiu na sua cama de princesa? — Richard deu uma sonora risada e depois me abraçou, repousando um beijo em minha testa.

— Que bobo! — Ri com o gracejo dramático dele. — Pelo visto, a veia teatral shakespeariana o contagiou.

— Não sou tão bom assim em atuar, mas, respondendo sua pergunta, sim, os cavalos estão à nossa disposição. Falei com o senhor Julius ainda há pouco, e ele já alimentou e selou três deles.

PERIGOSAS ACHERON

— Três? Suponho que sejam para mim, você e Audrey.

— Sim, suponho. Já falei com nosso pai, e ele confirmou que fomos autorizados a montar. Você ainda sabe montar, Lolla? Não praticamos com assiduidade. Audrey teve ainda menos oportunidades que nós... E me lembro de ela certa vez dizer que tinha medo. Recorda-se quando era menor e o cavalo disparou com ela em sua garupa?

— Sim! No entanto, Richard, queria que hoje fôssemos apenas nós dois. Sei que Audrey não se importará. Ela estará ocupada demais com o banquete, o piano, o jardim e as belezas da *House Flowers*. E tenho um pedido especial a fazer.

— A julgar pela sua expressão, seus olhos derretidos e pedinchões, não sei se é coisa boa.

— É uma coisa mais do que boa, é ótima! Quero que vá comigo à casa de Helen — anunciei,

empolgada. — Fica muito perto daqui, e, se eu não for vê-la, me arrependerei todos os dias.

— Agora é sua veia dramática gritando, Lolla? Até gosto da sua ideia, mas e o marido dela? Ele gostará que apareçamos sem avisar, sem uma carta antes? Você já o conheceu?

— Não, nunca vi o senhor Thompson pessoalmente. Lembra-se que, quando fomos visitar Helen no ano passado, ele havia viajado para Londres?

— Lembro, sim. Então você acredita que ele viajou novamente? Nesse caso, é possível que ela tenha ido com ele. Claro, Lolla, ela deve ter ido com ele!

— Não, Richard, ela não foi, estou certa disso. Recebi uma carta um dia antes de irmos para a *House Flowers*, na qual Helen dizia que o senhor Thompson viajaria no dia seguinte para a

PERIGOSAS ACHERON

temporada londrina e ficaria de três a quatro meses longe de casa.

— Que esquisito! Por que Helen não foi com ele?

— Acha esquisito porque não conhece o marido de Helen e também porque é muito diferente dele, então pensa que é estranho um marido deixar a esposa por tanto tempo sozinha. Todavia, lhe asseguro que não é esquisito se falarmos de um marido...bem, um marido... — Então me calei, percebendo que estava falando demais, e fiquei tão embaraçada que Richard acabou notando meu desconforto e, assim, tratou logo de aceitar meu convite e encerrar o assunto.

O cocheiro — o simpático senhor chamado Julius — nos ajudou a escolher os dois melhores cavalos entre os três previamente selecionados, e eu e Richard saímos antes que nossos pais ou Audrey

nos vissem. Sabíamos que aquilo poderia gerar uma reprimenda por causa do tempo que certamente demoraríamos para retornar e por deixarmos Audrey sozinha, mas lidaríamos com isso depois.

Inicialmente, Richard ficou um pouco preocupado com minha falta de habilidade para cavalgar, então seguimos com cautela os primeiros metros, mas, assim que me senti confortável no cavalo, bati com força os pés nos estribos e o ultrapassei, dando uma sonora gargalhada, motivando meu irmão a competir comigo.

— Lolla, vá devagar, sua inconsequente! — gritou logo atrás de mim.

— Alcance-me se puder. — Pus-me a rir e avancei com rapidez, sentindo meus cabelos serem jogados para trás e o sol ameno da manhã aquecer meu rosto.

Após eu me acalmar da minha brincadeira

com Richard, seguimos com um galope tranquilo por mais de uma milha, quando vimos ao longe as ruínas do *Corfe Castle*¹⁷ — o castelo usado como depósito do tesouro real e prisão — sobre um despenhadeiro existente nas *Purbeck Hills*¹⁸, na estrada entre Wareham e Swanage¹⁹. Dali, vimos parte de uma galeria de pedras e de uma muralha, bem como algumas torres. O castelo, muito próximo à casa de Helen, me fez recordar do caminho.

— E aqui estamos. O que vai fazer agora, Lolla? — Richard perguntou assim que avistamos a casa e paramos debaixo de algumas árvores em um pasto às margens da estrada por onde antes cavalgávamos.

— Pode me esperar por um momento aqui, Richard? Não vou demorar, apenas preciso ver e conversar um pouco com Helen.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E vai me deixar aqui? — Ele fez uma expressão desolada. — Sabia que eu também sou amigo de Helen?

— Ah, Richard, sem drama. Serei breve, prometo.

E então Richard concordou em me esperar. Muni-me de toda a esperança e certeza que eu tinha de encontrar minha amiga e me dirigi àquela casa grande de arquitetura georgiana. Não havia muro ou portões, então subi o íngreme e extenso gramado e parei junto à porta de entrada. Enquanto pensava se deveria bater ou chamar por Helen, ouvi o som da sua voz e, ao me virar, deparei-me com sua expressão de surpresa e felicidade.

— Lolla? Oh, Lolla, é realmente você? — Helen largou no chão uma cesta de flores que trazia consigo e correu em minha direção, atirando-se nos meus braços, quase me derrubando.

PERIGOSAS ACHERON

— Se seus olhos não a estiverem traindo, ou se eu não estiver sonhando, creio que seja eu mesma! E aqui está você! — Abracei-a ainda mais.

— Não acredito que está aqui! Recebeu minha carta? Eu a deixei preocupada! Que grande inconsequente fui ao escrever tudo aquilo para você! Veio até aqui por preocupação, Lolla? — disse tudo isso em uma agitação imensa, revezando os sorrisos com uma expressão aflita.

— Ah, minha querida amiga, eu teria vindo só por isso se pudesse, mas outras razões me trouxeram para Woolgarston. Eu iria escrever para você quando voltasse para casa, então, veja que feliz surpresa, descobri que o lugar para onde eu estava indo ficava a apenas duas milhas da sua casa.

— Mas para onde estava indo?

— Para a *House Flowers*. Papai está

trabalhando para o senhor Boorman, o proprietário daquela mansão. Imagine como fiquei quando, no caminho, passamos em frente à sua casa. Mas mamãe não permitiu que parássemos...

Helen olhou para mim com seus delicados olhos castanhos e puxou-me pela mão até descermos um pouco o terreno onde ficava sua casa, olhava para os lados como se estivesse preocupada que alguém nos visse.

— Com o que está preocupada? O senhor Thompson não viajou? —perguntei, pois, mesmo que Helen houvesse me dito que ele viajaria para Londres, talvez pudesse ter desistido.

— Oh, sim! Ele viajou exatamente um dia depois de eu ter escrito aquela carta para você... Estou apenas me assegurando de que não seremos observadas por minha governanta. A senhora Abigail é uma mulher muito austera e me vigia para

meu marido.

— Vigia? Acaso você precisa ser vigiada, Helen? Que absurdo!

— Praticamente não saio desta propriedade. Vou apenas à igreja aos domingos pela manhã... Meu marido não permite que em sua ausência eu vá ver meus pais em Bincombe, e minha família é apenas convidada a vir no início da primavera, quando ele ainda está em casa. Então receber amigos também está fora de questão. Se a senhora Abigail a ver aqui, contará para o patrão, assim como contou no ano passado.

— Isso é errado! — bradei, inconformada.
— Mas, Helen, por que não viajou com o senhor Thompson? Desculpe-me por perguntar assim, mas agora ele é um homem casado e não deveria deixá-la por tantos meses sozinha aqui...

— Há muitos anos, Elmer vai a Londres no

PERIGOSAS ACHERON

mês de junho, e deixou claro que não mudaria sua rotina por estar casado. Diz também que não suportaria minha presença ao seu lado, pois Londres é uma cidade avançada demais para uma pessoa simplória como eu.

— O quê? Não posso crer que ele tenha dito isso! Helen, quando a visitei ano passado, parecia um pouco triste, mas pensei que fosse por toda a mudança em sua vida, por sair do nosso vilarejo em Bincombe, deixar sua mãe, seu irmão Benjamin... seus amigos. Claro que a vida de casada deve trazer algumas mudanças, mas penso que não pode ser nada que a deixe tão infeliz como vejo que está. Por que o senhor Thompson a trata assim?

— Ah, Lolla... — Helen suspirou triste e profundamente. — A vida de casada não é como pensei que seria... Sei que eu já havia imaginado o pior, apenas por não amá-lo, só por isso eu já sofria

e chorava antes mesmo de me casar. Casar-se com um homem por quem não sentimos o mínimo de empatia é muito difícil... Contudo, por mais que eu pensasse estar ciente do meu destino, não poderia adivinhar o que me esperava... — exprimiu-se Helen, fazendo algumas lágrimas rolarem de seus olhos.

— Do que está falando, Helen? Seja mais clara, por favor.

— Não sei como dizer isso... — Helen fungou e olhou para o chão.

— Por favor, não há nada que não possa me contar. Se quiser me dizer qualquer coisa, seja o que for, e se isso for ajudá-la, deve me dizer.

— Mas não me ajudará, não ao menos da forma como eu precisaria. Falar pode expulsar as palavras dos meus lábios, mas não a dor do meu coração... Contar-lhe tudo pode colocar um peso

ainda maior sobre meu peito, Lolla, pois não quero preocupá-la ainda mais. Sei que a carta que lhe enviei era desoladora, mas...

—*Desoladora?* Deixou-me em prantos por você — disse-lhe, segurando suas mãos.

— Por isso mesmo, Lolla... Não posso fazê-la sofrer uma dor que deve ser só minha.

— Não, Helen, sofrimentos não podem ser aceitos assim! Divida tudo comigo... — pedi, sinceramente.

— De nada adiantará sofrermos nós duas...

— Deixou-me mais preocupada do que nunca. Não vê que já sofro mesmo que nada me diga? Então não sei se pode me deixar ainda mais aflita do que já estou agora. Deve me dizer... — insisti.

Então Helen levantou a manga do seu

vestido longo, dobrando-a até a altura dos cotovelos. Havia em seus braços grandes marcas arroxeadas. Expandi meus olhos em surpresa, assombrada com o que estava vendo e com o que minha mente me induzia a pensar.

— O que aconteceu com você? Por que está machucada?

— Elmer às vezes fica descontrolado, mas ele não tem culpa, é bom na maior parte do tempo...

— Não...não, Helen. — Chorei ao ver suas marcas e por perceber que Helen tinha razão, as marcas em seu coração certamente doíam mais. — Ele a machuca... — falei com um sopro de voz triste, o corpo tremendo com a revelação assombrosa.

— Nem sempre, Lolla. Entretanto, às vezes, não sei o que faço para irritá-lo tanto, mas ele me

PERIGOSAS ACHERON

olha de um jeito... Seus olhos ficam irados em minha direção. Sinto que toda a raiva dele e todo o peso do mundo ficam concentrados na nuvem cinza que vejo em seus olhos. Penso que ele me odeia mais do que tudo e não há nada que eu possa fazer para reverter isso. No início, pensei que fosse por minha culpa, que por ter me casado sem amá-lo deixava que ele sentisse minha apatia em relação a ele...

— No início? Helen, você está casada com o senhor Thompson há dois anos! Quando isso começou?

— No primeiro dia, assim que nos casamos. Fiz tudo como a senhora Abigail me orientou, banhei-me e usei as vestimentas que ela havia deixado sobre minha cama, e então esperei Elmer em meu aposento. Aguardei muitas horas com o corpo tremendo, nervosa e amedrontada, até que

PERIGOSAS NACIONAIS

me encolhi em minha cama e adormeci. Algum tempo depois, Elmer irrompeu no quarto, assustando-me com a batida forte da madeira se chocando contra a parede de pedra. Levantei-me imediatamente, e ele se aproximou de mim, olhando-me nos olhos, que certamente traziam o reflexo do meu desespero, e então ele tocou com a ponta dos dedos meus cabelos. Quando se aproximou, senti seu hálito impregnado de vinho. Elmer encostou seus lábios nos meus e beijou-me enquanto suas mãos seguravam as minhas. Tive medo, Lolla, pois não sabia o que aconteceria, no entanto sabia que ele estava me ofertando carícias naturais entre os casados. Mas, quando ele abriu os olhos e me viu, foi como se visse o próprio demônio à sua frente. Elmer franziu o cenho e empurrou-me, dando um passo para trás. Seus olhos ficaram possessos, mas também cheios de lágrimas, e ele tornou a avançar em minha direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava cambaleante por causa da bebida, mas isso não impediu que me empurrasse para o chão. Depois saiu do aposento, batendo a porta novamente. Fiquei jogada no chão, tentando entender tudo. Chorei até amanhecer... — Helen já soluçava.

— Que monstro! Você se casou com um monstro.

— No outro dia, ele me tratou como se nada houvesse ocorrido. Foi gentil comigo, apesar de frio na maior parte do tempo. Nossos dias e noites seguiram sempre os mesmos, solitários para nós dois... Elmer nunca mais me visitou em meu aposento. Nós não temos uma vida de casados de verdade. A senhora Abigail sabe disso e algumas vezes tentou me aconselhar, mas, Lolla, tenho medo dele e sou grata a Deus todos os dias por ele não me tocar. Quando está em casa, ele mal fala

PERIGOSAS ACHERON

comigo, passa os dias sozinho em seu aposento ou na biblioteca, parece me evitar o quanto pode.

— E esses machucados?

— Quando recebemos hóspedes ou visitantes, o que é muito raro, Elmer se vê obrigado a me tratar como um marido gentil, mas o simples toque de suas mãos nas minhas parece deixá-lo enojado. E, assim, quando todos se vão, ele me olha com repulsa, amaldiçoa minha presença em sua casa e, quando está bêbado, passa dos limites.

— Helen... — Abracei-a, sem saber o que dizer, depois acarinhei seu braço arroxado.

— Essas marcas ele causou em mim antes de partir para Londres. Disse-me: “Criatura odiosa, como te abomino! Como destrói minha felicidade!”. Lolla, às vezes sinto até mesmo pena dele, pois penso que tanto ódio deriva de um sofrimento muito grande. Meu marido sofre e

pareço ser a fonte de sua amargura.

— Não diga isso, Helen! Como pode dizer que sente pena dele? — perguntei, sem entender tal sentimento.

Helen abaixou as mangas do vestido e pôs-se a andar mais pelo terreno. Eu a segui e percebi que estávamos indo na direção de Richard e que ela logo o veria. Então, como previsto, ela logo estancou o andar e olhou para mim, assustada.

— Há alguém logo ali, vamos voltar! — Helen secou algumas lágrimas do rosto e voltou-se para a mansão.

— Não se assuste, Helen, é apenas o Richard — contei-lhe. — Ele também veio.

— Richard? — Helen perguntou, surpresa.

E então pude ver algo em seus olhos que ainda não havia reparado. Pois, se seus olhos

brilharam quando me viram chegar, acenderam-se e iluminaram seu rosto inteiro quando eu disse que era Richard parado junto àquela árvore.

— Desculpe, Helen, tive de trazê-lo comigo ou nem poderia ter vindo...

— Desculpá-la, Lolla? Eu não a desculparia se soubesse que veio com Richard e não me avisou que ele estava aqui! Não o vejo há um ano! — E começou a descer o terreno em sua direção.

Richard pôs-se de pé quando nos viu descer, pois ele estava antes sentado recostado na árvore onde os cavalos foram amarrados. Era evidente que, a julgar pelos seus olhos, estava feliz com o reencontro. Conheço meu irmão o bastante para saber que, além de feliz, ele ficou nervoso.

— Não posso crer no que estavam planejando — disse Helen com a testa crispada. — Iriam embora sem me dizer que você estava aqui,

Richard!

— Ideia de Lolla — defendeu-se. — Falei que seria uma indelicadeza não cumprimentá-la, mas pensa que ela me deu ouvidos?

— Ah, falou? — Ri, balançando a cabeça.

— Um homem de boas maneiras, assim como eu sou, jamais cometeria uma falta assim se não fosse para acatar o pedido de uma dama — disse, apontando para mim.

— De fato, nisso Richard tem razão, pois pedi que ele me aguardasse aqui — confessei, sorrindo.

E então meu irmão se aproximou de Helen e beijou sua mão de uma forma muito elegante e, para não ser infiel em meu relato, devo dizer que vi Helen corar com tal gesto.

— Você não mudou nada neste tempo,

Richard.

— Só um pouco... — disse ele.

— Não, não mudou...

— Pensei que voltaria a vê-la em Bincombe, Helen...digo, senhora Thompson. Perdoe-me, é a falta de costume. Cresci chamando-a de Helen.

— Não se preocupe com isso, Richard. — Ela viu que ele estava em silêncio, então, depois de uma breve pausa, acrescentou: — Eu teria ido mais a Bincombe, se pudesse... Porém, é provável que ainda este ano eu visite mamãe e Benjamin. Eles estiveram aqui há poucos dias.

— Sim, eu sei. E vá, sim, verá como nada mudou. — Richard riu, passando as mãos nos cabelos. — O pasto continua no mesmo lugar e acho que até mesmo as vacas estão do mesmo jeito. E aquela rocha na qual você bateu seu pé há três

PERIGOSAS ACHERON

invernos, também não se mudou...

Helen gargalhou com a brincadeira de Richard, e eu pensei que deveria agradecê-lo depois por isso, pois aquela risada me fez lembrar como minha amiga sempre foi feliz e prazenteira. Percebi que, não fosse por Richard, não a teria visto sorrir desse jeito hoje.

— Helen, eu e Richard devemos ir agora, mas espero vê-la novamente em breve — falei, segurando sua mão.

— Amanhã, então! — ela sugeriu, ofertando-nos um sorriso. — Vão permanecer na *House Flowers* até quando?

— Não sabemos ao certo, mas acredito que ficaremos por uma semana — falei.

— Então venham me ver outras vezes. — Ela nos convidou, olhando para mim e Richard.

— Quer que eu venha também? — Richard perguntou, lançando sobre Helen um olhar atento e enigmático. Foi um olhar firme e parecia carregado de afeição.

“Será que estou vendo coisas onde não há?”, pensei.

— Claro, eu gostaria de sua presença. A menos que já tenha programado algo para fazer ou...

— Não, não programei nada — Richard se apressou em responder.

— Então venha com Lolla, se puder.

— Então eu virei.

— Então ele virá! — exclamei, sorrindo.

Despedi-me de Helen depois de subir com ela o jardim em direção à sua casa. Então, como entre nós nunca existiu segredos, eu lhe fiz uma

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta que podia responder um pouco o que minha mente começava a imaginar:

— Helen, antes de se casar com o senhor Thompson, você estimava alguém de forma especial?

— Ah, Lolla... — Ela ficou muito vermelha. — O que está me perguntando?

— Simples, pergunto se já esteve apaixonada.

— Claro que não, ou eu lhe contaria, não é?

— É? — Olhei para ela com meu melhor olhar enviesado. — Pois não sei se ficarei mais chateada por você não ter me contado na época... ou por não me contar agora.

— Mas contar o quê?

— Acho que ainda posso perdoá-la se me contar antes de eu insistir muito.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, Lolla, pare com isso!

— Na verdade, não precisa me contar, pois, se não me disse nada quando devia dizer, agora talvez seja melhor que fique calada mesmo.

— Oh, mas o que teria feito com essa informação? Ou de que lhe serve saber agora? — Minha reprimenda pareceu ter funcionado, pois Helen se desesperou e com isso acabou dando indícios de que eu estava certa.

— Oh, está vendo? Penso que agora sei exatamente por quem nutria esse sentimento. Mas quando isso começou que eu nem sequer percebi?

— Sempre gostei do seu irmão, Lolla. Se não viu, é porque não foi uma boa observadora — acusou ela.

— Não seja injusta. Se não vi foi porque escondeu muito bem seus sentimentos. Não devia ter feito isso.

— Richard sempre foi apenas um amigo, Lolla. Meu vizinho, quase mais um irmão. Ele e Benjamin sempre me trataram da mesma forma. Nunca vi nada em Richard que encorajasse uma declaração, e sabe que sou muito reservada para fazer algo assim. Agora eu imploro que jamais diga isso a ele! Imploro, Lolla, pois nada mais há para ser feito. Nada mudará minha vida e o fato de eu ser casada. Minha realidade será sempre essa, por mais infeliz que eu a considere ou por mais que tenha pena de mim.

— Não tenho pena de você. Eu a amo, minha amiga, e isso é muito diferente. E não diga que seu futuro está certo e que é imutável... Só queria ter feito mais por você. E quanto a Richard, ele era muito imaturo para perceber qualquer traço de sentimento, entretanto ele mudou e hoje é muito mais responsável e sério, embora viva sorrindo e

fazendo os outros rirem... Richard mudou.

Talvez eu devesse acrescentar o fato de tê-lo visto sorrir, corar, suspirar ou descrever seus olhos brilhando e piscando várias vezes naquele dia enquanto estava perto de Helen, mas nada disse, para assim não deixá-la mais triste ou desesperada do que já estava. Disse-lhe adeus e fui ao encontro do meu irmão. Incrível como quando nossos olhos estão fechados para a verdade ficamos realmente cegos, mesmo diante da coisa mais real e palpável do mundo.

No caminho de volta, mais atenta e perceptiva, olhei para Richard e soube que ele também gosta de Helen. O que antes podia ter me deixado feliz, agora me deixa entristecida, pois é bem verdade que não podem ficar juntos.

— E então, Richard — disse assim que nos afastamos do pasto e voltamos a cavalgar pela

estradinha —, o pasto continua no mesmo lugar e até mesmo as vacas estão do mesmo jeito?

— Sua boba... Eu quis dizer a Helen que nada mudou, então ela vai gostar de voltar a Bincombe e rever seus amigos. A única coisa que realmente mudou é que agora ela não está mais lá — acrescentou com um tom melancólico.

— É, e seria tão bom se estivesse — acrescentei e observei sua reação, mas Richard apenas se calou e fitou o horizonte.

Assim que Richard e eu chegamos à *House Flowers*, vimos Audrey sentada em um dos degraus da escada de entrada da mansão. Sua expressão era muito zangada e sabíamos o porquê. Minha irmã estava na fase mais geniosa da idade e, além de se aborrecer com frequência, ainda pensava que sempre tinha razão. Oh, e como era dramática!

— Não vou perdoá-los por terem me

PERIGOSAS ACHERON

deixado aqui. Lolla, você disse para eu ir comer algo que logo viria também. E então descubro que saíram sozinhos e não me incluíram no passeio! Que insensíveis e egoístas vocês dois — disse, chorosa.

— Você tem medo de cavalgar, Audrey — argumentou Richard.

— Algo que eu pretendia curar hoje, com um passeio — justificou-se Audrey com a expressão carrancuda.

— Então venha agora. Vou com você pelo mesmo caminho que fui com Lolla — disse Richard.

— E aonde foram para demorarem tanto?

— Logo atrás da *House Flowers* há um grande pasto e um bosque muito bonito.

— Penso que estão mentindo para mim,

PERIGOSAS NACIONAIS

pois fui atrás de vocês e os procurei justamente nesse local. Vocês não estavam lá — sentenciou, estreitando os olhos.

— Ah, tudo bem, vou confessar que nos afastamos um pouco e nos aventuramos algumas milhas adiante. Venha comigo que eu lhe mostro.

Então Richard foi com Audrey até a cocheira e buscou dois novos cavalos descansados para o passeio, e agora deverão passar as próximas horas cavalgando nos lugares que meu irmão garantiu que havia ido comigo antes... Como estão demorando, ocupo-me com estas linhas. Mas por ora chega... Preciso falar com mamãe e papai. Ainda há em mim um sentimento intuitivo e estranho que não me deixa em paz.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

6

*“A despedida é uma dor tão suave que te
diria ‘boa noite’ até o amanhecer.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 09 de junho de 1805.

Antes eu não os tivesse procurado...

Assim que deixei o bosquinho, fui falar com
mamãe para saber quando partiríamos para
Bincombe. Dirigi-me então à casinha de meu pai,
nos fundos da *House Flowers*. Não foi minha
PERIGOSAS ACHERON

intenção ouvir o que diziam, mas não era costume de mamãe falar tão baixo, e a frase que a ouvi dizer me deixou alarmada e me fez entancar, assim escutei o restante da conversa:

— Concordo que Lolla deve se casar... Não me oponho que seja logo, não é isso que me preocupa... — dizia papai com um tom agoniado. No mesmo instante, meu coração acelerou e um arrepio percorreu meu corpo.

— O que o preocupa? — inquiriu mamãe.

— Você sabe, Mary, o noivo! Já falamos sobre isso. Sei que você tem razão nos seus argumentos, que seria bom para todos nós, mas...

— Não se aflija, Christopher. Sua filha é madura o suficiente para entender. Terá de entender! E agora temos realmente uma proposta real, não mais aquelas conjecturas, que era tudo o que tínhamos antes. Diga-me, o que você

respondeu?

— Oh, Mary, eu devo ter parecido um parvo, parado na frente do homem, pois mal sabia o que responder... Eu... — papai gaguejava. — Pensa que devemos falar com Lolla agora? O que ela achará disso?

— O que Lolla vai achar disso nós já sabemos, mas teremos de conversar com ela em algum momento. Talvez não hoje, mas logo...

— Temo que ela... — Nesse momento, papai parou sua fala ao ouvir um barulho vindo da porta, pois, no intuito de não ser vista e de escutar tudo o que diziam, eu acabei me escorando nas paredes da casa e derrubando ferramentas de jardinagens que estavam ao meu lado. — Quem está aí? — ele perguntou em um tom comedido e veio para a porta. — Lolla? — Vi seu embaraço assim que me viu juntando as ferramentas.

— Oh, papai, desculpe, vim correndo e acabei tropeçando nas suas ferramentas — falei, apressada, com os olhos voltados para o chão.

Minhas bochechas estavam quentes, e eu não queria que ele percebesse que eu estava ali há mais tempo.

— Veio correndo de onde? Estava onde?

— Estava cavalgando com Richard. Agora é Audrey quem está com ele. Foram por ali... — Apontei o bosquinho atrás da mansão. — Mamãe está aí? — perguntei, disfarçando minha agitação.

Falavam de mim! Sim, diziam meu nome e mencionavam casamento! É claro que fiquei desesperada e, para dizer a verdade, agora estou ainda mais.

— Ela está, sim... — Papai voltou para dentro da casa e se sentou ao lado de mamãe, que tinha os olhos arregalados ao me ver, mostrando

PERIGOSAS ACHERON

que temia que a houvesse escutado.

— Mamãe, quando voltaremos para nossa casa? — perguntei o mais tranquila que pude e caminhei para a janela, olhando alguns pássaros voando livres pelo céu.

— Está com saudades daquela casa velha? — perguntou mamãe, como se isso fosse um absurdo.

— Sim, pois amo o lugar onde moro. A senhora não? — inquiri, abandonando a janela e me voltando para ela.

Queria olhá-la nos olhos para ver exatamente quais seriam suas reações. Acredito que minha resposta junto com a pergunta tão repentina a tenha surpreendido, pois ela fechou e abriu os lábios algumas vezes antes de responder:

— Claro que... sim. Mas aproveite enquanto está aqui. Não acha que há muitas coisas

PERIGOSAS ACHERON

maravilhosas para se ver e aproveitar na *House Flowers*?

— Acho que já estou cansada de ver e aproveitar. Sinto-me mais feliz em nosso vilarejo. Não estou dizendo que gostaria de partir agora, só quero saber se já sabe quando iremos... — Meu questionamento vinha também do meu plano de voltar à casa de Helen no dia seguinte, então, ao mesmo tempo em que eu desejava partir logo, também queria ficar um pouco mais, somente para ver minha amiga outras vezes.

— O que há em nosso vilarejo que a deixa tão feliz?

— Tudo nele me deixa feliz. Ora, mamãe, por que a pergunta?

— Você é jovem, minha filha, e hoje pensa que tudo pode lhe proporcionar a felicidade, mas com o tempo odiará até mesmo as coisas que já

amou, como seu querido vilarejo e sua pobre casa em Bincombe.

— Oh, mamãe, que coisa para se dizer. Por que eu odiaria o lugar onde moro? A senhora odeia?

— Não odeio, pois já me casei sabendo como seria meu destino. Mas odiaria se soubesse que tive a oportunidade de melhorar de vida e não aproveitei. — Quando mamãe disse isso, papai lançou sobre ela um olhar grave, como se recriminasse sua precipitação, a escolha das palavras ou o próprio conteúdo da sua fala.

— Que conversa, mamãe! Oportunidade? Olhando para mim como a senhora está olhando, parece que está em minhas mãos a tal oportunidade a que se referiu. Se estiver, esteja certa de que vou tentar ter certeza de que ela vale tanto, pois, para abandonar minha casa e meu amado vilarejo, só

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo por um marido que tenha tantas qualidades que até mesmo ele não me achará merecedora do seu amor. E sei que está falando de um marido, pois o que mais nomearia como *oportunidade*? — Tentei sorrir para aliviar minha tensão, mas mamãe permaneceu séria.

— Agora sou eu que digo, que conversa! Não se iluda por algo assim. Não seja insensata, mas procure compreender qual é a vontade do Senhor.

— E qual é a vontade do Senhor? — perguntei, desafiadora.

— Que os filhos obedeçam a seus pais em tudo. Isso agrada ao Senhor.

— Obedecer? A que devo obedecer?

— Pare com isso! — papai interveio, olhando para mamãe. — Deixe para conversar com Lolla em outro momento.

PERIGOSAS ACHERON

— Querido, agora que já começamos, penso que devemos ir até o final...

— Mas começaram o quê? — perguntei, agitada e ansiosa.

— Faça isso você. Converse com Lolla — disse papai, e me deixou a sós com minha mãe.

Tremi, pois sabia que o que eu ouviria me desagradaria muito, pois tudo naquela situação me fazia pensar assim.

— Querida, sabe o que Deus diz aos filhos? Eu digo, ele diz: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”²⁰. O que pensa disso?

— Que é a palavra de Deus, a qual prezo mais do que tudo.

— Que bom que pensa assim. Então nunca se voltará contra uma decisão tomada por seus

pais?

— Penso que não, pois não imagino que tomem qualquer decisão que vá contra minha felicidade, que me ofereça a angústia e a dor — rebati.

Então minha mãe titubeou antes de voltar a falar, mas engoliu em seco e continuou:

— Nunca faríamos isso, mas temo que o que chama de felicidade e o que nomeia como angústia possam não refletir à realidade.

— Dizes que o que julgo por felicidade na verdade não é felicidade?

— Sim, pois acabou de me dizer que toda sua alegria é a vida que leva naquele vilarejo. Não tem ambições?

— Tenho muitas — repliquei rapidamente.
— Uma vida feliz independentemente de qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa. Liberdade, amor, uma família.

— E pobreza?

— Não — contestei. — Não disse que desejo a pobreza, mas me sentirei feliz se tiver o suficiente.

— Como poderá ser feliz pensando assim?

— Mamãe, vai me dizer que a senhora pensa que basta a riqueza para sermos felizes? — redargui, elevando as sobrancelhas.

— Garanto que a pobreza não lhe trará nenhuma alegria.

— Ela não me trará nem a alegria, nem a tristeza. Não será de coisas materiais que virá minha felicidade. As verdadeiras riquezas não são muito dinheiro ou muitos bens. A verdadeira riqueza é uma vida cheia de amor e do conhecimento de Deus — falei, tocando no assunto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais delicado para ela.

— Usa a palavra Dele para me contrariar?

— Uso as palavras certas para dizer o que é certo dizer. “Não esgote suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso! As riquezas desaparecem assim que você as contempla; elas criam asas e voam como águias pelo céu”²¹.

— Está me desafiando e me deixando nervosa...

— Só quero que entenda que as riquezas espirituais são muito mais importantes que as materiais. E minha felicidade não virá do ouro! Porém, penso que essa conversa não tem sentido. Por que falamos disso?

— Porque você irá se casar, Lolla. Irá se casar com o senhor Boorman! — determinou, para meu horror.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mamãe! Veja o que acabou de dizer! Ama o dinheiro mais do que ama sua filha e pode colocar as riquezas acima da minha felicidade? — Agitei-me como se houvesse recebido um soco no estômago.

— Que grande bobagem! Isso será, sobretudo, para o seu bem, mas lembre-se que também não deve ser egoísta. Depois vá até aquele jardim e olhe bem para aquela casa, pois penso que não observou direito, e então reflita sobre o fato de que tudo que seus olhos viram não é sequer metade do que possuirá.

— Isso não faz sentido! Pense no que está dizendo! O senhor Boorman é... ele é um velho! — A essa altura, meu corpo começou a tremer e meu tom de voz já havia se alterado o suficiente para fazer com que meu pai nos ouvisse do jardim e voltasse correndo para a casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é um homem maduro, apenas isso. Todos envelheceremos um dia. Pode ser que fique viúva antes do tempo, mas isso não acontecerá tão em breve — argumentou.

— Não me casarei com o senhor Boorman! Sabe disso, não sabe? — respondi, suspirando entrecortado.

— Se casará, sim — disse mamãe, ainda mais severa.

— De tudo o que há nesta terra e de tudo o que posso afirmar com toda minha vida, casar-me com o senhor Boorman é a última coisa que farei enquanto ainda me houver sanidade — bradei, olhando para meus pais parados à minha frente.

Meu pai exibia um olhar atormentado e — será que vi bem? — parecia sentir-se culpado.

— Não diga bobagens. Seu pai já conversou com o senhor Boorman sobre isso muitas vezes e...
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muitas vezes? Quer dizer que falavam disso antes mesmo de virmos para cá? — interrompi mamãe e voltei meu olhar para meu pai. — O senhor me trouxe aqui para me jogar na cova do leão? Estão ambos seduzidos pela riqueza? Pois eu digo: “Cuidado! Que ninguém o seduza com riquezas; não se deixe desviar por suborno, por maior que este seja. Acaso a sua riqueza, ou mesmo todos os seus grandes esforços, dariam a você apoio e alívio da aflição?”²². Nunca em minha vida poderei perdoá-los por tramarem minha infelicidade pelas minhas costas!

Corri em direção ao jardim, avançando para fora das propriedades do odioso senhor Boorman. Em minhas mãos, eu segurava apenas meu diário, e, em meu coração, levava uma aflição sem tamanho. A decepção esmagava meu peito de uma forma como nunca imaginei que aconteceria. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca imaginaria que seriam meus pais que me trariam tanta dor.

Corri por mais de uma hora, e a cada choque dos meus pés sobre o chão eu relembrava as palavras ditas por minha mãe e os olhos de culpa do meu pai. Notei que estava avançando em direção à casa de Helen pelo caminho por qual eu e Richard havíamos cavalgado pela manhã. Eu já estava cansada e com a barra do vestido suja de poeira. Não havia conseguido chorar, mas, quando enfim vi o *Corfe Castle*, parei para respirar e, escorada em uma árvore, desatei em lágrimas.

Subi a colina rumo às ruínas do castelo, onde sabia que ninguém me incomodaria, e ali permaneci por horas. Comecei a sentir fome, pois havia saído pela manhã sem comer nada e já passava da hora da refeição da tarde, no entanto não tinha coragem ou desejo para voltar.

PERIGOSAS ACHERON

Já no interior do castelo, em meio às colunas e torres de pedra ainda de pé, recostei-me em uma mureta e abri meu livreto. A vontade de escrever era grande, mas me perdi na leitura de algumas páginas escritas ao longo do mês e, quando dei por mim, ouvia um trotar de cavalo nas pedras da estrada que levava ao castelo. Assustada, escondi-me atrás da mureta e espiei. Então ouvi Richard chamar meu nome enquanto olhava para os lados.

— Lolla! Lolla! — ele gritava sobre o cavalo.

— Como sabia onde eu estava? — Revelei meu esconderijo e sentei na mureta de pedras.

— Eu não sabia...

— Então como me achou?

— Fui antes à casa de Helen, pois pensei que pudesse ter ido vê-la. Mas ela me disse que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você não esteve lá e ficou muito preocupada por eu estar procurando você — informou Richard, apeando e vindo em minha direção.

— E o que disse a ela?

— Que você havia saído sem avisar ninguém e estava demorando a retornar. Helen pediu que eu avisasse quando a encontrasse.

— Não precisava tê-la preocupado. Disse a ela para que não se preocupasse?

— Disse, mas como eu faria com que acreditasse em mim se eu mesmo estava com um semblante de pura preocupação? Oh, Lolla, o que aconteceu para que tenha saído sem comunicar nada a ninguém?

— Então não lhe disseram? Não lhe contaram o que anunciaram a mim?

— Não, nossa mãe disse que discutiram,

PERIGOSAS ACHERON

mas não mencionou o motivo. Perguntei e insisti que me dissesse, mas nosso pai ordenou que eu a procurasse, dizendo que você havia saído muito agitada. Estavam tão preocupados...

— Preocupados? Pois se foram eles mesmos a razão do meu desespero?

— Por que diz isso?

— Eu poderia fazer rodeios para lhe contar, mas creio que, se disser de forma crua e rápida, talvez consiga entender o que senti hoje. Querem me casar com o senhor Boorman! E papai está há tempos tratando disso com aquele... com aquele... argh! — gritei. — Com aquele homem grosseiro.

— Não — ele sorriu —, não pode ser, Lolla... — Meu irmão fez a expressão mais confusa que já o vi fazer na vida. — Por Deus, que história é essa? Eles não fariam algo assim com você... Fariam? — perguntou, esmorecendo o

sorriso ao ver que eu falava sério.

— Pois, pelo visto, já fizeram. Tramaram contra mim pelas minhas costas, trazendo-nos até aqui apenas com a intenção de nos deixar seduzidos pela riqueza. Mamãe chegou a dizer... chegou a argumentar que eu não sabia o que era felicidade e que estava nomeando de forma equivocada meus sentimentos. Ela pensa que devo me sentir infeliz por ser pobre e por vislumbrar um futuro simples, mas de paz e felicidade. Acredita que devo me sentir vitoriosa e feliz por ter a honra de ser oferecida em casamento ao senhor Boorman! Oh, Richard, não posso permitir que isso aconteça. Entende que isso é a pior desgraça decretada em minha vida?

— Sim, Lolla, isso é um absurdo! Falarei com nosso pai e o farei desistir disso. Confie em mim, Lolla. Não vou deixar que a ofereçam àquele

homem!

— Obrigada por me apoiar, Richard, mas eu mesma farei papai desistir. Jamais me renderei a uma determinação como essa. Saber que você ficará ao meu lado me dará ainda mais forças, pois nunca me casarei com aquele homem. Nunca!

— Sim, nunca! — concordou Richard, e me abraçou.

Permanecemos no *Corfe Castle* por mais meia hora. Eu não desejava voltar para a *House Flowers*, queria que meu irmão me levasse novamente para Bincombe. Mas seria certo fugir para um lugar onde logo todos me alcançariam?

Preciso ser mais forte do que nunca para fazê-los enxergar que estão brincando com minha vida e desejando me jogar em um precipício de infelicidade. Sempre achei que pudesse evitar que isso acontecesse comigo, mas nunca imaginei ter de

lutar contra aqueles que mais amo, que seriam eles a me causar tanta dor.

Voltamos para a *House Flowers* em silêncio e, quando paramos em frente à mansão, Richard me deu sua mão.

— Continue sendo forte como sempre foi. Tenho certeza de que tudo ficará bem.

— Obrigada, Richard. Você é um dos melhores homens que conheço, sou muito feliz por tê-lo como irmão.

Os primeiros a quem tive de encarar foram papai e mamãe, que estavam na cozinha da casinha cedida a meu pai, junto com Audrey. Eu e Richard entramos juntos e em silêncio nos sentamos em duas cadeiras ao lado da lareira.

— Onde esteve Lolla? Estávamos tão preocupados — disse Audrey. — Por que saiu assim, sem avisar?

— Papai — disse Richard, enquanto eu ignorava as perguntas da minha irmã. — Não pode obrigar Lolla a se casar com um homem que ela despreza.

— Despreza? — mamãe inquiriu, apreensiva. — Mas despreza por quê?

— Casar-se? Lolla irá se casar? — Audrey alarmou-se e expandiu os olhos. — Vai se casar com quem?

— Eu o desprezo por tudo o que já sei sobre ele e por tudo o que sei sobre mim. Jamais sonhei que vocês tentariam impor a mim um futuro tão infeliz. Na verdade, sempre pensei estar livre disso, pois imaginei que teria a liberdade de escolher por mim mesma e que, com minha observação, escolheria pelo caráter e personalidade. Estava certa de que seria feliz, pois não erraria em minha escolha. Mas agora querem me tirar isso e me

oferecer ao pior tipo de homem que pode existir!

— Minha filha! Como pode dizer algo assim do senhor Boorman? Por que ele lhe parece tão mau? — inquiriu mamãe.

— Senhor Boorman? Lolla vai se casar com o senhor Boorman? — Audrey alargou os olhos e me encarou, aturdida.

— É claro que não vou! — rebati.

— Minha filha, escute — papai disse, aproximando-se de mim. — Às vezes fazemos coisas que não queremos, mas que precisamos fazer.

— Fala sobre o que espera que eu faça ou do que o senhor está fazendo comigo? Pois não posso crer que esteja em paz com essa decisão tão absurda.

— Falo sobre todos nós. Estou certo de que

isso é o certo a fazer. — E então ele olhou para mamãe, buscando encorajamento. — Precisa se casar com o senhor Boorman, não apenas por si mesma...

— Por mim é que não seria. Eu jamais faria algo assim.

— Deixem-me a sós com Lolla — papai pediu a todos, que prontamente o atenderam e foram para o jardim.

— Papai, desista logo de tudo isso — pedi, suplicante. — Sei que é mamãe que está colocando essas ideias em sua cabeça.

— Querida, escute, preciso lhe dizer algo. Aquele dia em que o senhor Boorman esteve em nossa casa em Bincombe não foi a primeira vez que voltei a vê-lo depois de tantos anos. Eu o encontrei quando fui procurar trabalho em algumas propriedades de Dorsetshire. Conte-lhe um pouco

sobre minha vida e família e falei das dificuldades que estava passando.

— Dificuldades?

— Sim, nunca lhes disse nada para não preocupá-los, mas há muitos anos nossas finanças vão muito mal. E se nos últimos meses tivemos o que comer, foi somente devido à ajuda do senhor Boorman. Ele pagou algumas dívidas que eu tinha e me deu dinheiro para alimentá-los e garantir-lhes uma vida digna. Disse-me que um de seus criados, o jardineiro, se mudaria em breve para outra de suas propriedades e me ofereceu o trabalho. Quando estive em nossa casa em Bincombe, ele a viu e ficou muito encantado com sua beleza e juventude. Perguntou-me sua idade e se eu pretendia casá-la com alguém em breve, se já era prometida.

— Por Deus! — Meu rosto queimou

violentamente com aquela revelação. — Então esse homem lhe fez favores e depois foi lhe cobrar, exigindo que me entregasse a ele como pagamento? E o senhor está cogitando aceitar? Ou, pior, já aceitou e quer que eu também concorde com isso e ainda ache maravilhoso?

— É um pouco mais delicado do que isso. No início, fiquei muito bravo com ele e disse que pagaria tudo o que lhe devia, mas que não me pedisse algo assim, pois você e sua irmã são tudo de mais valioso que tenho.

— Então, papai, faremos isso! Pagaremos tudo, e o senhor poderá arrumar outro trabalho.

— Não posso pagar. É realmente muito dinheiro e não teremos nem para onde ir. Vendi nossa casa em Bincombe.

— O quê? Vendeu nossa casa? Por quê?

— Para viver, minha filha. Precisei pagar
PERIGOSAS ACHERON

dívidas, comprar alimento, roupas para todos vocês. E sua mãe ficou doente, lembra-se? Como pensa que paguei o médico que veio vê-la e todos aqueles remédios? Ainda tenho guardado comigo parte do dinheiro da venda da casa, mas é pouco e não dá para comprar outra.

— O senhor vendeu a casa onde sua família viveu a vida inteira? O lugar onde seus filhos cresceram e mais amam na vida? Vendeu para quem?

— Vendi para o senhor Boorman. Entende agora tudo o que ele fez por nós? Comprando uma casinha que para ele é uma mísera cabana, que não lhe serve de nada, apenas para nos ajudar?

— Isso não é ajuda! Isso é um negócio sujo e abominável!

— O caso é que tive de vender a casa e trazê-los para morar comigo aqui na *House*
PERIGOSAS ACHERON

Flowers. Pretendia contar a todos neste final de semana. Esta será a nova casa de todos nós, mas você pode viver naquela mansão lá fora, nos jardins. O senhor Boorman quer casar-se novamente, e se não for com você... será com sua irmã — acrescentou com um suspiro, os olhos desviaram-se de mim.

— O quê? Com Audrey? Audrey é uma criança! Que ideia monstruosa é essa?

— Audrey fará quinze anos em breve, não é uma criança, mas o senhor Boorman concordou em esperar até que ela complete dezesseis.

— Isso não pode ser real, não pode estar acontecendo — derrubei finas lágrimas e fechei meus olhos, suspirando.

— Lolla, eu não sou um monstro que quer acabar com sua felicidade. Queria que fosse diferente, mas a vida nos apontou outro caminho. E

esse caminho não precisa ser um calvário, como você pensa que será. O senhor Boorman pode não ser atraente a seus olhos, mas também não é tão imperfeito quanto pensa.

— O senhor não o conhece! A única lembrança que tem dele é de quando eram jovens e ele, em um ato de pura irresponsabilidade, tentou culpar você e seu pai por algo do qual não tiveram culpa. Desde que aqui cheguei, eu o vi tratar mal pelo menos dois de seus criados, além de ter sido grosseiro comigo ontem no jantar. O senhor Boorman passa o dia bebendo e é um homem de muitos desvios de caráter. Acaso só eu vi tudo isso ou você e mamãe apenas não desejam ver?

— Infelizmente, não posso discordar de você em tudo, minha filha. Ainda assim, ele salvará sua família da miséria. Seus irmãos terão muitas oportunidades, Audrey terá um dote que me foi

prometido pelo senhor Boorman, um dote tão alto que fará com que ela se case com um barão, se desejar. E seu irmão poderá estudar e fazer o que quiser no futuro. Então, ou você se casa com o senhor Boorman, ou... terei de dar a mão de Audrey a ele — disse novamente, desviando o olhar.

— Por favor, não quero que o senhor sequer repita isso em voz alta, meu pai! Não diga isso por nada neste mundo! — pedi com os lábios trêmulos, somente em imaginar tal hipótese.

— Então aceitará se casar com o senhor Boorman? Poderá fazer isso por todos nós? Porque sua mãe está certa, não posso permitir que tenhamos uma vida de miséria quando está em nossas mãos uma mudança tão significativa para todos.

— Desde que Audrey nem sequer imagine

PERIGOSAS NACIONAIS

que seu nome foi citado nessa proposta que arruinará minha vida. Não posso deixar que tal desgraça recaia sobre ela e prefiro matar meus sonhos do que os de minha irmã.

Oh, como meu coração sangrou... Como doeu ter de tomar essa decisão. Entregar-me ao futuro mais infeliz de todos. Mas como poderia permitir que fosse Audrey a ter tal destino? Nunca poderia.

— É uma sábia decisão, mostra que sabe cuidar de quem ama, que é justa e altruísta. Mas não volte a dizer que tal casamento arruinará sua vida. Repito, o senhor Boorman não é tão horrível quanto pensa.

— Ele é muito pior do que isso! Por isso eu jamais permitiria que ele sequer tocasse seus dedos de matusalém em um fio de cabelo de minha irmã!
— bradei com raiva e com toda a aversão que tenho

PERIGOSAS ACHERON

por aquele homem.

— Não o chame assim, ele será seu noivo — disse-me papai, fazendo com que meu estômago fosse atingido por uma forte dor, o que me proporcionou uma súbita náusea.

— Ele é um ancião que odeio mais do que tudo. Um velho asqueroso, bruto e ignorante — falei trêmula, com os dentes trincados.

— Oh, Lolla... — Papai arqueou os ombros e colocou as mãos sobre o cabelo. — Não me faça sofrer tanto assim...

— Sofrer? Então o senhor pensa que sofre? Estará o bastante perto para ver o que é sofrer. Isso vai me matar, papai, pois, mesmo que eu continue viva, estarei morta por dentro. O senhor vai ver sua filha definhar de tristeza e dor e morrer dia após dia naquela casa grande e bonita na qual pensa que eu deveria me sentir feliz e agradecida por morar. Mas

não, ali estará minha ruína, os restos de quem um dia sonhei ser e do futuro que desejei para mim, mas que foram todos arremessados na lama do desgosto e da mágoa.

Eu queria correr novamente para fora daquela propriedade, mas em vão seria lutar naquele momento. Se eu o fizesse, estaria colocando Audrey para sofrer em meu lugar. Então me dirigi ao aposento onde eu havia passado a noite e onde estavam todos os meus pertences. Peguei tudo que ali estava e voltei para o jardim.

Richard, ao me ver, correu em minha direção e me abraçou. Audrey veio logo atrás e se juntou ao abraço.

— Sinto tanto, Lolla. — Ela fungou, estava chorando por mim. — Papai tem de desistir disso. Mamãe, faça papai desistir — pediu, olhando para nossa mãe, que desviou de nós e foi falar com meu

pai. Mas, ao contrário do que Audrey imaginava, ela não iria interceder por mim.

— Tentarei encontrar um jeito para isso, não se preocupe — falei, repousando um beijo em sua bochecha e tentando não preocupá-la. — Richard, por favor, não posso dormir naquele aposento, mas não sei o que fazer. Estou desesperada...

— Por ora, teremos calma, Lolla. Vou tentar convencer papai a nos deixar voltar para casa e...

— Não temos mais casa, Richard — revelei.

Meu irmão me olhou muito confuso, e da mesma forma ficou Audrey, encarando-me com seus grandes olhos castanhos. Então pedi que ambos fossem falar com nosso pai, mas Richard pediu para ir sozinho e me deixou com Audrey no jardim. Sentei-me no gramado com minha irmã,

deitada em seu colo, recebendo afagos em minha cabeça.

— Papai e mamãe só podem ter perdido o juízo — dizia ela. — Ele é muito velho para você, não é, Lolla?

— É, sim... — Suspirei.

— E então vai negar casar-se com ele, não vai?

— Eu já neguei, mas não está adiantando muito. Mas garanto, Audrey, que me casar com o senhor Boorman é a última coisa que desejo na vida.

“E, se eu não puder evitar que aconteça, será a última”, pensei.

CAPÍTULO 7

7

*“É muito melhor viver sem felicidade do que
sem amor.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 13 de junho de 1805.

O que será da minha vida? Para mim, antes, ela era toda doce, mas hoje contém um amargor que não consigo esconder de mais ninguém. Todos notam como mudei e já não procuro mais disfarçar, pois é em vão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe ora comigo e me dá sermões sobre resiliência, me diz para ter fé e tentar amar meu futuro. Como ela pode me aconselhar isso? Como pode pensar que há algo em meu futuro que eu possa amar, se sabe que me sinto destruída e que o único remédio para isso não está em minhas mãos?

Fiquei alguns dias sem escrever no meu diário, pois nunca achava as palavras que fossem boas o suficiente para descrever como estou triste e decepcionada com meus pais, desesperada com o que há de vir e com saudades de tudo que nunca viverei. Será possível sentir saudades do que nunca se teve? Penso que sim, pois meu peito se comprime com a dor de saber que nunca amará, que jamais deitará nos braços da felicidade conjugal, que jamais terá um lampejo de bater pela alegria de conseguir ver nos olhos de alguém o

PERIGOSAS ACHERON

quanto se é amada.

Posso empenhar-me em me enganar e fingir que sou capaz de lidar com a repulsa que sinto pelo senhor Boorman, ou engolir o choro e, vez ou outra, tentar sorrir quando estou ao lado dos meus irmãos para que não sofram como eu. Mas, não importa o que disser, sempre estarei mentindo.

No mesmo dia em que meus pais anunciaram a mim que eu teria de me casar com o senhor Boorman, tive o desprazer de ter de ir à sua presença enquanto meu pai confirmava nosso noivado. Senti uma tontura tão grande e um peso tão forte sobre meu peito que quase desmaiei. Meu pai me amparou em seus braços e me colocou sentada na poltrona da sala da mansão *House Flowers*. O mal-estar cessou rapidamente e, sem demora, uma criada me trouxe chá.

O senhor Boorman manteve-se inalterável à

PERIGOSAS NACIONAIS

minha frente, olhando-me com seus olhos esquálidos, e exibiu um sorriso amarelo que fez franzir suas bochechas. Sua aparência não é muito agradável, mas é seu caráter que me perturba mais. Meu noivo — oh, Senhor, como me dói referir-me a ele dessa maneira — é um homem nada prazenteiro, seu coração não possui nem um pouco de afetuosidade para com os criados, eu o vi várias vezes tratando-os muito mal. Seu coração parece ser uma rocha incapaz de um gesto de generosidade e a cada dia tenho mais provas do seu temperamento rude e de seus vícios excessivos.

Ele bebe e se alimenta exageradamente, e de sua mesa, apesar de estar sempre farta, não pode sair sequer uma migalha para algum necessitado. Digo isso porque o vi despedir uma das cozinheiras quando descobriu que ela levava restos de alimentos para sua família desprovida. A senhora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de meia-idade trabalhava na casa há mais de dez anos e havia levado sobras de uma torta e um pedaço de pão amanhecido para seus filhos e netos.

Isso foi uma das coisas mais mesquinhas que já vi um homem fazer e deixou-me muito triste por todos estes dias que se seguiram. Oh, nada mesmo me deixa feliz, a não ser a presença dos meus irmãos, ou quando durmo e por algumas horas me esqueço de tudo.

Certa manhã, consegui sair com Richard e cavalgamos até a casa de Helen, onde passamos algum tempo espiando para ter certeza de que o senhor Thompson ainda não havia retornado. E então, quando estávamos certos de que ela estava sozinha, a chamamos de longe. Helen nos viu e abriu um sorriso enorme. Desceu o terreno onde fica sua casa quase correndo e, devido ao campo íngreme, logo tomou uma velocidade tão grande

PERIGOSAS ACHERON

que não pôde parar quando chegou até nós. Richard percebeu que o sorriso de Helen havia desaparecido e que ela não conseguia frear, então a segurou para que não caísse, mas foi impossível, pois Helen caiu sobre Richard e arrancou de mim uma gargalhada.

— Oh, meu Deus, Richard! Desculpe-me — pediu ela, muito constrangida.

— Não há nada para desculpar — falou ele, corando também e a ajudando a se erguer.

— Esta foi a última vez que descii este morro correndo assim! Que vergonha! Que imprudente! — Ela sacudiu o vestido, batendo nele para retirar a grama seca que se prendera ao tecido.

— A última? — Richard perguntou, fazendo uma careta engraçada. — Mas eu não me incomodei em segurá-la. A senhorita... digo, a senhora, é muito...

— Ah, pare, Richard! Diga apenas *você*, por

PERIGOSAS ACHERON

favor.

— Está bem. Você, Helen, é leve como uma pluma. Não me causou estrago algum.

— Está me chamando de magricela, senhor Richard? — Ela cruzou os braços e fez-se de brava.

— Nada disso! — defendeu-se. — Você é...você está... muito bem com o corpo que tem, com o peso que tem... — atrapalhou-se.

Por alguns instantes, meu coração se aqueceu ao ver o embaraço de Richard e Helen, a forma como se olhavam e sorriam um para o outro, como brincavam de se provocar e como estavam sempre preocupados em causar boa impressão e saber a opinião do outro em todos os assuntos que conversávamos. Mas então logo me entristeci por lembrar que viviam um amor impossível e senti ainda mais pena deles do que de mim, pois eu nunca experimentei a sensação de meu coração

pulsar forte por alguém e não terei de viver uma vida onde serei casada com um homem que desprezo, amando outro.

Helen ama Richard e isso está cada vez mais claro, assim como é nítido o que meu irmão sente por minha amiga... Então me pergunto: para onde vai tanto amor desperdiçado? Que triste. Mas pensando bem... o que pode ser pior? Um amor impossível, ou viver sem nunca ter amado?

Helen chorou comigo quando lhe contei tudo que estava acontecendo, e só para ela revelei que, se não fosse eu a me casar com o senhor Boorman, seria minha irmã Audrey. Richard não sabe de nada e, por isso, estranhou muito quando aceitei o noivado. Ele me disse que eu precisava lutar mais e não me deixar vencer assim. Ele tem razão, mas, mesmo que pareça que estou vencida, ainda tenho esperanças... Será que devo mantê-las,

ou isso será ainda pior e me machucará de forma mais profunda?

Hoje, depois de dias tendo de almoçar e jantar ao lado do senhor Boorman, tive enfim uma notícia que de nada me agradou, mas deixou-me menos aflita do que permanecer onde estou. O senhor Boorman disse a meu pai que gostaria que eu passasse a temporada de Londres em sua casa na Bloomsbury²³, em um bairro nobre londrino. A conversa entre os dois foi na saleta ao lado da sala principal, de onde eu estava pude ouvir ao menos um pouco do que disseram:

— Assim a menina terá tempo suficiente para ver como será sua vida depois de casada. Penso que ainda não teve a compreensão do quanto sou rico e de como todos de sua família melhorarão de vida. Ela não será mais assim tão teimosa e apática quando conhecer Londres e as casas nas

quais terá oportunidade de pernoitar no caminho e ver que a vida que leva aqui no interior é uma vida decadente de miséria, sem perspectivas.

— Então o senhor está mesmo convidando Lolla para viajar agora? Perdoe-me, mas seria mais adequado que ela viajasse para sua casa e ficasse a sós com o senhor somente depois de casada...

— Não irei agora. Preciso resolver problemas aqui antes de partir. Ela deverá ir sem mim, e em no máximo duas semanas eu também partirei para encontrá-la lá. E ela não precisa ir sozinha, sua outra filha pode acompanhá-la.

— Se for assim, preferia que Richard acompanhasse Lolla. Audrey é muito nova para a temporada de Londres. Richard é rapaz e mais velho, pode cuidar melhor da irmã.

— Pois bem! Então seu filho pode ir. Penso que isso será o melhor remédio, o senhor verá

PERIGOSAS NACIONAIS

como sua filha voltará mudada. Escreverei para os criados e...

Não ouvi mais nada, pois o senhor Boorman levantou e fechou a porta quando observou que ela estava entreaberta e que eu estava na sala. Eu quis gritar que riqueza alguma faria com que eu me conformasse e que ele estava muito enganado por pensar que eu mudaria minha opinião após conhecer suas propriedades e passar uma temporada onde a alta sociedade inglesa ostenta seu dinheiro e frivolidades.

“Não importa o que faça ou o que tenha, nada me fará odiá-lo menos, senhor Boorman.”, pensei.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

8

*“Ninguém é perfeito até que você se
apaixone por essa pessoa.”*

Shakespeare.

Londres, 17 de junho de 1805.

Nossa viagem para Londres durou dois dias. Despedir-me de meus pais foi a parte mais difícil até então, pois ocorreu de uma forma muito dolorosa para mim, já que não consegui ser amável com eles da forma que sempre fui. Naquele

instante, parados em frente à carruagem nos jardins da *House Flowers*, senti meu coração bater apertado e foi impossível não sentir grande mágoa e dor ao ver como tanto mamãe quanto papai conseguiam exibir um sorriso feliz em seus lábios por me verem noiva do senhor Boorman, entrando naquela luxuosa carruagem, de partida para Londres, o lugar que minha mãe sempre sonhou conhecer. Ela olhava para mim como se eu fosse a pessoa de mais sorte que ela já conhecera em toda sua vida.

Audrey abraçou a mim e Richard e nos desejou boa viagem, lamentando apenas não ter idade suficiente para ir conosco, mas dizendo que iria em breve, pois o senhor Boorman havia prometido que ela participaria de um grande baile de debutantes em Londres no ano seguinte. Ela estava radiante com isso, tanto que parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

esquecer que tal felicidade se concretizaria à custa da minha penitência. Mas eu não ousaria ficar aborrecida com ela, pois era mesmo pela sua felicidade que eu renunciava à minha.

A primeira parada que fizemos foi em Chilcomb²⁴, onde o senhor Boorman tem uma propriedade. A casa e os jardins são maravilhosos, mas minha antipatia por tudo que pertence a meu noivo me fez apenas criticar o lugar e não querer conhecer mais nada a não ser o cômodo onde eu passaria a noite.

Viajamos por horas até chegar à vila, parando apenas uma vez para alimentar os cavalos, dar-lhes água e para que nós mesmos pudéssemos esticar as pernas e comer algo. Nunca imaginei que viagens longas fossem tão cansativas e que mesmo uma carruagem tão luxuosa fosse se mostrar tão desconfortável.

PERIGOSAS ACHERON

Nas primeiras horas de viagem, fiquei tão quieta que sinto ter deixado Richard nervoso por não ter com quem falar. Às vezes, sinto como se eu estivesse vivendo um sonho ruim e logo fosse despertar, mas imediatamente percebo que é a realidade e me perco em muitos pensamentos ao tentar descobrir uma forma de escapar disso tudo. Então fico com os olhos perdidos na paisagem sem me dar conta do tempo que se passou.

— Ao menos não estamos mais na *House Flowers* — Richard tentava me animar. — Ao menos não terá de olhar para o senhor Boorman...

— Por alguns dias — completei. — E então, depois, terei de olhá-lo até o fim dos meus dias, ou dos dele.

— Não entendo, Lolla. Se está tão infeliz como vejo que está, por que desistiu de lutar por você mesma? Está definhando de tristeza em minha

PERIGOSAS NACIONAIS

frente e eu nada posso fazer se não me ajudar. Disse-me que lutaria, que enfrentaria todos, mas não se casaria com o senhor Boorman...

— Oh, Richard, não me faça sofrer ainda mais tentando explicar... por favor.

— Farei tudo que me pedir. Só não deixe de contar comigo.

— Então agora estou pedindo que não me pergunte mais sobre isso. Só me deixe saber que está comigo, isso será o bastante para me confortar.

— Sempre estarei com você, Lolla — disse-me.

Oh, como tenho sorte por ter Richard comigo... Ele consegue suavizar meu coração e com seu jeito alegre é capaz até mesmo de me fazer sorrir e por vezes esquecer o que virá...

Depois de pernoitarmos em Chilcomb,

PERIGOSAS ACHERON

partimos novamente em viagem para Londres e após quase cinco horas chegamos a Berkshire²⁵. O senhor Julius fez questão de passar próximo ao Castelo de Windsor²⁶ para que eu e Richard vissemos a imponência do “castelo mais incrível de toda a Europa”.

— Nunca vi nada parecido! — exclamou Richard com os olhos fixos no castelo. — Isso é incrível, não é, Lolla?

— É o castelo mais lindo que já vi — concordei.

— O senhor já entrou em um lugar assim, senhor Julius? — perguntou meu irmão, gritando na direção do cocheiro.

— Nem entrei, nem jamais entrarei! — ele gritou de volta e riu. — Há muitos anos, mais de cinquenta na verdade, ricos visitantes que podiam

pagar ao guardador do castelo podiam entrar, ver curiosidades como o chifre de narval²⁷, mas hoje a entrada ficou muito mais limitada — contou-nos com um sorriso no rosto e então pôs-se a falar dos tempos de seu pai e de seu avô.

A viagem prosseguiu calma, apesar dos sacolejos da carruagem e do esgotamento dos cavalos, que precisavam de descanso, assim como nós. De Windsor até Londres, percorremos cinquenta e sete milhas.

Não posso deixar de descrever que Londres é realmente muito diferente de tudo que já vi em minha vida e, mesmo que eu não quisesse parecer surpresa ou encantada, foi como fiquei quando vi todas aquelas ruas e vielas, além de tantos tipos de carruagem como jamais imaginei que existissem.

São tantas ruas tortuosas e tantas casas e igrejas que não sei como as pessoas não se perdem

ao andar de um lado a outro. Vi também os edifícios mais altos que meus olhos já contemplaram e, por quase toda hora que o senhor Julius percorreu aquelas ruas, eu e Richard ficamos boquiabertos, olhando pela janela sem conseguir pronunciar qualquer palavra. Não faço ideia de quantos milhares de pessoas residem nesta cidade, mas com certeza são muitos. Contudo, todo o encanto deve ter seu preço, pois tantas pessoas juntas e tantos animais andando pelas ruas causam um mau odor muito forte.

“Nada se compara ao delicioso frescor da vida no campo”, pensei.

— O que há de melhor em Londres para se fazer, senhor Julius? — perguntou Richard.

— Não há nada que se queira fazer que não exista em Londres, senhor.

— Isso não é uma resposta — retrucou meu

irmão. — Não me faça parecer um bobo. Vamos, diga logo. — Richard riu.

— As pessoas vão às praças, aos clubes, teatros, cafés. Pela manhã, podem dar um passeio ou uma cavalgada no *Hyde Park*²⁸, os homens geralmente se encontram em um dos vários clubes de cavalheiros, as mulheres fazem visitas aos amigos, depois vão às compras...

— Oh, parece maravilhoso! — exclamei, revirando os olhos para meu irmão.

— Não posso culpá-la por não conseguir se sentir animada, mas, sim, parece muito divertido — respondeu Richard.

— Richard, posso lhe perguntar algo? — falei, diminuindo o espaço entre nós. — É que ainda não tive oportunidade de conversar com você sobre algo... — falei em tom de confiança.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E o que é?

— Um dia antes de partirmos da *House Flowers*, você saiu montado e demorou muito para retornar. Eu estava na janela do aposento de hóspedes, que, como você sabe, tem uma vista muito boa da estrada, e o vi cavalgar na direção da casa de Helen... — falei, lançando sobre ele um olhar inquisitivo.

— Há muitas outras coisas naquela direção...

— O que, por exemplo?

— Ora, você sabe, campinas para cavalgar... belas paisagens para se contemplar...o *Corfe Castle*... — falou em um rompante. — E... está bem, a casa de Helen — confessou após meu fixo olhar de suspeitas.

— Então foi mesmo lá? E sem me chamar?

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, não, Lolla, não fique decepcionada comigo. Você estava arrumando suas coisas para a viagem e estava tão desanimada que quase não saiu daquele aposento o dia todo. Eu não pretendia ver Helen, fui apenas para... eu só... eu queria... despedir-me, só se por acaso a visse.

— Não pretendia vê-la, mas viu?

— Vi, sim. Na verdade, fiz algo muito arriscado...

— O que fez, Richard? — alarmei-me.

— Fiquei quase duas horas olhando para aquela casa e nada de Helen — falou em tom indignado. — Quando ela finalmente apareceu, pôs-se a andar pelo jardim e estava de costas para mim, então eu não pude acenar. Também não queria gritar, pois você me disse que ela tem uma governanta muito rígida, então atirei uma pedra.

— Atirou uma pedra! — Olhei-o, aturdida.

— Então foi até lá para “só se por acaso a visse”?

— Ah, tudo bem, eu queria vê-la. Mas o pior foi que acertei Helen sem querer.

— Oh! Meu Deus, Richard! Você a feriu?

— Não, não era uma pedra tão grande assim. A intenção era jogá-la nos arbustos perto de Helen, mas ela se moveu na direção errada e então não pude evitar. No entanto, por sorte, a pedra a acertou sem força e ela não se feriu.

— Mas creio que tenha a assustado.

— Penso que sim, um pouco... Mas ao menos assim ela me viu, e dessa vez não veio correndo, então não caiu sobre mim, apenas andou em minha direção sorrindo — disse ele, sorrindo também, certamente ao se recordar do encontro.

— Helen é muito bonita sorrindo, não é?

— Apenas sorrindo? Helen é linda de

qualquer forma! Contudo, concordo que quando sorri há uma luz que se acende em seus olhos castanhos e... — ele hesitou.

— E...

— Melhor que eu não diga mais nada.

— Richard, se está apaixonado por Helen, pode me dizer.

— Lolla, veja se está febril, pois penso que enlouqueceu. Estamos falando de Helen, que sempre foi minha amiga. E, só para que conste, não se esqueça do detalhe de que ela é casada.

— Mas isso não o impediu de se apaixonar, não é? Confesse! Ou, talvez, você sempre tenha sido apaixonado por Helen, eu que nunca reparei.

— Nem mesmo eu reparei — retrucou, bufando. — Deixe disso, porque não há nada para ser reparado, Lolla.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem, se você diz, fingirei que acredito. Mas me conte como foi o encontro, digo, a conversa de vocês...

— Apenas conversamos sobre o tempo em que éramos mais jovens... Falamos de nosso vilarejo, das brincadeiras com as crianças vizinhas, as cantorias até tarde ao redor da lareira, nossas leituras teatrais...

— Ah, que saudades...

— Sim, falávamos disso mesmo, de saudades. E, Lolla, eu vi nos olhos de Helen que ela não está feliz. Isso, de verdade, cortou meu coração. Pois sou amigo dela — acrescentou rapidamente. — E amigos se preocupam... Você, sendo a melhor amiga dela, deve imaginar o que senti. Mas deve saber o que está acontecendo, não sabe?

— Você também sabe, Richard.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei? Não, eu não sei.

— Você apenas pensa que não sabe, ou quer tentar fugir de pensar nisso, mas sempre foi o melhor em fazer perguntas que...

— Que já sei a resposta.

— Isso! É muito nítido que Helen não está feliz, mas reparou que quando você está por perto consegue fazê-la voltar a ser a Helen de sempre?

— Eu consigo isso?

— Você sabe que sim. Agora basta descobrir por que só você tem esse poder.

Após minha insinuação, Richard não quis mais conversar comigo sobre Helen e começou a se aborrecer verdadeiramente. Não há como culpá-lo, o que mais ele pode fazer a não ser fingir que é indiferente e dizer que sua preocupação é apenas por amizade? Para isso não há remédio, ele precisa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo esquecê-la, então jurei a mim mesma evitar falar de minha amiga, a menos que Richard toque no assunto.

Aproveitando o silêncio que se fez entre nós, peguei meu diário a fim de registrar nossa viagem, vendo o olhar incrédulo de Richard ao me ver escrever mesmo com os sacolejos da carruagem.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

9

“O que há, pois, em um nome? O que se chama rosa, com outro nome teria o mesmo perfume.”

Shakespeare.

Londres, 17 de junho de 1805.

Depois de chegarmos a Londres, percorremos um curto trajeto até a casa do senhor Boorman, na Bloomsbury, mas demoramos em

nossa rota por causa do alto fluxo de caleças e outras carruagens nas ruas.

— Que odor é esse, senhor Julius? — gritou Richard, colocando parte da cabeça para fora da janela.

— É Londres, senhor. Logo vai se acostumar.

— Por Deus! Não quero me acostumar! — reclamou Richard ao fazer uma careta.

É incrível a quantidade de excremento de animais pelas ruas, mas que logo são recolhidos por homens que cumprem essa função de limpar as vias principais. Um trabalho cansativo, imagino eu, pois logo em seguida as ruas voltam a ficar sujas da mesma forma.

Mas a verdadeira surpresa da viagem foi a chegada, pois esperávamos ser recebidos na mansão apenas pelos criados, mas não foi bem PERIGOSAS ACHERON

assim que aconteceu.

— Não esperava encontrá-lo aqui, senhor James... — disse o senhor Julius ao descer da caleça e cumprimentar alguém que eu ainda não podia ver.

— Senhor Julius, eu moro aqui... — Foi a resposta, dada em um tom amistoso.

— Eu sei, senhor, mas seu pai disse que...

— Tenho certeza de que qualquer coisa que ele disse não valerá para mim — ressoou calmamente a voz que parecia se aproximar ainda mais da caleça.

Eu e Richard nos entreolhamos, confusos. O senhor Boorman tem um filho! Nem sequer sabíamos disso! Então eu e Richard também descemos e surgimos diante do tal senhor James. Ele nos olhou primeiro com curiosidade, depois com estranheza e, por último, ao colocar os olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre mim, pareceu ter visto um fantasma, tão pálido ficou.

— Senhor James, estes são o senhor Richard Gibbons e sua irmã, a senhorita Dolores Gibbons — apresentou-nos o senhor Julius.

Saudei o senhor James com um leve abaixar de cabeça e em seguida lancei sobre ele um olhar altivo, pois não apreciei a forma como ele me encarou. Além disso, não desejava que a primeira impressão dele sobre mim fosse a de uma menina mísera e fraca com a qual pudesse tripudiar. Sendo assim, decidi mostrar a ele que seria melhor se distanciar de mim, pois eu não me deixaria ser humilhada.

— Perdoe-me, mas estou confuso — disse ele após cumprimentar meu irmão. — Há mais alguém a caminho? — perguntou com o semblante crispado, dirigindo-se ao senhor Julius.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, senhor, vieram apenas o senhor Richard e a senhorita Dolores.

— E meu pai, por que não veio? Imaginei que ele viria junto com sua...*noiva* — disse James, fazendo uma expressão confusa. — Então eles virão quando?

— Eles quem, senhor James?

— Ora, meu pai e a tal noiva.

— Senhor James, a senhorita Gibbons é a noiva do seu pai — revelou Julius, voltando-se para onde eu estava com meu irmão, causando em mim grande desconforto. — O senhor não recebeu a carta de seu pai?

— Sim... Julius — respondeu James, a voz quase morrendo e os olhos surpresos estagnados em mim. — Recebi uma carta na qual meu pai me dava ordens *expressas* para que eu fosse para Dorsetshire imediatamente. Disse-me que precisaria de mim na PERIGOSAS ACHERON

House Flowers e contou que viria para Londres com sua noiva e o irmão dela. Falou que gostaria de deixá-los *mais à vontade*. Então até certo ponto posso dizer que estou bem informado... — E, olhando novamente para mim, acrescentou: — Ou nem tanto.

— Seu pai necessitou ficar em Woolgarston por mais uma semana. Depois ele também virá. Amanhã mesmo devo voltar para buscá-lo.

— Imagino que ele já soubesse que não viria agora antes mesmo de me escrever... — disse o senhor James para si mesmo. — Bem, foi uma viagem cansativa para o senhor e para os animais. Não pode partir amanhã. Deve repousar por alguns dias e deixar os cavalos descansarem antes de enfrentar o caminho de volta.

— Perdoe-me, senhor, mas não posso, são ordens de seu pai que eu regresse imediatamente,

então devo apenas passar uma noite aqui.

— Não importa, Julius, não vou deixar que parta sem que faça antes um bom repouso. Não é por você, é pelos cavalos — disse sério, mas, quando eu já estava pronta para arregalar meus olhos de incredulidade diante daquelas palavras, o senhor James deu uma risada e abraçou o cocheiro.

Ele o abraçou! Meus olhos se expandiram da mesma forma, pois jamais vi um patrão tratar tão intimamente um criado.

— Senhor James, o que seus hóspedes vão pensar? — disse o senhor Julius com um sorriso fraco e tímido.

— Pode agora, por favor, parar de me chamar de senhor James? — Foi a resposta.

— Percebo que o *senhor*— frisou bem a palavra— continua o mesmo teimoso de sempre. Por que decidiu permanecer, se recebeu

PERIGOSAS ACHERON

recomendações do seu pai para partir? — O senhor Julius o avaliou com crítica.

— Penso que adoro contrariá-lo. É um divertimento e tanto — respondeu o senhor James, devolvendo-lhe um sorriso, e se voltou para mim e meu irmão, tão calados como se não tivéssemos língua. — Bem, sejam muito bem-vindos. Que a estada em Londres seja agradável para todos. E peço desculpas por me encontrarem nesta casa quando meu pai determinou que eu partisse, mas não pude deixar de discordar sobre os senhores só se sentirem à vontade sem mim aqui, ao contrário, sinto-me no dever de acolhê-los como puder até que meu pai chegue e garantir que aproveitem Londres como se deve.

— Obrigada, senhor — respondi. — A casa é sua e não deveria mesmo ter de partir para que fôssemos recebidos. Mesmo porque, pelo que noto,

parece haver espaço para todos.

— Bem observado — falou o senhor James com um tom que eu não soube identificar se era sarcasmo ou simpatia.

Enquanto o acompanhávamos, eu, desinteressadamente, pus-me a olhá-lo de soslaio, buscando nele algum traço do seu pai. Não encontrei nada que fosse semelhante entre eles e então julguei que o senhor James tinha a fisionomia da mãe. Seus olhos são verdes e os cabelos, castanhos. Ele é um homem alto de pele clara e com feições harmoniosas, um belo nariz e lábios, mas que eu não posso detalhar com mais perfeição, pois ele se virou para mim no instante em que eu o inspecionava, fazendo com que meu rosto se aquecesse de constrangimento.

— Vou pedir à senhora Holly que acompanhe a senhorita ao pavimento superior, onde

ficam os aposentos. A senhorita pode ocupar qualquer um que desejar, mas devo dizer que talvez prefira o último à esquerda, que tem a melhor vista. — E, virando-se para meu irmão, acrescentou: — O senhor também, esteja à vontade.

A governanta, uma senhora baixinha de cabelos loiros com fios grisalhos e de nome Holly, conduziu-me ao pavimento superior enquanto Richard saía com o senhor Julius para buscar nossos pertences na carruagem.

Meus olhos percorreram os móveis e objetos de decoração que encontraram pelo caminho. Poltronas luxuosas revestidas de veludo, esculturas e vasos belíssimos, lustres de cristais e quadros que ocupam uma parede inteira são alguns dos objetos que adornam o local, bem como detalhes decorativos nas paredes e teto, que parecem serem feitos de ouro.

O corredor do segundo pavimento é extenso e contém vários quadros com pinturas de anjos, paisagens e também um retrato de uma linda mulher jovem de cabelos castanhos e olhos verdes. A pintura é tão real que parece estar viva; mas os olhos daquela jovem, embora lindos, transmitem uma melancolia silenciosa.

— Essa é Emily, a antiga senhora desta casa — informou-me a senhora Holly após perceber minha curiosidade diante da imagem.

— Ela era muito bela... — disse-lhe, admirada.

— E muito bondosa e gentil — acrescentou.

— A senhora a conheceu? — perguntei, interessada.

— Sim, muito. Trabalho nesta casa antes mesmo do senhor James nascer. Fui dama de companhia de Emily e nos tornamos amigas, pois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tínhamos a mesma idade. Quando ela se casou com o senhor Boorman, me pediu para que viesse com ela morar aqui.

— Posso perguntar como ela morreu?

— Já está perguntando — disse a senhora Holly, elevando uma sobrancelha, mas me olhou com ternura e não com repreensão. — Emily morreu após o parto, quando deu à luz seu primeiro filho, James, há vinte e três anos.

— Oh, sinto muito — falei, surpresa. Aquela era uma informação da qual eu não tinha conhecimento até então.

— Não sinta, pois Emily partiu feliz por ter o filho nos braços, acariciando James e cantando para ele. James é igualzinho à mãe... — disse a senhora Holly com um suspiro, falando do jovem patrão com mais carinho do que até então havia demonstrado.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, eles são muito parecidos —
concordei imediatamente.

— Não estou me referindo à beleza,
senhorita...

— Oh, não, nem eu... — Embaracei-me. —
Bem, referia-me à semelhança física, mas não...

— E eu, à beleza que vem de dentro —
completou a senhora Holly com um sorriso.

Bem, dizer que o senhor James é muito parecido com a mãe é certamente lhe oferecer um elogio, pois a senhora Emily era linda e posso dizer que seus traços eram de pura perfeição. Entretanto, devo ter corado violentamente ao elogiar a graça de Emily e imaginar que a senhora Holly pudesse pensar que eu insinuava que James era muito bonito também. Não, essa não foi minha intenção! Além do mais, de que serve a beleza e quais são suas garantias? A senhora Holly elogiava a beleza

interior de James, mas apenas considereei isso como um enaltecimento natural que os empregados vivem a prestar aos patrões. O senhor James não pode ser tão diferente do pai!

Andamos até a última porta do corredor, e a governanta a abriu para que eu visse o aposento. Foi o primeiro cômodo que ela me mostrou e cheguei a prender a respiração. Acredito que daria para uma família inteira viver naquele lugar com muito conforto. Além de ser enorme, possui várias janelas, uma sala de banho e uma biblioteca. A decoração é um pouco soturna demais, o que me causou uma sensação desagradável apesar da suntuosidade.

— Este é um dos melhores aposentos desta casa, senhorita Gibbons — disse-me a governanta.
— Senão o melhor.

— Tenho certeza de que sim — falei,

sorrindo para a gentil senhora, mas então me virei e congelei meus pés no chão ao ver o que havia sobre a lareira. — Há um retrato do senhor Boorman... — falei, sentindo arrepios de horror.

— O senhor Boorman tem preferência por ficar neste aposento quando vem a Londres.

— Então por que está oferecendo este para mim? — expandi meus olhos, ressabiada.

— Bem, o senhor James pediu que eu mostrasse todos, inclusive este, para a senhorita.

— Pois eu nunca escolheria este. Desculpe-me, mas não precisava nem mesmo tê-lo mostrado a mim... — Suspirei fundo e saí imediatamente daquele aposento carregado e voltei para o corredor, onde a senhora Holly me acompanhou e começou a me mostrar todos os outros aposentos que havia na casa. — Senhora Holly, qualquer aposento deve servir. Peço que indique qualquer

PERIGOSAS ACHERON

um deles, não há necessidade de me mostrar os demais.

— Falta só um, senhorita — disse ela, e abriu a porta do último aposento do corredor, do lado apostado ao que ficava o do senhor Boorman.

— Este parece ótimo. Na verdade, é ótimo — falei, entrando no quarto pequeno e claro.

Nele, há apenas uma cama, uma escrivaninha e um roupeiro. As cores agradáveis da parede e da tapeçaria dão um toque simples e sereno ao lugar.

— Tem certeza? Os outros aposentos para hóspedes são muito melhores do que este.

— O que há de errado com este? — inquiri.

— Não há nada de errado, senhorita...

— Ele foi ocupado recentemente? — questionei, olhando para a lareira e vendo cinzas de

lenha recém-queimada.

Então olhei mais atentamente e notei que havia dois livros sobre a escrivaninha, um deles era “Hamlet”, de Shakespeare, e o outro tinha apenas uma capa de couro azul e desgastada, mas nada gravado na frente. Aproximei-me do livro de Shakespeare e, em pensamento, li a página aberta, marcada por uma pena branca:

“Duvida da luz dos astros, de que o sol tenha calor, duvida até da verdade, mas confia em meu amor.”

— Este é o aposento do senhor James... — revelou a senhora Holly.

— Do senhor James? Senhora Holly, por que está me mostrando aposentos que eu não posso escolher? Por que não me mostra apenas os disponíveis? — falei, sentindo meu corpo se aquecer pela indignação que me acometeu.

— Senhorita, este está disponível caso o queira — falou ela, calmamente. — O senhor James disse-me que a senhorita poderia escolher qualquer um, então lhe perguntei sobre este e sobre o do senhor Boorman... “Todos. Deve mostrar todos e deixar que a senhorita Gibbons escolha o seu preferido”, disse ele.

— Pois bem! Então ele deverá se mudar, pois este é o meu preferido — sentenciei ainda um pouco afetada.

Caminhei até a janela daquele aposento e vi o senhor James ajudando meu irmão e o senhor Julius a retirar nossos pertences da carruagem. O senhor James olhou para cima, e eu me escondi no mesmo instante, voltando o corpo rapidamente para fora da sua visão. Com isso, algo muito atrevido e inoportuno aconteceu, foi um estranho palpitar em meu peito... Mas não, não se deveu ao fato de tê-lo

visto, mas, sim, de ele ter me surpreendido olhando-o da janela.

E eu fiquei durante algum tempo maldizendo a coincidência que foi ele ter voltado o rosto para cima exatamente no minuto em que me pus naquele local.



— Não acredito que tenha feito isso. — Richard riu ao meu lado quando fomos caminhar pelo jardim. — Foi escolher logo o aposento do senhor James!

— Assim ele aprenderá a pensar mais antes de falar. Disponibilizou qualquer um dos aposentos para que eu escolhesse, e assim eu o fiz. Por que ele fez isso? Se não quisesse ceder o dele, não deveria tê-lo deixado à disposição. Além do mais, é o aposento menos suntuoso daquele corredor,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

combinou perfeitamente com meu gosto, além de ser o mais distante do aposento do senhor Boorman.

— Mesmo assim, foi muito audacioso da sua parte tê-lo aceitado.

— Isso foi uma provocação, Richard, não vê?

— O que foi uma provocação?

— Isso tudo, de me deixar escolher entre todos os aposentos. Ele estava me avaliando!

— É justo dizer isso? Não seria apenas uma cortesia?

— Ah, Richard! Que inocente! Uma cortesia tal qual o senhor Boorman nos oferecia? Não espere cordialidade de pessoas assim, não uma que seja sincera, sem propósitos. Além disso, o senhor James não nos conhece, mas viu a forma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como ele me olhou? Certamente deve pensar que sou uma moça atrás de vantagens e já estava pronto para me ver dando ordens aos empregados, escolhendo quartos e determinando regalias.

— Você não é assim!

— Não sou, mas ele não sabe.

— Não, Lolla, você não é assim como está sendo agora. Nunca foi de julgar alguém dessa forma. Sei que está sendo difícil para você, mas espere um pouco para avaliar tão mal o senhor James.

— Ah. — Suspirei profundamente. — Está certo, Richard, mas como posso pensar bem dele, se ele é filho do senhor Boorman?

— O que tem isso? Só porque é filho, precisa ser igual ao pai?

— Ah, não duvido que seja... Mas, quanto

PERIGOSAS ACHERON

ao aposento, acredita que ele se importará? — perguntei, avaliando se não havia passado dos limites.

— Com certeza não vai, ou, como você mesma disse, não teria oferecido. Ademais, o senhor James não parece ser o tipo de homem que se zangue com qualquer coisa. Você não reparou mesmo no jeito dele?

— O que há para ser reparado? Penso que não observei nada de especial... — Fiz-me indiferente.

— Nossa, Lolla, você já foi muito mais esperta! O senhor James é uma boa pessoa. Não posso crer que não tenha notado como foi gentil com o senhor Julius, preocupado com seu descanso... Ele mesmo veio nos ajudar a retirar nossos pertences da carruagem e, além disso, você viu o abraço que ele deu no senhor Julius? O

homem chegou a ruborizar.

— Isso eu vi, sim. Mas ele ainda é o filho do odioso senhor Boorman — falei novamente —, e, além disso, eles têm o mesmo nome.

— Lolla! Então vai mesmo julgá-lo apenas por ser filho de quem é, e até mesmo pelo nome que tem? Já disse, isso não combina nada com você. E se bem me recordo, as palavras do senhor James foram bem claras: “Tenho certeza de que qualquer coisa que ele disse não valerá para mim” e “Adoro contrariá-lo. É um divertimento e tanto”.

— Que memória louvável!

— Lolla, isso aconteceu há menos de duas horas, me espanta que você não se recorde.

— Não devo ter colocado muita atenção no que ele dizia...

Enquanto eu e Richard conversávamos,

PERIGOSAS NACIONAIS

fomos surpreendidos pelo senhor James em pessoa, que foi ao jardim para falar conosco. Por pouco não me sobressaltei ao ouvir sua voz atrás de mim e de meu irmão, pois falávamos dele segundos antes de nos chamar.

— Aí estão — disse ele ao se aproximar. — Agora que estão bem acomodados, precisam me acompanhar em um jantar especial que a senhora Holly mandou preparar. Devem estar famintos, com certeza.

— Sim. Foi uma viagem longa — falou Richard, simpático.

— Mas paramos diversas vezes para nos alimentar, Richard... — afirmei, séria.

— Graças a Deus! — Richard riu.

— Do jeito como disse, parece que ficamos a viagem inteira sem comer... — acrescentei, e olhei de soslaio para o senhor James.

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor Julius não permitiria isso — argumentou o senhor James com um meio sorriso.

— Oh, sim! Ele foi muito atencioso conosco — respondi, constrangida, temendo que ele pensasse o contrário.

— Aposto que ele lhes mostrou o Castelo de Windsor e discorreu sobre o famoso chifre de narval... E como tudo era na época do seu avô e do seu pai. Quando eu era criança e viajava sozinho com o senhor Julius, ele me contava histórias que me deixavam de olhos arregalados a viagem inteira, desde contos da realeza até histórias de castelos mal-assombrados que encontrávamos pelo caminho... — falou, saudoso, como se tivesse voltado no tempo para anos atrás.

— Então o senhor o conhece desde criança? — perguntei, surpresa.

— Sim, desde quando ainda nem falava.

Tanto o senhor Julius quanto a senhora Holly. — E, então, ele tirou o sorriso fácil do rosto e ficou sério. — Pois bem! Fico feliz em saber que o senhor Julius foi uma agradável companhia e que puderam descansar e, assim, tornar a viagem menos fatigante.

— Sim... — concordei, prestes a dar a ele um primeiro sorriso.

— Nada menos do que a noiva de meu pai merece — ele acrescentou, fazendo morrer o sorriso em meus lábios, que esmaeceram como uma pétala murcha, me deixando com uma sensação de vazio muito grande.

O jantar foi servido logo que voltamos do jardim. Na mesa, havia apenas o necessário, sem exageros ou pratos requintados demais: uma boa variedade de pães e frutas, servidos com carne, vinho e queijos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão esperando alguma coisa para se sentarem conosco? — perguntou o senhor James ao senhor Julius e à senhora Holly, de pé, próximos ao umbral da porta da sala de jantar.

— Senhor James, não sei se devemos... — A senhora Holly olhou para o senhor James com censura.

— Devem, sim.

— Seu pai não aprovará — disse ela.

— Meu pai? Onde está ele que não o vejo em parte alguma? — James virou o rosto em várias direções e depois firmou o olhar nos criados.

— Ele chegará em pouco mais de uma semana e certamente mudará algumas coisas por aqui — disse a senhora Holly sobriamente. — Então já devemos nos habituar ao nosso lugar desde agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhorita se opõe? — perguntou o senhor James, virando-se de repente para mim. Se eu já estivesse com a boca cheia, teria me engasgado.

— Eu? Opor-me à senhora Holly e ao senhor Julius juntarem-se a nós? Não, ao contrário!

— Folgo em saber, pois logo será a senhora desta casa... Espero que a senhora Holly possa ao menos contar com seu anteparo — disse ele, avaliando-me. Tal comentário quase me fez perder o ar.

— Senhor James! — a senhora Holly interveio, repreendendo-o.

Confesso que senti grande incômodo ao pensar nisso: eu, senhora daquela casa e casada com...argh! Pensar nisso me dá arrepios. Mas, ao ver a forma como o senhor James falou do pai, percebi que não sou a única a me sentir assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Senhor James, qualquer pessoa poderá contar com minha defesa sempre que necessário — respondi, enérgica.

— Então em breve precisará usar desse recurso frequentemente — replicou ele friamente.

Pensei que eu e o senhor James entraríamos em um embate sobre um assunto que ambos concordávamos, afinal eu nunca me oporia à senhora Holly e ao senhor Julius se juntarem a nós na mesa de jantar e fiquei aborrecida por ele pensar o contrário. Percebi que o senhor James nutre grande afeição por essa senhora e que ao falar de injustiças estava se referindo às atitudes do senhor Boorman.

Ele acredita que eu possa ser igual ao seu pai! Essa foi minha conclusão, e eu não gostei nem um pouco disso. O senhor James parece estar preocupado com o tipo de patroa que serei e como

tratarei os criados, especialmente a senhora Holly. Sua ponderação inicial é compreensível, ele não me conhece, mas julgar-me baseando-se no pai é intolerável! Mas, em contrapartida, não é isso que estou fazendo desde cedo, assim que o vi, imaginando que ele seria igual ao senhor Boorman?

Por fim, para amenizar o clima que se instaurou, o senhor Julius e a senhora Holly sentaram-se conosco e todos jantamos em silêncio. Depois do jantar, eu e Richard nos retiramos para descansar. Despedi-me dele na porta do aposento que ele ocuparia, antes de dirigir-me ao *meu*.

— Você ficou irritada. — Richard riu. — Qualquer um mais atento viu como seu rosto tomou um tom vermelho de indignação.

— O senhor James tomou uma resolução sobre mim que considereei um engano.

— Claro que sim, mas ele não a conhece,

PERIGOSAS ACHERON

Lolla. O senhor James é um bom homem. Uma hora ao lado dele basta para perceber...

— Boa noite, Richard — falei após um sopro forte de ar que eu estava contendo em meus pulmões sem perceber.

— Boa noite, Lolla — Richard respondeu com um sorriso e fechou a porta.

Dei alguns passos, avançando pelo corredor; foi quando ouvi o senhor James falar do interior do aposento em frente ao que eu estava prestes a entrar:

— A senhorita fez uma ótima escolha. Sei que eu havia dito que o outro aposento é o melhor da casa e até a aconselhei a escolhê-lo... Mas a verdade é que sempre preferi esse.

— Não por acaso o escolheu para o senhor. Se desejar, posso devolvê-lo e trocar o aposento por qualquer outro. Eu não me importo.

— Não, senhorita Gibbons, ele será seu pelo tempo que desejar. Gostaria apenas de saber por que o escolheu quando tinha tantos outros melhores à sua disposição.

— Melhores sob a perspectiva de quem?

— De todas as pessoas.

— Até mesmo do senhor? Acaso não o ouvi dizer agora mesmo que sempre o preferiu aos outros? Então, senhor James, assim como o senhor, não sou *todas as pessoas*.

— Tem razão — falou, olhando-me como se estivesse surpreso com minha resposta. — Bem, apenas necessito pegar alguns pertences que deixei sobre a escrivaninha.

— Claro, perdoe-me pelo incômodo — disse, abrindo espaço para que ele passasse.

O senhor James caminhou até a

escrivaninha e pegou os dois livros deixados sobre o móvel.

— Pronto, apenas necessitava destes dois livros bobos que me ajudam a dormir.

— Chama a literatura de Shakespeare de boba? — perguntei, desafiadora, e ele me olhou com curiosidade.

— O que a senhorita pensa dele?

— Penso que é o melhor de todos os tempos! — exprimi-me, na defensiva.

— Eu também — respondeu sem alterar suas feições.

— Não está falando sério — retruquei.

— Estou falando muito sério. Tenha uma boa noite, senhorita Gibbons — disse, oferecendo-me um cordial cumprimento e voltando para o aposento em que estava.

E eu fiquei alguns segundos hipnotizada, em pé no umbral da porta, até me recobrar e finalmente entrar no aposento cedido a mim, correndo para meu diário...

CAPÍTULO 10

10

*“O amor é a única loucura de um sábio e a
única sabedoria de um tolo.”*

Shakespeare.

Londres, 18 de junho de 1805.

Ainda não me sinto nem um pouco confortável nesta casa, por mais que a senhora Holly seja atenciosa comigo e que o senhor James não seja tão desagradável quanto supus que pudesse ser. O que me incomoda é a certeza de que dentro

PERIGOSAS NACIONAIS

de pouco tempo o senhor Boorman estará aqui e de que ficarei cada vez mais perto do dia em que morrerei para a felicidade.

Quando acordei pela manhã, era tão cedo que o sol ainda estava baixo, começando a nascer tímido no horizonte. Imaginei que todos estivessem dormindo e então desci para a sala principal e fui até a janela, olhando para o jardim ainda escuro. Havia apenas uma tênue claridade alaranjada deitada sobre o gramado e um cantar de pássaros sobre as árvores.

Em Bincombe, eu costumava acordar com o canto de pássaros, mas também de galinhas, gritos de feirantes, vizinhos passando próximos à minha janela e o som de trotar de cavalos logo cedo. Cheguei a sentir os olhos úmidos ao lembrar que não tínhamos mais nossa casa e que talvez não apreciasse mais a sensação de acordar e dormir em

PERIGOSAS ACHERON

paz.

Um barulho então me chamou atenção e me fez ficar em alerta. Olhei para todos os lados e não vi ninguém, mas escutei mais uma vez o barulho e o segui; vinha de uma espaçosa sala ao lado da sala principal. Eu estava sem um castiçal em mãos, porque apesar de escuro era possível se mover sem a ajuda de uma vela, mas, quando cheguei ao lugar de onde vinha o som, percebi que o local estava iluminado por várias velas espalhadas pelo chão e sobre os móveis. Havia muitas velas acesas em mais de dez castiçais. Ali, vi James trabalhando em uma tela, rodeado de tintas, pincéis e outros materiais de pintura. Fiquei alguns segundos o observando, mas achei melhor sair dali antes de ser vista.

— O que espera da vida, senhorita Gibbons? — Meu coração deu um solavanco no

peito quando ele falou, ainda de costas, e virou-se lentamente, desviando o olhar da tela para mim.

— Não... espero muito, senhor James — falei em baixo tom, o ar sumindo dos meus pulmões, afetada pelo susto de ele ter me visto ali e falado comigo.

— Por que não? Perdoe-me por perguntar, mas não pude deixar de observar que é muito jovem. Quantos anos a senhorita tem? — inquiriu, largando o pincel sobre uma pequena mesa suja de tinta.

— Tenho dezenove.

— E com dezenove anos me diz que não espera nada da vida? Isso é porque já conquistou tudo que desejava?

— É uma pergunta difícil. Não acredito que exista um só homem neste mundo que já tenha conquistado tudo o que deseja. Mas não, apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não espero nada da vida, pois esperar cansa, senhor James. Se a vida me der algo de bom, que seja de surpresa, e então serei muito grata.

— E a vida tem lhe ofertado boas surpresas, senhorita Gibbons?

— Não tão boas quanto desejei... — confessei, olhando para o chão.

— Mas, ainda assim, algumas tão boas a ponto de lhe trazer alguma felicidade?

— Na verdade, nenhuma tão boa a ponto de me trazer qualquer alívio. Felicidade... a vida já me deu tantas amostras dela, tantos momentos maravilhosos que penso que nada mais pode se igualar ao que já senti.

— Então já viveu toda a felicidade que tinha para viver?

— Por que estamos falando sobre isso? O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor me desculpe vir até aqui, eu apenas acordei cedo e fiquei sem saber o que fazer. Ouvi um barulho e... Bem, desculpe-me.

— Não precisa se desculpar. Acordo muito cedo para pintar, e a vi se aproximar.

— Viu como? O senhor estava de costas...

— Vi seu reflexo na janela — disse, mostrando minha imagem refletida na enorme janela atrás da tela.

— Oh! — Elevei as sobrancelhas e dei um fraco sorriso.

Estava prestes a deixá-lo quando ele me chamou novamente:

— Por que não me dá uma opinião sobre a pintura?

— Não sei se minha opinião lhe serviria de alguma coisa. Não sei nada sobre arte.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas sabe quando algo é belo e quando não é. Só olhando uma paisagem, deve saber quando ela lhe arranca suspiros ou lhe causa melancolia. Tudo provoca algum sentimento. Basta que a senhorita me diga o sentimento que minha pintura lhe transmite.

E então, como magia, as luzes do sol atingiram o jardim em frente à sala de enormes janelas envidraçadas e seus raios escaparam por entre a folhagem, lançando uma luminescência dourada no ar.

— Era esta luz que eu estava esperando — disse James, voltando-se para a tela e pegando o pincel novamente. — Por favor, senhorita Gibbons, diga-me se está ao menos aceitável.

Adentrei a sala e me aproximei de James, olhando para a tela que ele pintava. Foi impossível que eu não arregalasse meus olhos ao ver a imagem

de uma linda jovem de cabelos longos e loiros, usando apenas um vestido branco de dormir, de pé diante de uma sacada florida, recebendo um beijo nos lábios de um jovem rapaz sentado sobre a mureta da sacada. As mãos da moça estavam em volta dos ombros do jovem, e as dele tocavam a base da cintura dela. No horizonte, o sol nascia e lançava sobre o casal apaixonado nuances da luz do amanhecer.

— A... luz... está... perfeita, senhor James — balbuciei, gaguejante, com os olhos rijos.

— E a tela no geral? O que achou?

— É bonita — falei, engolindo em seco. — Mas um pouco ousada.

— Então está como desejei que estivesse — disse ele, olhando-me com seus expressivos olhos verdes. — Precisa ser ousado, pois era assim o amor de Romeu e Julieta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh! Romeu e Julieta? — surpreendi-me ao ouvir aquilo.

— Sim.

— Então é verdade, o senhor é mesmo um grande apreciador de Shakespeare! Pensei que estivesse falando sério ontem, sobre os livros...

— Sobre serem bobos? E são mesmo. São bobos do jeito que devem ser e são perfeitos por isso.

— Sim, pois eu não diria que a luta de Romeu para ficar com Julieta possa ser chamado de algo bobo — argumentei.

— Nem eu. O amor não é bobo, senhorita Gibbons, ele é a coisa mais importante pela qual lutar na vida. Bobo é como ficam os apaixonados, que nem conseguem pensar direito. Se não fosse assim, Romeu e Julieta teriam ficado juntos.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas eles morreram juntos! Isso mostra que por amor se faz tudo e que mesmo a morte é melhor que ficar sem o ser amado — falei impensadamente, envolvida na crítica que fazia da obra do senhor James e de um dos meus livros favoritos.

Ao terminar de falar, notei que estava com o corpo trêmulo.

— Então a senhorita é uma romântica? — Ele me avaliou, estreitando os olhos.

— Dizem que todas as mocinhas são. — Soltei devagar o ar em meus pulmões. — Bem, seu quadro está muito belo, aceite meus parabéns. — E virei-me para a porta, movendo meus pés rapidamente para fora da sala, me dirigindo ao jardim.

Para minha sorte e alívio, o senhor James não me seguiu e Richard logo apareceu e se juntou

PERIGOSAS ACHERON

a mim, ofertando-me seu sorriso aberto e seus abraços acalentadores.

— Se você não estivesse aqui, Richard, nem sei o que eu faria.

— Você se vira muito bem com ou sem mim.

— Não, não mesmo.

— Como foi sua primeira noite em Londres? Dormiu bem, mesmo com a consciência pesada por ter roubado o aposento do senhor James? — ele inquiriu com um ar zombeteiro.

— Sabe que não fiz isso! Mas a noite foi tranquila...

“A manhã nem tanto”, pensei, olhando para o jardim, que apesar de pequeno é muito bem cuidado e com diversas flores da estação.



No meio da manhã, o senhor Julius estava aprontando a carruagem para partir enquanto o outro cocheiro alimentava os cavalos. Eu e Richard estávamos prontos para nos despedirmos dele quando a senhora Holly apareceu e disse-lhe que esperasse o *menino James*, que não partisse sem antes falar com ele.

— Senhora Holly, não vê que estou fugindo de James? Se ele vir que estou partindo agora, tentará me reter aqui sabe-se lá até quando. E eu preciso ir... — ele falava quase murmurando.

— O que um homem precisa fazer para que seu pedido seja acatado? — falou o senhor James, descendo as escadarias da entrada da mansão e se dirigindo com pressa ao senhor Julius.

— James, vai me arranjar problemas... — argumentou o senhor Julius.

— Problema algum! Fique até amanhã ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos. Depois diga a meu pai que eu o segurei aqui e que não permiti que partisse.

— Sabe que isso não fará com que ele aceite minhas desculpas. Uma ordem do senhor Boorman nunca deve ser desacatada. O único que faz isso é você, James.

— Mas eu preciso mesmo do senhor aqui. Hoje eu e os hóspedes do meu pai passearemos pela cidade. Precisamos do senhor.

“Ah, passearemos?”, pensei, surpresa.

— Ora, James, o outro cocheiro pode levá-los.

— Não, não pode. Não diga mais nada... — James decretou com um olhar sério, porém tranquilo.

— E aonde iremos, senhor James? — perguntou meu irmão com curiosidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero levá-los ao meu local preferido em Londres.

O senhor Julius não teve alternativa a não ser concordar, e em menos de trinta minutos já estávamos todos na carruagem, nas ruas de Londres. No caminho, reparei em como as mulheres andavam bem-vestidas, com roupas tão elegantes que nem mesmo o meu melhor vestido chegaria aos pés de tanto requinte. A moda são os vestidos justos, fichus²⁹, cabelos não empoados, chapéu de palha, vestidos sem estampa ou estampados leves em algodão. E eu trouxe apenas os meus simples vestidos de campo, que não são tão bonitos, mas muito confortáveis.

Paramos então em um grande parque arborizado, onde várias caleças desfilavam com seus belíssimos cavalos.

— E aqui estamos, no *Hyde Park*, o melhor

parque do centro de Londres! — exclamou o senhor James, animado, assim que entramos. A carruagem parou e ele desceu, contornando-a para me ajudar a fazer o mesmo.

— É enorme... — falei ao aceitar a mão estendida que me oferecia o senhor James e colocar os pés para fora da carruagem. — Seu lugar favorito em Londres se parece muito com o interior, mas de uma forma bastante reduzida. Imaginei que seu lugar favorito seria algum teatro, uma movimentada avenida cheia de lojas e cafés, ou até mesmo um salão de jogos.

Será que fui rude ao dizer tal coisa? Estaria prejudgando o senhor James? Condenei-me no mesmo instante.

— Eu não a levaria a um lugar assim. Digamos então que este seja meu segundo lugar favorito, pois ao primeiro eu jamais poderia levar

uma dama — disse ele, sério. Eu devo ter corado violentamente. — Estou brincando, senhorita Gibbons. — Ele apressou-se em dizer e sorriu torto, abafando uma risada. — Não, eu não gosto de jogos e meu lugar favorito se parece, sim, com o campo — complementou.

— Então prefere o campo? — perguntei com a face ainda quente.

— Bem, quando estou lá, sinto falta daqui, e quando estou aqui, sinto saudades de lá. Isso faz sentido?

— Pode fazer, se eu me esforçar para entender que o senhor é volúvel em suas preferências...

— Ou que não considere que deva escolher apenas um lugar no mundo para gostar. Aprecio as praias do litoral de Dorsetshire, as campinas e ruínas nos arredores da *House Flowers*; mas

também gosto do movimento de Londres, os teatros e principalmente as padarias daqui. — Sorriu.

Limitei-me a ficar calada e, assim que todos desceram da carruagem, fomos caminhar pelo *Hyde Park*.

— Um lago! — exclamou Richard ao ver logo adiante um belo lago sinuoso.

— É o *Serpentine* — explicou-nos o senhor Julius, que nos acompanhava no passeio. — Carolina de Ansbach³⁰, esposa do rei Jorge II, realizou várias mudanças no parque durante o reinado do marido, incluindo a criação do lago.

— Ele é um excelente guia de viagem — observou o senhor James, sorrindo. — É possível dar um passeio pela lagoa, se desejarem.

— Penso que será divertido — animou-se Richard, aproximando-se do local onde ficavam os

barquinhos a serem alugados e escolhendo um. — Mas não sei usar os remos.

— O senhor Julius sabe, ele pode guiá-lo — disse o senhor James, também caminhando para a borda do lago.

— Não sei se quero ir... — hesitei.

Não desejava chateá-los, mas ficar a sós com o senhor James em um passeio pelo lago me parecia um pouco constrangedor.

— Se não for, a senhorita se sentirá arrependida assim que formos embora. Acompanhe-me e verá como valerá a pena — disse o senhor James, resolutivo.

E ele estava certo, o passeio pelo lago me proporcionou uma deslumbrante visão do local e deixou-me encantada. Deslizamos pelas águas plácidas do lago *Serpentine*, ambos em silêncio, com o senhor James conduzindo a pequena PERIGOSAS ACHERON

embarcação enquanto eu contemplava as belezas incontestáveis do parque, que já exercia extremo fascínio sobre mim. As árvores eram um espetáculo à parte e junto com as flores ofereciam uma beleza harmônica e bucólica ao lugar. Sem me dar conta, eu estava sorrindo e suspirando ao ver tamanha graça.

— Não desejo me vangloriar, mas falei que a senhorita apreciaria o passeio — disse o senhor James, arrancando-me do meu estado de distração.

Ele segurava os remos e olhava para mim. Há quanto tempo estaria me observando?

— Oh, claro. Impossível não apreciar uma vista assim... — Sorri.

— Senhorita Gibbons... A senhorita é uma incógnita para mim — falou o senhor James de repente, deixando-me completamente embaraçada.

— Por que diz isso? — perguntei, voltando

PERIGOSAS ACHERON

meus olhos surpresos para ele e desviando em seguida para o lago.

— Porque não consigo desvendar o enigma que a senhorita é.

— E por que gostaria de fazer isso? Penso que estamos muito bem como estamos, e desculpe-me, senhor James, mas não sou uma charada ou um jogo de quebra-cabeças — falei de forma mais rígida.

— Sei que nos conhecemos ontem, mas nunca é cedo para tentar decifrar alguém. Especialmente se esse alguém se casará com seu pai. É normal que eu esteja curioso.

— Cuidado para que sua curiosidade não vire uma indiscrição.

— Por que diz isso?

— Porque percebo que deseja me fazer

perguntas as quais eu não gostaria de responder.

— Perguntas muito simples, nenhuma delas lhe ofenderia, garanto. Primeiro — disse, soltando os remos dentro da pequena embarcação e deixando-nos no meio do lago —, eu gostaria, aliás, *preciso* saber como conheceu meu pai e o quanto bem o conhece.

— Meu pai o conhece desde que eram jovens, pois trabalhava para seu avô na *House Flowers*.

— Então eles são amigos?

— Não — falei, franzindo o cenho. — Meu pai não o via há muitos anos. Senhor James, se quer saber quem é minha família e está curioso por não lembrar-se de nenhum senhor Gibbons entre os amigos do seu pai, devo dizer que não somos ricos e que nossas famílias nunca conviveram nas mesmas rodas sociais. Meu pai é um criado do seu

pai, ele é jardineiro.

— Pensa que estou perguntando isso para checar a nobreza da sua família? Tenho quase certeza de que está pensando que a considero ambiciosa e que se casará em busca de vantagens — disse ele com os olhos estreitos em minha direção.

— É exatamente o que penso! Por que mais estaria perguntando algo assim?

— Responda meu segundo questionamento e ficará claro qual minha verdadeira intenção em lhe perguntar.

— O quanto bem conheço seu pai?

— Sim.

— O suficiente para... — E as palavras morreram em meus lábios.

Eu queria dizer que o conhecia bem o

suficiente para já odiá-lo e que repudiava aquela ideia de casamento... Dizer que seu pai era um homem odioso e sem caráter. Mas me calei. Como dizer isso ao filho do senhor Boorman? O que isso acarretaria se nada havia para evitar o casamento?

— Para...? — James instigou-me a falar.

— Para ter aceitado ser sua noiva. Não o conheço muito, é bem verdade, mas...

— Mas...? A senhorita não parece contar com muitos motivos para se casar... — interrompeu-me, e fixou seu olhar em mim.

— Quer me dissuadir da ideia de me casar com seu pai, senhor James? Por quê?

— Não me entenda mal, somente digo isso porque a senhorita é jovem e tem muita vida pela frente, mas parece estar tão aflita ou iludida por algo, alguma coisa... — O senhor James embarçou-se muito ao concluir seu raciocínio e

PERIGOSAS ACHERON

me deu margem para que eu o entendesse como quisesse.

— Senhor James, apenas pare de tentar dizer que me casarei com seu pai por ele ser rico! — gritei e fiquei de pé na canoa com muita energia, fazendo com que ela balançasse na água, causando meu desequilíbrio e uma quase queda, que foi evitada pelas ágeis mãos do senhor James, que me segurou pela cintura.

— Não estou dizendo isso... — falou com a voz branda, tentando me acalmar. Sentei-me com sua ajuda e pus-me a tentar respirar com mais controle, mas a verdade é que estava muito complicado. — Por favor, senhorita Gibbons, me desculpe...

— Tudo bem, eu que devo me desculpar por ter gritado com o senhor. Fiquei fora de mim... perdi o controle — falei, muito envergonhada,

baixando os olhos para meus pés.

— É compreensível. Bem, ainda assim vou lhe dizer algo, mas a senhorita somente aproveitará minhas palavras se elas lhe forem úteis, por isso já peço desculpas se elas lhe causarem algum mal, pois não terá sido minha intenção. Ouça, senhorita Gibbons, não há motivo para qualquer aflição se não condenar sua liberdade por aquilo que não acredita. Não há nada mais importante que saber guiar suas escolhas. Só a senhorita pode saber o que lhe dará a felicidade, mas deve perseguir isso, não desistir por nada. Isso é mais importante que tudo.

Como retirar do meu coração aquelas palavras tão cheias de verdade, ditas pelo senhor James? Não sei como pude continuar respirando, piscar e ainda tentar dar-lhe alguma resposta. Ele estava tão certo e o que dizia era tão puro e real que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não consegui discordar. Fiquei em silêncio, atordoada como se uma onda da praia tivesse me acertado em cheio, entorpecendo meus sentidos e me trazendo alguma dificuldade para raciocinar.

Mas também não consigo deixar de pensar sobre o porquê de ele se importar em me dar qualquer conselho, e se estou com uma aparência tão desesperada para ser motivo de pena. Oh, não desejo despertar a compaixão de ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

11

*“Não posso escolher como me sinto, mas
posso escolher o que fazer a respeito.”*

Shakespeare.

Londres, 21 de junho de 1805.

Hoje é sexta-feira. Estamos há quatro dias em Londres. Depois do dia em que fomos ao *Hyde Park*, procurei evitar ficar a sós com o senhor James, mas foi impossível, já que ele realmente se

esforça para ser um bom anfitrião. Levou-me para conhecer um café, “o melhor lugar para provar doces”, como ele mesmo disse, e levou a mim e Richard para andar a cavalo.

A senhora Holly também faz tudo que está ao seu alcance para nos agradar. Ao saber que eu gostava muito de literatura, mostrou-me a biblioteca da mansão, um espaço muito bem equipado com altas estantes de madeira escura esculpidas de forma primorosa. É certamente um lugar incrível, conta com diversas cadeiras e poltronas confortáveis e algumas mesas de estudo.

Acima de uma das mesas, há uma imponente escultura de cavalo de madeira maciça com as patas dianteiras erguidas. A senhora Holly me disse que o senhor James havia mandado fazer em homenagem a seu grande *amigo*, um cavalo puro-sangue. O animal de pelos castanhos é seu

companheiro de todos os dias, e, mesmo quando ele não o monta, não é raro vê-lo ir à cocheira apenas para alisar o pescoço do animal.

No início das manhãs, tenho permanecido no aposento cedido a mim, lendo alguns poemas que me inspiram e me distraem de tudo o mais. Deixei a obra “Os Cavaleiros da Távola Redonda” na *House Flowers* para Audrey terminar de ler, pois havíamos iniciado a leitura ainda em Bincombe e não pudemos concluí-la.

Ah, quantas saudades sinto de minha irmã...

O senhor Julius partiu no terceiro dia depois de nossa chegada, mas o tempo que permaneceu em Londres foi suficiente para que eu pudesse perceber o quanto ele é próximo do senhor James. A relação entre eles não é nada formal, ao contrário, é calorosa e admirável de se contemplar, parecem pai

PERIGOSAS NACIONAIS

e filho, tratando-se com respeito mútuo e atenção. O senhor James não conseguiu convencê-lo a permanecer mais tempo conosco e, pelo que percebi, sua vontade era que o senhor Julius trabalhasse em Londres e não voltasse para Dorsetshire.

Pego-me muitas vezes fazendo cálculos mentalmente para presumir o dia em que o senhor Boorman chegará. O senhor Julius nos informou que ele ficaria apenas uma semana na *House Flowers* antes de viajar, sendo assim, conto com poucos dias sem sua incomodativa presença.

Ontem meu irmão saiu com o senhor James, foram a um clube para cavalheiros e regressaram muito tarde. Ouvi o trotar de cavalos quando retornaram e os espiei pela janela. Riam alto e pareciam se divertir juntos como se fossem amigos há muitos anos. Esperei ouvir os passos pelo

PERIGOSAS ACHERON

corredor e depois o barulho das portas se fechando, depois me dirigi ao aposento em que meu irmão estava e bati fraco na madeira, sem fazer muito alarde. Richard abriu sem demora, ainda com um sorriso no rosto, e franziu o cenho depois de me ver.

— Lolla, ainda acordada?

— Certos cavalheiros chegaram fazendo muito barulho e me despertaram — acusei, segurando o castiçal em mãos e estreitando os olhos para ele.

— Ah, certos cavalheiros não imaginavam estar tão alegres a ponto de acordá-la. Por isso, pedimos nossas mais sinceras desculpas — falou meu irmão em tom de gracejo. — E estava dormindo vestida com a roupa que passou o dia? Acaso não trouxe trajes de dormir?

Richard me pegou em minha mentira, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não desisti:

— O caso é que fiquei lendo até tarde e adormeci vestida. Acabo de despertar ouvindo os senhores fazendo toda essa algazarra. Acaso, senhor Richard, está bêbado?

— Eu, bêbado? — Richard gargalhou, e eu fiz sinal para que falasse baixo. — Oh, Lolla, não me conhece? Acaso fico bêbado?

— Todos os homens ficam bêbados, se beberem. Sei que você não bebe, mas quem sabe quando está em outras companhias... — Lancei sobre ele um olhar sugestivo.

— Minha companhia bebe tão pouco quanto eu — argumentou.

— Bem, será que posso entrar no seu aposento até terminarmos esta conversa, para assim sairmos do corredor?

PERIGOSAS ACHERON

— E já não terminamos esta conversa? —
inquiriu ainda risonho, mas minha expressão
carrancuda o fez abrir mais a porta e permitir minha
passagem.

— E aonde foram? — perguntei, decidida.

— Você sabe, ao clube de cavalheiros.

— E como é lá?

— Você é minha mãe ou meu pai, Lolla? —
Ele franziu o cenho. — Pois saiba que sou eu que
estou aqui para cuidar de você e não o contrário. E,
para que não se esqueça, sou mais velho que você.

— Ah! Então não me contará como se
comportam os homens desta cidade? Se o lugar era
cheio de vícios, bebidas e mulheres...

— *Mulheres!* — Richard riu alto mais uma
vez, deixando-me irritada de verdade. Com certeza,
assumi um tom rosado em minha pele. Estreitei os

olhos em sua direção e mostrei a ele que não estava gostando daquilo. — Oh, Lolla, não ouviu quando eu disse “clube de *cavalheiros*”? Frequentado por cavalheiros...

— E apreciou a companhia do senhor James? — Tentei disfarçar meu embaraço e mudei o rumo da conversa, mas a verdade é que minha pergunta nos levaria justamente ao assunto que eu gostaria de entrar.

— O senhor James é muito agradável, impossível não apreciar sua companhia.

— É mesmo? Que tipo de homem ele é? — Elevei uma sobrancelha.

— Gentil com todos, generoso e de grande caráter.

— Percebeu tudo isso em uma noite?

— Não, percebi desde que aqui cheguei.

Você também percebeu. Não sei por que está sendo tão dura com ele. Pare de julgá-lo.

Richard elevou as sobrancelhas para mim e quase me fez confessar em voz alta o quanto eu estava errada em relação ao senhor James, dizendo que, se ele fosse ao menos um pouco parecido com o pai, já teria demonstrado isso em suas atitudes. A muito contragosto, tive de admitir que talvez minhas opiniões estivessem equivocadas.

— Que desagradável você! — Alarguei meus olhos para ele, mas não contive abafar uma risada.

— Boa noite, Lolla. — Richard também riu.

— Boa noite, Richard.

— Talvez se interesse em saber que semana que vem haverá um baile em uma propriedade de um amigo de James... E ele nos convidou para acompanhá-lo — disse Richard quando eu já saía

PERIGOSAS ACHERON

do aposento.

— Não está muito íntimo do *senhor* James? Você o trata como um amigo de longa data.

— Ele me deu liberdade para isso. É tão fácil afeiçoar-se a ele que já sinto mesmo como se fôssemos grandes amigos. James não me julga por eu ser pobre, simples, um homem interiorano. Ele olha para alguém e o julga por seu caráter e suas atitudes.

— Fico feliz em ouvir isso, de verdade. Quanto ao baile, não os acompanharei, não tenho ânimo para isso nem roupas adequadas e muito menos o desejo de sair e estar com pessoas que não conheço. Além disso, logo o senhor Boorman estará aqui — falei com uma forte dor no coração. Sentia que ele estava sendo esmagado a cada minuto.

— Mas, se ele ainda não estiver, o baile

PERIGOSAS NACIONAIS

pode lhe fazer bem. Pense nisso. Quanto ao vestido, sei que se irritará com o que vou dizer, mas o senhor Boorman me deu antes de partirmos uma quantia para você gastar com seu uso pessoal.

— Nem ouse me oferecer ou pensar que eu aceitaria.

— Sei que nunca aceitaria, mas precisava falar mesmo assim. A quantia será devolvida ao senhor Boorman assim que ele chegar.

— Sim, com certeza. Não quero nada daquele senhor. Será assim até quando eu puder — acrescentei.

Richard estava prestes a me dizer algo, mas eu o interrompi repousando um beijo em sua bochecha e desejando-lhe novamente uma boa noite antes de partir para meu aposento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

12

“O amor, como cego que é, impede aos amantes ver as divertidas tolices que cometem.”

Shakespeare.

Londres, 22 de junho de 1805.

Tive uma péssima noite insone. Por mais que meus olhos estivessem pesando, não conseguia mantê-los fechados. Deitada de barriga para cima, sentia como se um peso muito grande estivesse sobre meu peito, causando-me falta de ar. Sentei-

PERIGOSAS NACIONAIS

me na cama, recostei-me nos travesseiros e abri as cortinas para ver a luz da lua. Então, abraçada às minhas pernas, chorei... Chorei porque estava sozinha e com uma grande inquietude quanto ao futuro. Sempre pensei que a vida fosse a mais bela caixa de oportunidades e belas perspectivas, mas descobri que ela também pode ser uma armadilha ardilosa, rija e cruel. E chorei porque, ainda assim, só me restava ser forte.

Ao amanhecer, quando o sol já clareava um pouco o dia, ouvi o ranger de uma porta se abrindo e passos pelo corredor. Eu não precisava ver para saber que se tratava do senhor James e pude imaginar aonde ele estava indo. Ele possui uma rotina muito organizada e é fácil saber onde encontrá-lo durante o dia. Naquele instante, com certeza iria para o ateliê de pintura. Esperei alguns minutos para descer também e, guiada por uma

PERIGOSAS ACHERON

curiosidade que me deixava estremecida, logo estava o espiando trabalhar.

O senhor James parecia estar trabalhando em uma nova tela. Permiti-me continuar alguns instantes escondida, recostada ao umbral da porta, mas logo achei melhor não surpreendê-lo, pois temi que minha presença pudesse atrapalhá-lo. Indecisa entre anunciar minha presença e ir embora, acabei sendo mais uma vez surpreendida por sua voz:

— Este ateliê de pintura pertencia à minha mãe. Ela gostava muito de arte. Muitos quadros neste local foram pintados por ela. A maioria... — falou, virando um pouco o rosto para me olhar.

— São tão lindos e vivos... — elogiei, dando alguns passos dentro do ateliê para apreciar as obras nas paredes.

— A senhora Holly me disse que ela era uma moça muito sensível e gostava especialmente

de pintar paisagens e flores, mas seu maior desejo era conseguir pintar algum retrato que fosse muito fiel ao modelo. E ela tentou várias vezes, mas não conseguiu gostar de verdade de nenhum deles. Não os considerava bons o suficiente.

— Ela devia ser muito exigente —
considerarei.

— De fato. E eu, em partes, mesmo sem conhecê-la, penso que nasci com a mesma cisma. Há algo em um retrato que é muito mágico. É diferente de desenhar e pintar uma flor ou um lago. Há a energia dos olhos do modelo, e para ficar perfeito precisa-se capturar um pouco da alma de quem posa. Sem isso, será apenas tinta e traços — comentou, olhando para a tela ainda sem um esboço muito definido.

Parecia que o senhor James estava desenhando um par de olhos. Havia diversos

contornos de sobrancelhas, olhos e cílios naquela tela.

— Vi sua pintura de Romeu e Julieta e estavam muito belos... — expressei-me, sincera, e recebi um sorriso acalentador como agradecimento.

— Mas criar um rosto a partir da sua própria ótica é muito diferente... Imaginei Romeu e Julieta como quis. Não podia errar mais ou acertar menos em meus traços, pois foram todos inventados por mim. — Então o senhor James parou, olhou-me como se tivesse tido uma grande e maravilhosa ideia, sorriu e exprimiu-se com muita tranquilidade: — A senhorita precisa posar para mim.

— Posar? Oh, não, senhor James. Tenho certeza de que não sou boa nisso. — Agitei-me com aquela possibilidade e pareceu que o vento podia atravessar meu abdome, tão gelada me senti.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhorita só precisa ficar parada, no mais tudo já está como deve ser. Oh, por favor, senhorita Gibbons, diga *sim*!

— Senhor James, tive uma noite tão insone que meus olhos devem estar péssimos para serem registrados em uma pintura. Não sei se vou querer que meu primeiro retrato seja uma cópia de uma expressão de lástima — contestei.

— Garanto que está muito bem — rebateu, ligeiro, e sorriu ao dizer isso. — Seus olhos estão muito bons como estão, garanto. E, mesmo que estivessem uma lástima, cansados ou com qualquer traço que a senhorita pensa que não seria apreciado por mim, acredite, seria, pois há energia e vida neles e é isso que preciso captar! — falou com empolgação. Sua vivacidade era tanta que não consegui mais recusar.

— Pois bem! Se é assim...

PERIGOSAS ACHERON

Então sentei-me no lugar indicado, um confortável sofá em frente à grande janela de vidro com vista para o jardim. Imaginei que teria de ficar estática em alguma cadeira, sem poder mover nem sequer meus olhos, mas ele me explicou que isso seria muito penoso para mim e que eu desistiria de permanecer em uma posição tão incômoda em poucos minutos. Fiquei apenas com o pensamento de que ter os olhos do senhor James cravados em mim por tanto tempo, sem desvios, já era um incômodo sem precedentes, porque me causava um embaraço que segundo a segundo precisei controlar para não demonstrar.

Uma hora depois, Richard acordou. Nós o vimos no jardim, e de lá ele também nos viu dentro de ateliê. O senhor James acenou para meu irmão, e ele se juntou a nós. Eu não estava mais posando e pedi para que não dissesse nada a meu irmão, ao

menos até o retrato estar pronto. O senhor James concordou e lançou sobre o cavalete um tecido branco que o ocultou até mesmo de mim.

— Nunca entenderei como algumas pessoas conseguem acordar tão cedo — falou Richard, entrando no ateliê e se sentando ao meu lado.

— Isso é porque você não tem nada para fazer — falei, olhando-o de lado. — Pois lá em Bincombe o trabalho começava cedo... Não sei como depois de tantos anos não se acostumou.

Estávamos no meio dessa conversa quando a senhora Holly entrou no ateliê e entregou uma carta em uma bandeja para o senhor James. Ele se levantou para abri-la e caminhou com ela para perto da janela, onde permaneceu alguns segundos em leitura silenciosa.

— Oh, nossa! — falou com a expressão fechada, dirigindo-se à senhora Holly. — É uma
PERIGOSAS ACHERON

carta enviada por nossa governanta da *House Flowers*...— disse ele, buscando uma cadeira para se sentar enquanto seu semblante tornava-se cada vez mais fechado à medida que avançava na leitura.

— Alguma notícia ruim, senhor James? — perguntou Richard. A julgar por sua expressão, era claro que havia más notícias.

— Bem, sim, meu pai está doente. Na verdade, ele está pior... Sim, isso é o certo a dizer, pois doente ele já está há muito tempo.

— O que quer dizer, senhor James? — perguntou meu irmão, confuso. — Vimos seu pai na *House Flowers*, e ele parecia muito bem.

— Sim, é assim há alguns anos. Ele apresenta melhoras, mas como não se trata adequadamente... Os senhores devem saber o que a bebida pode fazer com um homem durante uma vida inteira de vícios e desregramentos... —

acrescentou, desgostoso.

— E o que a carta fala sobre o real estado de saúde dele? — perguntou a senhora Holly com o semblante sério, apesar do tom afetuoso usado em sua pergunta ao senhor James.

— Ele está muito mal, mas parece não aceitar o tratamento e está discordando dos médicos. Quer viajar imediatamente para cá, mesmo sem forças. E se recusa a parar de beber... Sugerem que eu vá até lá para ajudá-lo. Parece que meu pai está furioso por eu não tê-lo obedecido e partido quando ordenou.

— E o senhor pensa em ir? — perguntou a senhora Holly, visivelmente preocupada.

— Não, senhora Holly, ficarei aqui. Se eu entrar hoje naquela caleça, as chances de encontrá-lo lá são mínimas. Sei que, se meu pai disse que virá para cá, mesmo estando doente, é porque ele

virá. Há três anos, ele tem feito a mesma coisa. A cada piora pensamos que mudará algo em sua forma de viver sua vida, mas não é assim que acontece no final. De toda forma, estarei aqui quando ele chegar.

— Oh, menino, será que está fazendo mesmo o certo? E se ele piorar de verdade?

— Ele é forte, mas, se algo acontecer, então me escreverão e irei — disse o senhor James, guardando a carta e fitando o jardim ao longe, pensativo.

A senhora Holly assentiu com a decisão do senhor James e deixou-nos no ateliê com um silêncio constrangedor. Eu não sabia o que dizer, tampouco se deveria dizer algo, mas senti que estava sendo esmagada por aquela notícia, que me atingia de uma forma tão esquisita que não tive tempo de refletir. Mas então as palavras vieram,

porque ficar calada parecia até mesmo errado.

— Sinto muito pelas notícias, senhor James —
— expressei-me com a voz trêmula, a boca seca. —
Espero que... espero que...

Oh, Deus! Eu não conseguia dizer aquilo! Não conseguia dizer que rezava e esperava pela recuperação do senhor Boorman! Como me arrependi de ter começado aquela frase... Estava sendo perscrutada pelos olhos do senhor James e do meu irmão, esperando a conclusão das palavras presas em meus lábios.

— Desculpe... eu... preciso de ar... —
Corri para fora do ateliê, avançando na direção do jardim.

— Senhorita Gibbons, espere! — o senhor James me chamou logo em seguida, seguindo-me com a mesma rapidez com que eu caminhava.

Richard ficou estático na sala, certamente
PERIGOSAS ACHERON

preocupado comigo, mas não nos acompanhou.

— Desculpe, senhor James, sei que foi muito errada a minha hesitação em desejar melhoras a seu pai. Juro que não desejo o mal dele... Não desejo mesmo! — declarei, nervosa.

— A senhorita está chorando?

— Oh, não... — Virei o rosto para o lado e tentei encobrir mais essa vergonha.

— Percebo a senhorita inquieta de um modo excessivo desde que chegou nesta casa... Acredite em mim, senhorita Gibbons, isso é muito angustiante de se ver. Por que não me conta o que está acontecendo?

— Oh, perdoe-me... — emití o gemido breve que estava retendo dentro do meu peito. — Não se preocupe comigo. Acabou de receber uma má notícia, eu não devo ser motivo para qualquer preocupação. Asseguro-lhe que estou muito bem. O PERIGOSAS ACHERON

senhor é muito atento e gentil... E, sim, também não sou boa em disfarçar emoções. Minha mãe sempre diz: “Oh, não, Lolla, não faça essa cara disso...”, e nomeia muito bem cada expressão minha. Mas o senhor não deve mesmo se preocupar comigo, com o que penso e com minhas tolices. Espero que seu pai se recupere, senhor James, é verdade!

— A senhorita está muito nervosa, está tremendo, venha comigo...

O senhor James pegou minha mão e conduziu-me para a lateral do jardim, onde havia uma pequena e bela edificação de madeira branca que parece ser uma espécie de gazebo fechado com uma singela varandinha na frente. Ele retirou uma pequena chave dourada do bolso e abriu a porta.

O pequeno lugar é incrivelmente lindo, claro e limpo. Cheira a flores e parece ser um

pedaço de céu na terra. Cortinas leves e brancas penduram-se do alto das janelinhas quadriculadas e diversas espécies de flores são cultivadas ali. Há também uma penteadeira emoldurada com um belo vidro, um piano, uma cadeira de ferro branca em estilo romântico, muitas almofadas em um tapete no chão, samambaias presas ao teto e uma estante repleta de livros. Tem vista para o jardim e da janela vemos parte das escadarias da entrada da mansão.

— Que lugar é este? — falei, girando o corpo lentamente.

— Este é o lugar onde quero que você permaneça durante as próximas horas — disse ele, muito calmo.

— O que quer que eu faça aqui? — Estranhei aquela sugestão.

— Quero que veja algo... — falou,
PERIGOSAS ACHERON

caminhando para perto da penteadeira.

De dentro de uma das gavetas, retirou o antigo livro de capa azul desgastada que eu havia visto sobre sua escrivaninha no dia em que cheguei a Londres. Depois de pegar o livro, ele caminhou até mim e o entregou em minhas mãos.

— O que é isso? — inquiri.

— Esse livro é muito especial, tem uma história muito tocante e verdadeira. E, da mesma forma que me ajudou, também pode ajudá-la. Esse livro, como disse a própria autora, a ajudou a viver.

— Senhor James, este livro era da sua mãe?
— perguntei ao abrir a primeira página e ver o nome dela gravado ali.

— Sim, é o diário de Emily... Minha mãe o escreveu desde que tinha mais ou menos sua idade. Iniciou um pouco antes de conhecer meu pai. O último registro é da manhã em que nasci, um pouco

PERIGOSAS ACHERON

antes de ela...

— Oh, não, não posso ler — falei, tentando lhe devolver o livro.

— Pode, sim, senhorita Gibbons. Quero que leia. Faça isso, sim?

— Mas é algo muito pessoal! Não tenho esse direito.

— Tem, sim. Estou certo de que minha mãe concordaria com isso. Sei que se incomoda em ler algo escrito por outra pessoa, da mesma forma como não gostaria que lessem o que escreve no seu diário...

— *No meu diário?* Por que pensa que tenho um? — indaguei, surpresa.

— Eu a vi algumas vezes debruçada sobre algo, escrevendo...

— O senhor viu? — Meu rosto se aqueceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas não foi intencional. Digo, eu não estava espiando...A porta ficou entreaberta alguns vezes...Ela está com esse defeito há algum tempo, nós a fechamos, mas ela torna a abrir alguns centímetros.

— Compreendo. Sim, percebi tal defeito, mas não imaginei que tinha me visto...

— Mas então gosta de escrever? — questionou.

— Acha isso tolo demais?

— Não. Na verdade, acho louvável. Não fosse por um diário, eu não teria conhecido minha mãe mesmo sem nunca tê-la visto. Só não sei se algum dia eu conseguiria escrever em um. — Ele sorriu.

— Oh, sim, penso que nem todos têm essa necessidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escrever é uma necessidade? — o senhor James perguntou. Aliás, me fazer perguntas pareceu ser seu novo passatempo preferido.

— Bem, para mim, sim. Gosto de escrever. Era para ser um livreto de poemas, mas perdi a inspiração, e então...

— E o que escreve nele agora?

— Sobre coisas comuns...algumas muito bobas para se contar.

— Isso é o que a senhorita diz...

— O senhor é curioso demais — comentei.

— Mas, senhor James, volto a dizer, não posso ler o diário da sua mãe — neguei mais uma vez, de modo a voltarmos ao primeiro assunto.

— Senhorita Gibbons, eu lhe dei a permissão e tenho certeza de que depois de ler vai me entender — e, dizendo isso, ele me deixou a

PERIGOSAS ACHERON

sós, se foi para o jardim.



Comecei a folhear o diário de Emily de uma forma muito incerta, ainda não estava julgando correto fazer aquilo. Eu estava mergulhando na individualidade de uma alma feminina, no alicerce de sua personalidade... Que direito eu tinha a tal intromissão? O que havia ali para descobrir? O que o senhor James desejava tanto me mostrar?

As páginas amareladas me deram a noção do tempo em que aquelas linhas haviam sido escritas. Há mais de vinte anos! A caligrafia começava de uma forma primorosa, era um belíssimo trabalho de arte. A letra bonita, o traço firme, flores desenhadas nos cantos das páginas. Havia vida naquelas palavras, havia magia naquelas folhas, e pude sentir a energia que emanava daquele tesouro em minhas mãos. Acomodei-me no chão,

sentada sobre as várias almofadas disponíveis e comecei a ler.

Em uma hora lendo tal narrativa, senti como se fosse eu mesma que havia escrito aquelas linhas. A conexão com Emily foi imediata. Reconheci a mesma energia vibrante, a mesma vontade de viver, os mesmos sonhos, a mesma delícia da juventude e de perspectivas sem fim. Emily mostrava-se sensível, forte e doce. Descobri que ela era a mais jovem entre os irmãos, a única menina. Gostava de bailes, vestidos rendados, tocar piano, viajar... Pertencia à alta sociedade londrina e se sentia à vontade em qualquer lugar. Era admirada, tinha muitos amigos e dava grandes recepções em sua casa.

Que tarde deliciosa passei com minhas amigas hoje. Organizamos um recital no jardim,

foi tudo maravilhoso! Como a poesia e a música são necessárias para minha alma! Para a alma de qualquer pessoa! A arte é um verdadeiro alimento para o coração. Tudo ela traduz, tudo ela enche de magia! Como preciso disso para existir!

Depois, as meninas deixaram-me tentar fazer um esboço de um retrato de cada uma delas e rimos muito com isso. Meus desenhos de flores foram muito elogiados, mas não consegui concordar que os retratos estivessem aceitáveis. Há muito para melhorar e pretendo me empenhar nisso.

Sua amiga inseparável era Holly, sua dama de companhia desde que tinha quatorze anos. Holly tinha dezenove anos, era educada e bela, de boa família e havia estudado para ser preceptora. Os irmãos de Emily a contrataram para ser dama de

companhia da irmã, já que a mãe havia morrido muito jovem e eles não sabiam lidar com questões femininas. A governanta de Emily e a senhora Holly eram então mais do que família para a jovem, eram seu grande amparo em muitas situações.

Oh! O que seria de mim sem os conselhos da minha querida amiga Holly? Eu estaria perdida em tudo, pois ela sempre tem o melhor conselho para me dar. Esta manhã eu não sabia se deveria aceitar o convite de certo cavalheiro para um passeio, mas ela me alertou, então recusei o convite com muita veemência depois de ouvi-la e julguei que ela estava totalmente certa. O senhor James Boorman parece ser um ótimo cavalheiro, mas é um pouco desmedido em certas ocasiões. Mas confesso que o recusei com o coração apertado, pois meu desejo era conhecê-lo mais...

Quem sabe assim eu poderia remover essa implicância de Holly quanto a ele e também mudar as impressões que eu mesma tive? Falei para Holly que as primeiras impressões às vezes não são as mais corretas...

Li as setenta primeiras páginas do diário de Emily com uma emoção que ainda não sei definir. Meu coração subiu e desceu pela garganta em vários momentos. Em pensamento, tentei me ligar a ela, queria impedi-la de tomar algumas decisões, queria aconselhá-la, assim como fazia Holly. Tornei-me uma expectadora da sua vida, da sua felicidade, torcendo para que os próximos registros fossem suaves e felizes.

Apesar de tudo, seus sentimentos eram tão palpáveis e tão bem justificáveis que ela parecia muitas vezes absolutamente certa, enquanto todos

pareciam sempre errados. Senti que tinha razão quando era injustiçada, que suas opiniões eram as mais precisas, e sofri páginas adiante ao ver o quanto às vezes errava.

Vi, linha após linha, um sonho definir e morrer. Iniciando no dia em que aceitou ser noiva do senhor Boorman. Mesmo assim, o registro da festa de noivado era um dos mais felizes e mostrava a autêntica felicidade de estar apaixonada. As próximas páginas eram de sonetos de amor escritos por Emily, desejos e promessas de um futuro de felicidade incomparável, que ela esperava sentir.

Ele não pode ser mais perfeito! Meu noivo é um homem incomparável, estou feliz por ter lutado para que todos vissem suas qualidades. Três meses foi o tempo que ele demorou a se declarar, mas agora sei que ninguém o conhece tão bem quanto

eu. Ninguém pode decifrar aqueles olhos verdes que tanto me encantam, um temperamento tão forte, uma alegria tão contagiante...

Holly o acha um pouco vaidoso demais, mas penso que é impossível que não seja assim. Ele é elegante, espontâneo e inteligente. Não lhe falta o bom gosto para nada e em tudo sabe colocar sua opinião. Está sempre feliz na companhia dos amigos e parece se divertir de verdade com eles.

Esta semana, Holly me chateou um pouco ao falar de forma rude sobre seu comportamento em um jantar em minha casa. Ela disse que meu noivo não parecia dar muita atenção para minhas opiniões e que cortou vários assuntos iniciados por mim! Eu, de verdade, não notei nada disso. Ele estava apenas distraído no discurso dos amigos e, de tão entusiasmado por falar dos prazeres de suas viagens, pode ter atropelado muitos dos presentes.

Mas, depois, soube ouvir a todos com muita atenção.

Ele é um homem muito bem-humorado e isso é algo que aprecio muito. Dá gosto vê-lo junto aos amigos, sorrindo. Holly diz que é muito mais apreciável a amabilidade de um homem do que o humor e que, por eu ser uma pessoa muito sensível, meu marido precisará ser mais que uma pessoa que goste de rir e beber. Fiquei extremamente decepcionada com tal comentário sobre a bebida, pois o tenho visto sendo mais cauteloso nesse sentido... A verdade é que todos só falam bem dele. Ela então me pediu desculpa e disse que meu James será o melhor marido do mundo. Eu sei que será!

Emily realmente amou o noivo e depois amou o senhor Boorman que tinha criado em seu

coração. A verdade é que Emily não soube ver quem era ele para si mesmo. O quanto seu marido estava disposto a também amá-la e o quanto aquela pessoa tão idealizada em seu coração se equiparava com seus próprios anseios? Os primeiros meses de casamento continham registos mais esporádicos e cada vez mais melancólicos...

*Será que sou capaz de dominar essa dor?
Será que posso suportar a tristeza de saber que
tudo acabou? Para onde foi tanto amor? Será que
ele um dia foi real? Só fui eu a sentir toda aquela
magia? Como pude estar tão cega, tão iludida?
Sim, pois amores não são feitos para acabar...
Não, eles deveriam ser eternos!*

Em muitos momentos, senti meus olhos arderem com as lágrimas que lhe sobrevieram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sofri junto com cada lamento escrito no diário de Emily e precisei fazer várias pausas para transbordar.

Não acredito que meu James teve a coragem de fazer isso! Ele simplesmente entrou em meu ateliê e levou embora todas as minhas telas! Por que ele fez isso? Por que meu marido deseja me torturar assim? Custa a ele entender por que lhe disse tudo aquilo? Apenas pedi que moderasse na bebida, que seu vício estava nos afastando. Mas James disse que, se ele pode ser obrigado a se afastar de algo que não o prejudica em nada, que ao contrário, alivia seus problemas, então eu também posso saber o que é ficar longe das coisas que gosto. Mas a arte não me deixa entorpecida, não me faz perder a calma, não me distancia de quem sou e de quem quero me tornar. A arte me

PERIGOSAS ACHERON

edifica e me torna melhor. Como James pode não ver isso?

Segurei as telas para impedir que ele as levasse, mas elas foram arrancadas cruelmente de minhas mãos, até mesmo ferindo meus pulsos. A tela que eu havia pintado, o retrato de Holly, se quebrou... Oh, James quebrou também meu coração.

Os relatos tornaram-se cada vez mais cruéis e dolosos, pensei que não poderia continuar lendo aquilo. Oh, foi então que vi, como água límpida em frente a meus olhos, o que o senhor James queria ao me mostrar o diário da sua mãe. Ele queria me salvar de ter uma vida como aquela.

Como poderei fazer com que ele entenda que não há nenhum remédio para mim? Sei que o pior ainda não começou e sei que a dor ainda

machucará mais forte, mas posso permitir que seja minha irmã a estar então em meu lugar? Sentirei algum alívio ou alguma felicidade se puder deixar Audrey viver o que Emily viveu?

James ainda não voltou. Estamos separados há três meses. Ele partiu para a casa de campo do seu pai e levou consigo muitos amigos para passarem o inverno com ele. Disse que não quer minha presença, ordenou que eu não aparecesse lá. James diz que eu o pressiono, o sufoco com uma ideia de amor que não existe e jamais existirá para ninguém. Será que ele está mesmo certo e eu tão errada assim? Hoje seus pensamentos são apenas voltados para os amigos, as festas e a fortuna. Minhas finanças estão em suas mãos e tudo é controlado por meu marido, sem meu conhecimento. Nada me falta...e, ainda assim,

falta-me tudo.

Como posso levantar esta manhã, sentir o cheiro das rosas, apreciar o orvalho sobre as plantas, tocar piano? Onde depositar pequenos lampejos de alegria, se me esvaiu todo o desejo? Fingir...fingir é ainda mais difícil e doloroso. Chorar ainda é um consolo, ajuda a colocar para fora um pouquinho da dor...alivia... Mas e a cura, há cura para o que sinto? Onde poderei encontrar um pouco da ausência de dor? Encontrar um pouco de paz e acalento? Oh, só em ti, meu amado diário. Como aprendi a amar tuas páginas, teu silêncio, tua ternura, tua falta de julgamentos...Oh, Holly, minha amiga, como sinto não tê-la ouvido antes...

Emily persistiu forte por muito tempo e sua esperança demorou a morrer. Talvez nunca tenha

de fato a deixado. Isso me fez admirá-la muito. Ela ainda esperava por alguma magia, alguma ocasião em que tudo mudaria e então veria que seus dias eram tão lindos quanto sonhou. Ela continuava a ofertar ternura, alimentando sua alma com bondade, sem sucumbir ao veneno do medo. Ela continuava a voar nas asas da esperança, otimista, apesar do desespero que por vezes a assolava.

Um ano! É o tempo por qual estou casada e hoje senti uma vida se mexer dentro de mim. Estou grávida. Imaginei que não pudesse me sentir mais feliz em toda minha vida! Seremos abençoados com um filho e então tudo será diferente. Tenho certeza de que James gostará de ser um bom pai e dar o exemplo de retidão ao nosso filho. Seremos uma família, enfim.

Não pude evitar um sorriso, que se distribuiu com liberdade em meus lábios quando *senti* a esperança voltar ao coração de Emily. Suas emoções narradas no diário faziam com que eu me sentisse da mesma forma, alegrando-me e entristecendo-me a cada novo trecho lido. Continuei a leitura com o coração aos pulos:

Oh, Deus, James não respondeu bem à novidade de ser pai. Ele foi tão frio e indiferente que parecia que eu estava falando com ele sobre qualquer outro assunto, e não a vida de uma criança, do nosso filho! Fiquei tão triste e tão decepcionada quando me disse que eu teria de cuidar de tudo sozinha, que ele não tinha tempo para isso e que contasse com a ajuda de outras pessoas para cuidar da criança, pois ele mesmo achava que eu seria uma péssima mãe. Como doeu

ouvir isso. Como ele pode pensar que serei uma péssima mãe?

Não consigo ver nele nenhum sinal de amor, nem por mim, nem por nosso filho. Será que devo continuar lutando para manter as esperanças? Há algo em minha vida que ainda mereça essa luta?

Ele bebe e se alimenta tão mal, está tão diferente daquele moço bonito e de olhos vivos com quem me casei... Como pode ter envelhecido tanto em tão pouco tempo? Como pode reduzir-se a esse estado cada vez mais baixo, sem o amparo de Deus, sem amor...

E, por fim, pude testemunhar que seu desejo de amor ficou esperando para sempre...

Minha barriga está enorme. O sono às vezes vem como um remédio, mas dura pouco. Está tão difícil respirar... Não sei se um dia alguém lerá estas páginas, talvez eu as queime na lareira ainda esta noite, pois não posso amargurar nem mesmo um leitor a ter de engolir tanta tristeza despejada nestes papéis... O tempo não regressará para mim, nunca mais. E isso é mesmo a morte de tudo... Apenas quero ser uma boa mãe. Eu já amo tanto meu filho e tudo que mais desejo é que ele seja totalmente o oposto do seu pai...



Eu estava com o livro em mãos, já fechado, ainda absorvendo tudo que havia acabado de ler. Não sei quantas horas permaneci em leitura, mas quando a concluí estava exausta. Instantes depois, o senhor James surgiu na porta e pediu permissão para entrar, e eu, ainda entorpecida, assenti que o

fizesse. Ele se sentou ao meu lado nas almofadas, e eu devolvi o livro para suas mãos.

— Sinto-me tão mortificada... — balbuciei, soprando leve.

— Senti-me assim quando li este diário pela primeira vez.

— Ler essas páginas não deve ter sido fácil para o senhor...

— Não foi, pois, embora eu já soubesse como era meu pai, não podia imaginar quando isso havia começado. Encontrei o diário por acaso, aos dezessete anos, quando estava mexendo em antigos baús de minha mãe. Foi neste mesmo lugar que me sentei e devorei cada página, sem parar. Foi nesse dia que conheci de verdade minha mãe e isso me fez muito bem, pude saber que ela era alguém de quem se orgulhar e a última pessoa a quem deveriam ferir.

— Ela era, sim! E nunca, nunca deveria ter sido magoada como foi — falei com toda minha verdade.

— A senhora Holly sempre me contava, desde que eu era uma criança, histórias tão repletas de vida sobre minha mãe... Sabe, senhorita Gibbons, a vida não foi feita para ser desperdiçada assim — declarou.

— Penso exatamente assim, senhor James.

— Ainda assim caminha contra seu coração — disse, olhando-me repreensivo. — Não pode existir teimosia pior. A felicidade é algo do qual devemos ir atrás, a senhorita não acha? Sem isso, para onde está levando sua vida?

— Senhor James, estamos mesmo falando sobre mim agora?

— De quem mais estaríamos falando? Minha mãe não está mais aqui para que eu possa
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajudá-la, mas a senhorita, sim.

— Por que pensa que preciso de ajuda?

— Tudo em seus olhos me diz que precisa.

— Ah, senhor James, vou lhe contar algo. Sempre acordei com grande vontade de ser feliz e coloquei toda minha energia nisso, mas também sempre fui livre e não imaginava que um dia minhas escolhas seriam arrancadas de meu poder... É muito mais difícil do que o senhor pensa.

— Mas o que é tão difícil? — insistiu ele.

— Hoje vivo uma realidade dilacerante... Estou tão presa a isso que mal consigo respirar. Uso meu diário, assim como sua mãe, para aliviar o que sofro.

— E tem lhe ajudado? Há relatos felizes em seu diário, senhorita Gibbons? — ele perguntou, verdadeiramente agitado.

PERIGOSAS ACHERON

— Gostaria que estivesse repleto de coisas felizes, mas não está... Embora, sim, eu tenha escrito nele...

— E tem algo sobre mim nele? — ele perguntou, quase urgente.

— Senhor James! — Eu o recriminei com os olhos. — Se fosse para contar o que há nele, não seria um diário pessoal, mas um romance — falei para tentar aliviar o nervosismo que me abateu, o que fez com que James sorrisse largo.

— Se eu estivesse em um romance escrito pela senhorita, me sentiria afortunado — respondeu, fazendo-me corar ainda mais. — Mas agora me diga a verdade... Diga-me de uma vez por todas: por que se casará com meu pai?

— Senhor James, penso que nunca vai parar de me torturar com isso...

— E não vou.

— Então, se quer realmente saber, preferia comer a mesma comida que seus cavalos comem a ter de me casar com seu pai! — disse-lhe francamente, pois estava em tal estado de nervosismo, imaginando que o senhor James pensasse o contrário, que não me importei mais que ele conhecesse minha opinião sobre aquele noivado.

— Aí está a verdade! O desespero nítido que vi em seus olhos desde que desceu da carruagem na frente desta casa, mas que a senhorita tentou esconder. Está sendo obrigada a se casar com ele, senhorita Gibbons?

— Não... — falei em um sopro de voz. — Bem, eu... Senhor James, por favor, não me faça falar sobre isso.

— E se eu puder ajudá-la?

— Não pode, acredite.

— Mas quero tentar.

— Acredite em mim, eu mesma teria feito algo se pudesse.

— Isso não pode ser! Se for assim, nada resta a ser feito?

— Por que o senhor faria algo por mim? Por que, senhor James? Apenas para contrariar seu pai? Em troca de ele se irritar com o senhor, ainda mais por algo que não lhe diz respeito? Isso não é justo com o senhor — exprimi-me sinceramente, e vi que seus olhos estavam agitados.

Havia muito mais que ele desejava dizer, mas estava nitidamente se contendo ou escolhendo bem as palavras que usaria.

— Imitando suas próprias palavras ditas naquela noite, no jantar, eu digo que qualquer pessoa poderá contar com minha defesa sempre que necessário — falou enfim, mas pareceu contrariado

PERIGOSAS ACHERON

com sua própria resposta.

— Não necessito ser defendida — falei, exasperada, e fechei o semblante.

— A senhorita é uma teimosa! — disse ele, ficando tão exasperado quanto eu. — Mesmo assim, não me importo. Quando necessitar da minha ajuda, avise-me, então.

CAPÍTULO 13

13

*“O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é
fogo que os olhos ameaça; revolto, um mar de
lágrimas de amantes... Que mais será? Loucura
temperada, fel ingrato, doçura refinada.”*

Shakespeare.

Londres, 28 de junho de 1805.

Seria necessário muitos diários para narrar
tudo que vivi nesta semana inteira e talvez outro

apenas para esta noite, mas devo me concentrar no essencial e dizer que estou verdadeiramente surpresa. Com o coração aos pulos, escrevo estas linhas...

Hoje foi o dia do tão aguardado baile para o qual fomos convidados. Graças a Deus, o senhor Boorman ainda não chegou a Londres, e eu começo a me culpar cada vez que me pego desejando que ele não melhore tão rapidamente quanto sou obrigada a dizer em algumas situações.

Logo cedo, o assunto *o baile* foi iniciado, ainda na mesa de desjejum. O senhor James entrou na conversa ao perguntar a Richard se ele estava empolgado com a recepção e se já havia comentado comigo sobre o convite.

— Bem, animado, sim. Ao menos eu estou — falou meu irmão, olhando para mim ao dizer a última frase.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, os dois firmaram seus olhos em mim à espera de alguma resposta.

— Desculpe-me, senhor James, mas seu amigo com certeza não se chatearia se eu não fosse, não é?

— Não, mas eu e seu irmão sim, pois, se a senhorita se recusar a ir, então teremos de ficar para não deixá-la sozinha.

— De jeito nenhum! — exclamei.

Olhando bem para Richard e para o senhor James, senti uma energia conspiratória entre os dois, mostrando que não desistiriam de me convencer a ir com eles.

— Sim, ficaremos, já está determinado — replicou o senhor James, sério.

— Sim, Lolla, não a deixaremos sozinha — complementou meu irmão.

PERIGOSAS ACHERON

Vi nesse instante o senhor James erguer uma sobrancelha ao ouvir meu apelido. Talvez fosse a primeira vez que ouvia meu irmão me chamar assim.

— Com isso pretendem me culpar por estragar o divertimento de vocês? — inquiri, olhando para ambos.

— De maneira alguma, pois nos asseguraremos de nos divertirmos aqui mesmo — declarou o senhor James. — Caso a senhorita se abstenha de nos acompanhar, ficaremos todos aqui e arranjarremos algo para fazer.

— Mas nada tão divertido quanto um baile... — disse Richard com um olhar sugestivo.

— Ah, está vendo! Querem ir ao baile e não devem desistir por causa de mim — insisti.

— Não discutiremos mais se aceitar ir conosco... — continuou o senhor James, e ficamos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim por mais algum tempo até que decidi acompanhá-los a fim de não ser a causa do desgosto de ambos.

Jurei para mim mesma não dar muita importância a esse acontecimento, mas logo em seguida eu estava revirando minhas coisas em busca do melhor vestido que havia trazido para Londres com muita insegurança de parecer deslocada no baile. Meu melhor vestido ainda era uma peça muito simples se comparado às roupas que observei as moças usando para caminhar durante o dia pelas ruas londrinas. Refleti então como seriam seus vestidos de festa!

Escolhi meu preferido, teria de ser ele! É um vestido de morim fluido, longilíneo, com um bom caimento e em tom pastel, marcado por uma fita de cetim na cintura e franzido no busto. As mangas não são bufantes, mas têm um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

volume que escondem apenas meus ombros. A graça do vestido concentra-se nas pequenas bolinhas marrons e em uma barra decorada com um bordado de flores no mesmo tom.

Coloquei-o na cama e busquei um adorno que pudesse ser colocado sobre a cabeça. Encontrei uma fita de seda lilás e a separei ao lado do vestido. Nesse momento, bateram à porta e fui atender. Era a senhora Holly com seu gentil sorriso, pedindo permissão para entrar.

— A senhorita vai mesmo ao baile com o senhor James e seu irmão?

— Irei, eles insistiram muito, embora eu deva confessar que não gostei da ideia inicialmente.

— Mas agora está em busca do seu melhor vestido... — disse ela, olhando sobre a cama, pousando os olhos em meu vestido.

— É preciso — anuí com um meio sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se necessitar, sou ótima com as mãos e posso fazer um belo penteado na senhorita.

— É mesmo? E não a incomodaria?

— De maneira alguma, se a senhorita tiver paciência, pois não faço um penteado há muitos anos, embora tenha certeza de que não me esqueci de como fazer. Eu preparava os cabelos da senhora Emily, adorava fazer isso — disse com um suspiro. — E os cabelos dela eram parecidos com os seus, ondulados e compridos. Seus lindos cabelos ficarão deslumbrantes em um penteado alto, com apenas uns fios soltos ao lado do rosto. O que acha?

Minha resposta foi um enorme sorriso de agradecimento e, com a cabeça, assenti com qualquer ideia que ela tivesse, pois eu mesma não saberia fazer nada mais em meus cabelos a não ser escová-los, improvisar uma trança e prender com uma fita.

PERIGOSAS ACHERON

E, assim, duas horas antes de o baile começar, eu e a senhora Holly fomos para meu aposento, onde ela começou a fazer meu penteado e me ajudar com minhas roupas, apertando bem meu espartilho na cintura e auxiliando-me no fechamento de todos os botõezinhos e lacinhos das costas do meu vestido.

O tempo em que ficamos juntas serviu para nos aproximar, pois a gentileza da senhora Holly é verdadeiramente um acalento para meu coração aflito. Eu me peguei imaginando a amizade linda que certamente ela teve com Emily e como deve ter sofrido com sua morte. Senti desejo de falar sobre o assunto, mas a senhora Holly não sabia que eu havia lido o diário de Emily, de modo que fiquei incerta sobre me expressar e como aquilo mexeria com ela, então não disse nada.

— Senhora Holly — chamei-a, insegura —,

PERIGOSAS NACIONAIS

será que há algo que a senhora possa me dizer que me ajude a me comportar melhor no baile? Eu não sei como agir, talvez a senhora possa me dizer algo...

— Senhorita Gibbons, há algo, sim, que posso lhe dizer, e é apenas isto: a senhorita deve simplesmente ser quem é. Ser como é já é o bastante esplêndido, porque não há nada de errado com a senhorita.

— Mas as pessoas nesse baile serão tão diferentes de mim. Elas...

— É aí que mora a graça! Todos diferentes de você, mas tão iguais entre si. E a senhorita, que se destaca entre todos, está pensando em ser igual a eles?

— A senhora tem toda razão. Disse-me exatamente o que eu precisava ouvir. Como posso ser mais grata?

PERIGOSAS ACHERON

— Apenas se divertindo. — Sorriu fraternalmente para mim. — Senhorita Gibbons, já que me pediu conselhos, farei algo melhor. Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas não pude deixar de perceber como é uma boa jovem, sensível, espontânea e inteligente. A senhorita é uma presença de luz nesta casa, embora eu saiba, tenha certeza, que não está brilhando tanto quanto poderia.

— Obrigada, senhora Holly, eu me sinto verdadeiramente feliz por tê-la encontrado aqui. Não sei o quanto merecedora sou de receber tantos elogios, mas agradeço mesmo assim. A senhora é um encanto, minha estada aqui jamais seria a mesma se não fosse pela senhora — falei sinceramente.

— Imagine, menina! Mas, se ainda me permitir dizer mais, creio que posso arriscar dizer

que seu noivado com o senhor Boorman é motivo de grande desespero para a senhorita...

— Senhora Holly, eu...

— Por favor, não tente negar. É visível a qualquer um que conheça o senhor Boorman e depois conheça a senhorita que essa é uma ligação completamente equivocada. Não há nenhuma similaridade entre uma mocinha tão jovem, bonita e inteligente... tão graciosa e de temperamento suave, com um senhor como... meu patrão.

— Não seria certo mentir para a senhora e dizer que está errada quanto à minha aflição, mas, ainda assim, há motivos para que eu me case. Não é do meu desejo, mas tornou-se meu dever, uma questão de proteção. Então peço à senhora, que é tão atenta e verdadeiramente amável, que não me pergunte muito mais a respeito disso, pois estou mesmo sem perspectivas.

— Não há nó que não possa ser desatado, senhorita Gibbons. E, quando não conseguimos sozinhas, não há mal contar com a ajuda de alguém. Serei seu amparo quando necessitar, então não hesite em me procurar. Mas aqui, nesta casa, todos fariam qualquer coisa para salvá-la de um futuro infeliz, pense nisso — disse ela com um olhar muito significativo.

Estaria se referindo ao senhor James? “Meu Deus! Como posso suportar isso?”, pensei enquanto a senhora Holly arrumava meus cabelos. “Estão todos certos, mas ninguém sabe as verdadeiras razões para eu estar tão vencida. Troco minha felicidade pela de Audrey, pois jamais suportaria que fosse ela a ter um destino assim.”

O penteado feito em mim me surpreendeu, a senhora Holly realmente sabia o que estava fazendo e deixou meus cabelos maravilhosos em um tipo de

penteado que eu jamais havia feito antes. A habilidade de suas mãos deixou-me impressionada.

Depois de eu estar pronta, ela me entregou um sutil ruge para que eu passasse na face e um carmim para os lábios. Aceitei um pouco hesitante, pois nunca havia usado nenhuma maquiagem, já que mamãe nos proibia de usar e dizia que a vontade de Deus era que “as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras”³¹.

— Você está linda, senhorita Gibbons — declarou a senhora Holly.

Olhei-me no espelho e vi meu rosto alvo, suavemente corado pelo ruge, e os lábios pequenos rosados pelo carmim. O efeito da maquiagem fez destacar o azul-claro dos meus olhos, e em meu rosto caíam duas mechas do meu cabelo.

Olhamos pela janela e vimos que o céu já começava a tomar tons enegrecidos e que o cocheiro estava a postos, esperando-nos em frente às escadas. A caleça, muito bonita, seria puxada por quatro cavalos negros e robustos de pelos muito lustrosos.

— Obrigada, senhora Holly. Sei que minhas vestes são simples se comparadas às das moças da alta sociedade londrina, mas meu coração está feliz por sua ajuda e tudo que me importa é aquilo que me falou mais cedo — sorri, agradecida.

— A senhorita está deslumbrante! Tecido fino nenhum poderia apagar o brilho dos seus olhos e ofuscar um sorriso tão belo quanto o seu. Aliás, nunca vi em toda Londres alguma moça que se equiparasse à sua beleza. Então, apenas sorria como a vejo sorrir agora e nenhuma beleza poderá ser maior que essa, pois sua graça se acenderá. — E, ao

dizer isso, a senhora Holly me abraçou. Um abraço afetuoso que acalentou meu coração.

Desci as escadas do interior da casa ao lado da senhora Holly, e meu coração palpitou forte ao ver o senhor James e meu irmão à minha espera no salão de entrada. E como estavam bonitos! Meu irmão, assim como eu, também não vestia roupas refinadas, mas, por ser um homem belo, alto e forte, sua aparência sempre se sobressaía a qualquer veste que usasse. Já o senhor James... será possível dizer que estava ainda mais lindo do que em todos os dias anteriores, desde que o vi pela primeira vez? Os cabelos castanhos e os olhos verdes intensos e escuros brilhavam em sua pele alva e o sorriso em seus lábios fez meu coração se aquecer... Como consequência, precisei me punir muito por isso, não queria que meu coração se desenfreesse de tal maneira. Nesse instante, me

perguntei: “por que isso aconteceu?”. Ele estava tão bem-vestido, com um casaco e calças tão belas, que mais parecia um príncipe, e seu perfume suave chegou até mim antes mesmo de estarmos próximos.

Assim que alcancei o último degrau, os dois cavalheiros fizeram-me o gracejo de cada um segurar em uma de minhas mãos e, juntos, beijaram-nas. O beijo ofertado por meu irmão, carinhoso e fraternal, fez meu peito inflar de amor, mas o beijo recebido pelos lábios do senhor James aqueceu minhas mãos e fez uma sensação perturbadora subir até minha face. Agradei mentalmente por estar de ruge nas bochechas, o que disfarçou o vermelho que certamente me pintou o rosto. Mal consegui olhá-lo nos olhos, então virei-me para meu irmão e sorri, sem graça.

— Oh, Lolla, como está bonita! —

comentou meu irmão, sorrindo.

— Bonita sua irmã já é, caro Richard. Hoje ela está deslumbrante — acrescentou o senhor James.

Ouvi-lo dizer isso causou novamente certa bagunça dentro de mim. Virei-me para ele e lhe ofertei um sorriso fraco, muito mais sutil que as batidas do meu coração, que ainda não haviam suavizado. Ainda bem que esse sintoma não era visível a todos e pude tentar disfarçar ao máximo o retumbar esquisito no meu peito. Dei o braço para Richard e ao seu lado caminhei até a caleça. O senhor James, sempre solícito, fez a gentileza de abrir a porta para que eu subisse. Sentei sozinha, virada para a frente da carruagem, e os dois se sentaram lado a lado, voltados para mim.

A noite em Londres revelou-se surpreendente aos meus olhos. Ao longo da

avenida, víamos um alinhado de mansões iluminadas por postes de lâmpadas a gás, formando um belo cintilar com a umidade do sereno.

Seguimos por alguns minutos em silêncio, Richard tão distraído com as luzes quanto eu, mas, ao virar meu rosto para frente, percebi que o senhor James olhava diretamente para mim, avaliando-me com mais curiosidade do que eu e meu irmão olhávamos para a cidade. Baixei os olhos para minhas mãos e demorei-me nelas por um tempo, mas senti que ele ainda me observou por mais alguns segundos.

Finalmente chegamos à entrada de uma belíssima mansão em estilo georgiano, onde várias caleças paravam para que lindas moças e cavalheiros muito elegantes descessem. Elegância notada não apenas nas suas vestes, mas também no modo como caminhavam e se apresentavam aos

demaís.

Fomos recebidos pelos anfitriões, irmãos gêmeos idênticos e amigos do senhor James, que se apresentaram como senhor Harry Carlton e Anthony Carlton. Eles deviam ter aproximadamente a mesma idade de meu irmão e do senhor James. Ao lado do senhor Harry, havia uma bonita moça, talvez da minha idade, que foi apresentada como irmã dos senhores Carlton.

— Esta é nossa irmã, a senhorita Carlton — disse Harry, olhando para mim e Richard.

— Rosie —complementou ela.

E então curvou com graça a cabeça e sorriu para nós. O vestido que ela usava era deslumbrante, possuía um brilho e caimento como eu jamais havia visto.

Entramos todos no enorme salão de recepção. Ao fundo, a melodia suave de uma

PERIGOSAS ACHERON

orquestra dava aconchego ao local muito bem iluminado por centenas de velas em castiçais e candelabros presos às paredes e ao teto. Imediatamente, quatro moças vieram em nossa direção, eram amigas da senhorita Rosie e vinham nos prestar os cumprimentos.

— A senhorita Dolores Gibbons e o senhor Richard Gibbons são meus hóspedes, amigos de Dorsetshire — apresentou-nos o senhor James, fazendo-me suspirar agradecida por ele não ter me apresentado como noiva do seu pai. Não sei qual seria minha reação caso algo assim acontecesse.

— De Dorsetshire! — exclamou a senhorita Rosie. — Que lugar amável e pitoresco! Estive lá certa vez com meus irmãos, recorda-se, senhor James? Quando permanecemos na *House Flowers* por dois meses para as caças de inverno? — perguntou, sorrindo afetuosamente. Os olhos dela

iluminaram-se, era palpável o fascínio direcionado ao senhor James.

— Oh, sim, isso fez dois anos, se bem me recordo — concordou James.

— Sim! Apreciei muito aquele lugar. Uma pena o senhor não ter mais promovido aqueles jantares deliciosos com seus amigos. E os bailes! Foi muito divertido! Mas, em tal oportunidade, não chegamos a conhecer a senhorita Gibbons e seu irmão...

— Não, eles não estavam conosco, infelizmente — disse o senhor James de forma breve.

Saudando cada uma das moças com reverência, ele se afastou um pouco de todas elas. Porém, não foi tão bem-sucedido em seu ato, pois logo teve de ver a senhorita Rosie novamente ao seu lado, a primeira dança que o vi dançar foi com

ela.

— O que achou da senhorita Rosie? — perguntou meu irmão quando o senhor James se afastou com ela para o grande salão de dança.

— Não sei dizer bem... — falei sem tirar meus olhos do casal que bailava com suavidade. — Uma moça bonita, alegre e... elegante?

— Mas não está à altura do senhor James, de jeito nenhum — deliberou meu irmão, para minha surpresa.

— Ora, Richard, é só uma dança. Não precisa avaliá-la com tanto rigor assim. Eu não pensei que já gostasse tanto do senhor James a ponto de julgar suas acompanhantes para uma trivial valsa.

— Não é isso! É que a senhorita Rosie e o senhor James quase foram noivos. O senhor Boorman insiste até hoje que ele se case com Rosie

PERIGOSAS ACHERON

— confidenciou-me meu irmão, chocando-me com aquela revelação e fazendo uma ardência se instaurar em meu peito.

— Quase foram noivos? E o que os impediu, se têm tudo que um belo casal de uma boa sociedade espera na vida? Ambos jovens, ricos e belos, de famílias amigas, como pude perceber... Aliás, Richard, como sabe dessas coisas?

— O senhor James mesmo me disse. Há dois anos, ele pensou estar apaixonado por Rosie, mas logo acabou se convencendo de que ela não era uma boa escolha para ele, então se afastou. Porém, o senhor Boorman ainda insiste que James se case com Rosie e sempre que vem a Londres a convida para jantar e faz com que James lhe dê atenção. Entretanto, na última vez que estiveram juntos, James disse a ela que não estava mais apaixonado, que há muito tempo havia deixado de sentir

qualquer coisa por ela. A senhorita Rosie, ao que parece, não aceitou muito bem. Tanto o senhor Boorman quanto os irmãos de Rosie ainda fazem de tudo para reaproximá-los.

— Por que o senhor James não a considerou uma boa escolha para ele?

— Oh, Lolla, não sei. Mas acredito no bom senso de James e, se ele se afastou, é porque pensou primeiro em sua felicidade, vendo que ela não estava na senhorita Rosie.

— Se ele for um homem tão romântico a ponto de pensar assim... — falei com falsa indiferença.

— Ele é sensato e, jovem como é, não precisa casar-se assim subitamente. Pode esperar e escolher melhor — concluiu meu irmão, tendo a minha concordância.

A primeira dança terminou e o senhor
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

James voltou para perto de mim e de Richard após levar Rosie ao lugar onde estavam suas amigas. Sua postura de cavalheiro e sua beleza não passaram despercebidas pelo salão, por onde passou vi olhares brilhando em sua direção, vindos de mocinhas que sorriam umas para as outras ao vê-lo passar. Muito próximas de nós, ficaram a senhorita Rosie e suas amigas, sorrindo em tom de confidências enquanto Rosie suspirava, feliz.

— Acompanha-me na próxima dança, senhorita Gibbons? — convidou-me o senhor James.

Sua pergunta tão inesperada me retirou de um lugar-comum e me lançou no ar. Foi assim que por alguns instantes me senti, girando e girando... Mas mal pude reagir à sua pergunta, pois o senhor Harry surgiu abruptamente e segurou James pelo braço, o abraçou com euforia, entregando a ele uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

taça de bebida e o carregando para o outro lado do salão. Ele parecia um pouco animado demais, talvez por efeito da bebida, enquanto seu irmão estava calmamente olhando o movimento e sendo gentil com os convidados.

— Oh, isso não foi nada educado — observou Richard. — O senhor James foi arrancado daqui como uma concha é levada pela maré. E, será que ouvi bem, justamente na hora em que ele a convidava para uma dança?

— Oh, Richard, mas isso está fora de questão — falei com pressa. — Não acho adequado dançarmos juntos. Aliás, se eu soubesse que precisaria dançar, não teria vindo.

— Mas está em um baile! Há algo mais óbvio do que dançar em um baile? E por que está em dúvida quanto a aceitar dançar com o senhor James? É claro que deve aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, Richard, eu nunca dancei em um baile! — sussurrei, apavorada. — E você mesmo está parado aí até agora, não convidou uma mocinha sequer — rebati com astúcia. — Quanto a mim, tenho certeza de que seria melhor recusar qualquer dança com qualquer cavalheiro — falei, resoluta.

— Por que, Lolla? Sabe que isso não é nem um pouco apropriado em um baile. Você deve responder a ele de maneira favorável, é claro! Vá dançar com o senhor James. Não há outro par melhor para você aqui.

E, mal meu irmão terminou de falar, eu vi o senhor James voltar, sozinho e com os olhos tão concentrados em mim que não pude deixar de corar ao pensar que ele pudesse estar ansioso para voltar para perto de mim e de meu irmão. Ou ansioso para uma dança comigo?

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, senhorita Gibbons, desculpe-me por isso. O senhor Harry está alegre demais, eufórico demais. Mas eu estava convidando a senhorita para uma dança. Concede-me a honra? — indagou, olhando-me nos olhos e oferecendo-me gentilmente sua mão.

— Oh, sim — respondi imediatamente, deixando cair por terra qualquer restrição de minha parte. Como dizer não, se todo meu corpo desejava dançar com ele?

Em toda minha vida, eu havia dançado apenas com meu pai, com Richard e com Benjamin, meu amigo e irmão de Helen. Quando ensaiávamos peças de teatro, adorávamos inventar que estávamos em grandes bailes e passávamos horas rodopiando pela sala de nossa casa em Bincombe, a sonhar com algo assim. Mas ter os braços do senhor James em volta do meu corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

deixou-me completamente anestesiada. Era uma sensação nova e completamente sublime, fazendo até mesmo minha respiração oscilar. Em mim, nasceu naquele instante um grande receio de que o senhor James percebesse minha insegurança... minha afetação por estar tão perto dele.

Com certeza, eu não era a melhor dançarina, mas me esforcei para que a dança fosse agradável, e o senhor James conduziu-me com tanta maestria que senti como se já dançássemos juntos há muito tempo. A forma como me olhava era desconcertante e, quando sorriu para mim ao girar-nos para a direita, pensei que todos naquela sala haviam sumido por alguns segundos. Meu coração batendo foi o único som que pude ouvir e o sorriso do senhor James era para mim a única visão em minha frente. Ele era, com certeza, o mais belo e amável homem daquela recepção.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não imaginei que dançasse tão bem — elogiou-me.

— Ah, mas eu não danço. Isso é porque você está conseguindo me guiar. São méritos seus, não meus.

— Tenho certeza de que está sendo modesta.

— Não, este pode ser considerado meu primeiro baile, então sei que estou muito aquém de todas as outras moças, muito mais acostumadas com danças e festas.

— Tenho certeza de que não há nenhuma aqui que se compare à senhorita — falou James, girando-me novamente, tirando de mim um pouco mais de fôlego.

E assim a valsa terminou, com meu coração batendo forte em minha garganta. Eu já me acostumava com as mãos do senhor James

PERIGOSAS ACHERON

segurando a minha e, quando ele a soltou, senti falta do contato.

Voltamos para o canto do salão e não encontramos mais meu irmão. Então o procuramos com os olhos e vimos que estava dançando com uma das amigas da senhorita Rosie, uma moça loira e alta que fazia bela figura ao lado de Richard.

A senhorita Rosie estava muito perto de mim, e eu sentia que ocasionalmente ela me olhava dos pés à cabeça, analisando-me de uma forma que eu não gostei nem um pouco. Imaginei se estava com ciúmes do senhor James por termos dançado uma música juntos, mas depois procurei evitar o pensamento e me concentrar em meu irmão.

— Seu irmão está dançando com a senhorita Amelly — contou-me o senhor James. — Ela é prima do senhor Thompson. Aliás, penso que vi o senhor Thompson hoje por aqui — disse mais para

si mesmo.

— O senhor disse *senhor Thompson*? —
perguntei ao ouvir aquele sobrenome.

— Sim, Amelly é prima dele.

— E por acaso esse senhor Thompson vive
em Dorsetshire? — arrisquei a pergunta.

— Oh, sim, ele vive, sim. Casou-se há dois
anos com uma jovem e vivem próximos à *House
Flowers* — informou-me o senhor James, sorrindo.

— Então ele é o senhor Elmer Thompson!
O marido de Helen!

— Você conhece a esposa do senhor
Thompson?

— Oh, sim, conheço muito! Crescemos
juntas e somos melhores amigas. Então ele está
aqui? — falei, passeando os olhos pelo salão.

— Creio tê-lo visto quando fui arrastado por

Harry até o meio do salão. Espere, deixe-me procurá-lo... — O senhor James percorreu os olhos pelo grande salão com cautela, depois se aproximou de mim e apontou com os olhos. — Ali, ao lado daquela coluna, próximo à sacada. Aquele é o senhor Thompson. A senhorita não o conhecia?

— Sei que parece um pouco esquisito, já que falei que sou melhor amiga da esposa dele, mas o senhor Thompson é um pouco reservado e eu ainda não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente — justifiquei-me.

— Entendo. Realmente, ele parece reservado mesmo. Nós nos conhecemos vagamente, eu o vejo todos os anos nas temporadas de Londres, mas nunca chegamos a conversar de fato e ele dificilmente vai aos bailes e recepções onde nossos amigos em comum estão. Vê-lo hoje aqui é uma surpresa.

O fato de eu e o senhor James estarmos tão próximos e conversando por mais tempo do que deveríamos fez com que os olhos de muitas mocinhas não saíssem de cima de nós, causando em mim grande desconforto. Já o senhor James nem parecia perceber o quanto nos olhavam, tão concentrado estava em mim. Entretanto, logo foi intimado por um amigo a convidar uma de suas irmãs para uma dança.

Então, quando James foi dançar e tive a oportunidade de falar com meu irmão, contei para ele quem estava no baile e mostrei o marido de Helen. Richard estava tão surpreso quanto eu por vê-lo ali, mas sua expressão vincada sugeria que pensava algo ainda além.

— Ele é bem mais jovem do que pensei que fosse — observou Richard.

— É mesmo. Mas eu já sabia que o senhor

Thompson era jovem, e já havia dito isso a você, Richard.

— Não me recordo disso. Eu estava certo de que o marido de Helen era um senhor corpulento e de meia-idade — continuou ele, sério.

— E a idade dele o incomoda em algo? — Senti vontade de rir com a decepção do meu irmão.

— Claro que não, Lolla, mas me faz pensar por que um homem jovem como é o senhor Thompson, com uma esposa tão bela e especial quanto é a Helen, a deixa sozinha em casa para passar uma temporada inteira, também sozinho, em Londres.

— Ele não está sozinho. A jovem com quem dançava, Amelly, é prima do senhor Thompson. Além dela, ele deve ter muitos outros conhecidos aqui...

— Eu jamais deixaria Helen sozinha —
PERIGOSAS ACHERON

murmurou Richard, soltando de seus pulmões uma forte lufada de ar, verdadeiramente irritado.

Momentos depois, o senhor James voltou de sua terceira dança. Rosie e as outras senhoritas que a acompanhavam também se aproximaram. Ficaram entre nós por algum tempo e procuraram me incluir em suas conversas animadas. Mesmo assim, me senti deslocada, pois o teor de conversação era quase sempre assuntos que eu não dominava, como as novidades em Paris, as viagens que haviam feito e os novos ateliês de moda da cidade. Falavam sobre acessórios e vestidos, tecidos e perfumes.

Em certo momento, senti-me tão inadequada para aquela conversa que me afastei do grupo lentamente e me dirigi à sacada do salão, onde permaneci olhando para o jardim e as luzes que brilhavam sobre as cercas-vivas. Acreditei que

ninguém havia me visto ir para o local e senti-me segura para respirar fundo e deixar meus pensamentos um pouco mais aliviados.

— Não, ela não é bonita, nem um pouco. — Minutos depois, ouvi a voz de alguém a certa distância de mim, logo atrás de onde eu estava. — Como uma moça pode ser bonita sem ter nenhuma graça ou elegância? Não podemos apenas considerar a beleza simétrica.

— Ah, sim, nisso você está muito certa, Rosie! Logo que a vi entrar a considereei muito bela, mas agora minhas impressões já mudaram. A senhorita Gibbons não tem nenhum refinamento e mal sabe se comportar — disse outra voz feminina.

Atônita, virei-me lentamente e vi o grupo de amigas da senhorita Rosie junto a uma imponente coluna de mármore, que era apenas o que nos separava visualmente. Como elas não podiam me

ver, permaneci onde eu estava.

— E digo o mesmo do irmão dela — continuou Rosie. — Ele é um homem muito belo se considerarmos apenas os atributos físicos. Tem bonitos olhos e uma excelente altura, mas, ao falar, não sabe prender a atenção de uma dama ou de um cavalheiro, não tem nenhum refinamento.

— São pessoas de classe inferior, com toda certeza — disse a outra. — Nota-se rapidamente. Viram seus trajes?

— Oh, sim! Que horror! Não devemos ficar muito próximas a eles, e vou orientar meus irmãos a fazerem o mesmo — falou a senhorita Rosie. — Espanta-me que o senhor James os tenha convidado. São tão simplórios, enquanto o senhor James pertence à alta sociedade, companhias assim são prejudiciais à sua reputação.

— Oh, sim, sem dúvida. Aconselhe seu

PERIGOSAS ACHERON

irmão e peça que ele oriente o amigo. Ter certo tipo de intimidade com pessoas assim, tão sem educação e berço, não é algo positivo para ninguém.

— Só quem se favorece com isso são eles mesmos, o senhor Richard e a senhorita Gibbons. De quem eles são filhos mesmo? — perguntou a senhorita Rosie em tom de indignação.

— Devem ser filhos de algum comerciante, um fazendeiro ou até mesmo um empregado, não duvido disso — disse sua fiel amiga, tão indignada quanto.

— Já o senhor James é um homem de muita classe, um cavalheiro bem-educado e distinto. Estou impressionada com a diferença de comportamento entre ele e seus hóspedes. Se ele nos convidar para visitá-lo durante a semana, me assegurarei de só ir se seus convidados já tiverem

partido — determinou a senhorita Rosie.

— Oh, não, você deve ir, assim se aproximará mais dele. O senhor James parece ser o jovem mais bem cotado para se casar desta cidade... E ainda penso que será com você, Rosie — disse uma de suas amigas.

— Qual moça não desejaria? — respondeu, animada. — De fato, por mim já estaríamos noivos. O senhor Boorman também faz muito gosto, e tenho certeza de que James ainda gosta de mim.

Ouvir tudo isso deixou-me entontecida. Eu só precisava, naquele instante, achar alguma forma de sair daquela sacada sem ser vista por elas. Olhei para os lados e vi uma grande escada com algumas pessoas conversando debruçadas sobre o parapeito de pedra, então me dirigi até lá e descí alguns degraus, desejando estar distante do salão e da sacada para não ser vista por meu irmão nem por

James e, principalmente, por quaisquer daquelas mocinhas maldosas que falavam sobre nós.

Havia um buraco de dor no meu coração ao ouvir tantas crueldades sobre mim e Richard. Senti-me muito triste. Já no jardim, sentei-me em um banco de ferro branco, parcialmente ocultado pelas altas sebes, e pus-me a olhar o jardim. Havia poucas pessoas nele, pois a maioria já havia adentrado a mansão. A música advinda do salão ainda preenchia meus ouvidos...

Embalada por uma paz que tentei criar dentro do meu coração, fui levada para Bincombe em pensamento, relembrando com doçura as tardes prazenteiras em que eu corria livre pelos pastos com meus irmãos, com Helen e Benjamin. Uma simplicidade muito apreciada, adorada por mim, com a qual nenhuma riqueza poderia se equiparar.

Distraída, não percebi quando alguém se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximou e, tocando com muita leveza no meu braço, chamou minha atenção para si. Virei-me sem me dar conta de que meus olhos estavam umedecidos devido à minha absorção no passado e também por meu coração ter sido tão cruelmente pisado pelas ilustres amigas do senhor James. Suas opiniões sobre mim e Richard, embora não devessem ter me incomodado tanto assim, afetaram-me de uma forma triste pelo tom de maldade empregado em suas falas.

— Senhorita Gibbons, o que há com a senhorita? Eu a vi descer as escadarias... — A voz do senhor James despertou minha atenção.

— Oh, senhor James? Eu... estava um pouco tonta. Senti-me mal — disse-lhe a primeira coisa que me veio em mente.

— E como está agora? — inquiriu, aflito, os olhos concentrados em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um pouco melhor, o ar fresco me fez bem.

— Mas está frio aqui fora. Não prefere entrar?

— Não está muito frio. Estou acostumada ao tempo assim.

— Há algo em seus olhos... Estava chorando? — Ele acabou percebendo e fez a pergunta que eu não desejava.

— Não, senhor James. Deve ser o brilho das luzes do jardim. — Disfarcei como pude.

— Não, somente se há sereno nos seus olhos ou se choveu sobre seu rosto... Caso contrário, penso que vejo lágrimas na sua face e em seus cílios. Por que estava chorando?

— O senhor enxerga muito bem. — Elevei meu olhar para ele. — Mas não precisa se importar

PERIGOSAS ACHERON

com isso.

— Por que eu nunca posso me importar com a senhorita?

— O caso é: por que se importaria...? A verdade é que não deve.

— Senhorita Gibbons, existem algumas coisas que qualquer homem de bem não pode e não deve deixar passar, fingindo indiferença. As lágrimas de uma moça é uma delas.

— Mesmo se a moça lhe implorar para que a alivie, que não a questione?

— A senhorita me pede sempre as mesmas coisas.

— E o senhor insiste com as mesmas perguntas...

— Não é uma questão de questionar seu sentimento, pois a senhorita mesmo já afirmou que

não quer se casar com meu pai... Eu não posso desistir de tentar descobrir por que ainda está aqui. Sabe que dentro de alguns dias ele estará em Londres e então logo estará casada com ele? Essa é uma situação com o qual a senhorita pode lidar? Já pesou muito bem as razões que tem para estar aqui e as que tem para fugir enquanto pode?

— Fugir? Senhor James, o senhor não sabe mesmo do que está falando. Sei que só quer ser gentil, que está tentando me aconselhar, mas não, essa é uma decisão da qual não posso voltar atrás. O senhor deveria tentar entender que não estou fazendo isso por mim nem pensando em minha felicidade.

— Mas a felicidade de uma pessoa é tudo que ela tem! Por que vai desistir assim da sua, senhorita Gibbons? Agora que a senhorita leu tudo que aconteceu com minha mãe, ainda assim não

está convencida?

Não consegui responder, apenas virei meu rosto para o lado oposto e apertei meus olhos. O senhor James se aproximou de mim, mas de uma forma nada cautelosa, ele sentou ao meu lado e me fez encará-lo, segurando meu rosto com sua mão.

— Se não fizer por sua felicidade, faça por aqueles que dependem da sua alegria para viver em paz — determinou em um rompante e com agonia.

— Não há ninguém assim no mundo inteiro, senhor James — assegurei com firmeza, pois, além de Helen e meu irmão, quem mais estava ao meu lado?

— Há, sim, senhorita Gibbons — disse ele sem hesitar e então parou alguns segundos, avaliando-me. — Tem aqui à sua frente alguém que já não pode mais esconder o que sente — confessou-me sem mais rodeios, e eu quase

desmaiei com aquelas palavras, ficando com os lábios entreabertos e os olhos assustados. — A senhorita está corada, é culpa minha?

— O senhor está muito próximo a mim, talvez devesse se afastar — falei, trêmula, e soltei uma lufada de ar.

— Ou talvez não. — James segurou minhas mãos, e eu ofeguei.

— Estou fazendo o que devo fazer, senhor James, acredite. O senhor também, por favor, faça o mesmo. — Retirei as mãos, que estavam sob as dele, e encarei o jardim, o coração palpitando forte dentro de mim.

— Só posso concordar em obedecê-la se me contar tudo que está acontecendo. Ainda assim, já não sei se posso — confessou ainda.

— Estou completamente decidida, preciso me casar com seu pai, mas vou contar para que

PERIGOSAS ACHERON

entenda e pare de uma vez por todas de tentar me dissuadir da ideia... Eu preciso fazer isso por Audrey, minha irmã. É uma menina de quatorze anos, senhor James, uma criança que será colocada em meu lugar como noiva do seu pai se eu não aceitá-lo. Entende que isso seria a morte para mim e para ela?

— Sua irmã?! Isso é um absurdo! Deixe-me tentar ajudá-la, senhorita Gibbons — pediu, ansioso. — Posso tentar falar com meu pai! Essa ideia é tão estúpida que não posso crer que ele insista nisso se o fizermos enxergar que...

— Ah, senhor James, perdoe-me, mas de modo geral, seu pai o escuta? Ele ouviria o senhor?

— Não, mas ainda assim...

— Não, não há mesmo nada a ser feito. Meu pai é, além de empregado do senhor Boorman, um devedor. E a dívida está sendo cobrada! Como

pode perceber, eu sou o pagamento. Mas não tenha pena de mim ou dos meus pais, pois apenas farei isso porque não posso deixar Audrey sofrer em meu lugar. E meus pais...estão radiantes por eu estar noiva do seu pai — confessei aquilo com muita tristeza.

— Como podem? Não sabem o anjo que é a senhorita para querer entregá-la nos braços do demônio? — disse ele, muito irritado.

— Não deveria falar assim do seu pai...

— Não digo isso por odiá-lo, apenas o conheço mais do que ninguém, senhorita Gibbons. Eu tenho motivos, sabe que tenho, para tentar afastá-la dele! Mas há algo muito sério que preciso dizer à senhorita.

— E o que é? — perguntei, incerta sobre realmente querer ouvir.

— Eu não conseguirei atendê-la quanto a
PERIGOSAS ACHERON

deixá-la fazer isso com sua vida. Nada que diga vai adiantar. Tenho razões para isso, senhorita Gibbons, e chame-as de egoístas se quiser, mas estou desesperadamente apaixonado pela senhorita — confessou com urgência, os olhos ansiosos voltados em minha direção, as mãos segurando novamente as minhas. — Outro dia me perguntou por que eu faria algo pela senhorita... Calei-me, não consegui confessar, mas hoje eu digo: não é para contrariar meu pai ou apenas porque qualquer pessoa pode contar com meu amparo... A senhorita não é qualquer pessoa, não é todo mundo.

— Veja o quanto é errado dizer isso, senhor James! Mal nos conhecemos... Deve parar imediatamente com isso. Só está agregando mais dor àquela que já sinto — falei, tentando soar firme, mas com meu corpo cedendo e minhas mãos aceitando seu toque.

— Está vendo? Se lhe aflige ouvir minha declaração é porque sofre por pensar que não pode correspondê-la, mas pode, sim! Por favor, senhorita Gibbons, precisa me ouvir e também ouvir a si mesma. “Serei teu à tua ordem, apenas chama-me de amor” — recitou “Romeu e Julieta”.

E então, James tocou meu rosto com a ponta dos dedos e depositou em meus lábios um suave e encantador beijo. Nunca pensei ser possível sentir o coração bater tão forte assim. Fechei meus olhos, estava trêmula e não sabia o que fazer. Abri os olhos quando ele separou seus lábios dos meus e me olhou com tanta profundidade e afeição que cheguei a arfar.

— A senhorita é a alma mais linda que meus olhos já viram. Sua beleza me deixa pasmo. “Sua beleza enfraquece-me”.

— Senhor James! Não deveria ter feito

isso... E pare de citar “Romeu e Julieta”!

— Tudo bem, talvez eu não devesse tê-la beijado, mas ainda assim não consigo me sentir arrependido. Sou um apaixonado sem arrependimento. — Sorriu.

— Não diga isso... O senhor não está falando sério sobre estar apaixonado. Isso não pode ser!

— Jamais serei leviano com meus sentimentos, senhorita Gibbons. Se estou confessando o que sinto é porque tenho certeza. A senhorita precisa saber que tem ocupado meus pensamentos durante todos os dias e noites desde que chegou a Londres.

— Por quê? Porque adora contrariar seu pai? Porque isso lhe diverte? — indaguei ao me lembrar das primeiras palavras ditas por ele assim que o conheci.

— Não, porque a senhorita é única, linda, forte, inteligente e doce. Não pude evitar me apaixonar. Aliás, como se evita que algo assim aconteça? Quanto a meu pai, não me importo com ele se a senhorita me disser que também não se importa.

— Ouça o que diz! — implorei, aflita.

— Senhorita Gibbons, eu já ouvi minhas próprias palavras agora mesmo, dizendo que estou apaixonado. Quer que eu repita? — Ele sorriu. — Pois eu repito que estou apaixonado e que só há uma coisa que pode me tornar mais feliz, mas isso não depende apenas de mim... Eu preciso que me deixe ajudá-la.

— Não pode me ajudar, senhor James...

— Pode começar me chamando apenas de James e tentando me dizer o que sente por mim?

— Veja o que me pede!

— Tão simples.

— Não é nada simples!

— Confie em mim, Lolla — falou ele, apertando minhas mãos, chamando-me pela primeira vez de *Lolla*.

Deliciosamente, aquelas foram as palavras mais doces da minha noite, junto com a declaração e o beijo de James. Ah, James!

— Eu confio, James — declarei, repleta de expectativas, e ele sorriu para mim como se eu fosse a luz da sua vida, fazendo com eu me sentisse pela primeira vez amada, como em um romance dos livros com os quais já tanto suspirei.



Voltamos para o salão com uma energia diferente à nossa volta, mas é claro que eu esperava que ninguém percebesse ou tivesse nos visto. O

PERIGOSAS NACIONAIS

breve toque daquele beijo ainda fazia formigar meus lábios, e meu peito se agitava sem parar.

— Lolla, onde estava? — perguntou meu irmão quando nos viu chegar.

— Na sacada — James respondeu por mim ao perceber minha hesitação.

E então o senhor Harry surgiu diante de nós e disse que James simplesmente precisava segui-lo, levando-o para o outro lado do salão.

— O senhor Harry é um tanto expansivo, não? — observei.

— Ele está bêbado — disse-me Richard. — E parece ser igual ao irmão apenas na aparência.

Concordei, pois logo ao nosso lado estava o senhor Anthony, conversando com seus convidados, depois gentilmente conduzindo uma jovem para uma valsa.

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor Thompson, eu falei com ele — comunicou Richard, para minha surpresa.

— O senhor Thompson! O que disse a ele? Falou que conhece Helen? Você disse que somos amigas e éramos vizinhos? — Fiquei exasperada.

— Não, Lolla, eu não disse nada disso. Não direi nada disso a ele.

— Por que não? — perguntei, confusa.

— Quero apenas saber que tipo de homem ele é. Por enquanto é somente isso. O senhor Anthony me chamou para ir com os cavalheiros ao clube amanhã. Sei que o senhor Thompson irá... Apenas quero saber como ele é...

— Eu não sei, Richard, nós não fazemos parte desta sociedade. Temo que o desprezem — falei verdadeiramente.

— O senhor James irá comigo e ninguém

me depreciará, pois não deixaremos. Não se preocupe, Lolla, eu apenas preciso fazer isso para entender algumas coisas...

— Oh, Richard, isso é uma boa ideia mesmo? — insisti, preocupada. — E se o senhor Thompson desconfiar de que conhecemos Helen e não lhe dissemos nada? Se ele perceber que você está o avaliando? Ele pode nunca mais permitir minha amizade com Helen!

— Não, Lolla, isso não vai acontecer. Eu já disse, é apenas para me aproximar do senhor Thompson e saber mais sobre ele. Serei cauteloso e, se ele perceber algo, finjo que não havia me dado conta de que ele era o mesmo senhor Thompson, marido de Helen.

— Por que está fazendo isso, Richard? Diga-me de uma vez, o que você sente por Helen?

— Lolla! Ora, eu gosto muito da Helen e

PERIGOSAS ACHERON

você também — disse-me por fim.

Contrariado e com o olhar firme, mostrou que não desejava continuar aquela conversa.

CAPÍTULO 14

14

“Do que tenho medo é de teu medo.”

Shakespeare.

Londres, 29 de junho de 1805.

Richard e James foram para o clube de cavalheiros com os senhores Carlton, que vieram pessoalmente buscá-los, muito animados. O senhor Harry era o mais eufórico entre todos e estava verdadeiramente feliz por James estar acompanhando-os. Estávamos na grande sala

principal; eu sentada em uma poltrona de mogno, passando meus dedos sobre os entalhes das laterais de apoio enquanto ouvia um pouco da conversa animada entre os cavalheiros do outro lado da sala e esperava o momento de me despedir de meu irmão e de James, ainda ruborizando a cada vez que ele me olhava à distância, sem conseguir esquecer nem por um segundo nosso beijo e sua declaração tão ardente.

Eles conversavam sobre o inverno de dois anos antes, quando os irmãos Carlton se hospedaram na *House Flowers* para a temporada de caça à raposa.

— E aquele foi o único e último ano em que o senhor James participou das festividades sociais de inverno e de caça — disse Harry em tom decepcionado. — Pois desde então ele tem se esquivado de nos acompanhar a Otford³² ou de nos

convidar para ir a Dorsetshire.

— E isso já tem dois anos? — perguntou James com expressão de incredulidade, como se Harry estivesse exagerando.

— Sim! E quando nos acompanhou ficou gracejando com os cachorros de caça e mais nos atrapalhou do que qualquer outra coisa — observou Anthony com um sorriso.

— Os cachorros é que estavam de gracejo comigo — retrucou James, rindo.

— Então não gosta de caçar, senhor James? — perguntei, curiosa com aquela conversa. Realmente eu não conseguia imaginá-lo em tal atividade.

— Não é algo que faço com tanto prazer... — respondeu ele de forma introspectiva.

— Matar não é mesmo algo que deva dar

prazer — ousei dizer, mas me arrependi ao ver os olhos de Harry pesando, condenatórios, sobre mim.

— A caça à raposa é uma manifestação legítima dos valores de nossa sociedade, senhorita Gibbons, inclui uma equitação habilidosa, conhecimento de território e coragem — falou Harry sisudamente. — Acredite, caçar raposas não é perigoso apenas para o animal, mas também para os cavalheiros.

A isso eu apenas assenti e não teci mais comentário algum. Minutos depois, James, ao ver todos distraídos, se aproximou de mim e se despediu.

— A senhorita estava absolutamente certa. Odeio caçar e fujo o quanto posso de participar de atividades dessa natureza.

— Sei que o senhor tem atividades que lhe dão muito mais prazer — falei, pensando em como

James gosta de pintar.

— Como estar com a senhorita — disse-me ele, quase me roubando o ar e certamente deixando-me corada.

— Eu estava pensando na pintura.

— Ah, sim, ou quando estou pintando seu retrato — completou, fazendo com que inevitavelmente eu sorrisse discretamente para ele. O desejo era abrir um sorriso imenso, mas me contive.

E então eles se foram para o clube de cavalheiros, e eu fiquei sozinha na mansão com a senhora Holly. Sentamo-nos como duas amigas no jardim e permanecemos em uma deliciosa conversa sobre tantas coisas que jamais pensei ser possível conversar com uma pessoa de idade tão diferente da minha. A senhora Holly é tão inteligente e sabe tanto sobre música, arte e literatura que foi um

PERIGOSAS ACHERON

verdadeiro aprendizado estar ao seu lado. É mágico quando acontece essa conexão de almas... É algo que realmente nos liga e faz com que nos admiremos mais a cada segundo.

Estou com medo de admitir, mas sinto que foi exatamente esse tipo de conexão que aconteceu entre mim e James.

— Por que a senhora nunca se casou, senhora Holly? — arrisquei a pergunta, mesmo sabendo que a senhora Holly poderia considerá-la íntima demais.

— Oh, querida, a vida... — falou após alguns segundos de reflexão. — A vida foi me levando para outros caminhos. Primeiro eu estava ocupada demais em servir a família de Emily, ser sua amiga e cuidar dela. Mas, depois, quando James nasceu...

— Você foi a mãe dele! — completei

rapidamente. — Claro, como não pensei nisso?! É claro que percebi a proximidade entre vocês e como se gostam, mas não havia parado para pensar em como o senhor James era um bebê quando Emily partiu, e ele foi criado pela senhora.

— Sim, cuidei de James como um filho. Cuidei como se fosse meu, como certamente Emily gostaria que eu fizesse.

— E fez isso muito bem, pois ele se tornou o melhor homem de todos — declarei com vigor, talvez com vivacidade demais, pois a senhora Holly me olhou de um jeito incomum.

— Concordo e fico feliz que consiga vê-lo dessa forma. James é o mais honrado dos homens... Antes de morrer, Emily me fez prometer a ela duas coisas. Ela queria que eu me assegurasse de que seu filho fosse criado para ter um caráter diferente do pai, o mais diferente possível. No final

da sua vida, ela não conseguia mais amar da mesma forma seu esposo. O senhor Boorman colocou o nome de James em sua própria homenagem, mas esse não era o desejo de Emily. Ela queria tudo diferente para o filho, tudo que fosse o contrário do pai.

— Emily ficaria orgulhosa de James... — falei suspirante, e a senhora Holly pareceu perceber meus sentimentos. — Do *senhor* James! Ficaria orgulhosa do senhor James — reparei minha fala, referindo-me a James formalmente, mas não adiantou muito.

— Ele gosta muito da senhorita — disse-me de súbito. Tentei parecer indiferente a tal fala, séria e até ofendida, mas a senhora Holly apenas sorriu e continuou, tão suspirante quanto eu: — Ah, se Emily tivesse conhecido um cavalheiro que tivesse metade da honradez e da amabilidade de James! Eu

a teria aconselhado de maneira muito diferente do que quando conheceu o senhor Boorman. Eu gostaria de ter feito mais por ela.

— A senhora fez o que pôde, a advertiu e de nada adiantou, pois Emily estava muito apaixonada, iludida por um amor que ela criou em seu coração, mas que não existia — falei impulsivamente, sem lembrar que a senhora Holly não sabia que eu havia lido o diário. Na verdade, eu não sabia sequer se ela tinha conhecimento de tal diário. — Oh, julgo que devo explicações de como sei sobre essas coisas... Bem, o senhor James contou-me algumas coisas sobre Emily... Ele...

— Querida, eu sei sobre o diário, não se preocupe. James, quando o achou, trouxe até mim após lê-lo. Havia muito que ele gostaria de saber, mesmo eu nunca tendo escondido nada. Mas até então eu apenas respondia aos questionamentos de

James e nunca havia me profundado em contar-lhe sobre como ela se transformou da pessoa mais reluzente e feliz na jovem mais triste e solitária...

— Oh, sinto tanto por ela — exprimi-me. — Ler aquele diário foi extremamente difícil para mim. Imagino então como o senhor James deve ter se sentido. Havia tanto sentimento e verdade... Era como se eu a conhecesse, como se por um momento pudesse salvá-la. Seus escritos são tão comoventes, mas a força que demonstrou, a coragem... — Suspirei.

— Sim, Emily tinha um coração valente, uma mente florescida... Mas, querida, precisamos falar sobre a senhorita agora. Não posso deixar se repetir assim, diante de meus olhos, tanta tristeza... A senhorita precisa saber que nada pode doer mais do que um arrependimento irreversível. No entanto, agora ainda pode fazer algo e assim não sofrerá tal

desventura.

— Oh, senhora Holly! — Abracei-a. — A senhora e o senhor James são tão bons para mim, mas...

— Querida, faremos tudo para ajudá-la se permitir. E não se esqueça de que o amor é uma virtude, uma benção, então não tenha medo de sentir e de viver um amor que é de verdade... — disse-me sabiamente, mas com uma melancolia visível em seus olhos. — Como a senhorita deve saber, a maioria das pessoas passa por esta vida sem nunca ter experimentado um sentimento igual... E outras — suspirou —, não têm a oportunidade de viver esse sentimento tão sublime, seja por consequência do destino ou da maldade.

— A senhora sabe tanto sobre o amor... Senhora Holly, a senhora já amou alguém assim? Desculpe-me se a pergunta for inoportuna, se lhe

PERIGOSAS NACIONAIS

causar alguma tristeza ou desconforto, mas eu não sei muito sobre tal sentimento e a senhora parece compreender tanto...

— Ah, querida, eu já fui jovem como a senhorita e já amei tanto quanto meu coração podia suportar — contou-me com os olhos brilhando. — Amei tanto que parecia que toda minha vida e felicidade dependiam desse amor...

— Ah, que lindo, senhora Holly! Mas o que houve com tanto amor?

— A severidade da vida, querida... Mas principalmente a maldade das pessoas.

— O que aconteceu para que não pudesse viver seu amor?

— A senhorita quer mesmo conhecer essa história?

— Sim!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Antes de James nascer, quando Emily ainda estava aqui, radiante nesta casa assim que se casou, eu também conheci o amor. Nós duas viemos juntas para cá no dia do seu casamento. Emily estava tão feliz... À medida que ela se desencantava pelo marido, eu me apaixonava por um dos jovens criados desta casa. Ele cuidava dos cavalos e das caleças, assim como seu pai e seu avô. Emily o achava muito simples para mim, sem cultura ou educação. Ela pensava que eu deveria esperar e me casar com um cavalheiro de melhores condições, com uma família pertencente à alta sociedade. Eu dizia a ela que eu mesma não fazia parte dessa sociedade, que meus pais não tinham um sobrenome de peso nem fortuna, mas ela dizia que minha beleza e educação bastariam para fazer um casamento muito mais adequado.

“Oh, essa era sua opinião inicial, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depois ela mudou sua forma de pensar, pois viu o quanto o amor verdadeiro é necessário em um casamento e o quanto o caráter e temperamento do esposo deveriam ser considerados. Ela passou a nos apoiar e por mais de um ano vivi o amor mais lindo que se possa imaginar, mas um tempo depois, quando Emily estava grávida de James, o senhor Boorman descobriu meu romance e disse que não permitiria um relacionamento entre criados e que deveríamos escolher, ou ficaríamos juntos e sem trabalho, ou trabalharíamos cada um em uma de suas propriedades, mas longe um do outro. Ficamos enlouquecidos, éramos muito apaixonados e planejávamos nos casar, então decidimos que nada nos separaria. Porém, eu não queria deixar Emily sozinha, grávida, então decidimos esperar.

“Ele partiu para a *House Flowers*, e eu fiquei aqui. Então James nasceu, Emily morreu no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parto e eu fiquei com aquele bebê lindo em meu colo e com aquela súplica de Emily em meu pensamento, me pedindo para cuidar do seu filho, para orientá-lo a ser diferente do pai. Como eu poderia deixar James? O senhor Boorman o criaria como desejasse, o transformando em sua cópia. Esse James que conhecemos hoje talvez não existisse nessa forma tão honrada, com um caráter tão justo.”

— Oh, meu Deus! Senhora Holly, isso é tão triste — falei, segurando uma de suas mãos. — A senhora teve de deixar seu grande amor, sua felicidade... Mas eu entendo, entendo por que fez isso. Seu gesto foi muito nobre, e eu a admiro ainda mais por isso. Mas, diga-me, tudo valeu à pena, sua felicidade pôde ser restaurada?

— Sim, senhorita Gibbons, o amor de James me encheu de alegria por todos estes anos.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não tinha mais o amor do meu querido... — E então a senhora Holly parou de falar, me olhou nos olhos e avaliou-me por alguns instantes, como a medir tempo para pensar.

— Senhora Holly! O jovem pela qual a senhora foi apaixonada era o senhor Julius? — perguntei, exasperada, quando me ocorreu a lembrança do senhor Julius ter dito que conhecia o senhor James desde que ele nascera e a senhora Holly até mesmo antes disso.

— Sim, querida — confirmou ela, emocionada.

— Oh, eu nem sei o que dizer... O senhor Julius! O que houve depois?

— Apenas tornamos a nos ver um ano mais tarde e apenas por alguns dias, quando o senhor Boorman veio ver o filho. Depois que Emily morreu, o senhor Boorman se mudou

definitivamente para a *House Flowers* e voltava a Londres uma vez por ano, no verão. Quando ele retornou pela primeira vez, ele... Oh, há coisas que eu não devo falar para uma mocinha como você, mas basta saber que ele me fez uma proposta indecorosa, nada honrada. Ao ser recusado, ele ficou muito irritado e chegou a ameaçar deixar-me sem o emprego e sem ver James, apenas desistiu da ideia porque teve dificuldades em encontrar uma substituta para mim e alguém para cuidar de um bebê. Sua fama como um mau patrão era muito conhecida entre os serviçais e muitos evitavam trabalhar nesta casa, mesmo que o senhor Boorman passasse a maior parte do ano fora.

“E, assim, ano após ano, eu e o senhor Julius fomos cada vez mais nos distanciando, as correspondências diminuindo... Certo dia, ele me pediu para seguir sem ele em meus pensamentos,

PERIGOSAS NACIONAIS

pois ele gostaria que eu fosse feliz, que me casasse... Ele sabia que não podíamos ficar juntos e, por isso, decidiu que devíamos romper para sempre e jamais voltar a tocar nesse assunto. Foi tão difícil, eu jamais consegui atender ao seu pedido...”

— E penso que ele também não. O senhor Julius nunca se casou, não é?

— É, jamais... Embora eu o tenha feito fazer a mesma promessa, de que se casaria e seria feliz.

— Oh, senhora Holly, isso é tão romântico, mas também tão triste. Vocês são almas gêmeas separadas pelo infeliz e odioso senhor Boorman.

— Não foi apenas o senhor Boorman. Claro que ele dificultou muito, mas penso que eu não conseguiria deixar James e seguir minha vida. Eu sentia que precisava fazer isso, ficar com ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, senhora Holly, como eu a entendo! Eu mesma me sinto assim... — E então suspirei fundo e contei a ela por que havia aceitado me casar com o senhor Boorman.

Contei-lhe toda minha história desde o princípio, não contendo as lágrimas durante a narrativa. Eram lágrimas de aflição e medo, mas também de alívio, pois contar-lhe dava a mim esse sentimento. A senhora Holly segurou em minhas mãos enquanto eu descrevia a ela como foi duro ter de aceitar ficar noiva do senhor Boorman, mas que eu não via alternativa, deixar Audrey passar por isso me conferiria ainda mais dor. E, depois, abri meu coração e deixei que ela soubesse o que eu estava sentindo por James, contando a ela que ele sentia o mesmo por mim e que estava disposto a lutar por nós.

— Oh, minha querida, eu a entendo... Sei o

que é fazer sacrifícios por aqueles que amamos e o quanto deve estar sendo difícil suportar tudo isso. Contudo, não se esqueça de que cuidar da sua felicidade também é importante. Não deve deixar isso de lado.

— Mas como posso fazer isso? Acredita que minha felicidade é mesmo possível?

— Sua felicidade é o que há de mais possível, senhorita Gibbons...

— Por favor, me chame apenas de Lolla...
— pedi.

— Tudo bem... Lolla, não deixe que ninguém dite regras para sua felicidade — falou-me com afetuosidade. — Se você sabe o que a deixa feliz, então persiga nesse caminho sem permitir desvios. E não pense que estou a aconselhando a fazer algo que eu mesma deixei de fazer quando mais jovem, pois ver James crescer e participar de

sua vida fez-me muito feliz. Eu o vi dar o primeiro sorriso, os primeiros passos, o vi cair no jardim correndo atrás de um pássaro e acalentei seus choros. Quando James aprendeu a pintar, foi para mim que ele fez o primeiro desenho e quando ele se apaixonou pela primeira vez, fui eu quem o aconselhou...

— A senhora está falando da senhorita Rosie? — Meu coração acelerou.

— Não, estou falando da senhorita Gibbons. Estou falando de você, Lolla.

— De mim? — E então meu coração pulsou ainda mais forte.

— Sim, sei o que James sente pela senhorita mesmo antes de você me contar. James me contou.

— Ela sorriu.

— Oh, então a senhora sabe que nos beijamos? — A pergunta veio instantânea,
PERIGOSAS ACHERON

impulsiva.

— Beijaram-se? Não, isso eu não sabia.

— Oh, que vergonha, senhora Holly...—
Certamente devo ter ficado ruborizada, quase cobri meu rosto com as mãos.

— Não há motivos para isso, Lolla. O que sentem é puro, não deve ser motivo de vergonha.

— Mas eu não sei o que fazer. James pediu que eu confiasse nele, mas ainda me sinto tão insegura, com tantos medos... Agora a senhora sabe por que é tão difícil, eu preciso proteger Audrey, necessito protegê-la em primeiro lugar.

— Confie em James, Lolla — pediu, abraçando-me, e então acarinhou meus cabelos, fazendo-me sentir que nada naquele momento poderia dar errado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

15

*“De todas as paixões baixas, o medo é a
mais amaldiçoada.”*

Shakespeare.

Londres, 30 de junho de 1805.

Assim que amanheceu, encontrei-me com Richard e James no desjejum e logo notei que meu irmão estava diferente. Após ficar em silêncio na mesa e mal dirigir o olhar para mim, isso sem mencionar que nem sequer tocou na comida, com o

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar perturbado ele andava de um lado para o outro na sala e não dizia coisa alguma. O senhor James estava de forma semelhante, mas parecia mais preocupado com Richard do que com ele mesmo. Alguma coisa estava errada.

— Oh, Richard! O que há com você? — perguntei, sem conseguir aguardar que viesse dele alguma informação.

— Ah, Lolla — disse ele, soltando um profundo suspiro —, talvez seja melhor nem saber.

— Deixou-me mais aflita ainda. Diga-me o que há com você para estar tão inquieto e preocupado. Aconteceu algo ruim ontem no clube de cavalheiros? — perguntei, olhando para meu irmão e depois para James, querendo uma resposta.

— Vou deixá-los a sós para conversarem melhor — falou James, e foi para o jardim, deixando-me a sós com Richard.

PERIGOSAS ACHERON

— Diga-me, Richard, o que houve? Estou preocupada... Alguém lhe fez mal?

— Não é nada disso, Lolla... Bem, não há uma forma fácil de dizer o que direi... Eu estive com o senhor Thompson na noite passada. Assim como imaginei, ele estava no clube e fomos apresentados.

— Por que isso é tão horrível e você parece tão aterrorizado? Oh, Richard, o que disse a ele? Você perdeu o controle e o agrediu? Vocês brigaram?

— Não é nada disso, Lolla!

— Mas o que foi então? Oh, você disse que conhecemos Helen, que somos amigos, e deixou que ele percebesse sua desconfiança? Ele se irritou e agora proibirá para sempre nossa amizade? — perguntei, aterrorizada.

— Lolla! Não! Se quer mesmo saber, então
PERIGOSAS ACHERON

ao menos me deixe falar.

— Ora, é tudo que mais quero!

— Ora, então se cale um pouco! Eu e o senhor James vimos o senhor Thompson entrar em uma casa de... Oh, Lolla, é tão difícil dizer...

— Apenas diga, vamos! Junte palavra após palavra e me diga, Richard!

— Está bem. — Suspirou pesadamente. — Nós o vimos entrar em uma casa de luxúria. Eu não deveria dizer isso a você, mas existem muitas casas assim e...

— Uma casa de luxúria?! — quase gritei. — Então o senhor Thompson é um libertino que prefere a companhia de mulheres desvirtuadas?

— Oh, Lolla, não é bem assim. A verdade é que eu não consigo dizer o que gostaria... Esqueça isso, você entendeu tudo errado — expressou-se

com agonia.

— Como assim? Penso que você foi bem claro agora mesmo. Viu o senhor Thompson entrar em uma casa de luxúria. Entendi muito bem.

— Pois bem! Então esqueçamos esse assunto.

— Por ora. Agora diga-me por que estavam na frente de tal estabelecimento? — estreitei meus olhos para Richard.

— Porque era caminho para o clube de cavalheiros.

— Então o senhor Thompson não foi ao clube?

— Ele foi ao clube, mas saiu antes de mim e James. Então logo em seguida também viemos embora e...

— E seguiram o senhor Thompson? —

questionei ao julgar muita coincidência terem-no visto por acaso.

— Nós o seguimos, sim. Ele estava a pé... Nós pedimos ao cocheiro para nos aguardar em frente ao clube e o seguimos por algumas quadras, então o vimos... Mas, Lolla, deixe essa história para lá. Agora precisamos pensar apenas em você e em James. Ele está apaixonado por você. Contou-me que se declarou e crê que é correspondido.

— O quê? Ele pensa que é correspondido?
— Alarguei meus olhos, e meu coração bateu forte.

— Sim.

— Por que ele pensa isso?

— Não sei, mas pensa. E eu penso o mesmo.

— E por que você pensa isso?

— Ah, apenas me conte, Lolla, o que sente

pelo senhor James?

— Por que eu lhe diria algo assim? Veja bem, sabe por que estamos nesta casa? Sabe que sou noiva do pai dele? — questionei com amargor.

— Sim, o que é totalmente irracional! Mas, se James está apaixonado, ele logo a pedirá em casamento, então papai e mamãe deverão ficar felizes, pois James é herdeiro de tudo que pertence ao pai. Sei que para você isso não importa, mas sei que nossos pais a estão forçando a aceitar esse casamento por causa da nossa situação financeira. Tudo se resolverá.

— Não, Richard. Vou lhe contar o que você ainda não sabe... Se eu me casar com James, nosso pai casará Audrey com o senhor Boorman.

— Que absurdo, Lolla! Eles nunca fariam isso, Audrey tem apenas quatorze anos.

— Pois fariam! Digo isso porque foram as
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palavras de nosso pai. Por que pensa que, no fim, acabei aceitando ficar noiva daquele senhor que tanto desprezo?

— Não posso acreditar... Nossos pais a chantagearam? Seriam mesmo capazes de tal maldade? Por quê? Estão desesperados a esse ponto? São gananciosos em tal escala?

— Sim, Richard, acredite, pois é toda a verdade — falei com os olhos úmidos, tentando segurar o choro.

— Eu não vou deixar isso acontecer, Lolla.
— Richard segurou minhas mãos e me fez olhar para ele. — Você precisa confiar que tudo dará certo, só não pode se entregar e casar-se com aquele homem.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

16

“Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.”

Shakespeare.

Londres, 02 de julho de 1805.

Ah, a alegria! Shakespeare disse que ela prolonga a vida e que evita mil males. Eu concordo, mas o contrário, a tristeza, parece que nos puxa para o fim de tudo... Sinto que eu poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

sobreviver às mais profundas dores, mas não conseguiria suportar ao desalento de me casar sem amor. Além de tudo, hoje sei o que é ser amada e isso não é algo que se possa esquecer. Meu coração agora conhece o pulsar prazeroso de estar apaixonada...

Pela manhã, estive no céu do prazer e da alegria genuína. Estive com James no gazebo que pertenceu à sua mãe, um dos lugares mais lindos desta casa. Mas, enquanto estávamos envolvidos pelo encantamento que sentimos um pelo outro, tivemos a infelicidade de ver a carruagem do senhor Boorman entrar pelos portões da propriedade e vê-lo surgir no jardim com a postura erguida e autoritária, o olhar severo nos empregados e um ar de quem estava aborrecido.

Minha felicidade ruiu como um castelo de areia quando as ondas o alcançam, no mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instante morreu o sorriso dos meus lábios, um sorriso que eu vinha sustentando desde cedo, quando James me convidou para novamente posar para ele e prometeu mostrar como estava ficando meu retrato. Disse que talvez ficasse pronto naquela manhã e me encheu de expectativas. Permanecemos algumas horas na sala que James usa para pintar, apreciando a companhia um do outro, desfrutando até mesmo do silêncio de quando James estava por demais absorto e permanecia muitos minutos apenas pincelando a tela e olhando para mim. Cada olhar vinha acompanhado de um significado, um sorriso, confissões silenciosas...

— Confesso que estou com medo, senhorita — disse-me repentinamente.

— Medo? Do que tem medo? — perguntei, piscando algumas vezes, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca conseguirei pintar algo tão belo quanto à senhorita. Tenho receio de que ache minha pintura horrível e que pense que não dou o devido merecimento à tamanha perfeição — confessou com a voz macia, os olhos brilhantes.

— Oh, James, que exagero! — E meu rosto se aqueceu com o enrubescimento que certamente me acometeu.

— Dizer que a senhorita é linda nunca será um exagero. Aliás, quem exagerou foi você mesma, Lolla, que é bela além da conta, tanto que mal sei dizer ou me expressar por meio de uma pintura.

— É muito gentil dizer isso... — Suspirei deliciosamente. — Mas, diga-me, terminou meu retrato? Eu gostaria muito de vê-lo.

— Sim, mas apenas se prometer não ser tão exigente ou não ter tanta expectativa quanto ao meu talento...

— James! Eu já vi seus quadros e sei que você é muito talentoso. Deixe-me ver, estou curiosa.

James então soltou o pincel e caminhou em minha direção, deu-me a mão e eu me pus de pé, diante dele, olhando dentro dos seus olhos enquanto ele fazia o mesmo. Olhava-me com tanta intensidade que meu coração desenfreado, bateu vigorosamente em meu peito.

— Eu nunca conseguiria pintar o tom de azul dos seus olhos, mais belos que o oceano, ou seus lindos lábios, mais rosados e saborosos que uma fruta, o contorno das suas sobrancelhas e os seus cílios, ou a maciez da sua face — falou, acariciando meu rosto. — Há algo que preciso confessar... Meus sentimentos vão muito além de estar apaixonado. Eu a amo! Sim, eu a amo com ardor e êxtase, Lolla! — E, assim que James

terminou sua confissão, puxou-me para um beijo intenso e deleitável que deixou minhas pernas instáveis e minha respiração ofegante.

— Eu... também, James, eu também o amo — falei entre seus lábios, suspirando e sorrindo.

— Meu doce, isso é mesmo verdade? — perguntou com os olhos fixos em mim, maravilhado.

— Claro que é, James. Acaso eu diria algo assim apenas por gracejo? — Então, em resposta, ele apenas me beijou repetidas vezes.

— Este momento poderia durar uma eternidade, pois eu jamais cansaria de ouvir o que acabou de dizer e jamais cansaria de beijá-la. O meu amor, Lolla, será fonte inesgotável de alegria em sua vida, prometo. Venha comigo — convidou-me, segurando minha mão.

— Aonde vamos?

— Ao gazebo... Oh, espere — falou, voltando alguns passos e pegando um livro de cima de uma mesinha de mogno. — Quer que eu leia para a senhorita?

— Vai ler Shakespeare para mim? Sim! Mas e o meu retrato, quando poderei vê-lo?

— Em breve — prometeu James, e estendeu sua mão para que eu a segurasse.

Já no gazebo, acomodamo-nos sobre o tapete e as almofadas no chão de madeira clara. James havia aberto um pouco a janela e metade da cortina para que uma suave brisa entrasse por ela e arejasse o ambiente, que permanecia muito tempo fechado.

— “De almas sinceras a união sincera. Nada há que impeça: amor não é amor se quando encontra obstáculos se altera, ou se vacila ao mínimo temor. Amor é um marco eterno,

PERIGOSAS ACHERON

dominante, que encara a tempestade com bravura. É astro que norteia a vela errante, cujo valor se ignora, lá na altura. Amor não teme o tempo, muito embora seu alfanje não poupe a mocidade. Amor não se transforma de hora em hora, antes se afirma para a eternidade. Se isso é falso, e que é falso alguém provou, eu não sou poeta, e ninguém nunca amou”³³.

— Esse poema é absurdamente belo! —
exprimi-me, extasiada após ouvir James declamar Shakespeare para mim. — Tão belo que mal posso explicar o que tudo significa...

— “De almas sinceras a união sincera”, fala de duas almas semelhantes que se encontraram e se uniram...assim como nós. O verso seguinte diz que não há nada que possa impedir um amor de acontecer e que, se ele é verdadeiro, mesmo diante dos obstáculos permanece inalterável... “O amor é

um marco eterno”, pois é para sempre e não pode ser esquecido. “É astro que norteia a vela errante”, pois o amor é uma referência e salva a todos que estão perdidos, assim como as embarcações podem se guiar pelas estrelas, nós nos guiamos pelo amor. Nos mostra ainda que o amor não teme o tempo, mesmo que ele seja ágil, o amor é firme na eternidade. E conclui dizendo que quem diz que suas afirmações não são verdades nunca amou.

— Ah, James... — Suspirei. — Como pôde ter feito com que o poema se tornasse ainda mais perfeito?

— Não pressuponho que eu tenha feito isso. Só sei que esse poema corresponde ao que sinto pela senhorita.

— E ao que eu sinto também. — Sorri e recebi um suave beijo como resposta. Ficamos calados por algum tempo enquanto James voltava a

folhear o livro em suas mãos. — Ah, eu gosto muito deste lugar — confessei, olhando para as flores e depois para o piano. — Mas confesso que adoro particularmente aquele piano.

— É mesmo? — perguntou James, fechando o livro e me avaliando. — E há algo neste lugar que a senhorita adore mais do que aquele piano? — sondou com um olhar que me deixou inquieta.

— Deixe-me pensar... — Passeei os olhos pelo local com um sorriso fácil nos lábios. — Ah, James, você não é *algo*, mas *alguém*! Será que isso conta?

— É o que mais conta, senhorita — James falou, segurando minha mão e depositando um beijo suave sobre ela. — Mas como este espaço é bastante pequeno, penso que não estou em muita vantagem... Não há muitas coisas aqui para

competir comigo.

— Um piano já é coisa suficiente. Ele é tão lindo! Deve se sentir feliz por eu adorá-lo mais do que a ele — falei com energia e quase rindo.

— Então você me adora, Lolla Gibbons? — inquiriu com a voz deliciosamente apaixonada.

— Adoro, James — respondi no mesmo tom. — Mas e o senhor, o que mais adora neste lugar?

— Eu adoro tudo neste lugar, especialmente porque a senhorita está aqui agora. Não importa, Lolla, se eu estou em um gazebo, em um jardim ou em um baile, eu sempre vou amar o lugar onde a senhorita estiver. Aqui dentro ou lá fora, onde o mundo é imenso, não existe nada que me seja mais adorado, mais querido do que seu amor, e nada é mais importante do que amá-la.

— Diz-me que, de todas as coisas belas que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

há no mundo, ainda assim amas mais a mim e preferes minha companhia a todas as outras coisas? — perguntei, emocionada.

— Que tantas outras coisas tão belas existem no mundo para que duvides disso? Se mesmo o mar ou o céu azul não conseguem imitar o brilho dos seus olhos e mesmo um prado verdejante salpicado de flores não consegue ter sua graça? Para mim, Lolla, todas as outras coisas e belezas só têm significado se estiveres comigo.

E como eu nada mais sabia fazer a não ser sorrir, corar e suspirar, James se aproximou de mim e beijou-me novamente. Foi quando, ainda com o peito arfante e os lábios de James entre os meus, escutei um trotar de cavalos ao longe. Afastei-me delicadamente de James e espiei por sobre seus ombros na direção da janela com a cortina entreaberta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma caleça, James... Deve ser seu pai! Sim, reconheço aquela caleça. Ele chegou — falei, aterrorizada, como se estivesse vendo a encarnação do mal em minha frente.

Pus-me de pé, mas minhas pernas vacilaram e meu corpo inteiro tremeu de pavor.

— Oh, Lolla, está tudo bem, estou aqui. — James também se levantou e me acomodou junto dele. — Prometo que em breve não sentirá mais esse medo.

— Eu sabia que este dia chegaria, mas não compreendia o quanto estava despreparada para lidar com isso.

— Não lidará sozinha, prometo, meu amor.

— James! E se seu pai nos ver aqui, juntos e sozinhos? Como sairemos daqui sem sermos vistos? — falei, espiando o jardim e vendo a caleça parar junto às escadarias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não podemos ser vistos juntos? O meu desejo é ir agora mesmo até meu pai e dizer que pertencemos um ao outro... E dizer que...

— Não, não, James! — supliquei. — Tenhamos calma, por favor.

— Tudo bem — anuiu comigo. — Então eu sairei antes. Meu pai pensará que você está dentro da mansão. Assim que nos ver entrar, você deve aguardar alguns minutos e depois estará segura.

Concordei com o plano de James e fiquei dentro do gazebo enquanto ele se dirigia ao jardim. Aproximei-me da janelinha quadriculada e espiei através da fina cortina branca. O senhor Boorman não o viu sair, só notou sua presença quando James já estava muito próximo, caminhando com passos firmes em sua direção. Penso que James estava próximo de saudá-lo quando a voz do senhor Boorman ressoou:

PERIGOSAS ACHERON

— Compreende que não deveria estar aqui, não é? Acaso tem alguma dificuldade em cumprir ordens? — indagou o senhor Boorman com o cenho vincado, a voz autoritária chegou aos meus ouvidos.

— Penso que sim, meu pai, tenho dificuldades em cumprir qualquer coisa que me seja imposta e que vá contra minha vontade, especialmente quando é uma ordem tão incoerente como foi a que o senhor me determinou. Partir de Londres, que é o lugar onde vivo, apenas porque teríamos hóspedes? Por quê? — O tom de James também endureceu, embora ainda fosse muito controlado.

— Não importa as razões, uma determinação minha não deve ser descumprida. Você tem feito isso durante muito tempo, penso que é hora de começar a respeitar e acatar minhas

decisões — retorquiu o senhor Boorman, carrancudo.

Nesse mesmo instante, vi o senhor Julius retirando algumas bagagens da caleça. James o olhou e o saudou como a um amigo, mas de forma rápida, pois estava em meio a uma discussão com o pai.

— Acaso não somos todos adultos e temos o poder de decisão e escolhas? — James perguntou, virando-se novamente para o senhor Boorman.

— Você pode decidir e escolher qualquer coisa, desde que ela não me contrarie.

— O senhor não mudará nunca... — disse James, balançando a cabeça em negação, e caminhou até o lugar onde estavam as bagagens, ajudando o senhor Julius a retirá-las da caleça.

— Nunca, pois estou muito bem como estou! — asseverou o senhor Boorman ainda mais
PERIGOSAS ACHERON

austero, olhando com indignação para a atitude do filho em cumprimentar tão calorosamente um criado e, além disso, auxiliá-lo.

— Ah, então está bem? Pois nem tão bem de saúde, pelo que soubemos aqui. Ainda se recusa a cuidar da saúde e a ouvir os médicos?

— Eles não sabem de nada. Estou me sentindo muito bem. Tive apenas algumas dores, talvez uma indigestão, nada grave. Não vai se livrar de mim ainda.

— Eu não quero me livrar do senhor, não sei por que pensa isso — disse James, retirando da caleça uma grande maleta. — Nós agimos e pensamos diferente, mas não desejo que morra, embora o senhor faça tudo para antecipar esse dia.

— Ah, James, não seja tolo. Viverei muitos anos, você terá tempo suficiente para aprender ao menos um pouco da vida comigo. Então aprenda,

James. Comece olhando para si mesmo e deixando de agir como um criado e, principalmente, permitindo que cuidem disso aqueles que são pagos para desempenharem tal função — disse o senhor Borman, desviando-se do filho e entrando na mansão.

Assim que o senhor Boorman desapareceu, James olhou na direção do senhor Julius e lhe deu um afetuoso abraço. Conversaram brevemente, mas não os ouvi, já que falavam baixo. Depois James olhou na direção do gazebo e, como combinamos, entrou na mansão. Aguardei alguns minutos antes de fazer o mesmo, pois se eu entrasse e encontrasse com o senhor Boorman não saberia justificar onde eu estava. Talvez pudesse dizer que estava dando um passeio na lateral do jardim, foi o que pensei naquele momento, caso fosse questionada.

Assim que entrei, não encontrei nem James,

PERIGOSAS NACIONAIS

nem seu pai, apenas a senhora Holly. Ela lançou sobre mim um olhar aflito que entendi muito bem. Não havia pena, mas ternura, um olhar de empatia, mas também preocupado.

— Onde estão todos? — perguntei.

— Seu irmão ainda não desceu hoje, o senhor Boorman subiu para o aposento dele e James foi para a sala onde estão as telas que estava pintando.

— Por que meu irmão não desceu ainda? Será que adoeceu? — perguntei, aflita.

— Não, querida, eu mesma levei seu desjejum e ele estava muito bem. O senhor Richard queria apenas descansar até mais tarde e disse que não queria incomodá-los.

— Incomodar a quem?

— Ele queria deixar a senhorita e James

PERIGOSAS ACHERON

desfrutarem de alguns momentos a sós. Nós os vimos no jardim e depois os vimos entrar no gazebo — disse a senhora Holly. — Não precisa corar assim, menina. — Ela riu.

— Não sabia que tinham nos visto. Fomos lá para ler.

— Para ler, para apreciar a companhia um do outro... Não nos compete saber, apenas desejamos que fiquem juntos.

No instante em que Holly dizia isso, eu vi James surgir na sala, carregando todo seu material de pintura.

— Aonde vai, James? — perguntei ao ver sua pressa.

— Vou levar meu material para o gazebo. Por enquanto, é o local mais seguro.

— Deixe-me ajudá-lo — ofereceu-se a

senhora Holly, vendo que havia nas mãos de James muito mais do que ele podia carregar.

A senhora Holly foi para o gazebo com parte do material, e James segurou uma tela com todo cuidado.

— Esta tela é a que pintei para você...É seu retrato, Lolla. Ainda deseja vê-lo?

— Sim, James, desejo muito, mas não agora. Penso que precisa esconder esse retrato.

— Esconder? Sim, por ora, para protegê-lo. Eu, na verdade, vou pendurá-lo na parede muito em breve, senhorita — disse-me com um olhar apaixonante e se foi atrás de Holly, deixando-me suspirando por ele.

Depois disso, fui para meu aposento, temendo encontrar o senhor Boorman pelos corredores ou escadas. Meu coração batia forte a cada passo e eu andava devagar, tentando antecipar

PERIGOSAS ACHERON

qualquer ruído que indicasse a terrível presença do meu noivo. Respirei aliviada quando cheguei ao meu aposento sem encontrá-lo em parte alguma.

Somente vi o senhor Boorman à noite, pois ele solicitou a primeira refeição em seu aposento e por lá permaneceu a tarde inteira. Mas, antes do jantar, a senhora Holly veio até mim e pediu que eu me preparasse para jantar na companhia do seu patrão.

— Somente com o senhor Boorman? — perguntei com aversão à possibilidade.

— Não, senhorita. O senhor James e seu irmão também estarão presentes — disse-me ela de um jeito mais formal do que de costume.

— O que há, senhora Holly? Por que está tão séria e cerimoniosa comigo?

— Querida, eu preciso ser assim quando o senhor Boorman está nesta casa. O contrário, e ele

PERIGOSAS ACHERON

me mandaria ir embora, agora que James já é adulto. O senhor Boorman apenas me permite ficar aqui porque lhe é conveniente ter alguém para cuidar da casa e dos empregados em sua ausência, mas sou uma criada como qualquer outra, mesmo que seja a governanta, que trabalhe há mais de vinte anos nesta mansão ou que tenha cuidado do senhor James como um filho...

— A senhora é mais que isso. Foi amiga da mãe de James, deu carinho e educação a ele, o tornou o homem honrado que é. Além de tudo, a senhora deixou seu amor ser uma lembrança no passado apenas para doar seu tempo e dedicação a este lar e família... Senhora Holly, ao menos quando estivermos somente nós duas, quero que continuemos a ser amigas como antes. Peço que, por favor, não mude e não se afaste.

— Oh, querida, sim, eu sempre serei sua

amiga — disse, ofertando-me um abraço. — Agora vá se arrumar e desça em breve, sim? Sei que não é fácil, mas pense em James e em seu pedido. Confie, Lolla.



Assim que me vesti, fui ao aposento ocupado por Richard e bati em sua porta. Ele me atendeu com um sorriso e me deu um longo abraço. Não disse palavra alguma, mas seu abraço e seus olhos me passaram a confiança que eu precisava. Desci as escadarias que me conduziriam à sala com uma crescente angústia em meu peito, mas com meu irmão ao meu lado me sentia mais forte e protegida.

— Senhorita Gibbons. — O senhor Boorman disse meu nome ao me ver, curvando levemente a cabeça em saudação.

Estava sentado à mesa, na cadeira central.

Na mesa havia muito mais alimento do que de costume. Eram diversos tipos de carnes e acompanhamentos, além de muito vinho e outras bebidas com álcool.

— Senhor Boorman — falei após alguma hesitação, cumprimentando-o da mesma maneira, com um sutil curvar de cabeça.

Sentei-me ao lado de Richard e de frente para James, que estava no lugar onde costumava se sentar. Sério, ele me lançou um olhar carinhoso, mas que eu não pude retribuir, pois seu pai estava logo ao seu lado e ainda me avaliava.

— A senhorita está gostando da cidade? — Foi a primeira pergunta do senhor Boorman, dirigida a mim sem me olhar nos olhos enquanto já comia após ser servido pelos criados.

Lançou-me um breve olhar ao notar a demora da minha resposta, então respirei fundo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

obriguei-me a falar:

— Sim — disse apenas.

— E da casa e de suas acomodações? — tornou ele, dessa vez sem tirar os olhos de mim, dando uma pausa na refeição.

— Sim — respondi.

— Recordo-me da senhorita ser uma jovem muito mais falante. Deve saber que não aprecio monólogos. Se há algo de errado deve me dizer. Acaso não está sendo bem recebida e tratada adequadamente pelos criados? Diga-me, qual deles devo mandar embora?

— Não! Todos são muito bons comigo — falei rapidamente.

— Não precisam ser bons, necessitam apenas servir — expôs o senhor Boorman naturalmente, e então bebeu todo o líquido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelho da sua taça. — Por que está vestida assim? — questionou-me após ingerir o vinho.

James já se mostrava muito incomodado com as perguntas do pai e parecia a muito custo se conter.

— O que há de errado? — perguntei.

— Senhor... — disse ele lentamente e com uma expressão austera.

— Como? — inquiri, sem entender.

— Esqueceu-se de se referir a mim de forma conveniente. O respeito e a aquiescência são coisas das quais não abro mão, senhorita Gibbons. E sobre seus trajes, mandei uma grande soma para que comprasse vestidos novos — falou, olhando para Richard, a quem ele havia entregado a quantia.

— Sim, meu irmão me informou. A quantia está com Richard, que irá devolvê-la integralmente.

PERIGOSAS ACHERON

Aprecio minhas roupas como são, *senhor* — falei, acrescentando o modo de tratamento com um tom irônico.

— A forma como a senhorita está agora, diante de meus olhos, jamais será a forma adequada de uma dama se apresentar.

— Então o senhor deseja tirar de mim a liberdade de usar os vestidos que gosto? — falei, tentando parecer calma.

— *Liberdade!* — Ele riu. — Senhorita Gibbons, esses trapos velhos deveriam ser jogados fora. A senhorita não me envergonhará apresentando-se dessa forma diante dos meus convidados. Esta semana mesmo farei um jantar nesta casa e não tolerarei que esteja tão pouco atraente, deixando com que todos percebam sua inferioridade.

— Minha *inferioridade*? — questionei,
PERIGOSAS ACHERON

incrédula.

— Chega, meu pai! O senhor não pode falar assim com a senhorita Gibbons! Além de ser rude, está cometendo uma injustiça, pois uma pessoa não pode ser julgada como inferior apenas por causa dos seus trajes. Aliás, ninguém deveria ser tratado como inferior por coisa alguma. Sinceramente, creio que o senhor possa ser muito mais cavalheiro do que isso.

— *Cavalheiro!* — O senhor Boorman conteve mais uma risada. — Ouça bem, James, não volte a me interromper quando eu estiver falando com a *minha* noiva. A senhorita Gibbons tem a obrigação de me agradar, de mostrar-se submissa como deve ser uma esposa. Então, se digo que ela deve se apresentar com trajes mais adequados, não espero ouvir nenhuma palavra em resposta que não seja para confirmar minha determinação.

— Eu ainda não sou sua esposa, senhor Boorman, e ninguém me fará usar outras roupas que não as que eu trouxe comigo — rebati, pois achei que podia me defender sozinha, antes que o senhor Boorman desconfiasse dos sentimentos de James por mim.

— É uma jovem muito atrevida, senhorita Gibbons, cuidado. — Vi os olhos do senhor Boorman se tornarem irados.

— Agora está a ameaçando? Meu pai, eu não posso permitir que...

— Permitir nada, James! — gritou o senhor Boorman, batendo com as duas mãos fechadas sobre a mesa, estremecendo os talheres e pratos e assustando a todos. Seu rosto avermelhado ganhou um tom ainda mais forte e seus olhos já habitualmente endurecidos ficaram furiosos. Vi Richard olhar tenso para mim, ele assistia a tudo

com os dentes apertando os lábios, incrédulo. Eu conhecia meu irmão o suficiente para saber que ele estava com muita raiva. — Quem pensa que é para querer permitir ou proibir algo dentro da minha casa? Ouça bem, James, já mandei ficar distante de assuntos que não lhe dizem respeito.

— Acontece, meu pai — retrucou James, cerrando os punhos e os pressionando com força sobre a mesa.

Olhou-me antes de prosseguir sua fala, e por certo viu meus olhos expandidos, quase suplicantes para que ele não dissesse nada que nos compromettesse.

— O que acontece, James? — O senhor Boorman interpelou ao notar sua hesitação.

— Eu jamais conseguirei me manter calado diante de posturas como as que o senhor acabou de ter. Então não me peça para não intervir, pois não,

PERIGOSAS ACHERON

nunca serei indiferente.

— Foi em consequência disso que ordenei que partisse para a *House Flowers*! Convivemos melhor separados.

— Convivemos melhor quando não convivemos, é o que o senhor quer dizer.

— Entenda como quiser, James. Mas o senhor Julius voltará para a *House Flowers* amanhã e você irá com ele.

— Não, eu não irei — disse James, recobrando o tom de voz mais brando, porém com o peito visivelmente arfante. — Tampouco o senhor Julius necessita partir tão cedo, sem descansar após uma viagem desgastante e longa.

— Nem tão longa e, para que fique claro, quem dita as regras aqui sou eu: o senhor Julius partirá hoje! Sim, um tanto melhor, hoje!

— Não ouse ordenar isso!

— Ou o quê?

— Não me faça fazer ameaças ao meu próprio pai. Veja isso, o senhor discutindo com seu filho à mesa, sendo rude com a senhorita Gibbons, a senhora Holly de pé ao lado desta mesa como se fosse uma serviçal... — dizia James, muito agitado.

— A senhora Holly é uma serviçal, James — respondeu o senhor Boorman.

— A senhora Holly é mais que isso, ela me criou e tenho por ela grande apreço. Fere-me que quando o senhor esteja aqui a trate de tal forma. Não posso suportar. Quando eu era apenas um menino, tinha medo, tolerava muitas coisas com as quais não concordava apenas por ser domado por esse sentimento, mas hoje digo ao senhor que não tenho mais medo e que jamais deixarei de me posicionar contra algo que considere injusto. Cresci

e sinto muito se não me tornei o tipo de homem e de filho que o senhor gostaria, mas me tornei o tipo de homem que me orgulho de ser.

— Pois fique com seu orgulho, o engula e coloque-se em seu lugar. Permitirei que fique nesta casa apenas mais uma semana, para que esteja no jantar oficial do meu noivado com a senhorita Gibbons, oportunidade em que ela será apresentada à alta sociedade e aos nossos amigos. Depois disso, deverá partir com o senhor Julius. Era isso que desejava? Pois bem! Uma semana e nada mais — determinou, e depois continuou a comer sua carne como se não tivesse havido nenhuma discussão naquela mesa.



— Não sei se suportarei sequer mais um dia da presença intragável desse senhor — disse meu irmão, agitado, caminhando pelo aposento ocupado

por ele na mansão do senhor Boorman. — Lolla, se ele lhe dirigir a palavra mais uma vez da forma como fez no jantar, não responderei por mim!

— Acalme-se, Richard. Não podemos perder o controle de nossas emoções, por favor — pedi.

— Lolla, sabe que não pode se casar com esse homem, não sabe? Já lhe disse isso outras vezes, mas não importa mais o que pense ou o que tema, eu não vou deixar que faça isso. E, por favor, esqueça essa chantagem que fizeram com você, pois também não vou permitir que Audrey se case em seu lugar. Eu juro que isso definitivamente não acontecerá.

Depositei todas as minhas esperanças nas palavras do meu irmão e no amor de James. Porém, era visível que havia algo mais nublando o olhar de meu irmão, sua inquietude não era apenas por mim,

senti que outras questões também permeavam sua mente preocupada.

— O que há com você, Richard? Além da sua preocupação comigo, sinto que existe algo que ainda não me contou.

— Sim, tem razão. — Suspirou pesadamente. — Eu nem sei como dizer, você já me perguntou tantas vezes sobre isso...

— Richard, se agora está pronto para dizer, então se abra comigo. Posso lhe garantir que faz muito bem não guardar tudo para si.

— É sobre Helen... Está certa quando diz que estou apaixonado... — confessou enfim. — Eu nunca havia pensado em Helen além da amizade até o dia em que soube que ela se casaria. O que eu senti naquela tarde, quando você me contou que ela estava noiva, foi como um golpe no meu coração. Eu gostava de Helen e não havia me dado conta do

quanto. Pensava que meu sentimento era apenas amizade... Estávamos tão acostumados a conviver, todos os dias juntos desde crianças, que nem percebi quando começou... Mas hoje sei que eu a amo de verdade.

— Richard! Isso é tão... lindo...e triste... Eu queria tanto que fosse diferente, que tivesse descoberto seu amor antes de Helen se casar.

— Eu também, Lolla... — falou tristemente.

Enquanto eu recordava o quanto Helen sofria, meus olhos se encheram de lágrimas.

— O que foi, Lolla? Por que está prestes a chorar?

— Nada, Richard, tolices da sua irmã...

— Não, não tente me enganar. Não me oculte nada que seja sobre Helen. Acabei de

confessar meus sentimentos, quer retribuir escondendo os seus?

— Tudo bem — assenti. — Mas aviso que o que contarei fará com que sinta raiva, mas que não desejo que se deixe dominar por esse sentimento.

— Conte-me, Lolla — pediu, suplicante.

Então contei tudo a Richard, a forma como Helen era tratada por seu esposo e as agressões que sofria. Vi Richard friccionar seus lábios um contra o outro e mordê-los com força enquanto me ouvia. Seus punhos se fecharam e pensei que fosse explodir.

— Desgraçado! Como me pede, Lolla, que não sinta raiva? Quero matar aquele infeliz!

— Está vendo? Foi por isso que eu não lhe contei antes e penso que talvez não devesse mesmo ter falado nada.

— Como não, Lolla? Há algo que posso fazer!

— Há? Não consigo imaginar o quê.

— Sei algo sobre o senhor Thompson. É algo, Lolla, que o comprometeria para sempre e que com certeza ele prefere manter em segredo.

— Do que se trata? De tê-lo visto em uma casa de luxúria?

— Vai além disso. Não posso dizer o que é, mas vou usar isso contra ele... Não queria, mas preciso.

— Não pode dizer a mim?

— É constrangedor... Apenas confie em mim, posso usar isso para fazer o senhor Thompson se afastar de Helen, deixá-la em paz para sempre.

— O que seria tão grave a ponto de ele aceitar deixá-la? E seria certo usar isso contra o

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor Thompson? — perguntei mais a mim mesma, confusa.

— Certo? Acaso o que ele faz a Helen é certo? Preciso agir para ajudá-la e isso é tudo o que tenho.

— Então pretende mesmo usar *isso* contra o senhor Thompson? Não é perigoso?

— Não creio que seja perigoso.

— Por favor, certifique-se de não tomar nenhuma atitude impensada, Richard. — Abracei-o carinhosamente e me despedi, indo em seguida para o meu aposento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

17

*“Tão impossível é avivar o lume com neve,
como apagar o fogo do amor com palavras.”*

Shakespeare.

Londres, 03 de julho de 1805.

No meio da tarde, uma agitação incomum distraiu-me enquanto eu estava relendo em meu diário os acontecimentos dos dias anteriores. Ouvi um gemido clamoroso ao longe e depois um bramido de dor. Alguém chamava pela senhora Holly e reconheci ser a voz do senhor Boorman.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhei lentamente até a porta e espiei o corredor, vendo-a entrar no aposento do patrão com urgência e fechar a porta em seguida. Logo James também surgiu, o olhar foi direcionado imediatamente para a porta do aposento do pai.

— É meu pai. Está novamente com fortes dores.

— Isso é comum?

— Sim. Há alguns anos as dores começaram, mas vêm se agravando. Chamarei alguém para avaliá-lo — disse James, sério.

Nesse momento, a senhora Holly saiu do aposento do senhor Boorman e ao nos ver caminhou em nossa direção.

— Penso que devemos chamar um médico — sugestionou James.

— Mencionei isso, mas ele não quer. Seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

único pedido foi que eu levasse vinho e o deixasse em paz — comunicou a senhora Holly.

— Vinho? Ele quer beber ainda mais? — James inquiriu, incrédulo.

— Disse que o vinho anestesiará sua dor. Ele tem sido muito inflexível...

— Um teimoso!

— Terei de fazer o que ele me pede.

— Então misture água no vinho — sugeriu James.

— Ele perceberá. Foi o que aconteceu na última vez que fizemos isso, recorda-se? O senhor Boorman ficou irado e atirou a taça e todo seu conteúdo na parede.

— Senhora Holly, o senhor Julius já retornou? — James questionou.

— Ainda não, James, porém já deve estar a

PERIGOSAS ACHERON

caminho. Ele saiu com o senhor Richard há pelo menos uma hora.

— Meu irmão saiu? Aonde foi? — perguntei, surpresa que Richard tivesse saído sozinho e sem me comunicar.

— Não sei, senhorita — disse a senhora Holly, novamente mais formal do que eu gostaria. — Com licença, vou levar o vinho para o senhor Boorman.

— James, sabe onde Richard está?

— Sim, eu sei, Lolla.

— Devo me preocupar?

— Creio que não. Seu irmão apenas foi conversar com um amigo.

— Amigo? Richard não tem amigos em Londres... Ele foi ver o senhor Thompson! — concluí. — O que mais faria em uma cidade onde

não conhece ninguém?

— Talvez tenha razão — concordou James, cauteloso.

— James, o que Richard lhe contou sobre o senhor Thompson? Sei que estavam juntos naquela noite, quando foram ao clube de cavalheiros. O que viram que deixou meu irmão tão agitado?

— Lolla, há um motivo para Richard não ter lhe contado. Eu não posso fazer isso por ele. Mas tranquilize-se, seu irmão é um homem bom e sensato, sabe o que faz.

— Espero verdadeiramente que saiba. — Suspirei fundo, preocupada, distraíndo-me por alguns segundos com meus pensamentos.

— O que vai fazer agora? — perguntou James de repente, mudando o assunto e sorrindo para mim. — Pensei em lhe mostrar certo retrato...

— Não vai sair, buscar um médico para seu pai?

— Sim, assim que o senhor Julius entrar pelos portões eu irei, mas, enquanto ele não chega, dispomos de alguns minutos. Será o suficiente.

Como não concordar com aquele pedido? Imediatamente aquiesci com a ideia. James foi ao gazebo e me aguardou chegar, o que aconteceu em apenas poucos minutos, pois eu estava ansiosa para ver meu retrato. Quando entrei, a tela estava ainda coberta pelo tecido branco e uma luminosidade mágica entrava pela janela, atravessando as cortinas translúcidas e formando luzes coloridas com o reflexo do sol, onde pequeninos pontos dourados brilhavam.

— Venha. — James segurou minha mão e me levou para junto da tela. — Feche os olhos — pediu. Fiz o que ele solicitava com o coração

palpitando de ansiedade. — Agora pode abrir.

Assim que abri meus olhos, fiquei estarrecida com o que vi. Eu havia sido retratada de uma forma tão linda e perfeita que jamais poderia descrever. Era como se eu me olhasse em um espelho, ou em uma plácida lagoa. Meus olhos, meus cabelos, minha pele, meus lábios... estavam fielmente representados naquela pintura, no meu retrato.

— É tão lindo! Perfeito... — falei, emocionada.

— Assim como a senhorita...

— Não, é ainda mais... Há aquilo que me disse quando nos conhecemos, sobre captar a alma de uma pessoa, a essência do que se é. Essa pintura é tudo o que sou e ainda mais, pois há um pouco de você nela.

— Há um pouco de mim na sua pintura?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, pois dizem que há sempre um pouco do artista em suas obras.

— Mas e em você, há quanto de mim? — perguntou James, aproximando-se mais de mim.

— Há muito, James... E cada dia há mais... — confessei, ruborizando.

Então ouvimos um barulho na porta e antes que pudéssemos reagir ela foi aberta, revelando a senhora Holly com um ar preocupado.

— James, penso que deveriam voltar para a mansão.

— O que houve? — ele perguntou com o cenho vincado. — Meu pai piorou?

— Não, mas seu pai viu a senhorita Gibbons entrar neste gazebo. Tenho certeza de que viu, pois ele estava voltado para a janela quando a senhorita entrou. Eu estava logo atrás, vi quando

PERIGOSAS ACHERON

ele contraiu o rosto e fixou seu olhar no jardim. O aposento do senhor Boorman tem uma ótima visão para todo o jardim e para este gazebo também.

— Oh, senhora Holly, e é possível que tenha visto James também?

— Tenho certeza de que ele viu apenas a senhorita. Eu mesma o vi se levantar da cama e ir para a janela no instante em que a senhorita entrava. Antes disso ele estava deitado.

— Então ele está melhor? As dores cessaram? — perguntou James.

— Não, ele ainda está com dores, mas se recusou a comer o caldo que lhe preparei e tentou se levantar. Caminhou um pouco, mas percebi que fez isso com muito esforço. Depois bebeu o vinho que eu levei... E, James, ele se recusa a ver qualquer médico, então não adiantará chamar um, pois seu pai não abrirá a porta do aposento para

médico algum, foi o que ele disse... Oh, James, que coisa mais linda! — a senhora Holly exprimiu quando finalmente percebeu meu retrato.

— A modelo ajudou, sei que a beleza da original supera a pintura — falou James, sorrindo.

— Não, James, está perfeito. Querido, sua mãe teria ficado muito orgulhosa. Sabe como ela sempre desejou poder pintar lindos retratos. Você é fabuloso nisso, estou encantada — disse ela, e depois nos deixou a sós.

— James, definitivamente precisamos fazer algo para que o senhor Julius e a senhora Holly se encontrem — falei, determinada, assim que a vi se afastar.

— O senhor Julius e a senhora Holly?

— Sim, James. Acaso não percebeu que o homem por quem a senhora Holly foi apaixonada é o senhor Julius?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... Bem, sim, já pensei nisso algumas vezes, mas nunca ousei perguntar à senhora Holly para confirmar.

— Pois eu ousei. E, agora que sei de tudo, sinto que não podemos deixar de fazer algo para ajudá-los.

— Tantos anos se passaram. Acredita que ainda se amam?

— O que me disse sobre o amor? O que Shakespeare disse sobre ser eterno quando verdadeiro? O amor por acaso envelhece?

— Está certa. O verdadeiro amor não envelhece, nem perece. Mas, Lolla, como podemos ajudá-los?

— Traçaremos um plano para reaproximá-los. Quando o senhor Julius voltar, diremos a ele que queremos dar um passeio e insistirei que Holly me acompanhe.

PERIGOSAS ACHERON

— A senhora Holly não costuma se ausentar desta casa quando meu pai está aqui, especialmente agora que ele está acamado. O que justificaria sua ausência, a da senhora Holly e a minha na mesma hora?

— Não sei, James, mas pensaremos em algo. Que tal amanhã? Iremos ao *Hyde Park* e colocaremos o senhor Julius e a senhora Holly naquela charmosa embarcação do lago *Serpentine*. A magia daquele lugar os fará reviver a antiga paixão — falei, suspirando.

— Então pensa que o lago é mesmo capaz de fazer isso? Acaso ele a ajudou a se apaixonar por mim? — Avaliou-me com um sorriso matreiro.

— James! Isso é sobre a senhora Holly e o senhor Julius — pedi com as faces quentes, mas recordando que sim, meu coração começou a se desestabilizar por James desde aquele dia; ou,

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez, desde a primeira vez que o vi.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

18

*“Nem palavras duras e olhares severos
devem afugentar quem ama; as rosas têm espinhos
e, no entanto, colhem-se.”*

Shakespeare.

Londres, 04 de julho de 1805.

Desisti de esperar Richard retornar. A verdade é que acabei adormecendo enquanto o aguardava, ansiosa para conversarmos e também preocupada com o que ele pudesse estar tramando.

Sei que Richard ama Helen, mas não consigo dimensionar o que ele faria para protegê-la e o quanto de esperanças possuí de que possam ficar juntos algum dia. Sei que parece uma tragédia não conseguir ter aquilo que desejamos, mas por vezes ter o que se almeja se torna a tragédia maior, e essa é toda minha preocupação.

Despertei quando a luz do sol introduziu-se mansamente em meu aposento. A casa parecia silenciosa, indicando que ainda era muito cedo. Vesti-me o mais rápido que pude e saí à procura de Richard com o coração trêmulo e um pressentimento de que algo não estava certo.

— Richard — chamei baixinho junto à sua porta. Nenhum sinal de resposta. — Richard — apelei com mais veemência e bati na madeira.

— Lolla, entre. — James atendeu-me e fez com que eu entrasse no aposento sem demora,

olhando antes para o corredor a fim de se certificar de que ninguém nos viu.

— O que está fazendo aqui, James? — perguntei, surpresa, mas não esperei sua resposta, dei alguns passos dentro daquele aposento e então meu coração doeu com a imagem que vi. Richard estava muito ferido, parecendo desacordado. — O que houve com ele? Meu Deus, como está ferido! — disse, correndo para junto de sua cama.

— Ele está apenas dormindo, Lolla — James cochichou. — Ele ficará bem.

— O que aconteceu com ele? Veja como está machucado! Quem o feriu dessa maneira?

— Seu irmão chegou ontem muito tarde, ferido, foi até meu aposento e pediu por ajuda. Limpei um pouco o sangue dos seus ferimentos e o ajudei a se deitar. Richard não disse muita coisa, apenas que deixou muito pior aquele que fez isso

com ele, mas que depois outros dois surgiram... Estava um pouco confuso, mas antes de adormecer estava sorrindo.

— Sorrindo? Ferido dessa maneira?

— Sim, um tanto estranho, mas estava sorrindo e dizia: “foi por ela, valeu a pena”.

— Oh, que inconsequente! — falei, olhando para meu irmão desacordado.

— Conhece bem a moça por quem Richard é apaixonado? Helen? — inquiriu, incerto.

— Sim, Helen. Como sabe o nome?

— Richard outro dia contou-me de um amor impossível... Falou-me vagamente, mas pude compreender que a moça era casada. Esta noite o ouvi repetir esse nome algumas vezes... Helen.

— Sim, Helen é minha melhor amiga, cresceu junto comigo e Richard em Bincombe.

Éramos vizinhos e sempre fomos muito próximos. Ela se casou com o senhor Thompson por determinação da mãe... Não o conhecíamos, mas ele queria uma esposa e viu Helen certa vez na igreja. Na mesma semana, soubemos da sua proposta e à Helen nada restou a não ser aceitar. O senhor Thompson era tudo que a mãe de Helen desejava para ela, um homem de posses, jovem e belo. Até mesmo Helen pensou que pudesse ser feliz...

— Mas não foi?

— Não, pois o senhor Thompson mostrou-se violento, fere seu corpo e também sua alma com o desprezo e a repulsa. Ele parece odiá-la e mata um pouco a cada dia sua felicidade...

— Mas isso acabou — ressoou fraca a voz de Richard.

— Richard! Acordou! Como se sente? —

Voltei para junto de meu irmão e segurei suas mãos.

— Não importa muito como estou aqui por fora — disse, referindo-se a seus machucados. — O que realmente importa é que o senhor Thompson nunca mais machucará Helen.

— O que fez com ele, Richard? Não me diga que cometeu uma loucura? — perguntei, aflita.

— Não o matei, embora deva dizer que teve um momento em que não me faltou essa vontade. Mas não, ele me atacou primeiro, estava irado e eu apenas me defendi — contou-nos com uma expressão de dor, suas costas pareciam incomodá-lo muito e seus lábios estavam inchados. Ao lado do olho direito, havia um pequeno corte.

— E o que disse a ele para deixá-lo dessa maneira?

— Disse para que nunca mais procurasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por Helen — disse Richard, como se fosse a coisa mais simples do mundo. — Assim que a temporada terminar, ele voltará para casa e Helen não estará lá.

— Não estará? O que está me dizendo?

— O senhor Thompson dirá a todos que a esposa morreu e Helen dirá o mesmo, que é viúva. Então iremos para longe de Dorsetshire e viveremos juntos. Esse é meu plano, se Helen me aceitar. Se ela me amar como eu a amo... Mas, se não amar, eu apenas a ajudarei a fugir.

— Richard, isso é uma loucura, sabe disso?

— Lolla, veja se pareço me importar em parecer louco... Se houvesse outro jeito, eu o faria, mas não há.

— E por que pensa que o senhor Thompson fará aquilo que deseja? Não fará, Richard, por favor, não se iluda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O senhor Thompson fará o que eu lhe pedi, tenho certeza. — E deu um gemido de dor, massageando os ombros em seguida.

— Como pode garantir isso? O que há para que o tenha em suas mãos, como parece que tem? Fala com tanta determinação que me faz crer que sabe de algo muito ruim sobre o senhor Thompson, estou certa?

— Todos temos segredos, Lolla, mas alguns deles podem nos destruir, nos desmoralizar... São segredos pelos quais morreríamos.

— Você tem esse tipo de segredo?

— Não, mas o senhor Thompson tem.

— Então está o chantageando?

— Estou apenas me certificando de que ele não machuque mais Helen, de que a deixe viver em paz. Talvez ele possa encontrar alguma paz em sua

PERIGOSAS ACHERON

vida, com suas escolhas, com sua individualidade. Não o condeno por seus segredos, mas pelas consequências que isso trouxe à sua vida e das pessoas à sua volta. Na verdade, não me importa o que ele faça, só não pode ser Helen a pagar com sua felicidade.

O discurso de Richard pareceu um tanto confuso para mim. Entendo que ele quer protegê-la, que a ama, mas não posso compreender qual o segredo do senhor Thompson e como Richard poderia convencê-lo a ficar longe de Helen para sempre.

Richard estava ainda sentindo dores por todo o corpo, mas ouvi seu estômago reclamar de fome. Eu o deixei com James e fui à procura da senhora Holly, a fim de pedir que preparasse algo que o fizesse recuperar as energias. Meus passos foram interceptados no final do corredor, quando

PERIGOSAS NACIONAIS

ao passar em frente ao aposento do senhor Boorman ouvi sua voz ressoar:

— Senhorita Gibbons — chamou-me. Virei em sua direção e o vi altivo como sempre, não parecia que há poucas horas estava acamado. Seu olhar orgulhoso decaiu sobre mim como uma farpa. — Diga-me, há quanto tempo está nesta casa?

— Creio que há pouco mais de quinze dias, senhor — respondi, desconfiada do seu questionamento e conjecturando que algo desagradável viria a seguir.

— Mas já se sente muito à vontade, visitando espaços inusitados, como o gazebo do jardim? Aquele lugar está fechado há muitos anos e abriga velharias que James insiste em guardar. Deixa-me curioso o fato de tê-la visto entrar naquele local ontem. O que a senhorita foi fazer lá? — inquiriu com os olhos autoritários fixos em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi apenas curiosidade minha — respondi sem demora. — Cometi a intrusão de querer conhecer o interior do gazebo... Penso que era o único espaço da mansão que eu ainda não havia conhecido. Foi apenas curiosidade. Com licença — pedi e procurei me afastar daquele corredor o mais rápido possível, mas ainda o ouvi me chamar novamente:

— Senhorita Gibbons! — Sua voz ressoou mais forte. Virei-me em sua direção e o vi fazer uma expressão de dor, que logo foi contida. — O jantar será amanhã. Certifique-se de se vestir adequadamente.

— Senhor Boorman, acredito que já tenha expressado o que penso sobre isso — falei, resoluta, e com um leve abaixar de cabeça o deixei para trás, descendo as escadarias em direção à sala.

No último degrau, soltei um longo suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

A presença do senhor Boorman deixava minha vida repleta de nuvens cinza e carregadas.

Procurei renovar minha energia indo ao salão que James usava para pintar. Estava vazio, contando apenas com os móveis, mas sem o cavalete, as telas, tintas e pincéis. Olhei para o jardim através da grande janela envidraçada e relembrei os momentos que ali passamos, de como fomos nos conhecendo e abandonando os preconceitos que tínhamos inicialmente um contra o outro. Na verdade, penso que eu tinha muito mais cisma com ele do que o contrário. Cheguei a sorrir sozinha ao lembrar minha hostilidade com ele logo que cheguei a Londres.

— Senhorita Gibbons — chamou-me a voz da senhora Holly, retirando-me de minhas recordações.

— Oh, senhora Holly, chame-me apenas de

PERIGOSAS NACIONAIS

Lolla. — Sorri para ela.

— Perdoe-me, querida, mas temo me acostumar a isso e depois cometer o lapso de chamá-la assim na presença do senhor Boorman.

— Isso é tão revoltante — exprimi-me, balançando a cabeça.

— Mas o que a senhorita faz sozinha nesta sala?

— Ah, senhora Holly, vim pensar um pouco... Preciso da sua ajuda — disse a ela, e então contei o que havia acontecido com Richard na noite anterior, ressaltando que ele ainda estava fraco e precisava se alimentar, bem como cuidar dos ferimentos.

— Deviam chamar um médico! — sugeriu ela, preocupada.

— Seria arriscado trazer um médico aqui. O

PERIGOSAS ACHERON

senhor Boorman poderia descobrir e sabemos que isso não seria agradável, especialmente porque Richard não poderia justificar ter se envolvido em um confronto corporal com outro cavaleiro. Isso é constrangedor, eu sei, mas garanto que Richard é um bom homem e não teve culpa.

— Não precisa justificar nada, senhorita. Sei que seu irmão é muito honrado. Esteja tranquila, eu mesma cuidarei dos seus ferimentos e pedirei às cozinheiras que preparem uma refeição revigorante. Ele logo ficará bem.

— Obrigada, senhora Holly. — Abracei-a com carinho. — Há ainda outra coisa que gostaria de lhe pedir. Eu gostaria de sair esta tarde e adoraria que me acompanhasse. Não demoraremos, prometo.

— Aonde pretende ir? — perguntou ela.

Então precisei pensar com agilidade e

convencê-la de que o passeio tinha propósitos unicamente meus.

— Eu e James gostaríamos de sair um pouco. Desde que o senhor Boorman chegou, sentimos que somos observados, tolhidos por seus olhares. Mal pudemos conversar. Ainda há pouco fui questionada sobre ter ido ao gazebo. A senhora tinha razão, ele me viu entrar lá e isso levantou alguma desconfiança.

— Eu não sei... — Ela pareceu avaliar se aceitava meu pedido. — Bem, o senhor Boorman parece mais disposto, creio que as dores tenham cessado. Se não demorarmos, não fará mal sair um pouco, mas terá de pensar em algo para justificar sua ausência.

— Tem razão, não sei o que eu diria caso fosse questionada.

— Que tal dizer que foi ver os vestidos

novos que o senhor Boorman tanto insiste que a senhorita compre?

— Ah, senhora Holly, eu não...

— Eu sei, querida, mas terá de ter um bom argumento. Então, se necessitar, use esse.

Tudo saiu como planejado. Depois de ver Richard e me certificar de que ele estava bem, falei com James e contei a ele que a senhora Holly havia aceitado nos acompanhar, mas que deveríamos ser breves e não tardar em retornar. James sugeriu que ele saísse antes, sozinho, e que nos encontrássemos algumas quadras adiante.

A senhora Holly avisou o senhor Julius da nossa saída e ele preparou a caleça, surgindo em pouco tempo diante das escadarias com um cordial sorriso. Gentilmente nos auxiliou a subir e depois de sair para fora dos portões perguntou qual o nosso destino. Foi nesse instante que minha voz

sumiu, pois não queria prontamente revelar o local e tampouco dizer que James nos aguardava logo adiante. O senhor Julius não sabia nada sobre mim e James e temi o que pudesse pensar. Porém, se eu estava tentando dissimular algo, James parecia não se importar com isso, pois nos esperou tão próximo à sua casa que fez brotar uma ruga de estranheza no rosto do senhor Julius assim que o viu acenar na rua.

— James? — Ele puxou as rédeas dos cavalos e os fez pararem.

— Senhor Julius, permita-me entrar e acompanhá-los.

— Mas é claro, no entanto ainda não sei em qual direção seguir — falou o senhor Julius, olhando para mim e para a senhora Holly.

— Pois siga na direção do *Hyde Park* — anunciou ele.

— O *Hyde Park*? — assombrou-se a senhora Holly. — Oh, não, James. Precisamos retornar logo, e o *Hyde Park* fica distante de onde estamos.

— Mas seremos breves, prometo — garantiu.

O senhor Julius mostrava-se o mais confuso entre todos, porém nada mais questionou e seguiu para o local indicado por James.

O sol ameno e o clima favorecem os passeios ao ar livre, por isso o parque estava cheio, como da primeira vez que ali estive. Ao descer da caleça, amparada por James, não deixei de sorrir para ele com a liberdade de não ser observada pelos olhares do senhor Boorman.

— Ah, senhorita... — Suspirou. — Sorria sempre assim e serei um homem arrebatado... Sempre ardorosamente apaixonado.

E dizendo isso ele me estendeu seu braço com a mesma elegância com que o fez na noite do baile. Segurei-o e vimos que o senhor Julius, receoso, aproximava-se da senhora Holly para ajudá-la a descer da caleça. Vimos o embaraço nos olhos dela e o brilho que se acendeu nos dele. Não agiam com uma tranquila naturalidade, mas com o constrangimento que só o amor é capaz de causar.

— James, devo esperá-los na caleça?

— De maneira alguma, senhor Julius. Venham conosco, os dois — determinou James com seriedade, mas contendo um sorriso discreto que apenas eu consegui notar.

Então ambos puseram-se a andar logo atrás, um tanto distantes um do outro e sem trocar palavra alguma.

— Por favor, senhor Julius, tenha a dignidade de oferecer seu braço à senhora Holly —

disse James como se estivesse indignado com a ausência de cortesia do senhor Julius.

— Pois claro, que falta a minha. Perdoe-me, senhora Holly — desculpou-se o senhor Julius, oferecendo seu braço para a senhora Holly. Ela, hesitante, acabou aceitando.

Imaginei como estaria o coração dos dois naquele instante. Será que batiam tão forte quanto o meu?

Paramos próximos ao lago *Serpentine*, onde James alugou duas pequenas embarcações, mesmo sob os protestos da senhora Holly. Não houve jeito, James parecia conseguir tudo que queria com sua forma agradável de agir. Fez tudo com tamanha naturalidade que pensei que realmente estávamos ali apenas por nós dois e não seguindo um plano sugerido por mim. Olhei para o senhor Julius e a senhora Holly juntos na embarcação e tentei

PERIGOSAS NACIONAIS

adivinhar o que sentiam, o que pensavam naquele momento.

— Espero que se entendam — murmurou James.

— Sim, também espero. Obrigada por ter concordado com minha ideia de uni-los.

— Pensa que será suficiente para tanto?

— Que seja ao menos o começo.

— Devem estar agora tão embaraçados que não conseguirão dizer uma só palavra um ao outro — disse James, segurando os remos e nos levando para o meio do lago.

— Oh, creio que sim, mas esses momentos de constrangimento ajudarão a fazê-los perceber que ainda se amam.

— Isso se eles algum dia perderam essa convicção — acrescentou James.

PERIGOSAS ACHERON

— É verdade.

Permaneci alguns instantes em silêncio, e James ficou o tempo todo olhando para mim como se meu rosto fosse a coisa mais interessante em toda aquela paisagem. Mordi os lábios, encabulada, e me ajeitei sobre o banco do barquinho.

— Sabe que eu poderia ficar o dia inteiro olhando para seu rosto, não sabe?

— Penso que se cansaria em algum momento.

— Nunca me cansaria, e há pelo menos duas razões para isso.

— É mesmo? Gostaria de saber quais são elas.

— Primeiro, a senhorita é linda, mas isso eu já lhe disse antes. No entanto, a segunda razão é ainda mais especial... Seus olhos me transmitem

PERIGOSAS NACIONAIS

paz, dentro deles posso enxergar um mundo de possibilidades, todas elas muito felizes. Todas elas incluem um sorriso seu e acabam com um beijo em seus lábios — disse, aproximando-se de mim e roubando-me um rápido beijo.

Assustei-me e recuei, pois estávamos em um local público e alguém poderia nos ver.

— Um beijo roubado? — falei, tentando me recompor.

— Ficou pálida de repente.

— Foi o susto.

— Perdoe-me...agi por impulso. — Sorriu, matreiro, e soltou um suspiro.

— Veja, James! A senhora Holly e o senhor Julius estão conversando. Tenho certeza de que os vi sorrindo.

— Isso é um bom sinal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei que, se seu pai não os tivesse separado, estariam juntos até hoje.

— Meu pai? — Estranhou.

— Sim, James, seu pai. A senhora Holly me contou coisas que não estavam naquele diário, pois foram acontecimentos após a morte de sua mãe. A vida inteira de Holly poderia ter sido diferente se tivesse partido com o senhor Julius, mas ela escolheu ficar com você.

— Comigo?

— Sim.

E então contei a James o suficiente para que entendesse como era importante tentar unir aqueles corações novamente e como seu pai fora determinante para a separação de ambos.

— Será que nunca vou deixar de me surpreender com as atitudes de meu pai? — disse

PERIGOSAS ACHERON

James, passando a mão pelo rosto com tristeza em seu olhar.

— Sinto muito. — E eu sentia mesmo, de verdade. — O que mais me aflige é que seu pai não mediria esforços para fazer conosco o mesmo que fez com a senhora Holly e o senhor Julius, ou talvez ainda pior. Sim, talvez faça algo pior...

— Ele não fará nada. Não vou permitir — garantiu.

Sorri para ele, mostrando que confiava nisso, mas a verdade é que talvez não confiasse de todo o meu coração, pois o medo se recusava a ir embora.

Olhei novamente por sobre os ombros de James e vi ao longe a pequena embarcação em que estavam o senhor Julius e a senhora Holly, foi quando presenciei o momento em que o senhor Julius segurava uma das mãos da senhora Holly.

Mesmo à distância, pude notar que estavam emocionados, que viviam um momento mágico. E então, senti que tudo valera a pena.

— Sabe de uma coisa, Lolla? Estou feliz. Desde que a conheci, ando no mais puro estado de contentamento. A senhorita é a culpada pelos meus mais recentes sorrisos — declarou James.

— Verdade? — falei, como se tivesse sido afetada por aquela alegação. — Penso que por essa culpa não serei punida, já que o senhor fez o mesmo comigo.

— E posso fazer ainda mais pela senhorita. Posso e farei — acrescentou. — Mas agora tudo que eu preciso saber é o que devo fazer para que a senhorita fique de pé nesta canoa — falou James, exibindo um sorriso fascinante, travesso e diferente de todos que já havia me oferecido.

— Ficar de pé na canoa? Por quê? Acaso

não se recorda que me desequilibrei e quase caí na última vez que fiz isso?

— Por isso mesmo, senhorita. Que outra desculpa eu teria agora para tê-la em meus braços? — disse com a voz tão sedutora que cheguei a estremecer. Meu rosto certamente ficou absolutamente vermelho.

— Penso que devemos ir agora — falei, tentando suavizar meu coração com a mudança de assunto.



Duas horas foi o tempo que ficamos fora. Não é tanto tempo assim, e eu esperava que o senhor Boorman nem ao menos tivesse percebido nossa ausência. Que terrível engano! Ele não só havia percebido como nos aguardava na sala, o rosto pálido, ainda abatido, mas com o mesmo olhar de arrogância que sempre investia sobre todos

PERIGOSAS ACHERON

os quais julgava inferiores a ele.

— Fez um bom passeio, senhorita Gibbons?

— inquiriu ele com todo seu sarcasmo.

— Não estivemos passeando, senhor — disse a senhora Holly de forma apressada a fim de me defender e justificar nossa ausência. — Levei a senhorita Gibbons a algumas lojas e alfaiates para que comprasse novos vestidos.

— Senhora Holly, acaso lhe dirigi a palavra?

— Perdoe-me, senhor — pediu ela, baixando os olhos.

Comecei a desejar que James não demorasse a chegar. Nós o havíamos deixado próximo à mansão para que ele viesse caminhando até a casa.

— E o que a fez mudar de ideia sobre os

vestidos, senhorita Gibbons? A propósito, onde estão as compras que fizeram? Não a vejo com nada em mãos — disse ele em tom desconfiado.

— Bem... eu... Não trouxemos nada.

— Nada? Quer dizer que em toda Londres não havia sequer um vestido que a agradasse?

— Não foi por falta de agrado. Apenas é tudo muito diferente do que estou habituada a vestir, e não me senti confortável. — Improvisei a desculpa.

— Hábitos podem e devem ser mudados, senhorita — disse ele com a voz autoritária.

— Sim, no entanto algumas pessoas se esforçam muito para nunca mudar velhos costumes — disse James, surgindo naquele instante. — Por exemplo, meu pai, o senhor não perdeu o hábito de ser rude mesmo quando não há absolutamente nenhuma razão para isso.

— Ora, não venha querer dizer a mim o que fazer ou como agir — tempestuosamente o senhor Boorman retrucou, os olhos endureceram.

— Não direi nada mais na esperança de mudá-lo. Penso que já cansei disso — falou James, desviando-se de todos e caminhando em direção às escadas, quando então parou e encarou seu pai novamente. — Mas não volte a falar com a senhorita Gibbons da forma como acabei de ouvi-lo fazer. — E subiu os outros degraus com rapidez, sem dar chances para o senhor Boorman retrucar.

— Insolente — resmungou ele. — E a senhorita, não volte a sair sem me comunicar com antecedência, dizer aonde vai e o que vai fazer — ordenou, olhando carrancudo para mim, em seguida olhou para a senhora Holly. — O mesmo vale para a senhora.

A senhora Holly assentiu com a cabeça, e

eu permaneci como estava, sem dar a ele qualquer sinal de concordância. O senhor Boorman sustentou meu olhar até sumir pela mesma escadaria por onde James havia acabado de passar.

— Ah, senhora Holly... — Suspirei fundo.
— Como pôde suportar isso por tantos anos? Oh, desculpe-me, sei o motivo... Mas imagino o quanto deve ter sido difícil...

— Sim, querida — concordou ela com um suspiro resignado. — Difícil, porém necessário. Deseja algo? — E sorriu afetuosamente para mim como se não tivesse sido abalada pelas palavras do senhor Boorman.

— Não, obrigada. O que eu preciso agora é um pouco de paz. Onde posso encontrar isso dentro desta casa? Ah, a biblioteca da mansão! Será que posso? Ou devo pedir permissão para isso também?
— falei com ironia, alargando meus olhos.

— Creio ter ouvido que deve solicitar permissão apenas para sair da mansão — disse-me ela com um sorriso.

— Então irei ler um pouco e, assim, aliviar minha mente. Depois subirei para ver como Richard está, assim não transfiro para ele toda essa tensão que sinto sempre que o senhor Boorman impõe sobre mim toda sua rudeza e autoridade.

— Faça isso, querida. Distraia-se um pouco com a leitura, lhe fará bem.

E assim eu o fiz. Ao entrar na grande biblioteca, peguei o primeiro volume que surgiu diante de meus olhos e sentei-me em uma poltrona voltada para a janela, que recebia uma boa luminosidade exterior. Dali era possível ver parte do jardim e do gazebo. Vi quando ao longe o senhor Julius passou segurando os arreios dos cavalos usados em nosso passeio, ele os levava de

PERIGOSAS NACIONAIS

volta à cavalaria. Estava com um ar muito mais feliz e certamente sua mente rememorava os recentes momentos com a senhora Holly. Em seus olhos, eu vi esperança. Seguia pensativo e certamente tão distraído que não percebeu que as rédeas de um dos arreios do cavalo se enroscaram em suas pernas. O senhor Julius tropeçou e caiu de joelhos no gramado. Levantei-me, assustada, mas tudo que ouvi foi uma risada abafada do senhor Julius, rapidamente ele se pôs de pé.

Assim que ele sumiu, tentei me concentrar no livro em minhas mãos. Abri nas primeiras páginas e pus-me a ler. Descobri que, seja lá do que se tratasse aquele livro, não era do meu interesse e eu mal consegui concluir uma página sem me sentir entediada. Então fechei o livro e recostei-me mais à poltrona, sentindo a espuma macia em minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para o teto — ornamentado com várias pinturas — e pensei em James, na minha família, em minha irmã, em Helen e em Richard. Minha cabeça navegou por vários caminhos durante alguns minutos, até que algo começou a me incomodar. Era um cheiro forte e estava se tornando cada vez mais incomodativo, irritando minhas narinas. Cobri o rosto e me aproximei da janela entreaberta, voltando meu olhar para a lateral do jardim, de onde parecia vir o desagradável odor. Vi então uma nuvem de fumaça escura e logo percebi uma chama alta. Era fogo! Fogo no jardim? Havia alguém atrás das chamas e fumaça, assistindo às labaredas.

Ainda da janela vi quando a senhora Holly desceu as escadas rumo ao jardim e James seguia logo atrás dela. Instintivamente, guiei-me também para o local, encontrando lá o senhor Boorman com

PERIGOSAS ACHERON

um olhar desdenhoso enquanto James o afrontava.

— Como pôde? Isso é um despropósito sem tamanho — bradava James.

— Ali está ela, nossa convidada especial para a atração — o senhor Boorman disse ao me ver parada ao lado da senhora Holly, tentando entender o que significava aquilo. — Agora realmente precisará de vestidos novos, senhorita Gibbons — asseverou com cinismo e deixou a todos no jardim, voltando para dentro da mansão.

— O quê?

Olhei novamente para o fogo e vi que tecidos queimavam em meio às labaredas. O senhor Julius veio correndo com um balde na mão e jogou a água sobre as chamas, que cederam um pouco. Reconheci dois de meus vestidos entre as peças queimadas, um deles era muito especial para mim, minha mãe o costurara com suas próprias mãos e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

e Audrey bordamos as pequenas pérolas na gola e punhos. Meus olhos arderam, não por causa da fumaça, chorei um choro dolorido que me cortou a alma.

Não saberia descrever quais sentimentos tive naquele instante, pois era tudo muito conflitante. Eu sentia raiva, tristeza, medo, mas também um grande desejo de dar o troco, de gritar, de mostrar ao senhor Boorman que eu não estava disposta a ceder, não importava o que fizesse.

Trêmula, agachei-me junto ao fogo e fiquei observando o restante dos meus vestidos queimarem. O senhor Julius voltou correndo com mais água. A senhora Holly me abraçou enquanto James permaneceu atônito, olhando para as chamas e para mim. Seus olhos mostravam sua grande indignação, mas muito maior era seu desejo de me acalantar. Mas ele não podia, não assim, em frente

PERIGOSAS ACHERON

a todos. De repente, o vi fechar os punhos e com passos decididos ele subiu as escadarias.

— Isso não pode ficar assim, meu pai precisa me ouvir — disse com a voz rasgada de fúria.

— Senhora Holly, por que ele fez isso? Como o senhor Boorman pode ser tão mau? O que ele ganha em fazer todos sofrerem assim?

— Querida, ele não ganha nada. Quem faz mal a alguém acaba sempre bebendo um pouco do seu próprio veneno. O senhor Boorman está matando a si mesmo cada vez que fere alguém dessa forma.

— Ele transforma a vida de todos à sua volta em um inferno! — bradei.

— Toda maldade revela muita fraqueza, sabia, menina? — disse o senhor Julius, parando ao meu lado, olhando para mim e para a senhora PERIGOSAS ACHERON

Holly. — Mas não há mal que dure para sempre e há coisas que nunca podem ser destruídas. Suas roupas podem ter queimado, mas sua essência, quem você é, isso é indestrutível.

— Obrigada, senhor Julius. O senhor é um homem muito sábio e suas palavras me acalutam muito — disse-lhe sinceramente. E depois, voltando-me para a senhora Holly, manifestei outra preocupação que rondava meus pensamentos: — Senhora, Holly, estou preocupada com James... O que pode acontecer se ele enfrentar o pai dessa forma? Ele não deveria intervir e assim trazer problemas para si mesmo.

— Mas então ele não seria o James que conhecemos, não é mesmo? — disse ela, olhando para mim e para o senhor Julius.

— A senhora Holly tem razão — disse ele.
— Nosso menino foi criado para a bondade e

jamais poderia ver algo assim acontecer sem fazer nada. Se todos neste mundo fossem como James, viveríamos em um lugar muito melhor.

— Tem razão — concordei, orgulhosa. — Agora devo esquecer esse episódio lamentável e ir ver meu irmão. Estou aflita com o estado em que chegou e temo que o senhor Boorman o veja daquela maneira e o interrogue. Se ele vir Richard ferido e desconfiar de algo, pode mandá-lo embora. Eu não poderia ficar aqui sem Richard, meu irmão é uma fortaleza para mim...

— Sim, querida, mas eu o visitei há pouco e vi que ele está muito melhor. Fique tranquila que apenas esse dia de repouso será suficiente para ele se recuperar. Alguma marca poderá ficar em seu rosto e alguma dor em seu corpo, mas nada que chame muita atenção, especialmente do senhor Boorman, que enxerga apenas a si mesmo e

difícilmente se digna a olhar nos olhos de alguém.

— Amanhã haverá o jantar... do meu...o jantar...

— Sim, eu sei, querida, não precisa dizer se lhe incomoda. Por ora, tente pensar nesse jantar como se fosse qualquer outro.

— Mas não será. Estarão aqui pessoas que conhecem James e o senhor Boorman... Pessoas que eu não sei quem são, mas que me julgarão, me avaliarão e dirão que sou ambiciosa, que me casarei por causa das posses do senhor Boorman. Ninguém sabe que eu daria tudo para desfazer esse noivado, para recuperar a casa da minha família e proteger minha irmã.

— Se a julgarem, a senhorita não deve se importar. Eles não a conhecem, serão hipócritas! Deixe-os pensarem o que desejarem. A senhorita é boa, autêntica e maravilhosa, então não se aflija

pensando no que outras pessoas pensarão ou dirão a seu respeito.

— A senhora sempre tem as melhores palavras. As palavras certas para tudo. — Sorri, emocionada.

CAPÍTULO 19

19

*“Um homem que não se alimenta de seus
sonhos envelhece cedo.”*

Shakespeare.

Londres, 05 de julho de 1805.

Passei quase toda a manhã com Richard. Ele realmente já se sente muito mais disposto. Sentou-se na cama, comeu e depois pediu que eu abrisse um pouco as cortinas para a luz do sol entrar. Seu ferimento próximo ao olho estava

arroxeado, mas seus cabelos lhe cobrem um pouco a face e camuflam a real situação.

Decidi não contar a ele sobre o senhor Boorman ter ateado fogo em meus vestidos, isso o deixaria muito agitado e com raiva. Tudo que mais desejo é que ele descanse. Apesar dos ferimentos, seu semblante é feliz. Parece estar realmente confiante quanto ao seu futuro com Helen. Sobre o que houve entre ele e o senhor Thompson, não há mais o que aconselhá-lo e nada a insistir, pois ele não me disse mais nenhuma palavra e pediu que eu esquecesse o assunto.

Enquanto conversávamos, ouvimos leves batidas na porta. Era a senhora Holly, que, após me procurar em meu aposento e ver que ele estava vazio, imaginou que eu estivesse com Richard.

— Senhorita Gibbons, pode me acompanhar? — indagou formalmente.

Percebi que ao seu lado havia duas mulheres altas e bem-vestidas, segurando várias caixas em suas mãos.

— O que é tudo isso? — Dirigi meu olhar para as caixas.

Imediatamente os olhos das duas mulheres expandiram-se, certamente surpresas ou afetadas com minha falta de compostura, foi o que logo considerei.

— São vestidos novos. A senhorita precisa prová-los — preceituou a senhora Holly com toda delicadeza.

— Senhora Holly, sabe que isso é ultrajante para mim... — falei, tempestuosa. — Ele me obriga a isso... — Enquanto eu desferia uma porção de palavras de irritação contra o senhor Boorman, via como as mulheres ao lado da senhora Holly pareciam cada vez mais horrorizadas com

meu comportamento.

— Eu sei, senhorita Gibbons, mas precisará de vestidos. Não pode contar com apenas uma peça em seu armário.

— Uma peça? A senhorita Gibbons dispõe apenas do vestido que está em seu corpo? — perguntou a mulher, lançando-me um olhar espantado.

— Sim — respondi eu mesma, e estava pronta para lhes contar a razão disso quando a senhora Holly interveio:

— Por isso precisa provar e escolher vestidos novos.

— São muitos vestidos — falei, observando as peças volumosas e repletas de anáguas, espartilhos e babados. — E, sinceramente, nenhum deles me agrada — complementei.

— Nenhum? Estes vestidos foram confeccionados pelo mais prestigiado alfaiate de Londres, senhorita. Perdoe-me, mas que despropósito! — disse uma das mulheres. Ela chegou até mesmo a corar de indignação.

— Não estou dizendo que os vestidos não são belos, apenas que não agradam o *meu* gosto — esclareci.

— Que gosto é esse que não sabe apreciar vestimentas tão elegantes? — retorquiu a outra.

— Pois é exatamente isso, elegantes demais. No entanto, de nada adianta explicar-lhes, todos os vestidos que vejo aqui são extremamente requintados e com certeza possuem mais botões, rendas e anáguas do que já vi em toda minha vida.

— Escolha qualquer um deles, senhorita Gibbons — pediu a senhora Holly.

— Na verdade, não será necessário
PERIGOSAS ACHERON

escolher. O senhor Boorman pagou por todos eles e mais esses fichus, leques, luvas e chapéus — disse uma das senhoras, abrindo outras caixas e retirando de dentro delas muitos adereços de moda.

E, assim, com um sorriso desajeitado e uma despedida rápida, as duas mulheres se foram, acompanhadas pela senhora Holly, que logo em seguida retornou ao meu aposento para me aconselhar.

— Querida, não se aflija tanto por conta dos vestidos, são apenas vestidos. Eu sei que preferia os seus e que o que foi feito deles é motivo de grande dor para a senhorita, mas...

— Mas nada resta a ser feito... eu sei. Estou mesmo sem alternativas — concluí.

— Não está sem alternativas...

Por mais que a senhora Holly insistisse que havia alternativas, eu não conseguia vislumbrá-las,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não naquele instante e não para tal situação. Eu teria de ceder aos caprichos do senhor Boorman, usar um daqueles vestidos e estar em no jantar em que seria apresentada a todos como sua noiva. Dentro de mim, tudo se apertava, e em minha garganta formou-se um grande nó de angústia.

— Voltarei mais tarde para ajudá-la a se vestir. Tenho algumas coisas para organizar, mas a senhorita pode chamar por mim se necessitar de qualquer coisa — avisou.

— Obrigada, senhora Holly, ficarei bem. Vou ler algo para me distrair.

— Reconheço esse livro sobre sua cama — disse-me com um sorriso.

— James o emprestou para mim. Somos grandes fãs de Shakespeare — falei, tentando conter um sorriso. A senhora Holly fazia o mesmo, então em seguida deixou-me a sós.

PERIGOSAS ACHERON

Deitei-me sobre a cama e abri o livro na página que havia parado na noite anterior. Depois de poucos minutos de leitura, ouvi suaves batidas na porta. De tão suaves, tive dificuldade de entender que realmente havia alguém chamando. Escondi rapidamente o livro debaixo do travesseiro, caminhei até a porta com o coração palpitante e a abri com expectativa. E lá estava ele...

— James? — sussurrei. Embora meu coração estivesse feliz, o medo pairava sobre mim. — Não deveria bater à porta do aposento de uma dama. Sabe que isso é completamente condenável, não sabe? E se seu pai o ver aqui? Se ele sair exatamente agora do seu aposento e nos ver juntos, trocando cochichos no corredor, na porta do meu aposento?

— Nesse caso, creio que eu deva entrar agora mesmo — disse ele, dando alguns passos em

minha direção. Desviei para que ele entrasse, e James fechou a porta atrás de nós, ficando a poucos centímetros de mim. — Creio então que um beijo seria ainda mais condenável.

— Seria ainda mais condenável do que tudo.

— Então que me atirem em uma masmorra por esse pecado — falou James, puxando-me pela cintura para um beijo ardente e apaixonado.

E eu, que até dias antes nunca havia sido beijada, já me sentia completamente envolvida e confortável entre seus lábios. Envolvi seu pescoço com meus braços em um ato puramente instintivo, porque tê-lo junto a mim era tudo que eu mais desejava.

— Nunca o condenaria por me deixar tão feliz — falei entre um beijo e outro. — Mas os outros, seu pai, minha família... eles nos

condenariam sem piedade. Precisa sair imediatamente — declarei, querendo justamente o contrário.

— Recorda-se, Lolla, quando lhe disse para que confiasse em mim?

— Sim, James, eu confiei e ainda confio.

— Então creio que chegou o momento de agirmos juntos. Não posso mais suportar toda a arrogância e soberania de meu pai. Por muitos anos, ele agiu assim comigo, mas com você, Lolla, eu não vou permitir. Não quero que suporte mais um dia sequer disso que vem enfrentando desde que meu pai apareceu em sua vida. O que ele fez ontem com seus vestidos... Quase perdi a cabeça e o desafiei! No mesmo instante, ele saberia que eu a amo. Não sei se consigo esconder isso por mais um dia sequer... Não sei se quero esconder!

— Eu entendo o quanto é difícil ocultar um

sentimento tão grande assim. Tudo o que você sente, eu também sinto... Mas...

— Meu doce — interrompeu-me, segurando minhas mãos e beijando-as —, apenas me diga o que mais deseja no mundo.

— Eu... quero ser livre... Ser livre e poder viver esse amor que você plantou em mim...

— Para isso só há um caminho. Acredite, a liberdade pode ser conquistada, Lolla. Mas, se deixar que a levam de si, como irá recuperá-la? Não pode, de jeito nenhum, se casar com meu pai. Esse jantar de oficialização de noivado não pode acontecer.

— James, eu queria poder evitar isso tanto quanto você, mas não posso desprezar outras coisas... Coisas que dependem de mim! Tenho receio das consequências... — falei, aflita e com lágrimas que já me banhavam a face.

— Não adiantará carregar toda a aflição sozinha. Fazendo isso será cativa de uma dor muito grande, jamais terá uma vida feliz e completa.

— Acaso não sei? Pensa que já não tenho conhecimento disso? Eu o amo tanto, James, mais do que achei ser possível, mas o que posso fazer?

— Não pode deixar morrer seus sonhos. Lute comigo, Lolla. Lutaremos e seremos livres. Vamos fugir esta noite! Vamos fugir agora, se quiser!

— Acha mesmo que algum dia seremos livres? Pensa que deixariam de nos perseguir? E como viveríamos?

— Seríamos livres, sim. Nossa mente e nosso amor, nosso corpo e nossas palavras... Seríamos livres mesmo na solidão, e mesmo se passássemos fome estaríamos melhor que agora. A única solidão que posso suportar é estar sem todos,
PERIGOSAS ACHERON

mas nunca sem você, meu amor. Sem você, Lolla, então o que me resta?

— James... — Acariciei seu rosto. — Juro que cada vez que ouço suas palavras tão cheias de amor sinto latente o desejo de fugir para viver plenamente o que sentimos. Mas então penso em Audrey e no que seu pai fará se eu refutá-lo. Pior, se eu fugir com você! Entende meus medos?

— Entendo, mas garanto que essa é uma ameaça que não se concretizará! Disseram isso para chantageá-la, Lolla.

— Como posso ter certeza? Oh, não, tudo já foi dito e acertado. Meu pai me garantiu que, se eu não me cassasse, casaria Audrey. É por ela que aceitei isso! E seu pai ainda dispõe de muito para chantagear a mim e minha família, deixou-nos sem nada, sem casa, sem perspectivas... Como posso simplesmente fugir e deixar todos para trás? E

Richard?

— Tudo há de se ajeitar, Lolla. Você ainda é livre para fazer suas escolhas... Não permita que seja tarde demais — pediu-me com os olhos úmidos.

— Não diga isso — clamei, também pranteando dolorosas lágrimas.

— Sempre direi. — James abraçou-me e encostou sua testa na minha.

— Isso dói e dificulta tudo... — consegui dizer, emitindo um suspiro fraco.

— Não disse que seria fácil ouvir. Mas precisa lutar agora ou será prisioneira das consequências. Precisamos fazer isso mesmo que morramos no fim, entende? Cinco minutos ao seu lado será mais vida do que a que teremos de agora em diante, se ficarmos separados. Não posso deixá-la sem tentar. Não posso desistir de viver esse

PERIGOSAS ACHERON

amor. Isso será ter passado pela vida sem viver. Não posso sufocar, e sem você eu sufocarei, Lolla — declarou James, trazendo-me para um abraço e um beijo com tanta paixão que cheguei a perder os sentidos, minhas pernas fraquejaram e eu preendi meus braços em volta do seu pescoço.

James sentou-me suavemente na cama e continuou a me beijar, e, eu juro, jamais senti tanto calor.

— Ah, James! — Suspirei entre seus lábios.

— Lolla, como eu te amo — disse, beijando meu rosto ainda molhado pelas recentes lágrimas. Suavemente, seus lábios deslizaram para meu pescoço e ali recebi mais carinhos. Depois, com sutileza, James deitou-se sobre mim, acariciando meus cabelos e parando de me beijar apenas para me olhar nos olhos. Ofegante, a única coisa que pude fazer foi sorrir. — Um dia você será minha. E

essa sempre será minha visão preferida, você assim, tão perto dos meus lábios, sorrindo, corada e feliz...

— É tudo que mais desejo. — Suspirei entrecortado.

— E eu desejo você, Lolla. Só você e seu amor me bastarão para ser feliz — falou, dando-me um delicado beijo nos lábios, depois outro em minhas mãos e, por fim, ajudou-me a me sentar novamente na cama. — Então, vai fugir comigo esta noite?



Peguei um dos vestidos, o azul-celeste de seda brilhante com babados que vão dos ombros até abaixo do busto. Os mesmos babados estão na manga do vestido e em sua saia, que é plissada da metade do comprimento até os pés. A senhora Holly ajudou-me com as anáguas, depois com as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas peças do vestido, abotoando os onze botões frontais, e por último com o pequeno fichu de renda branca ao redor do meu pescoço. Meus cabelos foram presos no alto da cabeça em um coque natural e discreto, algumas mechas do cabelo ficaram soltas, emoldurando meu rosto.

Olhei-me no espelho e senti-me estranha, desconfortável. Embora estivesse bela, algo dentro de mim não conseguia corresponder ao que era visto por fora. Estava tensa. Pensei em James, a mim só interessava ele, e imaginei o que pensaria ao me ver assim, trajada com um vestido tão luxuoso, mas principalmente em como se sentiria com todos os olhos voltados para mim como noiva do seu pai.

Os pensamentos foram interrompidos quando a senhora Holly se aproximou com uma pequena caixa aveludada e ofereceu a mim.

PERIGOSAS ACHERON

Hesitante, a tomei em minhas mãos e a abri. Dentro da caixinha, havia um belo par de brincos de gotas e pérolas negras. Expandi meus olhos ao ver aquela joia tão bela e delicada, mas imediatamente a recusei:

— Não usarei uma joia ofertada pelo senhor Boorman. Não, jamais!

— Mas foi James que enviou a joia — disse a senhora Holly, surpreendendo-me verdadeiramente.

— James?

— Sim, esses brincos pertenceram à mãe de James. Emily os deu para mim quando ainda nem havia conhecido o senhor Boorman, e eu os dei para James há alguns anos, para que ele os guardasse como recordação. James deseja que agora eles sejam seus.

— São muito lindos... — disse, segurando

PERIGOSAS ACHERON

os brincos entre os dedos.

— Então os use esta noite — sugeriu ela, depois me olhou ternamente com o ar de quem tinha conselhos para dar. — Lolla, não tenha medo de nada.

— Obrigada, senhora Holly — falei, ofertando a ela um abraço.

Embora eu estivesse séria, era como se houvesse um sorriso por trás dos meus lábios, meus olhos sorriram e eu suspirei.

Eu estava pronta. Precisava ser forte. De repente, desejei mais do que tudo descer logo aquelas escadarias e ver James à minha espera, fazendo com que tudo à nossa volta desaparecesse. Sabia que não seria assim, mas, quando surgiu no meio do salão de recepção, bastou apenas olhar em seus olhos para sentir que, mesmo no meio de tantas pessoas, éramos únicos um para o outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entretanto, eu estava ali, dando passos na direção do meu pior pesadelo, que me esperava aos pés da escadaria e me ofereceu seu braço para eu me apoiar, exibindo um ar de triunfo sobre mim. Impossível narrar o que senti ao ser tocada pelo senhor Boorman, mas com certeza foi uma das piores sensações que já tive o desprazer de sentir em minha ainda tão curta vida.

Apesar de tudo, era em James que meus olhos estavam concentrados, nos seus lábios trêmulos e em seus olhos suplicantes, aflitos para me livrar dos braços do seu pai. Meu irmão estava ao lado de James e dos senhores Harry e Anthony Carlton. Não consegui diferenciar os dois irmãos, tão idênticos entre si, com seus rostos milimetricamente iguais. Não demorou muito para que eu visse a senhorita Rosie com duas de suas amigas, as mesmas que estavam no baile e falavam

PERIGOSAS ACHERON

de forma tão maledicente sobre mim e meu irmão. Ela me olhava com um brilho maldoso em seus olhos e um sorriso que não era nada espontâneo, parecia zombar de mim.

Em seguida, aconteceu o momento mais temido por mim... o que eu desejava que nunca acontecesse: o senhor Boorman exigiu silêncio para me apresentar a todos como sua noiva. Suas palavras foram breves e desprovidas de sentimento, como era de se esperar e como eu nunca desejei que fosse diferente:

— Sempre apreciei muito viver sozinho, mas às vezes a solidão de um homem precisa acabar. O lar necessita de uma mulher, de uma boa governante... E assim espero que seja — acrescentou, olhando sério para mim. — Assim sendo, apresento-lhes a senhorita Dolores Gibbons como minha noiva. Casaremos em breve, dentro de

poucos dias, e todos serão convidados para uma nova e mais brilhante recepção nesta casa. Fiquem à vontade. — Ergueu uma taça em direção aos convidados e depois em minha direção.

Para meu alívio, em seguida o senhor Boorman envolveu-se em colóquios com seus convidados e esqueceu-se de mim, deixando-me sem a sua intragável presença. Foi para a varanda com um tal de lorde Hermit, e por lá ficaram por muitos minutos.

Não tardou muito para que Rosie se aproximasse para me saudar, o que fez assim que me viu sozinha, deixando as amigas entre cochichos e risadinhas.

— Querida — disse Rosie com um sorriso simulado —, sinto que a subestimei quando a conheci. Sim, pois pensei que era apenas uma moça simples do interior, talvez até inocente. Grande

equivoco o meu! A senhorita foi demasiadamente eficiente, se casará com o senhor Boorman! Eu, pessoalmente, não teria esse... arrojo! Oh, não, eu pretendo me casar por amor! Aliás, quem sabe sejamos parentes... Devo lhe confidenciar que eu e o senhor James sentimos grande estima um pelo outro e...

— Com licença — pedi bruscamente, interrompendo sua narrativa, que já me causava enojamento.

Observei que meu irmão e James conversavam o tempo inteiro com ares de confidência. Ao lado deles, os irmãos Carlton desfrutavam da companhia das amigas de Rosie e bebericavam o vinho que lhes fora servido.

Muitas pessoas aproximaram-se de mim para me saudar, mas todos me olhavam como se eu fosse um objeto curioso, destoante de tudo que já

tinham visto. Não me importei em ser descortês e fui o mais fria e breve que pude, encerrando a conversa em poucas frases.

Assim que consegui me ver livre dos questionamentos que me faziam e das apresentações, caminhei para perto da lareira acesa na sala e fiquei alguns instantes apreciando sua chama arder. Foi quando senti a presença de alguém ao meu lado e somente pelo perfume soube que era James. Reverenciou-me com um leve curvar de cabeça e despretensiosamente beijou-me a mão.

— Lolla... — ele praticamente sussurrava —, você está simplesmente linda.

— Não sei como consigo me manter de pé com roupas tão apertadas — disse para tentar descontraír nossa tensão.

— Lolla, precisarei falar com o senhor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carlton sobre nossos planos...

— Com o senhor Harry Carlton? — inquiri, alarmada com a ideia, ele me não me parecia nada confiável.

— Não, com Anthony. Ele é um bom amigo e pode ser útil para nós.

— Útil como?

— Pode nos ajudar... Vou chamá-lo reservadamente à biblioteca ou à sala de pintura e então saberei se posso contar com ele. Neste exato momento, a senhora Holly está arrumando nossas coisas e, enquanto todos se distraem nesta sala, ela sairá pelos fundos e encontrará o senhor Julius. Ele estará a postos e guardará nossos pertences na caleça.

— Ah, James, tenha cuidado — pedi, sentindo um calafrio no corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, eu terei. Eu a amo — sussurrou, pude ler em seus lábios a perfeita sincronia ao me dizer aquela frase tão perfeita, que aquecia todo meu coração.

— Eu também — silabei.

Assim que me virei para me afastar de James, vi os olhos de Rosie sobre nós, pesados como uma rocha prestes a rolar. Meu corpo tremeu com a possibilidade de ela também ter lido os lábios de James, mas logo em seguida ela se voltou para outra direção e retomou uma animada conversa com suas companheiras.

— Lolla, estou feliz com sua decisão. Sei que não será fácil, mas tenho a plena convicção de que estará feliz — disse-me Richard ao me abordar com um sorriso gentil.

— Meu destino ainda é incerto, mas essa é a única coisa a qual me agarro, a felicidade. Você

virá conosco, não é mesmo? Também não há nada para você aqui. Assim que amanhecer, estaremos todos longe de Londres.

— Sim, estaremos — concordou ele.

CAPÍTULO 20

20

“Ficar incomodado implica mexer-se; e ser valente é enfrentar o inimigo, firme, teso, de pé; portanto, se ficas incomodado, não ficas parado e foges.”

Shakespeare.

Petersfield, 06 de julho de 1805.

O silêncio era perturbador. Já estava há quase duas horas deitada, olhando para o teto. A única luz disponível vinha de um castiçal deixado

PERIGOSAS NACIONAIS

pela senhora Holly sobre a cômoda. Suspirei lenta e profundamente e apurei meus ouvidos em busca de perceber alguma movimentação. Nada. Estava ainda com o mesmo vestido usado durante a recepção, todos os outros vestidos já haviam sido levados para a caleça. Levantei-me e andei sobre o assoalho com muito cuidado, indo à janela e espiando o jardim. Havia apenas o breu e o cantar de cigarras.

Então ouvi algo, um pequeno ruído. Em seguida, vi uma luz surgir debaixo da porta, tênue, mas que indicava que alguém estava ali. Escutei amenas batidas, tão sutis que apenas as captei por estar muito atenta e ansiosa. Abri a porta lentamente.

— James... Chegou a hora? — sussurrei, sentindo uma tensão que me causava dores nos ombros. Eu estava trêmula.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, meu amor... Vamos? Está pronta?
— cochichou, segurando minhas mãos. — Está com as mãos muito frias. — Beijou-as e soprou ar quente entre elas. — Vai ficar tudo bem, Lolla... Vamos?

— Sim, vamos chamar Richard.

Ao meu sinal de concordância, James soprou a vela em seu castiçal e nos deixou em meio à escuridão do corredor. Segurou firme em minhas mãos e me conduziu até a porta de Richard. Na primeira batida, meu irmão a abriu, mostrando que também nos aguardava ansioso.

Caminhamos os três rumo às escadarias. Nossos passos eram vagarosos e sutis, não podíamos deixar que nos ouvissem. Próximos à escada, James alertou-me sobre os degraus, mas à medida que alcançávamos a sala pudemos enxergar melhor, pois uma vela ainda queimava em um

candelabro na varanda, iluminando um pouco o ambiente.

Saímos pela porta dos fundos, que dava para o jardim, onde fomos recebidos pela senhora Holly e pelo senhor Julius. James abraçou o senhor Julius e depois a senhora Holly, em seus olhos havia amor e gratidão. Só então percebi a dimensão do que estavam fazendo por nós. Eles seriam os primeiros a sofrer as consequências.

— Céus, quando o senhor Boorman souber o que fizeram por nós... O que acontecerá? — indaguei, aflita, olhando para a senhora Holly e para o senhor Julius.

— Querida, eu disse para não ter medo, nós ficaremos bem — garantiu a senhora Holly com um sorriso amável.

Ela não parecia preocupada. Foi então que ela estendeu sua mão para o senhor Julius e ele a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurou, plantando um beijo carinhoso no seu dorso. James sorriu, e eu fiz o mesmo, surpresa, mas completamente feliz com o que via.

— Nós também não teremos medo. Essa é a única forma de ser livre — declarou o senhor Julius. — E ter medo do amor é algo que já fizemos por muito tempo — completou, olhando para a senhora Holly.

— Por isso, espero que vocês aproveitem a juventude e todo o tempo que terão para viver intensamente o amor que sentem um pelo outro. Vivam de peito aberto, com coragem e, se sentirem medo, resistam e o dominem para que não sejam dominados — continuou a senhora Holly.

— A senhora Holly tem razão — concordou Richard, que estava sério como eu nunca o tinha visto. — E tal conselho serve muito para mim também — refletiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito corajoso, Richard — falei sinceramente.

— Agora vamos, precisamos partir — chamou a senhora Holly.

Assenti e, com ajuda de James e de um castiçal que o senhor Julius segurava, guiamo-nos até a cavaleriça, onde a caleça e os cavalos estavam prontos. James me ajudou a subir e sentou-se ao meu lado.

— Aonde vamos, James? — perguntei.

— Lembra-se quando falei que talvez pudéssemos contar com o apoio de Anthony?

— Sim.

— Anthony tem um pavilhão de caça em Petersfield³⁴, ao leste de Hampshire. Ele e o irmão o usam apenas no inverno. Há um caseiro cuidando da propriedade, e Anthony escreveu este bilhete,

que o autoriza a nos receber pelo tempo que necessitarmos — disse James, mostrando-me o bilhete dobrado que guardava em seu casaco.

— E qual é o plano? Temos um plano? — ergui as sobrancelhas.

— Por ora, o plano é ficarmos seguros, longe do meu pai. Depois procurarei uma forma de poder nos sustentar. Tenho algumas economias que bastarão para nosso bem-estar por algum tempo...

— E esse plano, James, inclui a mim como sua esposa? Porque não posso fugir com você e me esconder de todos sendo a noiva do seu pai, uma fugitiva e provavelmente uma filha deserdada — disse-lhe impulsivamente.

— Bem... Lolla... Eu iria pedi-la em casamento, mas juro que planejei algo muito mais romântico do que fazer isso dentro de uma caleça enquanto estamos em fuga. — E então sorriu,

PERIGOSAS NACIONAIS

mordendo o lábio inferior. — Mas, como gosto de coisas incomuns e gosto ainda mais da senhorita, vou perguntar de uma vez... Lolla, meu amor, minha inspiração, quer ser minha esposa?

— Neste caso, como estamos em fuga e não disponho de muito tempo para fazer charme, sim, eu aceito — falei, abraçando-o e beijando-o.

Sim, eu o beijei, e não o contrário. Aliás, penso que fui eu quem o pedi em casamento.

— Hum, eu gosto disso — falou James, me apertando em seus braços.

E então meu irmão entrou na caleça, seguido pela senhora Holly, que colocou uma manta sobre minhas pernas e deu o sinal para que o senhor Julius seguisse viagem. Ao olhar para mim e James, ela suspirou e sorriu, e eu fiz o mesmo ao me dar conta de que a senhora Holly enfim viveria seu amor com o senhor Julius.

PERIGOSAS ACHERON

Nenhum de nós disse palavra alguma por muitas horas de viagem, cada qual com seus pensamentos. Recostei-me nos ombros de James enquanto o via fixar seus olhos no céu, olhando através da janela da caleça em movimento. Jamais esquecerei o brilho que havia em seus olhos e de como seu coração batia forte e ritmado, tendo meu rosto tão próximo do seu peito. Foi então que descobri que longas viagens em caleças podem ser mágicas quando se tem um ombro largo para se recostar e um coração para ouvir. Adormeci ali, com seus braços me envolvendo, sentindo-me protegida e feliz.

— Lolla, chegamos. — Ouvi a voz de James me chamar. Abri lentamente os olhos e tornei a fechá-los, estavam pesados de sono. James beijou o topo de minha cabeça e acariciou meu rosto. — Esta é a primeira vez que a vejo acordar.

— Ah, espero que isso não tenha sido desestimulante, pois eu devo estar horrível — falei, manhosa, passando as mãos nos cabelos e depois esfregando os olhos.

— *Horrível?* Se estivesse se vendo agora, exatamente como eu estou, com essa luz matinal que lhe atinge os cabelos, não diria isso. Juro que, assim que eu tiver minhas telas novamente, terei o prazer de acordar muitas manhãs antes de você somente para vê-la despertar e depois pintar um retrato seu, exatamente na hora do dia em que está mais bonita.

— Então acha que sou mais bonita pela manhã? — Estreitei meus olhos.

— Bem, sim... Se é que isso é possível. Mas tenho certeza de que ainda mudarei de opinião várias vezes, como tenho feito desde que a conheci.

— O que quer dizer com isso? — inquiri,
PERIGOSAS ACHERON

franzindo a testa.

— Quando a vi pela primeira vez, descendo da caleça em frente à mansão em Londres, pensei estar vendo uma miragem, porque até então desconhecia uma beleza como a sua. Depois, pensei que fosse impossível que se tornasse mais bela do que quando, de forma apaixonada, falava dos livros de Shakespeare. Mas logo vi que estava enganado, pois a senhorita logo me provou que podia ser ainda mais encantadora, quando ficou irritada comigo e, de pé na canoa, veio parar em meus braços... E eu a julguei a mais linda de todas quando a vi descer as escadarias para irmos ao baile, ou quando a beijei pela primeira vez, nos jardins, e a vi ruborizar de um jeito tão gracioso. Então eu disse a mim mesmo: “Não! É impossível que ela possa ser mais bela do que assim, ruborizada e ofegante por um beijo meu”. Mas

você, Lolla, nunca para de me surpreender.

Onde ele arranjava tantas palavras lindas para me dizer, assim, todas juntas de uma só vez?

— É você que tem feito isso desde que nos conhecemos, James. Eu o julguei, o avaliei sem o conhecer e fui injusta com você na maior parte do tempo. Foi graças à sua generosidade que pude enxergá-lo como realmente é.

— E quem eu sou para você, Lolla?

— O amor. Você é o amor, James... O meu amor — declarei enquanto as mãos quentes de James passeavam pelos meus braços.

— E a senhorita é o meu... — falou, sorrindo. — Quer descer agora?

— Oh, sim. Onde estão a senhora Holly e Richard? — perguntei, percebendo como eu ficava completamente distraída quando estava ao lado de

James.

— Estão ali fora com o senhor Julius.

— Ah, James, estou tão feliz que eles tenham finalmente se dado a chance de viver o amor que sentem um pelo outro — exprimi-me.

— Graças a você, puderam perceber que ainda havia tempo.

— Sempre há tempo para o amor... — completei.

— Venha. — James desceu da caleça e me ofereceu sua mão para acompanhá-lo.

Meu irmão e o senhor Julius retiravam nossos pertences de dentro da carruagem, mas notei que alguns deles permaneceram guardados.

— Seguirão viagem? Você também, Richard? — perguntei.

— Sim, Lolla, vou com a senhora Holly e o

senhor Julius. Preciso ver Helen e nossa família.

— O que dirá a eles?

— Eu os prepararei para o que há de vir. Mas direi a eles que você está mais feliz do que nunca.

— Promete que garantirá que Audrey também seja feliz? Certifique-se de que o senhor Boorman fique bem longe dela — pedi com intensa emoção, meu coração vivia um turbilhão de sentimentos.

— É claro que prometo. Cuidarei de todos — garantiu ele.

— Quando voltaremos a nos ver? Não posso sequer lhe escrever uma carta, não sei onde encontrará-lo depois que eu me for. Richard, será que todos ficarão bem? Penso no que o senhor Boorman fará quando souber que fugi com James... O que será de você e de nossa família?

— Não se aflija tanto, Lolla, encontraremos um jeito de sobreviver. Há muitas propriedades onde eu posso conseguir um trabalho. Farei tudo por nossa família e por Helen.

— Oh, Helen, quando voltarei a vê-la? Será que o senhor Thompson a deixará mesmo livre?

— Você tem muitos questionamentos, e ainda não tenho todas as respostas, mas agora preocupe-se apenas em ser feliz — disse ele, segurando minha mão.

Nossos olhos se encheram de lágrimas. Era nossa despedida. Abraçamo-nos.

— Ah, senhorita Gibbons — disse a senhora Holly, abrindo os braços para mim. — Que alegria tê-la encontrado neste meu caminho. A senhorita é luz, já lhe disse isso. Iluminou-me, sabia?

— Não, eu é que fui agraciada por tê-la

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrado e recebido sua acolhida. Mal saberia agradecer por tudo que fez por mim... — respondi, emocionada, abraçando-a.

— E eu, o que fez por mim... — acrescentou James.

— Querido — disse ela, acariciando o rosto de James. — Não há nada para me agradecer. Eu teria passado cada dia destes anos todos novamente cuidando de você, só para vê-lo se tornar este homem de quem tanto me orgulho. Sua mãe, James, certamente também se orgulharia. Estou feliz por vê-lo buscar sua felicidade, mesmo que para isso tenha de deixar para trás algumas coisas... e pessoas. Sei que é difícil, mas seu pai foi como uma erva daninha no coração de sua mãe, se infiltrou com a autorização dela, mas usou de seu poder para destruí-la. Não suportaria que ele fizesse o mesmo com você.

PERIGOSAS ACHERON

— O pior é que não consigo odiá-lo. Eu amo meu pai, por mais que ele não mereça. É que algumas ervas daninhas fazem parte de nós, não conseguimos mesmo arrancá-las e acabamos por nos acostumar a elas, mesmo que sejam maléficas.

— É compreensível que se sinta assim, afinal ele ainda é seu pai, mas agora não tem mais o poder de sufocá-lo, James. Sempre foi mais seguro para você ficar longe dele.

— Sim, eu sei. — James suspirou pesadamente. — Bem, então que essa não seja uma despedida, mas um *até breve*.

Depois de abraçar muito a senhora Holly, James fez o mesmo com o senhor Julius. E eles se foram, a senhora Holly e o senhor Julius, juntos, felizes; e Richard, com o coração cheio de sonhos e esperança.

— O que será deles agora, James? Sabe

PERIGOSAS ACHERON

aonde estão indo?

— Sim, eles irão para Dorsetshire. O senhor Julius recolherá da *House Flowers* todos os seus pertences, deixará lá a caleça e irá com Holly para uma pequena casa que possui na vila. Seu irmão ficará com eles. O senhor Julius não terá dificuldade em conseguir um novo trabalho como cocheiro, ele é muito estimado por todos e sempre foi muito requisitado na região. Ele nunca disse, mas sei que jamais deixou o trabalho na *House Flowers* apenas por causa de mim e da senhora Holly. Ele não queria ficar longe de nós, não mais do que a distância que meu pai já nos impunha.

O sol começava a nascer, pintando o céu com tons de amarelo e laranja. Havíamos viajado a noite inteira. O pavilhão de caça dos irmãos Carlton era uma bonita construção de pedra de dois pavimentos. Na porta, à nossa espera, havia uma

mulher e um homem de meia-idade. A senhora, que se apresentou como Charlote, segurava um castiçal com uma vela já gasta, embora não fosse mais necessário mantê-la acesa. O senhor, que se chama Albert, nos saudou brevemente e pôs-se a levar nossos poucos pertences para dentro da casa.

A pequena sala denotava um ar rústico e tinha uma lareira acesa, de onde me aproximei a fim de me aquecer.

— Vou preparar algo para comerem — disse a senhora Charlote, dona de cabelos grisalhos e de um sorriso gentil.

Agradei e, assim que ela se foi, acabei bocejando. Estava cansada e ainda com muito sono, pois havia oscilado entre estar acordada e dormindo na caleça trepidante, o que afetou a qualidade do sono e não me permitiu descansar completamente.

— Está exausta, não é mesmo? Logo

poderemos descansar — disse James, depois seguiu o caseiro com as malas até o aposento de hóspedes.

A senhora Charlote voltou em seguida com pão, algumas frutas e chá. Sentei-me junto à mesa de madeira maciça e detalhes muito bem esculpidos e agradei mentalmente por aquela senhora e seu esposo serem pessoas discretas a ponto de não fazerem perguntas.

James retornou quando eu já havia terminado a refeição, sentou-se ao meu lado e se serviu também.

— Vou me deitar um pouco, James, com licença — anunciei, olhando para a senhora Charlote, que rapidamente indicou o caminho e me levou ao aposento.

Seguimos por um corredor de pedras, onde contei ao menos quatro portas de madeira rústica, todas fechadas. No final do corredor, a senhora

PERIGOSAS ACHERON

entrou em um aposento que tinha a porta aberta, e eu a segui. O aposento estava aquecido pela lareira e com as cortinas fechadas, dando a impressão de ainda ser noite. Havia uma espaçosa cama, uma escrivaninha, uma cômoda e uma saleta de banho com uma grande banheira de cobre.

— Esteja à vontade, senhorita, vou preparar seu banho. Trago água aquecida em instantes — falou-me antes de sair do aposento.

Poucos minutos depois, eu estava submersa até o pescoço em uma deliciosa água quente e, pela primeira vez em muitas semanas, sentia-me relaxada. Tudo iria ficar bem, eu precisava me convencer disso. Fechei meus olhos e inspirei o ar lentamente, repetindo o processo algumas vezes.

Minha mente estava serena, meu coração também. Foi quando um discreto ranger de porta chamou minha atenção. Virei o pescoço para olhar

o interior do aposento e vi James entrar e fechar a porta, depois olhar em várias direções à minha procura.

— Lolla?

Escorreguei lentamente dentro da banheira, ficando apenas com o nariz e os olhos de fora. Meu coração, antes tão quieto, batia com vigor.

— Lolla? — Ouvi a voz de James um pouco abafada. — Lolla? — A voz ficava mais próxima. Então eu vi um par de olhos verdes e duas grandes mãos me puxando parcialmente para fora da água. — Por Deus, Lolla, o que está fazendo? — perguntou, assustado.

— O que o senhor está fazendo aqui? — falei, escorregando novamente para dentro da água. — Vire-se, vire-se — pedi, afobada.

Mas James não se moveu. Ele não se moveu!

— Vim ver se estava bem, se precisava de algo... E vim porque... este também é meu aposento.

— Seu aposento? Mas a senhora Charlote me trouxe para cá! — Então olhei mais atentamente para o aposento e vi as caixas e maletas de couro depositadas no chão, ao lado da cama. Eram os meus pertences... e... de James? Por que suas coisas estavam ali?

— É que, sinto não ter dito antes, mas precisei mentir que somos casados. Entende que estar a sós com uma dama solteira em uma cabana de caça não é nada adequado? — Ele espichou os olhos para mim, avaliando-me.

— Poderia ter dito que eu era sua irmã! Aliás, eu pedi para que se virasse e ainda está me olhando...

— Hum, bem, desculpe-me — disse,
PERIGOSAS ACHERON

virando-se de costas. — Mas, Lolla, pense bem...
Parecemos irmãos?

— Sim, sei que não somos parecidos...
Mas, mesmo assim, poderia ter tentado inventar algo...

— Inventei algo — rebateu, ligeiro. — Falei que somos casados — disse com ar de astúcia.

— Pareceu-lhe uma ótima ideia?

— A melhor de todas, mesmo que no momento eu não estivesse considerando a possibilidade de dividir um aposento com a senhorita. Agora a ideia me parece ainda mais encantadora... Já posso me virar?

— Não, não! — falei, alcançando uma tolha deixada ao lado da banheira e enrolando-a em volta do corpo. — Agora caminhe até perto da cama e cubra os olhos com o travesseiro... Então quer me dizer que é inocente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lolla...*Inocente*? — perguntou ele, caminhando na direção da janela, de costas para mim.

— Sim, James, que não fez tudo de caso pensado!

— Lolla, eu não faria algo assim apenas para estar a sós com a senhorita em um aposento à meia-luz, especialmente se estivesse despida... Bem, talvez fizesse algo assim, mas não fiz. Eu apenas pensei que era o melhor a ser dito àquele casal, mas não se preocupe, posso dormir no chão.

— No chão? — falei enquanto alcançava algumas peças de roupa em uma das maletas. — O chão é frio e muito duro, James.

— Tenho certeza que sim — concordou.

Ele estava se divertindo com a situação? Não podia ser. Mas por que parecia que sim?

PERIGOSAS ACHERON

— Está pronta? Posso me virar? —
perguntou.

— Não, James, ainda não estou pronta! —
Desenrolei-me da toalha e coloquei a camisola
branca de tecido nobre, como todas as roupas
naquela mala. Eu não reconhecia nenhuma peça ali,
eram todas novas. — Deve saber que damas usam
uma infinidade de camadas de roupa por baixo de
seus vestidos.

— Usam? — perguntou, irônico, e então
fiquei verdadeiramente irritada.

— Certamente está gracejando comigo!
Imagino que tenha amplos conhecimentos sobre as
camadas de roupa por baixo de um vestido — falei
sem pensar, as palavras simplesmente voaram para
fora da minha boca. Senti meu rosto aquecer
imediatamente.

— Não tão amplos como imagina —
PERIGOSAS ACHERON

respondeu ele. — Mas, se precisar de ajuda com esse espartilho, farei questão de aprender...

— James!

— Sim?

— Como sabe que estou tentando vestir meu espartilho? — parei o que estava fazendo e indaguei com a voz um tanto desconfiada. — James?

— Bem, eu...

— James! Está me espiando pelo reflexo das janelas?

— A senhorita ordenou que eu ficasse de costas... Mas tenho uma pergunta, Lolla... Por que colocar um espartilho se vai se deitar agora mesmo? Isso deve apertá-la demais.

— Não faz ideia do quanto — concordei.

— Então deixe isso para lá — disse,

virando-se para mim, olhando-me com seus belos olhos verdes. Um sorriso nasceu no canto dos seus lábios.

— Por que se virou?

— Já está vestida.

— Estou vestida? Chama esse tecido fino de... estar vestida?

— Para mim, está vestida, muito vestida — disse-me ele. — Agora deite-se e tente descansar um pouco. Ficarei bem aqui. — Apontou para o tapete em frente à lareira.

— No chão?

— Sim.

Fui para a cama e me ajeitei sobre os travesseiros e o macio lençol. Olhei para James, deitando-se no chão, e bufei baixinho. Ele estava mesmo fazendo aquilo? Um homem que nasceu e

PERIGOSAS NACIONAIS

cresceu no conforto, deitando-se no chão frio e duro apenas para me respeitar?

— James? — perguntei após alguns minutos.

— Sim, Lolla?

— Aos menos pegue estes travesseiros — falei, arremessando dois deles em sua direção.

Esperiei que James adormecesse para então pegar meu diário e registrar todos os acontecimentos deste dia glorioso!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

21

*“O amor só é amor se não se dobra a
obstáculos e não se curva à vicissitudes, é uma
marca eterna que sofre tempestades sem nunca se
abalar.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 07 de julho de 1805.

Despertei muito mais descansada após aquelas poucas horas de sono. Não estava habituada a dormir durante o dia, mas a noite

PERIGOSAS NACIONAIS

insone na caleça me esgotara. O aposento ainda estava escuro, pois as grossas cortinas impediam a passagem da luz. A única claridade vinha da lareira acesa.

Sentei-me na cama e vi James deitado no tapete. Senti-me a maior das egoístas por ter dormido em uma cama daquele tamanho enquanto James se ajeitava no chão duro. Mas qual alternativa tínhamos? Não, eu não poderia nem considerar outra possibilidade.

Coloquei um vestido por cima da camisola, mesmo sem vestir meu espartilho, já que era impossível colocá-lo sem o auxílio de alguém. Caminhei até James e toquei de leve seu rosto. Ele abriu os olhos e segurou minha mão.

— Lolla... Que bom que está aqui. —
Sentou no tapete e sorriu para mim.

— Onde mais eu estaria?

PERIGOSAS ACHERON

— Tive um pesadelo agora mesmo — contou-me. — E você não estava lá.

— Estou aqui, James. Estou aqui por você — acrescentei.

— Eu sei, isso não me torna o homem de mais sorte de toda a Inglaterra?

— Torna?

— Provavelmente do mundo inteiro! — declarou, aproximando-se de meus lábios.

Beijou-me lentamente, e dentro de mim tudo se agitou. James me abraçou e repousou seus lábios em meu pescoço.

— James, o que faremos agora? — Suspirei com a carícia.

— Agora? Bem, agora eu só estava pensando em beijá-la...

— Não, James... O que faremos da nossa

vida?

— Não podemos permanecer aqui por muito tempo. Ficaremos apenas esta noite e amanhã cedo devemos partir.

— Amanhã? Então não acha seguro ficarmos aqui? Quem sabe onde estamos?

— Apenas a senhora Holly, seu irmão e o senhor Julius.

— E o senhor Carlton — lembrei.

— Sim, o senhor Anthony, que nos cedeu o pavilhão para ficarmos.

— O quanto confia nele?

— Confio muito, Lolla, e falei com ele reservadamente. Eu o levei à sala de pintura e o fiz jurar que não diria nada a ninguém.

— Nesse caso, se ele realmente é de sua confiança, penso que estamos seguros aqui. Será

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo necessário partir já amanhã?

— Não penso que seja tão seguro ficar aqui. Meu pai possui uma propriedade em Chilcomb, uma pequena vila neste condado.

— Sim, pernoitei nessa propriedade quando estive a caminho de Londres — lembrei.

— Fica próximo daqui, então prefiro não arriscar e partir o quanto antes.

— Mas, quando partimos, para onde iremos? — perguntei.

— Quer saber o primeiro lugar aonde vamos? — inquiriu com ares de suspense.

— Sim.

— À igreja desta vila, amanhã cedo.

— À igreja? Por quê?

— Para pedir ao padre que oficialize nossa união — revelou com alegria.

PERIGOSAS ACHERON

— Sozinhos? Sem ninguém para testemunhar? Não será um casamento ilegal? Clandestino?

— Clandestino, Lolla? — Ele riu. — Teremos um padre, estaremos em solo sagrado, ou seja, dentro da igreja, e teremos um noivo e uma noiva. Testemunhas não faltarão, há nesta vila mais amigos do que imaginamos.

— Tem amigos aqui?

— Tanto quanto duas moedas podem pagar.

— O que quer dizer?

— Esqueça isso, mas saiba que daremos um jeito e amanhã seremos um do outro, para sempre.

— Não estamos fazendo algo errado?

— É o que sente? Pois penso que tudo o que é feito por amor não pode ser errado.

— Mas isso tudo é loucura. Vamos nos

PERIGOSAS NACIONAIS

casar mesmo amanhã? — perguntei entre um sorriso e um suspiro de aflição.

— Lolla, me diga o nome de apenas um homem que não se torne um pouco louco quando está apaixonado. Ao menos ainda me resta um pouco de sensatez — riu. — Mas até mesmo minha sensatez manda que eu me case logo com a senhorita. Tudo em mim quer isso...

— Está absolutamente certo — concordei. — Eu me sinto assim também, cometendo loucuras e as achando certas e justas. Apesar do medo que ainda sinto, penso que estamos seguindo na direção certa.

— E estamos. — Beijou-me com doçura. — Agora, quer sair um pouco? Vamos caminhar e respirar ar fresco? Gosta de caminhar?

— Não faz ideia do quanto — disse, entrelaçando meu braço ao dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então saímos para caminhar em um extenso prado verde com muitas árvores e alguns arbustos frutíferos com minúsculas e graciosas esferas vermelhas; eram framboesas, mirtilos e amoras. A caminhada incluía subir um terreno íngreme, onde a passos largos deixei James para trás e ri por ele parecer tão cansado.

— Como consegue andar tanto? — reclamou ele, dando pulos enquanto subia, depois correndo em minha direção.

Logo fomos apresentados como uma visão magnífica. Campos verdes se apresentavam em todas as direções, de diferentes tons, alguns mais escuros e outros mais claros. Ao longe avistamos algumas ovelhas em um campo cercado, e mais distante muitas árvores de um verde-escuro. Deslumbrante! O céu estava clarinho, com algumas nuvens que pareciam estar deitadas sobre as

PERIGOSAS ACHERON

montanhas e outras como se tivessem sido pintadas no céu naquele exato momento.

— Só uma coisa poderia fazer este momento ainda mais perfeito — disse James, me convidando para sentar no gramado ao seu lado.

— Posso perguntar o quê?

— Sim. Uma tela e muitas tintas para que eu pudesse pintá-la — declarou, contornando meus lábios com seus dedos.

— Isso seria ótimo. Muitas vezes já desejei exatamente isso, uma tela e que eu tivesse o dom de pintar o que meus olhos viam naquele instante. Mas julga que este momento seja mesmo tão significativo?

— Lolla, se a mim fosse dado apenas mais uma única tela, a última que eu tivesse em minhas mãos, seria você que eu pintaria. Seria este momento que eu eternizaria, você sentada neste

PERIGOSAS ACHERON

gramado, com esse céu ao fundo.

— Não pintaria nosso beijo no baile? —
Sorri ao relembrar.

— Não, porque eu precisaria que estivesse parada e a uma boa distância de mim para poder pintá-la. Eu não trocaria nosso beijo por uma chance de pintá-la, não naquele instante, pois não desejava que estivesse longe de mim. No entanto, tenho aquele beijo gravado em minha mente de uma forma ainda mais intensa e real. Em uma pintura, posso retratar muitas coisas, mas jamais o tanto que meu coração bateu naquele dia, bateu pela senhorita.

E, como sempre, James disse-me as palavras certas, as mais bonitas e carregadas de afeição, as que me fizeram suspirar e sorrir como uma boba. Impossível que não fosse assim, já que estávamos completamente entregues àquele

momento, ao nosso amor.

A tarde seguiu deliciosa e mansa, pois sem pressa desfrutamos da companhia um do outro até quase o entardecer. Retornamos ao pavilhão antes que escurecesse e encontramos uma boa refeição à nossa espera. Foi um pouco constrangedor saber que aquele casal que nos recebia e que cuidava daquela propriedade pensava que eu e James éramos casados. Eu não tinha um anel em meu dedo, será que não haviam reparado nisso? James não havia pensado em tal detalhe. Por sorte, o casal nos deixou à vontade, não nos fizeram perguntas além das necessárias e nos deixaram a sós a maior parte do tempo.

No entanto, o constrangimento maior foi o que eu senti mais tarde, quando voltamos para o aposento onde passaríamos a noite. Estávamos sozinhos, pois o caseiro havia ido buscar lenha e

alimentar os animais e a sua esposa já havia se recolhido para dormir. O silêncio era quase total, típico de final de tarde, e o sol já se punha no horizonte.

James avivou o fogo que já queimava na lareira e, vendo como eu estava quieta, aproximou-se lentamente. Sentou-se ao meu lado na cama e me olhou com ternura.

— Ainda sente medo, Lolla? — perguntou.

— Posso estar enlouquecendo, mas só consigo sentir amor — confessei. — Meus medos quase inexistem quando estou ao seu lado.

— Isso é tudo que eu quero, que jamais volte a sentir medo...

— Foi por isso, James, que vim com você. Percebi que havia vários caminhos, e em todos eu estaria fadada à infelicidade e ao medo, menos o que me levaria até você. Ainda assim, minha maior

PERIGOSAS ACHERON

angústia é estar lhe trazendo algum mal, afastando-o da sua vida, da sua casa, do seu pai... Afastando-o de seus amigos, da senhora Holly e do senhor Julius...

— Não, Lolla, nem pense isso. “Curvando sobre ti amor tamanho, mal que me faço me traz benefício, pois o que ganhas duas vezes ganho. Assim é o meu amor e a ti o reporto: por ti todas as culpas eu suporto”³⁵. Por ti, Lolla, de tudo sou capaz...

— Shakespeare! — falei, extasiada. — Lembro-me da página aberta em seu aposento no dia em que cheguei a Londres. “Duvida da luz dos astros, de que o sol tenha calor, duvida até da verdade, mas confia em meu amor”³⁶. Foi pensando nisso que o segui até aqui, por confiar no seu amor.

— E sempre poderá confiar. — James me beijou com doçura, afagando meus cabelos e

PERIGOSAS ACHERON

acarinhando meu rosto.

Beijou-me os lábios e a face, recostou sua testa à minha e confessou muitas vezes seu amor, depois voltou a me beijar, fazendo-me suspirar e ficar anestesiada.

James beijava-me cada vez mais apaixonado, mais intensamente, e eu o correspondia, sem desejar separar-me daquele contato. Mas o beijo foi bruscamente interrompido quando seus olhos petrificaram-se na porta. Olhei para trás e vi o que menos desejava: o senhor Boorman parado com os olhos irados em nossa direção. Logo atrás dele vinha a senhora Charlote com os olhos carregados de aflição, o senhor Boorman parecia ter entrado ali sem sua autorização.

— Imorais! — gritou ele, cuspiendo as palavras com raiva, seu rosto muito avermelhado.

Meu coração quase parou. — É por isso, James, que se recusou a partir quando ordenei? Porque desejava se deitar com minha noiva?

A senhora Charlote expandiu seus olhos. Estática, ficou nos olhando sem nada entender. Eu estava da mesma forma, porém entendia bem o que estava acontecendo: havíamos sido descobertos.

— Respeite-a, meu pai. Não diga um despropósito desses! — James pôs-se de pé em um instante e o enfrentou.

— O que acabo de ver aqui diz tudo por si só! — gritou o senhor Boorman em nossa direção.

— Não, o que viu foi um beijo e isso está muito longe do que sugere. Cale essa insinuação antes que eu me cubra de raiva e perca a cabeça!

— Ameaças! Tolas e vãs ameaças. Pensa que sou algum estúpido para me enganar ou me amedrontar com suas palavras? Pois digo e repito
PERIGOSAS ACHERON

que diante de mim tenho dois imorais e que sabe-se lá desde quando estão se deitando às escondidas! Desde antes de eu chegar a Londres? Desde o primeiro dia em que essa moça chegou em minha casa?

— Já exige respeito — falou James, muito nervoso, e deu passos firmes em direção ao pai, colocando seu dedo em riste.

— James! James! — gritei, tentando controlá-lo.

Segurei suas mãos e, chorando, pedi que mantivesse a calma. Vi seu semblante se contrair enquanto me olhava, seu peito ainda arfava, mas James procurava acalmar sua respiração.

— Quero que vá imediatamente para casa — disse o senhor Boorman, apontando para o filho.
— Vá agora para Londres!

— Recuso-me a obedecê-lo. Não sei como

PERIGOSAS ACHERON

ousa tentar me dar ordens. Não ditará coisa alguma em minha vida! E ficará longe de Lolla!

— *Lolla?* — O senhor Boorman riu ao me olhar. — É melhor fazer o que estou determinando, James, não tente me desafiar a provar do que posso ser capaz!

— Eu digo o mesmo, meu pai! Não sabe do que posso ser capaz para protegê-la!

— Tolo! Reduzido a uma paixão febril por causa de um par de pernas? — disse o senhor Boorman em tom de sarcasmo e ira.

A senhora Charlotte arregalou ainda mais os olhos ao ouvir tais palavras, e eu senti meu rosto se aquecer, jamais tivera sido tão ofendida antes.

— Já chega, saia imediatamente daqui! — James gritou. — Não sei como nos encontrou, mas deve partir agora mesmo e nos deixar em paz. Se lhe convier, esqueça que sou seu filho! Esqueça!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por algum instante pensaram que eu não os encontraria? — Riu o senhor Boorman. — Pois eu soube do paradeiro de vocês tão logo amanheceu.

Eu e James ficamos atônitos. Como ele soubera? Quem havia nos entregado?

— Venha, Lolla, vamos sair daqui — James me chamou para junto de si, mas foi barrado pelo pai, ainda na porta.

— A senhorita Gibbons partirá agora mesmo, mas comigo, para junto de seus pais. Iremos para a *House Flowers* — determinou o senhor Boorman.

— A senhorita é mesmo noiva desse senhor? — perguntou a senhora Charlote, confusa. — Os senhores não são casados? — Olhou para mim e James. Não respondemos, estávamos petrificados.

PERIGOSAS ACHERON

— Não irei para lugar algum com o senhor! Eu o detesto mais do que tudo! — vociferei na direção do senhor Boorman. — Não me casarei com o senhor nunca! Nunca!

E então o senhor Boorman gargalhou. Ele gargalhou com tanta força que perdeu o ar.

— Pensa que ainda desejo casar-me com a senhorita? Uma rameira deflorada? Eu, senhorita, que não me casarei com uma moça impura. Vou devolvê-la ao lugar de onde veio. E saiba, não existirá mais piedade, ajuda financeira ao seu falido pai, tampouco festa de debutantes ou temporada em Londres para sua irmã deslumbrada. Não auxiliarei seu irmão para que ingresse na marinha ou para que tenha qualquer melhor posição na sociedade, ao contrário, farei questão de dizer a todos quão desvirtuadas são as filhas do senhor Gibbons, sua família perecerá na miséria e na vergonha para

sempre. Desgraçou a si mesma e sua família, senhorita. Assim que chegarmos à *House Flowers*, estarão todos na rua!

— Não pode expulsá-los assim — falei com os olhos úmidos, tentando conter um choro para que aquele homem não me visse tão fragilizada. — Nossa casa em Bincombe, que era tudo o que tínhamos, o senhor a tomou de nós...

— Não a tomei, eu a comprei e paguei ao seu pai muito bem para que ele se sustentasse e pagasse suas dívidas. A casa me pertence. Agora venha, preciso devolvê-la a seu pai — falou, pegando meu braço com força e me arrastando para fora do aposento e depois pelo corredor.

— Largue-a imediatamente! — James avançou sobre ele e o fez me soltar.

Corri para a sala da propriedade ao lado da senhora Charlote, que permaneceu sem intervir,

PERIGOSAS ACHERON

mas completamente desesperada. O senhor Boorman não se deu por vencido, foi até a sala e me enfrentou, pegando em meu pulso e tentando novamente me levar consigo. James se colocou entre mim e seu pai e me protegeu, formando uma barreira em minha frente.

— Não voltarei a repetir e não responderei por mim se voltar a tocá-la! Irei me casar com a senhorita Gibbons! — James gritou.

O senhor Boorman se calou e apenas nos olhou com frieza. Mas havia algo a mais naqueles olhos, como um brilho de vitória. Olhou para fora da casa, na direção do jardim, e fez sinal para alguém. Então, em instantes, dois grandes homens armados surgiram diante de nós. Não nos movemos, apenas a senhora Charlote emitiu um gemido de pavor.

— O que significa isso? Vai nos matar, meu

pai? Vai matar seu filho? — inquiriu James.

— Você faria o mesmo para proteger essa rameira, não faria? Não mataria a mim? Não foi o que disse ainda há pouco? — questionou o senhor Boorman.

— Disse que faria qualquer coisa por Lolla e, sim, faria e faço. Mas quais são seus motivos para matar a mim, seu filho? Faço tudo por amor e proteção à mulher que amo, mas o senhor, meu pai, quais razões tem para tanto ódio?

— *Amor?* Amor não existe, James — declarou o senhor Boorman.

E com os olhos fez sinal para que os dois homens armados entrassem na sala. Um deles veio em minha direção e segurou-me pelos braços, enquanto o outro empurrou a senhora Charlote e ordenou — certamente a mando do senhor Boorman — que buscasse meus pertences e os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trouxesse à sala. Apavorada, a senhora obedeceu prontamente.

James não se importou de estarem armados, de colocar sua vida em risco, ele apenas saltou sobre o homem que me segurava e o golpeou no rosto. O homem se encolheu, mas o outro acertou James com a coronha de madeira maciça com tanta força que James se desequilibrou. Gritei, desesperada, James olhou para mim ainda mais um segundo, e em seguida recebeu outro golpe.

— Já basta! — disse o senhor Boorman em voz alta, com o cenho vincado. — Levem-no para a caleça em que vieram. James deve ser levado para Londres imediatamente. Amarrem-no e garantam que não fuja. Se ele acordar, não quero que o firam mais, portanto deve estar bem preso ou reagirá. E coloquem as coisas dessa senhorita em minha caleça!

PERIGOSAS ACHERON

Nesse instante, lembrei que, por sorte, havia deixado meu diário dentro da minha mala, com receio de que James o lesse.

— O senhor é algum tipo de monstro ou o próprio diabo? Como tem coragem de fazer isso ao seu filho? — gritei.

Então o senhor Boorman caminhou até mim e me segurou pelos braços. Forcei meus pés contra o chão e fiz força para não ser carregada, mas ele foi mais forte.

— Senhor, senhor, não a machuque — pedia a senhora Charlote. — Querida, o que devo fazer? Diga-me o que fazer! Oh, céus, onde está Albert que ainda não retornou? — Ela procurava pelo esposo.

— James... — murmurei, as lágrimas banhando meu rosto.

O senhor Boorman carregou-me à força
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o jardim, onde vi duas caleças e dois cocheiros junto delas, além dos outros dois que levavam James desacordado para dentro de uma das carruagens. Todos os homens tinham o mesmo semblante de maldade e todos estavam armados. Vi quando amarraram cordas nos punhos e pés de James, que estava inerte. Temi por sua vida. O que aqueles homens fariam com ele? O senhor Boorman havia recomendado que não o ferissem mais, mas como confiar em homens tão vis quanto aqueles? Se James despertasse e lhes causasse problemas, como reagiriam? Ainda ouviriam a determinação do homem que os contratara?

— Acomode esta senhorita — ordenou o senhor Boorman.

Então o homem que antes havia sido golpeado por James veio até mim e, segurando meus braços com muita força, empurrou-me para

PERIGOSAS ACHERON

dentro da outra caleça, apontando a arma em minha direção. O senhor Boorman entrou logo em seguida.

— Pode abaixar a arma. Ela não será tola de tentar fugir — disse ele com um sorriso cínico e, com batidas no interior da caleça, deu o sinal para o cocheiro partir.

A caleça moveu-me rapidamente para longe dali, mas da janelinha ainda pude ver a outra carruagem levando James para uma direção contrária a que seguíamos.

— O senhor é um demônio! — vociferei em sua direção.

E então o senhor Boorman desferiu um tapa em meu rosto, que ardeu por longos minutos. Ardeu meu rosto e meu coração. Eu não disse mais palavra alguma, pois aquele senhor transtornado parecia ser mesmo capaz de tudo para não ser

PERIGOSAS ACHERON

desafiado ou contrariado. Porém, mentalmente, eu o amaldiçoei com todas as minhas forças.



Eu poderia dizer que ainda tenho esperanças, mas a verdade é que o desespero arrancou até a última raiz de fé plantada em meu coração. Não sei quando poderei voltar a escrever neste livreto ou se ainda terei forças para tal... No entanto, ainda necessito escrever algumas linhas para registrar o que houve assim que cheguei à *House Flowers*, carregada à força pelo odioso senhor Boorman depois de mais de seis horas suportando sua presença naquela caleça. Seus olhos sobre mim eram como mãos em minha garganta.

Assim que chegamos e a caleça lentamente parou, o senhor Boorman desceu e, como se fosse um cavalheiro, abriu a porta do meu lado e tentou me dar sua mão. Ignorei-o e saltei sozinha. Meus

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos ardiam, havia chorado muito durante toda a noite, aquele tipo de pranto silencioso, que mesmo sem um suspiro deixa aberto o mar de dor em forma de gotas salgadas.

Com a movimentação dos cavalos e dos criados que correram para nos receber e a própria voz autoritária do senhor Boorman diante de seus serviçais, logo a casa estava em polvorosa, com todas as luzes acesas. Em pouco tempo, meus pais apareceram na sala para ver o que estava acontecendo.

Minha mãe tentava arrumar os fios soltos dos seus cabelos enquanto papai esfregava os olhos de sono e incredulidade ao nos ver. Pensei em muitas coisas que gostaria de dizer a eles assim que os visse, mas minhas palavras morreram na intenção, pois nada consegui falar. Até mesmo olhá-los nos olhos foi difícil para mim. Não

PERIGOSAS ACHERON

esperavam nos ver antes da temporada de Londres terminar, por isso suas expressões eram de surpresa, não somente por nossa volta repentina, mas pelo horário em que nossa chegada se deu. Mesmo assim, sem demora vieram nos saudar, perguntando ao senhor Boorman como estava sua saúde e por que havíamos retornado tão cedo. As bajulações que ofereciam àquele senhor me deixaram enojada.

— O que há com você, Lolla? Parece que viu um fantasma — disse minha mãe, segurando minha mão e me olhando nos olhos. — E está tão pálida...

Desviei meus olhos para meu pai e encontrei aquele mesmo olhar culpado, os olhos voltados para baixo. No alto da escadaria, vi Audrey parada com uma expressão de surpresa e alegria ao me ver. Ela veio correndo em minha

PERIGOSAS NACIONAIS

direção, e mamãe ralhou com ela por estar no centro da sala com suas vestes de dormir.

— Lolla, eu nunca pensei que fosse tão difícil ficar longe de você — disse ela, ignorando nossa mãe e me abraçando forte.

— Senti muito sua falta também — falei sinceramente, retribuindo o abraço.

— Pensei que ainda demoraria a voltar...

— Audrey, Richard está aqui? — perguntei em baixo tom e me afastei com ela para um canto da sala.

— Richard? Pensei que ele estivesse em Londres com você esse tempo todo... Então ele não estava? — perguntou, confusa.

— Ele estava, mas veio antes de mim... Então pensei que talvez tivesse vindo diretamente para cá.

PERIGOSAS ACHERON

— Que estranho, ele ainda não veio... — disse ela, pensativa. — Mas, Lolla, aconteceu alguma coisa? Sua expressão, seus olhos... Está tudo bem?

— Não está nada bem — falei com olhos umedecendo, então abracei Audrey, para que ela não visse o tanto de dor que eu carregava.

— Não! Não! — Ouvimos mamãe gritar.

Papai colocou as mãos sobre a cabeça e alisou os cabelos nervosamente.

— O que houve com mamãe? — Audrey correu em sua direção, puxando-me pela mão.

Minha mãe chorava como se tivesse prestes a morrer, como se sua vida tivesse sido destruída para sempre e tivessem arrancado sua alma, deixando na terra apenas o seu corpo para sofrer.

— Deus, isso não pode ser verdade —

pranteou, arquejando. — Dolores, minha filha...? — E me olhou com uma espécie nova de olhar, talvez houvesse ali um misto de incredulidade, dor e asco. Sim, nojo de mim.

— Sim, sou sua filha — falei, séria, engolindo o choro. — Embora pareçam ter esquecido isso, eu não esqueci quem sou.

— Por que fez isso conosco? Por que nos arruinou dessa forma? Oh, senhor Boorman, será que poderá nos perdoar? — inquiriu minha mãe.

— Acredita que os atos de sua filha sejam perdoáveis? — ele perguntou, elevando uma sobrancelha com ar de superioridade.

— Por que pensa que os arruinei? — inquiri, exasperada. — Quais mentiras o senhor Boorman desferiu sobre vocês? Nada há nada do que me arrepender ou me envergonhar.

— Como pode dizer isso, Dolores? —
PERIGOSAS ACHERON

perguntou meu pai com o olhar decepcionado. — Sei que sua prova era dura, mas você jurou suportar...

— Então não sente vergonha do que fez? — perguntou minha mãe, ainda chorando. — Oh, céus! O que fiz a Deus para merecer uma filha assim? Desonrou mais que a si mesma, destruiu-nos. Jamais a perdoarei — acusou minha mãe severamente.

— Não desonrei ninguém. Eu amei, mamãe. Independentemente do que o senhor Boorman tenha falado, eu sei o que eu vivi! Eu sei a verdade. Conheci o amor e jamais me arrependerei de tê-lo vivido. O que tentaram fazer com minha vida foi a mais pura demonstração de falta de amor, de egoísmo e de ambição. Eu, mamãe, que não sei se consigo perdoá-los...

— Ouça o que diz... — disse meu pai,

PERIGOSAS NACIONAIS

aflito. — Você trouxe a mais profunda vergonha para nossa família. A pior de todas!

— Portanto — disse o senhor Boorman em tom grave, como se quisesse continuar algum discurso —, sabem que toda ação tem uma consequência. Tenho certeza de que o que sua filha fez gerará a ela o mais profundo e sincero arrependimento, mas penso que não será agora. Mocinhas apaixonadas tendem a não enxergar a realidade. O meu filho não é um mau homem, com certeza não quis se aproveitar da fraqueza de uma jovem bonita apenas por diversão, penso que apenas não meditou direito sobre o que fazia. O caso é que ele é jovem, imaturo, e é um rapaz... Nessa idade, penso que eu também era assim. Mas me casei cedo, não tive tempo de deixar para trás muitas juvenzinhas iludidas. Fui muito mais sério do que James nesse ponto.

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor é louco? Está difamando James? Sabe que James tem o caráter mais honroso que já se viu. O senhor, sim...O que fez à sua esposa foi uma monstruosidade! — acusei com fúria. — Emily era uma moça encantadora, romântica e que o amava. O senhor a reduziu a uma jovem melancólica, desesperada e desiludida. O senhor nunca foi metade do que James é. Eu o amo, e ele me ama! — gritei, vendo os olhos do senhor Boorman tremarem. — Não importa o que digam, nada mudará isso.

— Vejam o que é a ilusão — disse o senhor Boorman, aparentando calma, com um sorriso cínico nos lábios. — James é noivo de uma bela jovem da alta sociedade de Londres. Ele se casará em breve. Sinto muito pelo que meu filho fez, mas, como eu disse, toda ação tem uma consequência, e não serei eu a pagar por isso. Quero que todos

PERIGOSAS NACIONAIS

saíam imediatamente desta casa. Dentro de algumas horas, espero ver todos atravessando os portões.

— O quê? Está nos expulsando no meio da noite? — minha mãe se alarmou.

— Sim, estou. Com suas licenças, preciso descansar, a viagem me deixou fatigado.

— O senhor deu sua palavra de que se casaria com minha filha — argumentou papai.

— Sim, uma filha pura, e não uma moça arredia e desonrada — falou o senhor Boorman com desdém.

— Mas não temos para onde ir... O senhor sabe disso — falou papai, angustiado.

— Isso não é da minha conta. — O senhor Boorman subiu os degraus do interior de sua mansão com meus pais caminhando atrás dele, minha mãe chorando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Piedade, senhor Boorman, não temos mais um teto, nem trabalho... Deve haver alguma solução... — implorava minha mãe.

— Se souber de alguma, por favor, diga-me agora — desafiou o senhor Boorman.

— Mary, não... Não há solução — falou meu pai, segurando uma das mãos de minha mãe.

— Com licença — tornou a dizer o senhor Boorman avançando pela escadaria, mas, sem desistir, minha mãe o alcançou e lhe disse algo em baixo tom, e ele voltou atrás com sua decisão de nos expulsar imediatamente.

— Apenas uma noite, amanhã devem partir! — ordenou e, enfim, subiu as escadarias e nos deixou a sós.

Permaneci abraçada à Audrey, ela estava muito confusa com tudo que estava acontecendo e me fazia muitas perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

— Audrey, basta saber que o senhor Boorman é um mentiroso. Tudo que ele diz é mentira. Nossos pais querem acreditar nele porque estão desesperados e se sentem dependentes das migalhas que o senhor Boorman lhes oferece. Lembra-se quando falei que só deveríamos entregar nosso coração a um bom homem, que possuísse virtudes e honradez?

— Sim, lembro...

— Encontrei esse homem, Audrey — contei a ela. — Ele é o homem mais honrado do mundo. E ele me ama!

— Ah, Lolla! — Ela sorriu, esperançosa. — Então não vai mais precisar se casar com o senhor Boorman! Como ele se chama?

— Ele se chama James. — Sorri. — Mas acontece, Audrey, que ele é filho do senhor Boorman. Estou aqui agora contra minha vontade.

PERIGOSAS NACIONAIS

O senhor Boorman é um monstro, ele me afastou de James da pior forma que possa imaginar...

— Se ele a ama, virá buscá-la — disse Audrey com um sorriso quase infantil, romântica como sempre.

— Tenho certeza de que ele virá — concordei com ela, e juntas subimos para os aposentos da *House Flowers*, onde escrevo neste instante, chorando de preocupação com James e com nosso futuro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

22

*“Se eu pudesse descrever a beleza dos teus
olhos e enumerar teus atributos em épocas
vindouras, diriam: o poeta mente! A Terra jamais
foi acariciada por tal toque divino.”*

Shakespeare.

Wiltshire, 08 de julho de 1805.

Assim que amanheceu, o senhor Boorman
ordenou que o cocheiro preparasse novos cavalos e
parou no último degrau das escadarias do jardim,

lançando sobre mim um olhar frio e desafiador. Parecia que, apesar de tudo, ele se sentia triunfante.

— Venha, Dolores, acompanhe a mim e seu pai — falou minha mãe, séria.

— Acompanhá-los? Aonde vamos? — perguntei, dando um passo para trás.

O cocheiro mal-encarado, o mesmo que havia me conduzido à força para a caleça, parou junto a mim e me olhou como se fosse me atacar a qualquer instante.

— Não penso que esteja em posição de fazer perguntas — falou mamãe, pegando minha mão e me puxando para a caleça. Audrey nos seguiu, aflita.

— Não, Audrey, você fica — disse mamãe.

— Fico aqui, sozinha? — indagou.

— Audrey não pode ficar aqui sozinha! —

intervi.

— Cale-se, Dolores! — minha mãe gritou.

Meu pai aproximou-se com algumas coisas em mãos e as acomodou na parte traseira da caleça.

— Não posso me calar! Ao menos me digam aonde estão me levando e por que Audrey não virá também!

— O senhor Boorman permitiu que ficássemos mais alguns dias na *House Flowers*. Ele repensou e não colocará seu pai para fora daqui, então ainda teremos trabalho e um teto para morar. Mas você, Dolores, não pode ficar. Ele está com raiva do que fez e a quer longe daqui — esclareceu mamãe.

A caleça começou a se movimentar depois do senhor Boorman dizer ao cocheiro algumas palavras e entregar ao meu pai um punhado de moedas.

Pensei por alguns segundos nas palavras de minha mãe, mas não refleti muito sobre elas... Minha cabeça ainda rodava com a preocupação que sentia por não ter notícias de James. Saber que ele fora levado para Londres machucado e desacordado, carregado por um homem sem escrúpulos e agressivo, deixou-me desesperada.

— E Richard? — perguntei.

— Ora, seu irmão que nem sabemos onde está? — reclamou mamãe. — Ele a deixou completamente livre para cometer suas loucuras, não cuidou de você como deveria! Ele me decepcionou, assim como você, Dolores! Diga-me você, onde ele está agora?

— Eu não sei... Mas posso garantir que Richard cuidou de mim como um anjo — falei, firme. — Mãe, por que confia na palavra daquele homem e não na minha? Afirmo sem medo que

James me ama e que virá em breve me buscar. Se nada aconteceu a ele, sei que virá. Então acreditarão em minha palavra? Quando o virem e ouvirem o que ele tem a dizer, saberão o quanto sincero é. Então verão o quanto estão errados!

— Cale-se, Dolores! Pelo visto ainda não entende o que fez com nossa vida, não é mesmo?
— disse minha mãe com o olhar severo em minha direção.

— Entendo, minha mãe. Sei que preferem mil vezes me ver casada e infeliz do que terem de passar pelo que estamos passando agora. Jamais desejei que estivessem infelizes por minha causa e estava disposta a entregar minha felicidade para garantir a de vocês, mas falhei. Falhei porque amei e fui amada...

— Falhou porque deixou-se seduzir por um jovem rico que brinca com o coração de moças

tolas — ralhou ela como se soubesse do que estava falando.

— Esse não é James. Logo saberão a verdade, pois James nunca desistirá de mim.

— Oh, meu Deus! Ilusões, Dolores! Perceba que foi enganada! Peça perdão a Deus e se arrependa sinceramente.

Desisti de argumentar. Olhei para o céu azul e chorei silenciosamente até perder as forças. Cansada, me entreguei a um sono conturbado, onde cenas de carinho com James mesclavam-se às cenas de pavor quando eu o vi sendo agredido e levado para longe de mim. Algum tempo depois, a caleça parou bruscamente, chacoalhando meu corpo para frente e me fazendo despertar.

Quando desci, vi uma grande igreja velha, com um pequeno cemitério ao lado. Ficava em cima de uma colina com vista para o mar. Atrás da

igreja, havia uma imensa construção de pedra.

— Chegamos — falou o homem que guiava a caleça.

— Que lugar é este? — inquiri.

— Este é o lugar onde você ficará por algum tempo, Dolores. É um lugar santo, onde terá tempo de meditar e entender o que fez.

— Um convento? — alarmei-me ao perceber o que minha mãe estava dizendo. — Vão me trancar aqui, é isso?

— Diga-me quais alternativas nos deu, Dolores? Aqui terá um teto, alimento, estudo e orientação segundo a palavra de Deus. Por sorte, eu e seu pai não ficaremos na rua com sua irmã, mas sabe-se lá até quando perdurará a piedade do senhor Boorman.

— *Piedade?* Acreditam que aquele homem

PERIGOSAS NACIONAIS

possa ser piedoso? Pois eu digo que não pode! — E então algo acendeu dentro de mim, ardendo fundo no meu peito quando me dei conta do que estava acontecendo. — Se tem algo que aprendi sobre o senhor Boorman, é que ele não é benevolente, por isso me digam que espécie de acordo fizeram com ele! — exige respostas.

— Não há acordo algum, agora venha! — ordenou mamãe.

Meu pai evitava me olhar, mas era nítido seu embaraço e angústia. Andamos até chegarmos a um grande e alto portão de madeira que dava acesso ao interior do convento. Ali, fomos recebidos por uma mulher que não aparentava ter muito mais que trinta anos, usava uma túnica preta por baixo de um manto branco, a cabeça coberta com um tecido negro. Vi que tinha em seu pescoço um enorme rosário com um crucifixo de madeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Este é seu destino, Dolores — asseverou mamãe.

— Não, meu destino está fora desses portões — falei, sentindo as lágrimas quentes me banharem a face. — Quando poderei sair daqui?

— Não seja ansiosa, aproveite esse tempo para refletir — falou antes de me deixar para trás.

CAPÍTULO 23

23

*“Se eu pudesse descrever a beleza dos teus
olhos e enumerar teus atributos em épocas
vindouras, diriam: o poeta mente! A Terra jamais
foi acariciada por tal toque divino.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 15 de julho de 1805.

Lolla sempre me dizia que escrever era uma
necessidade. Eu nunca havia entendido isso até o

dia em que a perdi. Talvez ela escrevesse para ocupar as linhas com aquilo que transbordava dentro dela... Talvez fosse como minha mãe.

A dor também me transborda, a falta de Lolla quase me asfixia. Nunca em minha vida eu havia odiado tanto o fato de o mundo ser tão grande... Na verdade, jamais havia me preocupado com isso. Mas saber que ela está em alguma parte deste mundo e que eu desconheço qual é essa parte deixa-me muito desesperado.

Será que ela tem entre seus dedos uma pena e em suas mãos seu diário inseparável, e nele escreve nossas histórias e sonhos? Será que imagina minhas noites solitárias, minhas lágrimas amargas e a dor que me atinge cada vez que acordo sobressaltado após sonhar com um beijo seu?

Se escrever estas linhas pode mesmo me ajudar, vou começar do início, do dia em que meu

PERIGOSAS NACIONAIS

coração começou a bater de verdade, no compasso certo. E isso foi quando Lolla Gibbons desceu daquela caleça em frente à minha casa em Londres. Prendi a respiração por alguns segundos antes de saber o que falar. Fingir que não havia sido abalado por sua beleza era o mesmo que ignorar a vida. Diante de mim, eu tinha a própria representação de tudo o que é belo e logo percebi que essa não era sua única graça.

Minha surpresa por saber que uma dama tão jovem e bela estava noiva do meu pai não deixou que meus preconceitos permanecessem guardados. Eu a julguei no primeiro instante e a avaliei por diversas vezes, mas Lolla surpreendeu-me em todas elas. Por terra caíram minhas pressuposições, assim como derrubei todas as opiniões antecipadas que ela tinha sobre mim. Não demorou para que eu percebesse que jamais seria o mesmo depois de

PERIGOSAS ACHERON

encontrá-la.

Talvez minhas palavras não sejam suficientes para registrar o que realmente vivemos e como seu amor se instalou em mim, mas Lolla estava certa ao dizer que escrever é uma necessidade. Não tenho outro recurso para trazê-la para mais perto de mim. Quando fecho meus olhos e me lembro da primeira vez que a beijei, e depois registro neste papel o quanto me senti entorpecido, por segundos sou levado a reviver aquela sensação, e então é como se estivéssemos lá outra vez, no jardim, na noite do baile, ouvindo a melodia da orquestra ao longe enquanto nossos lábios se conheciam...

Mas então, como um borrão ou uma neblina que me encobre os olhos e me dissipa o sonho, eu me lembro daquele dia... E por mais que ele seja o pior dia de todos, ainda insisto em recordar... Não

que eu pudesse esquecê-lo. Jamais poderia.

Naquele dia, senti meu corpo sacolejar. A cabeça doía em vários lugares e meus olhos também. Forcei minha visão a enxergar algo, a entender o que estava acontecendo. Minha cabeça batia levemente em algo ao meu lado. Eu estava deitado. Forcei ainda mais meus olhos, porém tudo estava embaçado. Tentei tocar meu rosto, mas algo me impedia, eu não conseguia me mover, minhas mãos pareciam atadas uma a outra. Ergui as duas e toquei meu rosto, senti uma profunda dor em um dos olhos e ao redor dele.

— Argh — emití um grunhido de dor.

— Droga, ele está acordando — disse uma voz áspera ao meu lado.

Virei o rosto em sua direção e com um dos olhos pude ver, ainda que com dificuldade, o rosto do homem ao meu lado. Imediatamente, minha

PERIGOSAS ACHERON

cabeça girou, meus pensamentos me levaram de encontro à minha última recordação: Lolla gritando por mim, meu pai, os homens armados.

— Está muito cedo para me incomodar — falou o homem. E então tudo voltou a ser escuro e silencioso.

Ainda desacordado, ela preenchia meus pensamentos:

— Lolla... Lolla...

Ela estava precisando de mim. Desesperado, eu corria em sua direção, mas ela ficava cada vez mais distante. Meu pai ria, gargalhava ao ver como ela tomava distância, dando passos para longe. Virou-se uma última vez para mim, estava chorando. Ergueu sua mão alva e delicada... Eu queria alcançá-la, mas estava longe demais e meu corpo pesava e doía... Oh, como doía.

— Lolla, Lolla — gemi outra vez.

De repente, me senti agarrado por alguém, arrastado e jogado em um lugar frio. Uma luz se infiltrava de mansinho sob minhas pálpebras. Forcei abri-las. Enxerguei alguma coisa em tons de verde e depois uma construção grande, uma escadaria... Então reconheci o lugar. Estava no gramado de minha casa em Londres. Minhas mãos estavam agora livres. Sentei-me, depois tentei ficar de pé, mesmo com a dor lancinante em meu corpo e olhos, mas percebi que algo impedia que eu me levantasse, eram cordas em minhas pernas.

— Oh, céus! — alguém gritou ao longe. — James? James?

— Lolla? — balbuciei, procurando-a.

— É a senhora Claire... — disse-me uma voz perto do meu rosto.

— Claire? — perguntei, confuso.

— Sim, James, a senhora Claire... a

PERIGOSAS ACHERON

cozinheira. Não se recorda de mim? O que houve com o senhor?

— Onde está Lolla? Onde ela está?

— Quem é Lolla, James?

— A senhorita Lolla! — repeti quase gritando. — Oh, Deus, onde ela está? Diga-me...

— James, quem é Lolla?

Eu queria gritar. Por que ela não podia simplesmente me dizer onde ela estava? Segurei meu rosto com as mãos e com o olho que ainda podia enxergar eu encarei a senhora que falava comigo. Respirei fundo, precisava recuperar meus sentidos.

— Claire, Claire — repeti. — A senhorita Gibbons... Dolores Gibbons! Onde ela está?

— James, venha comigo para dentro. Deixe-me dar água para o senhor e cuidar dos seus

ferimentos — disse ela, desatando os nós que ainda me prendiam os pés.

— Diga-me agora! — gritei.

— Ela se foi. Não sei onde está. Todos sumiram... O senhor, a senhorita Gibbons, a senhora Holly e o senhor Julius. Ah, e o irmão da senhorita Gibbons, o senhor Richard, também se foi.

À medida que a senhora Claire falava, eu recordava... A fuga no meio da noite, a chegada ao pavilhão de caça, a partida da senhora Holly, Julius e Richard... Eu e Lolla, nosso dia juntos... Depois meu pai chegando com homens armados, a luta que tive com um deles, o golpe que recebi. Provavelmente havia sido agredido mais de uma vez, dada a confusão e a dor que me atingiam. Então me dei conta de que havia sido conduzido de volta a Londres durante toda a noite e depois

jogado no jardim pela manhã, ferido e desacordado.

— Consegue se levantar? Venha, eu o ajudo... — Apoiei-me na senhora Claire e depois de alguns minutos eu estava deitado em minha cama, com uma bacia de água morna ao meu lado enquanto ela limpava meus ferimentos.

— Ah — gemi quando tocou a parte mais ferida do meu rosto, acima do olho. — Não enxergo nada, o que há de errado?

— Seu olho está muito ferido, James, completamente inchado, enegrecido pelo sangue coagulado. Estou preocupada... Seu pai partiu ontem logo pela manhã, irritado. Imaginei que tivesse recebido notícias ruins sobre o senhor... Houve algum acidente com a caleça que conduzia o senhor e os demais?

— Acidente? Oh, não, senhora Claire, não foi nada disso. Mas diga-me, quem esteve aqui

PERIGOSAS ACHERON

ontem pela manhã? Alguém veio ver meu pai?

— Sim, senhor, uma jovem muito bela. Primeiro ela perguntou pelo senhor e pela senhorita Gibbons. Ainda era muito cedo, então fui procurar a senhora Holly para que ela chamasse o senhor ou a senhorita Gibbons. Estranhei que a senhora Holly ainda não estivesse trabalhando, pois ela sempre é a primeira a estar de pé. Não a encontrei em parte alguma, então tomei a liberdade de eu mesma chamá-lo, mas bati em sua porta e não obtive respostas. Então vi que estava entreaberta e o senhor não estava lá. No aposento da senhorita Gibbons e do irmão dela também não encontrei ninguém. Por último, quando eu iria descer as escadarias para avisar a jovem visitante de que o senhor não estava, encontrei seu pai no corredor. Conteí a ele que não os encontrava em parte alguma e imediatamente ele pareceu muito nervoso.

Ele mesmo recebeu a senhorita e...

— Como era o nome de tal senhorita? Já a viu aqui outras vezes?

— Sim, muitas vezes... Mas o nome dela, deixe-me recordar... Ah, sim, senhorita Carlton. Isso, senhorita Carlton foi o nome que seu pai exprimiu assim que a viu na sala de recepção.

— Rosie! — falei seu nome com amargor.

Ela nos denunciara! Por quê? Imediatamente, me perguntei como seu irmão deixara que ela soubesse de nossos planos. Será que Anthony havia contado tudo a ela?

— O senhor deseja que eu chame um médico para avaliá-lo? — perguntou a senhora Claire.

— Não, obrigado, senhora Claire. Eu preciso apenas sair desta cama o mais breve

possível. Preciso de respostas agora mesmo...

— Não sei se o senhor conseguirá sair no estado em que está...

A senhora Claire falava, mas sua voz já estava distante. Quando dei por mim, estava andando pelas ruas de Londres, ferido, com dor, mas completamente ciente do meu caminho. As pessoas chocavam-se ao passar por mim e me ver tão ferido, com a roupa manchada de sangue e os cabelos desganhados. Depois de algumas quadras, cheguei em frente à bela mansão dos Carlton.

— James? Por Deus! James? O que houve com você? — sobressaltou-se Harry quando me viu junto aos portões de sua propriedade. — Anthony! Anthony! — gritou, chamando o irmão.

Em poucos segundos, Anthony apareceu e logo atrás dele Rosie, primeiro com uma expressão de estranheza com os gritos do irmão, depois com

PERIGOSAS ACHERON

pavor, quando me viu. Ela colocou as duas mãos sobre a boca e expandiu os olhos em minha direção. Assim que os portões se abriram, caminhei até Anthony com o dedo em riste, muito enraivecido.

— Ah, Anthony, você me traiu! Prometeu-me cumplicidade diante de meus planos e então contou tudo para Rosie?

— Do que James está falando, Anthony? — perguntou Harry, muito confuso.

Rosie olhou para o chão, mal podia me encarar.

— Eu não sei... Não sei do que está falando... — falou Anthony com uma calma irritante. — Venha cá, James, você está péssimo. Quem o feriu dessa maneira?

— Todos me feriram! Cada um que se colocou contra mim e Lolla! — bradei.

— James, pare com isso! Ouça-me, não falei nada para Rosie ou para qualquer outra pessoa — afirmou Anthony.

— Está mentindo, Anthony! Conversamos à noite na recepção em minha casa, e na manhã seguinte Rosie foi contar ao meu pai onde eu estava — acusei, enraivecido.

Anthony olhou para Rosie, completamente confuso.

— Jamais saí desta casa para ir sozinha à sua propriedade, senhor James — garantiu ela, porém, embora sua boca dissesse uma coisa, seus olhos revelavam outra.

— Não ouse bancar a mentirosa agora! — perdi a compostura, se é que ainda me restava alguma.

— Não grite com Rosie, James! Está fora de si! Contem-me o que aconteceu agora mesmo! —
PERIGOSAS ACHERON

ordenou Harry. — Diga-me, James, por que está tão exaltado e quem o feriu?

— Não direi nada. Não disponho de tempo para me explicar. Sou em que estou em busca de respostas. Mas a senhorita, Rosie, saiba que sua maldade será em vão. Eu amo a Lolla. Ouviu? — falei, observando seus olhos marejarem. — Repito, eu amo Dolores Gibbons! E quanto à senhorita, sinto pena, é maldosa e invejosa, pode encantar com a beleza, mas por dentro é vazia. Jamais será ao menos um pouco do que Lolla é!

— Ela é uma caipira! — Rosie não suportou ouvir calada e mostrou seu veneno. — Ela que não se equipara a mim em nada! Sou mais rica, refinada e culta!

— Qualidades que não a deixam menos podre por dentro — declarei.

— James, a menos que pretenda explicar os

motivos para o que está fazendo, deve parar imediatamente de ofender Rosie — defendeu Harry.

— Ela mesma poderá explicar — afirmei, olhando-a com ira.

— Diga, Rosie, por que foi à casa do senhor Boorman? Eu a vi sair ontem logo cedo, então não minta para mim — ameaçou Anthony. — Aliás, farei a pergunta certa... Como soube dos planos de James, da conversa que tivemos naquela noite? Porque eu jamais contei a você qualquer coisa. Nunca revelaria os planos de James...

— Que diabos de planos são esses? — perguntou Harry.

— Planos que pelo visto não deram certo — vangloriou-se Rosie com um sorriso zombeteiro. — No final de tudo, James, verá que fiz pelo seu próprio bem. Pode estar ferido agora, mas poderá

se recuperar. Quanto a um relacionamento tortuoso com aquela senhorita, seria uma mancha em sua vida. Ela era totalmente inadequada, inferior.

— Então assume que interferiu? — bradei em sua direção.

— Eu ouvi a conversa entre os senhores naquela noite. Os planos de fuga de James com aquela pobre criatura e seu irmão, a criada e o cocheiro. Ouvi o pedido de James para receber acolhida no pavilhão de caça em Petersfield... — confessou ela.

— E então usou tais informações para entregar as intenções de James de bandeja para o senhor Boorman? — perguntou Anthony com uma expressão desgostosa, surpreso com a maldade da irmã.

— Odeie-me agora, mas me agradecerá no futuro, James — disse-me Rosie com um choro

forçado e não me deu mais oportunidade de resposta, nos deu as costas e voltou para dentro da casa.

— James, perdoe minha irmã. Sabe que ela sempre foi apaixonada por você. Ela certamente não estava ciente de seus atos, não podia imaginar o tamanho do mal que lhe causaria — disse Anthony. — Aliás, quem o feriu de tal maneira? E onde está a senhorita Gibbons?

Onde ela estava era o que eu mais gostaria de saber naquele instante. Onde ela estava, como ela estava... contei a Antony e Harry tudo que havia acontecido e ambos ficaram aterrorizados com a atitude de meu pai e se colocaram à disposição para me ajudar com o que fosse necessário. Agradei, mas recusei, precisava agir sozinho e encontrar Lolla o mais breve possível.

Percorri cento e cinquenta milhas e

amaldiçoei cada centímetro de distância que me separava de Lolla. Nunca um trajeto de um pouco mais de quinze horas me pareceu tão angustiante. Eu não queria parar, mas estava em uma caleça de aluguel e o condutor insistia em fazer pausas para os cavalos descansarem e se alimentarem.

Finalmente, assim que cheguei a Dorsetshire, fui imediatamente para Woolgarston. Paguei a carruagem de aluguel assim que paramos em frente à *House Flowers* e me dirigi ao escritório de meu pai como um furacão. Os poucos criados que me encontraram no caminho olharam-me assustados ao verem meu estado, os ferimentos em meu rosto e minha agitação. A porta do escritório foi escancarada com um empurrão.

— A que devo a honra dessa invasão? — disse meu pai, mantendo sua postura impassível, como se não estivesse surpreso com minha visita,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas seus olhos tremularam ao ver minha aparência.

— Invasão? Necessito ser anunciado em minha própria casa? — questionei, ansioso e cheio de ira. — Por que desvia o olhar? Não gosta do que vê ou o incomoda saber que foi o senhor mesmo quem me feriu?

— Não o feri e pedi que não passassem dos limites.

— Mas pelo jeito passaram, não é mesmo? Faz acordo com criminosos e espera que cumpram a palavra? Não importa, vim por causa de Lolla. Onde ela está?

— Pensa que sei onde ela está?

— A família dela não está aqui? O que houve com eles? — perguntei, mais irritado. — O que houve quando o senhor chegou aqui com Lolla, trazendo-a contra sua vontade? — gritei.

PERIGOSAS ACHERON

— O que pensa que houve? Foram todos embora.

— O senhor os colocou na rua? Para onde foram? — insisti em obter respostas.

— Acaso pensa que lhe devo satisfações? Quando planejou fugir com minha noiva, meu cocheiro e minha governanta, pensou em antes me dar satisfações? Eu também não sei onde eles estão.

— *Sua* noiva, *seu* cocheiro, *sua* governanta... Já parou para considerar que essas pessoas não são suas? São livres e desejavam estar longe do senhor, por isso foram embora. O senhor impediu que o senhor Julius e a senhora Holly ficassem juntos, e por todos estes anos eles viveram apenas para lhe servir e para servir a mim também. Viveram quase uma vida inteira desperdiçando o amor que tinham... E quanto à Lolla, ela só aceitou ser sua noiva por imposição da família, por uma

pressão e chantagem que vocês fizeram com ela. Aliás, o senhor teria coragem de desposar a irmã mais nova de Lolla, uma jovem de quatorze anos? Estava completamente fora de si quando a ameaçou com tal possibilidade?

— Ora, James, muitas mocinhas se casam com essa idade, sabe disso. Mas me surpreende que você afirme isso, pois eu jamais usei desse argumento para forçar a senhorita Gibbons a me aceitar. Agora os pais dela, sim, usaram disso para permanecerem nesta casa. Humilharam-se pedindo que eu aceitasse a filha mais jovem, que esperasse até ela completar dezesseis anos e depois a desposasse — disse com o cenho vincado.

— Por Deus! Os pais de Lolla quase a enlouqueceram dizendo que se ela não aceitasse o casamento seria a irmã a se casar com o senhor!

— Os pais da senhorita Gibbons são mais

astutos do que eu pensava. — Ele riu com vontade.

— Então eles estão aqui? O que o senhor lhes respondeu sobre essa proposta absurda?

— Disse-lhes que pensaria...

— Não creio nisso... Pensar? A irmã de Lolla é ainda uma menina! E quanto a isso ser ideia dos pais de Lolla... — Suspirei, nervoso. — Sei o quanto pode ser perverso para conseguir o que quer, mas os próprios pais de Lolla teriam a coragem de lhe infligir essa dor?

Pensei em como Lolla ficaria decepcionada quando soubesse que seu maior medo havia sido plantado em vão em seu coração pelos seus próprios pais. Sem mais nada a fazer ali, encerrei o assunto.

— Aonde vai, James?

— Vou encontrar Lolla. E quanto ao senhor,

espero não voltar a vê-lo tão em breve, não antes que tenha ao menos se arrependido do que fez à minha mãe e à Lolla.

Antes de sair da *House Flowers*, fui à cocheira buscar um cavalo, precisaria de um se quisesse encontrar Lolla e andar por toda Dorsetshire à sua procura. Porém, quando estava prestes a montar, ouvi uma voz fina me chamando baixinho:

— Senhor James? É o senhor?

Por um instante, meu coração saltou, pensei que fosse Lolla.

— Quem está aí? — perguntei, olhando para todos os lados.

Então uma jovem franzina surgiu diante de mim com os olhos assustados.

— Sou a irmã de Lolla, eu me chamo...

— Audrey, eu sei! — exprimi-me com a surpresa que me acometeu. — Então, como imaginei, seus pais ainda estão aqui! Sabe onde está Lolla? — inquiri, cheio de esperança.

— Eu não sei, meus pais a levaram embora daqui no mesmo dia em que ela chegou com seu pai. Tenho insistido, mas eles não me contam onde ela está.

— E seus pais, onde estão? Farei com que me digam...

— Eles saíram, foram à igreja. Mas não, senhor James, eles não dirão nada. Conheço-os o suficiente para saber que ficarão calados e o rechaçarão. Não adiantará insistir.

— E como Lolla estava? — perguntei, resignado, a menina tinha razão.

— Estava muito triste, como nunca a vi antes... Houve muito choro, minha mãe estava

PERIGOSAS ACHERON

irada com Lolla e meu pai também. Eles pensam muito mal do senhor, acreditam que iludiu Lolla e nunca pretendeu desposá-la.

— Senhorita Audrey, eu amo sua irmã mais do que tudo nesta vida. O que mais desejo é me casar com ela. Acredita em mim?

— Sim, Lolla me contou sobre o senhor antes de partir.

— Não tem mesmo nenhuma ideia de para onde possam tê-la levado? — insisti.

— Não sei, de verdade. Não temos parentes e não há nenhum lugar onde eu possa imaginar que levariam Lolla — disse, triste por não poder ajudar.

— Certo, mas a encontrarei onde quer que esteja — garanti.

— Sim, faça isso, senhor James. Lolla merece um amor de verdade. Se o senhor tem um

coração bom e um caráter honrado, então é tudo o que importa — disse a jovem, sorrindo.

Concordei com um leve acenar de cabeça, montei no cavalo e galopei para longe dali. Teria de retornar para falar com os pais de Lolla, pois sabia que meu pai não revelaria nada a mim.

Eu conhecia aquele vilarejo muito bem... Aprendi a cavalgar naqueles prados e passava ao menos três meses do ano na *House Flowers*, sempre que meu pai ia a Londres e nada sutilmente sugeria que eu deveria ir à casa de campo.

Eu sabia que o senhor Julius tinha uma simples casinha no vilarejo Woolgarston, e foi lá que cavalguei. A imagem que vi assim que cheguei me comoveu e encheu meu coração de alegria. A senhora Holly e o senhor Julius estavam juntos na varanda e, enquanto a senhora Holly tinha um bordado em mãos, ele lia para ela. Largaram tudo

quando me reconheceram e prontamente correram em minha direção.

— Oh, meu menino! James! — A senhora Holly me abraçou quando desci do cavalo.

Logo viram meus machucados e ficaram alarmados.

— O que aconteceu? Por que está tão ferido assim? E a senhorita Gibbons, onde está? — perguntou o senhor Julius.

— Eu não sei onde ela está. — Suspirei pesadamente. — Meu pai nos encontrou. Ele soube do nosso paradeiro na manhã de nossa fuga e partiu no mesmo instante para o pavilhão de caça. Chegou pela noite, com homens armados...

— Armados? Que coisa horrível! Esses homens o feriram a mando do seu pai? — A senhora Holly estava pasmada. — É possível que sua maldade tenha chegado tão longe?

— Sim, é possível... E ele levou Lolla consigo, trouxe-a para cá, para a *House Flowers*. Fui levado desacordado para Londres, mas parti no mesmo instante em que tive forças.

— Oh, céus! Como chegou até aqui?

— Com uma caleça de aluguel. Por isso demorei um pouco mais do que gostaria. Ao chegar à *House Flowers* descobri que Lolla já não estava mais lá. Ela foi levada pelos pais para algum lugar que eu ainda não sei qual é. Na *House Flowers*, encontrei Audrey, a irmã de Lolla, porém ela também não sabe para onde Lolla foi levada. E Richard, o que aconteceu com ele? Será que pode ter alguma ideia do paradeiro de Lolla?

— Richard foi ao encontro da jovem Helen. Falou dela por todo o trajeto, sinto que está muito apaixonado, mas também muito preocupado com a dama. Ele disse que precisava ser rápido em falar

com ela, estava afoito para fazer isso. Então, assim que chegamos, ele logo foi procurá-la. Hoje saiu cedo, mas disse que à noite estará de volta—informou a senhora Holly.

— Então ele também não sabe nada sobre a família? Nada sobre Lolla?

— Com certeza ele não sabe. Todos pensávamos que vocês estavam juntos e em segurança. Jamais suporíamos que seu pai os tivesse encontrado.

— Onde posso encontrar Richard?

— Ele disse que iria falar com a jovem Helen, e também iria a Bincombe rever a casa onde morava com a família — disse-me Julius.

— Onde fica a casa?

O senhor Julius me explicou o local e, sem demora, agradeci e cavalguei com pressa para

Bincombe. Não foi difícil localizar a região onde moravam, e enquanto eu estava galopando foi Richard que me identificou. Ele caminhava em minha direção e ao me ver seu semblante logo se contraiu, mostrando que não esperava me reencontrar tão em breve.

— James? — Quando se aproximou viu meus ferimentos e ficou preocupado. — O que aconteceu com você?

— Eu e Lolla fomos descobertos, Richard — contei com pesar. — Encontro-me em desespero, pois não sei onde sua irmã está. Meu pai a trouxe à força para a *House Flowers*, mas depois...

— Aconteceu algo a ela? Como ela está? — Richard alarmou-se.

— Richard, eu não posso dizer como ela está, porque não sei sequer onde ela está! Entende

minha aflição? Preciso da sua ajuda para encontrá-la. A única coisa que sei é que assim que ela chegou foi levada por seus pais para algum lugar... Mas não sei para onde. Sua irmã Audrey ainda está na *House Flowers*, e isso me dá a garantia de que seus pais voltarão para lá. Preciso que vá até eles e insista que digam onde está Lolla.

— Farei isso! Farei com que me digam! Mas acredita que me deixarão entrar? Seu pai sabe que eu os ajudei a fugir... Ele deve estar com muita raiva de mim.

— Tem razão... Audrey me disse que seus pais foram à igreja, então ficaremos nós dois próximos à entrada da *House Flowers*, na estrada, e, quando os virmos chegando, você irá até eles.

Acertado o plano, nós partimos para o nosso destino. Escondemo-nos atrás de algumas árvores e aguardamos até ouvirmos o menor sinal de

movimentação na mansão. A tarde caiu e a noite chegou, mas continuamos firmes, com os olhos nos portões da *House Flowers*. Devido à escuridão, foi possível nos escondermos com mais eficiência.

— Richard, conte-me o que aconteceu entre você e sua amada, a senhorita Helen — perguntei depois de longos minutos de silêncio.

— Eu estava disposto a confessar que a amava, mas ela parecia já saber disso... — falou Richard. — Helen foi a primeira pessoa que fui ver quando aqui cheguei. Sei que devia ter vindo ver meus pais e Audrey, mas ainda não sabia como contar a eles que Lolla havia fugido, e eles saberiam que algo estava errado ao me ver chegar sozinho... Fui ver Helen e a encontrei lendo no jardim. E então, sem reação, fiquei olhando-a por muitos minutos, pensando em como falar para ela que eu podia e queria ajudá-la. Ela parecia tão

solitária... Eu disse apenas que havia conhecido seu esposo e que o fiz prometer que a deixaria em paz para sempre. Helen riu, ficou confusa.

“Do que está falando, Richard? Por que meu marido deveria me deixar em paz?”, perguntou, receosa, mas com um brilho intenso nos olhos, como se ali nascesse alguma esperança.

“Eu sei tudo sobre o senhor Thompson’, declarei. ‘A senhorita precisa desculpar Lolla, mas ela me contou sobre o terrível comportamento que ele apresenta... E isso é tão cruel, absurdo e repugnante! Não consigo crer que um homem possa ferir uma mulher, usar de sua força para coagi-la! Minha vontade foi de bater nele, juro por Deus! E, para falar a verdade, foi isso mesmo que eu fiz!’”

— Só você, Richard, para me fazer rir em um momento como este — falei ao achar graça na sua forma de narrar. — E o que ela pensou de você

ter batido no senhor Thompson?

— Ela ficou surpresa.

“Richard! Brigou com meu esposo? Bateu no senhor Thompson?’, perguntou com os olhos expandidos, depois colocou as mãos sobre a boca, pasmada.

“Se me disser que está preocupada com ele, juro que ficarei muito confuso...’

“Na verdade, preocupei-me com você, Richard’, declarou minha amada Helen.

“Como? Acaso não sabe que sou muito mais forte?’, elevei minhas sobrancelhas, e Helen riu com aquele riso que me deixa entontecido.

“Tudo o que quero saber é por que fez isso!’, perguntou-me com as mãos na cintura.

“Por que acha que fiz isso, Helen? Acaso não foi para tentar lhe salvar?’

PERIGOSAS NACIONAIS

““Salvar-me? Acredita que posso ser salva? Não posso, Richard, estou presa pelo casamento. Sou propriedade do senhor Thompson’, disse ela, e ouvir tais palavras me doeu como nunca imaginei que palavras pudessem ferir.

““É dele? Então o ama, sobretudo? O ama de coração?”

““Oh, não, Richard, não o amo, mas sou casada com ele. Não sou livre e não posso ser salva. Não sei sequer como isso seria possível...”

““Deixe isso comigo, pois sou eu que pretendo salvá-la.”

““Em troca de quê?”

““Em troca de nada, Helen... Talvez apenas do seu sorriso, de vê-la feliz como sempre foi’, falei ardentemente, e não me contive em pegar suas mãos e beijá-las.

PERIGOSAS ACHERON

“Então, mesmo que me peças tão pouco, estou disposta a lhe dar mais’, falou Helen, me abraçando. Senti seu coração pulsar junto como meu. Ter Helen abraçada a mim deu-me ainda mais certeza, mais coragem.

“Talvez possa me dar um beijo...’, arrisquei o pedido. Estava mesmo completamente desejoso de beijá-la.

“Acaso já me salvou para que mereças o beijo agora mesmo?’

“Tem razão...’, concordei com vergonha do meu pedido. Mas, quando eu estava prestes a me soltar do seu corpo, Helen enrolou seus braços em volta do meu pescoço e me beijou.”

— Ela o beijou? — perguntei, entretido com sua história.

— Sim, e eu me senti o homem de mais sorte que já existiu. Depois disso, confessei meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amor muitas vezes. Falei que havia percebido tarde demais o que sentia por ela. Estava muito acostumado a sermos apenas amigos... Mas, quando eu soube que ela se casaria, senti ciúmes. Helen falou que tinha sentimentos por mim há muito tempo, mas que pensava que jamais daria certo. Seus pais queriam vê-la casada com alguém de posses, e não com um miserável como eu.

— Não se chame de miserável, Richard. A maior riqueza não é aquela que vem do dinheiro — disse-lhe.

Perdemo-nos em nossas conversas ao avançar da noite, mas algum tempo depois ouvimos um trotar de cavalos ao longe, uma caleça se aproximava.

— O cocheiro! É o cocheiro que estava com o outro homem que me agrediu. Ambos estavam armados. Esse homem é perigoso, Richard. Tenha

PERIGOSAS ACHERON

cuidado — pedi.

— Sim, James, serei cauteloso...

Richard surgiu em frente aos portões quando o cocheiro havia descido para abri-lo. O homem, ao ser surpreendido, colocou as mãos sobre algo por baixo do seu casaco; era, certamente, uma arma.

— Richard! — exclamou alguém dentro da caleça.

E então um senhor e uma senhora saltaram antes mesmo dos portões serem abertos.

— Mãe... Pai... Vim porque precisamos conversar...

— Conversar? Richard, depois do que fez, como consegue se dirigir a nós? Não sente vergonha? — falou a senhora.

— Mamãe, como posso sentir vergonha de

lutar pela liberdade e felicidade da minha irmã?

— Liberdade e felicidade que no final de tudo nos custou a paz, a honra e quase nos colocou na rua! — gritou a mulher.

O cocheiro aproximou-se e perguntou se estava tudo bem, o pai de Richard assegurou que não necessitavam de intervenções. O cocheiro então abriu os portões e adentrou com a caleça.

— Não preciso nem dizer que jamais concordei com essa ideia de casar Lolla com o senhor Boorman. Só mesmo um homem repugnante como ele faria um acordo como esse e ainda usaria de chantagem para obrigar que cumprissem com o trato, dizendo que se casaria com Audrey... Com Audrey... — A voz de Richard foi esmorecendo, ele parecia pensativo. — Por que ainda estão aqui? — perguntou de vez.

— Estamos aqui porque não temos para

PERIGOSAS ACHERON

onde ir. Queria nos ver na rua? — inquiriu a senhora.

— Vou perguntar de outra forma... Por que o senhor Boorman aceitou que ficassem aqui, mesmo depois da fuga de Lolla? — Richard indagou, cada vez mais impaciente.

— Ah, Richard, deixe de tantas perguntas. Você é quem nos deve explicações — acusou a mãe.

— Por favor, digam que estou equivocado... Não estão considerando entregar Audrey em casamento ao senhor Boorman, estão? Digam que estou errado! — gritou.

— Não temos de lhe dizer nada! — bradou a mãe, nervosa.

— Querida, penso que estamos indo além do que deveríamos — disse o senhor, pai de Richard e Lolla.

— Além do que deveríamos? Se quer nos ver na rua, na miséria, passando fome, então diga a Richard, conte tudo a ele... termine de nos arruinar!

— Sim, diga, papai... Diga por que ainda estão aqui, mas, sobretudo, conte-me onde está Lolla!

— Filho, sua irmã errou e ela... — O homem tentou falar, mas foi interrompido pela esposa:

— Errou e pagará por isso. Não seja imprudente de dizer onde Dolores está, meu marido. Ela está segura e bem, isso é o que importa.

— O que quer dizer com “ela pagará”? — Não suportei ouvir tudo aquilo calado e escondido, então me revelei, enfrentando-os de peito aberto.

— Quem é o senhor? — perguntou o pai de Lolla.

— Sou James.

— E eu sou Christopher, o pai da donzela que o senhor arruinou! — disse ele, vindo em minha direção.

Seus olhos azuis, iguais aos de Lolla, brilhavam raivosos sobre mim. Richard o segurou pelo casaco e o impediu de me agredir.

— Sou o homem que ama sua filha, senhor Christopher! O homem que jamais desistirá dela — falei, resoluto.

— O que o senhor fez foi detestável. Como pôde se aproveitar da fraqueza de minha filha? — inquiriu Christopher.

— Lolla não é fraca! É muito forte! Quanto ao que meu pai disse sobre nós, ele mentiu!

— Mentiu? Seu pai tem sido muito generoso conosco, não podemos nos dar ao luxo de

duvidar de sua palavra — disse a mãe de Lolla. — Já o senhor, não o conhecemos, e, se não tem a benção do seu pai para se casar, também não tem a nossa. Dolores era noiva do seu pai e o senhor a enredou e a fez cometer a loucura de fugir. Como acha que isso o torna confiável?

— Eu a livreii de um grande mal, que seria se casar com meu pai.

— O senhor nos trouxe o mal, essa é a verdade — acusou-me.

— O que querem com isso? Casar Lolla com meu pai? Obrigá-la a algo que ela abomina? Por que mentiram para Lolla, dizendo que, se ela não aceitasse se casar, seria a irmã que se casaria em seu lugar? — questioneii e no mesmo instante vi os olhos daquela senhora tremerem.

— Mentimos? Como ousa dizer que mentimos? — disse a mãe de Lolla.

Richard nos olhou, confuso.

— Conheço meu pai e todos seus defeitos, mas pude ver em seus olhos, na sua risada e em seu sarcasmo que ele falava a verdade quando disse que jamais havia feito tal chantagem. Isso foi ideia dos senhores para obrigarem Lolla. E ainda estão usando suas filhas para permanecerem aqui! Meu pai os considerou engenhosos, muito astutos, mas eu abomino o que fizeram à Lolla. Contudo, ainda há tempo de repararem suas falhas, deixem que Lolla seja livre, digam onde ela está. Eu me casarei com ela, mesmo sem a benção do meu pai...

— Seu pai o deserdaria por tamanha contravenção — decretou a mãe de Lolla.

— Sei que ele faria isso com muito gosto, senhora, mas não me importo e Lolla também não. Já dissemos que nos bastamos um para o outro e viveremos na simplicidade, sem depender do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pai para nada, mas estaremos felizes. Isso não é tudo o que um pai e uma mãe podem desejar a uma filha?

— Felizes e pobres? Felizes e com fome? Felizes e sem um teto? Minha filha vivendo na pobreza quando podia ter todo o luxo? Não, Doloresteve uma oportunidade única e a arruinou. Foi egoísta e imatura, deixou-se levar pelo pecado...

— Não, não. Estão errados! Nós nos amamos! Esse é o nosso pecado?

— São pecadores diante de Deus!

— Não, Deus não pode condenar o amor.

— Ele já os condenou. Esqueça-a, pois jamais a verá novamente.

— Precisam me dizer onde ela está! —
exigi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jamais direi coisa alguma. E peço que nos deixe em paz.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24

24

“Razões fortes originam ações fortes.”

Shakespeare.

Wiltshire, 07 de setembro de 1805.

Neste instante, a pena treme em minhas mãos. As letras são borrões quase indecifráveis, entretanto preciso continuar registrando-as. Estou tão desesperada, descrente e aos prantos que temo não ser capaz de concluir estas linhas, ou manchar com minhas lágrimas este papel encardido, que

PERIGOSAS NACIONAIS

será anexado a uma espécie de livreto, costurado por mim mesma, no qual eu costumava escrever alguns poemas, mas que depois se tornou o depósito de minhas lamentações. As folhas estão repletas delas, mas também de momentos tão aprazíveis como jamais ousei imaginar que um dia viveria... E eu vivi! Sei que até o último minuto de minha existência serão a essas lembranças que me agarrarei. Somente elas me darão algum consolo, mesmo que tenha sido por ousar tentar ser livre e feliz que hoje me encontro aqui, enclausurada e sem perspectivas.

Tenho à minha frente um castiçal de bronze, onde repousa uma vela acesa e quase inteiramente derretida, mas que ainda ilumina um pouco este frio aposento, lançando sobre as paredes de pedra as sombras de minhas próprias mãos movimentando-se freneticamente. Sinto

PERIGOSAS ACHERON

latente a angústia de registrar minha vida, como se isso fosse me salvar, como se pudesse! Suspiro, sentindo uma crença quase vã no impossível, fortalecida pelo amor que ainda pulsa forte em meu peito. Sempre pulsará!

Finalmente consegui papel e tinta após ter meu diário arrancado de mim pela monja superiora, que não me deixou ficar com nenhum de meus pertences e os guardou todos consigo em sua saleta particular. Não que a ânsia por escrever seja por razões felizes. Não são felizes meus dias neste lugar cinza e frio. Meu coração tornou-se ainda mais pálido que as paredes deste convento. Este lugar, o qual minha mãe chama de abençoado, é na verdade uma prisão. Aqui há jovens de várias idades e muitas histórias, a maioria delas marcadas por aquilo que chamam de desonra, assim as intitulam de desvirtuadas ou pecadoras. Rezamos

praticamente o dia inteiro e às vezes também de madrugada.

Assim que cheguei, a monja superiora teve comigo uma reunião particular, onde disse que eu deveria escolher o caminho da redenção, abandonar meus pecados.

— Amar é pecado? — perguntei-lhe com os olhos úmidos.

— Quando esse amor a conduz à perdição, sim. O verdadeiro amor é o que encontramos no Senhor. Esqueça tudo que está fora desses portões. A partir de agora, iniciará seu noviciado, no qual será preparada para mais tarde fazer seus votos.

— Não farei voto algum! — bradei, inconformada. — Nem agora, nem nunca!

Como punição por minha rebeldia, recebi o castigo de ficar dois dias sem comer e com a porta do meu dormitório trancada. Mas sei de punições

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito mais severas, como o caso de uma interna que ficou uma semana encarcerada, recebendo apenas água e pão seco, além de ter levado chibatadas em público, no meio do pátio do convento. Sua transgressão foi ter trocado cartas com seu amante, já que havia sido trancada no convento pelo seu esposo como punição por sua traição. Há várias jovens presas aqui para a correção marital ou paterna...

As internas que fazem seus votos solenes usam túnicas de uma cor diferente das que pronunciaram votos simples. Mas as rebeldes como eu, geralmente retidas contra vontade, precisam usar véus negros de tafetá. O véu que me cobre a face é a única coisa da qual não posso me queixar, ele ajuda a ocultar meus olhos constantemente úmidos por meu pranto silencioso, que rola por meu rosto em quase todos os momentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Além das rotineiras orações, realizamos atividades a fim de manter a força de trabalho necessária, então nos incluem em oficinas de lavanderia, tecelagem e engomagem. Porém, há muitas internas que não estão saudáveis para trabalhar, encontram-se nas enfermarias, febris, com sífilis, sarna e outras doenças. Tais condições de detenção e enfermidades já levaram mais de uma ao suicídio.

Estou há dois meses sem ver James, sem ouvir sua voz. Lutei para manter viva a pequena centelha de esperança que vivia em mim, mas então, hoje, tudo acabou. Desde que aqui cheguei não tenho feito outra coisa a não ser chorar e orar — as duas coisas contra minha vontade. Mamãe e papai não voltaram para me visitar e, sem notícias, comecei a entrar em desespero.

A única pessoa em quem passei a confiar

PERIGOSAS ACHERON

neste lugar é uma jovem chamada Anna. Posso dizer que nos aproximamos tanto que já nos consideramos amigas. Ela chegou ao convento há dois anos e, por mais que me custe entender, disse que veio por vontade própria, atendendo ao que ela acredita ser sua vocação. Seu trabalho no convento, como ela mesma disse, é auxiliar as novas internas — assim como eu —, nos orientando a ter resignação e fé.

Anna ficou órfã e as únicas pessoas que lhe restaram no mundo foram uma irmã casada — que vive na vila de Woolgarston — e uma tia que, para minha surpresa, ela revelou ser a monja superiora do convento. Sendo assim, Anna conta com proteção e regalias, e foi através dela que busquei finalmente receber notícias de James e de minha família. Uma vez a cada mês, acontecem as visitas às internas, então implorei para que Anna

perguntasse à irmã sobre a família Boorman, qualquer coisa que ela pudesse dizer. Sendo uma vila pequena, onde todos sabem da vida dos vizinhos, eu esperava por qualquer informação que me trouxesse um pouco de alento.

Quando as visitas terminaram, Anna veio até mim com o rosto pálido. Estávamos no jardim do convento em um dos poucos momentos de liberdade que tínhamos. Séria, ela sentou-se ao meu lado e pegou minhas mãos. “Sinto muito”, foram as primeiras palavras que disse. Não compreendi... Sobre o que, afinal, ela sentia muito?

— Não há uma forma fácil de lhe dizer isso. Seu James...ele morreu, Lolla. Eu realmente sinto muito.

— Não, Anna, isso é uma inverdade! Não pode ser! — Levantei-me daquele banco de pedra e, com os olhos marejados, olhei para o céu

acinzentado.

— Quisera eu que fosse mentira, Lolla, mas minha irmã tem certeza. Ele morreu ontem... Woolgarston inteira comenta sua morte... — E pegando minhas mãos ela chorou comigo.

Anna não conhecia meu James e sequer dimensionava o tamanho do meu amor, mas chorou comigo.

— Sim muito — tornou a dizer. — Mas, Lolla, você ainda está viva. Não se deixe morrer por dentro. Sei que está aqui contra sua vontade, mas quem sabe descubra alguma vocação, assim como eu descobri.

— Minha única vocação foi amar James. Foi para isso que nasci, para viver o que vivi ao lado dele. Anna, se James realmente... Oh, céus, não consigo dizer isso... Mas, se ele se foi, eu também quero ir...

— Não diga isso, Lolla — falou, suplicante.

— Não sei viver sem James. Não quero nem ao menos tentar. Porém, mesmo que meu corpo se vá, sinto que o amor jamais perecerá...

O amor que sinto foi plantado tão fundo que ninguém poderá arrancá-lo, e, se eu viver, estarei condenada a cada dia imaginar quão doce poderia ter sido viver plenamente este sentimento que tive o privilégio de sentir e receber. Ah, seria necessário muito mais do que uma vida para que se esgotasse tanta benquerença. Mas hoje, em que tudo me foi tirado, sinto-me fraca como se a vida se esvaísse de mim junto com cada lágrima que derrubo. Penso que apenas ainda não me fui porque Deus deve achar que necessito sofrer um pouco mais, ou talvez seja aquela migalha de esperança que ainda insiste em me alimentar...

Esperança? Não, a esperança também se

PERIGOSAS NACIONAIS

foi...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

25

*“O amor alivia como a luz do sol depois da
chuva.”*

Shakespeare.

Woolgarston, 06 de setembro de 1805.

Foram os dias mais difíceis, longos e
torturantes da minha vida. Nada fazia com que os
pais de Lolla revelassem seu paradeiro. Depois do
episódio da discussão com eles, eu e Richard fomos
impedidos de entrar na *House Flowers*. Richard

PERIGOSAS NACIONAIS

vivia o tormento duplo de não saber onde estava Lolla e de estar impedido de partir com Helen. Estava com medo, assustado como um pássaro com as asas feridas. Richard queria voar, mas não conseguia. Era para ele impossível afastar-se de Woolgarston e Bincombe sem antes saber que Lolla estava bem. A temporada de Londres havia terminado, e o marido de Helen retornaria a qualquer momento.

Fomos acolhidos pela senhora Holly e pelo senhor Julius, mas sua casa era pequena para todos nós e não queríamos atrapalhá-los. Ambos estávamos perdidos, sem perspectivas.

Era uma manhã fria quando Richard saiu cedo para visitar sua amada. Eles tinham um local de encontro, as ruínas do *Corfe Castle*, onde estavam a salvo dos olhares de sentinela da governanta. Eu estava escovando os pelos do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cavalo quando o senhor Christopher apareceu, montado.

— Senhor James, o senhor precisa vir comigo — disse o pai de Lolla com o semblante muito sério.

Meu coração gelou ao imaginar que pudesse ser algo relacionado à Lolla.

— Ir com o senhor, para onde? — Estranhei tanto sua aparição quanto seu pedido.

— Para a *House Flowers*.

Naquele instante, não entendi, mas quando cheguei à mansão pude mesmo de longe ouvir os gritos do meu pai. Ele gritava meu nome:

— James! James! — Meu nome era intercalado com um grito de dor.

— O médico está aqui? — perguntei ao senhor Christopher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O médico esteve aqui durante a semana e também hoje pela manhã. Mas seu pai o expulsou depois de ser avaliado... As dores aumentaram e...

Corri pelas escadarias acima enquanto o senhor Christopher falava e cheguei ao aposento do meu pai em instantes.

— Estou aqui. Eu estou aqui — falei ao me aproximar da sua cama, encontrando-o entregue a uma dor absurda.

Estava febril e quase delirante. Ao lado da cama, havia várias tigelas com água e panos que as criadas usavam para tentar amenizar sua febre.

— Ah, então você veio... — Gemeu ao me ver. — Não me odeia tanto quanto pensei.

— Eu não o odeio, meu pai. — Sentei na beirada da cama e peguei sua mão.

— Deveria odiar! Por que não pode me

PERIGOSAS ACHERON

odiar? — ele tentou gritar, mas só o que conseguiu foi tossir e respingar sangue em suas roupas.

Cobri seu corpo com o lençol para que ele não visse o sangue.

— Porque o senhor é meu pai — disse-lhe.

— E isso me torna melhor? Isso não me torna nada melhor — reclamou em tom de agonia.

— Isso o torna meu pai. Não amo suas atitudes nem o que fez consigo mesmo, mas o amo porque odiá-lo está além do que consigo.

— Quer dizer que não consegue me odiar? — perguntou, tentando abafar um bramido de dor. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Não consigo nem desejo isso.

— Você é como sua mãe, James. Mesmo depois de tudo que fiz a ela, Emily nunca conseguiu me ofertar o ódio, e eu merecia. Eu

merecia muito que ela me odiasse. Eu preferia que me odiasse com todas as suas forças. Estou morrendo, James, e não posso suportar a dor de saber que lhe fiz tanto mal e ainda sou retribuído com... isso?

— Com amor? Disse-me que ele não existia, recorda-se? Mas ele existe, meu pai. Eu o amo apesar de tudo. Mas, diga, por que me chamou aqui? Já estive doente outras vezes, com crises e dores intensas, e nunca mandou me chamar.

— Já disse que estou morrendo, James... Acaso não consegue ver que estou morrendo?

— Já estive morrendo antes, e não morreu.
— Procurei tranquilizá-lo.

— Será que até mesmo na hora da minha morte terei de brigar com você? Estou morrendo!

— E então ele tossiu novamente, deixando o lençol manchado de sangue. — Está vendo? A doença me

consumiu... Jamais pensei que pudesse doer tanto. O caso, James, é que penso ser verdade aquelas besteiras de pedir perdão no leito de morte...

— O que quer dizer? O senhor quer me pedir perdão?

— Entenda assim se quiser. Nunca fui bom como você, não saberia ser capaz de rebaixar-me nem mesmo neste momento, mas preciso que ao menos saiba que arrependo-me.

— Pedir perdão não é rebaixar-se, meu pai. Mas arrepende-se de quê?

— De tudo, James, do que fiz a mim mesmo, de beber tanto, de matar o amor e os sonhos de sua mãe. Eu nunca me senti assim... Estou péssimo, detesto me sentir arrependido. Esse é um sentimento muito sufocante.

— Penso que se arrepender já é algo muito bom, mesmo que, infelizmente, isso não corrija a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas que já se foram. Quanto ao hoje, acha que pode corrigir algo? Pode ao menos dizer aos pais de Lolla que mentiu sobre nós? Meu pai, sinto que posso perdoá-lo por tudo, mesmo que nem me peças o perdão, se puder fazer com que digam onde Lolla está.

— Não preciso que lhe digam nada. Eu mesmo sei onde ela está — confessou com agonia, as dores pareciam aumentar.

— Sabe? E vai me dizer? — Segurei suas mãos.

— Sua Lolla está no convento de Wiltshire³⁷ — falou com a voz sôfrega, os olhos perdendo as forças.

— Em um convento? Oh, Deus! Pai? Papai?
— Sacudi suas mãos e vi seus olhos se fecharem.

E então ele se foi...

PERIGOSAS ACHERON

Posso nunca ter concordado com as atitudes de meu pai, repudiado sua conduta com minha mãe e com ele mesmo; mas, ainda assim, chorei sua morte. Chorei ao saber que não o veria mais e que feneceria com ele minha esperança de vê-lo se transformar em alguém melhor. Desci as escadarias arrasado e sentei-me em uma poltrona da sala. O pai de Lolla se aproximou e repousou sua mão em meu ombro.

— Sinto muito — disse-me ao ver minhas lágrimas e concluir o que havia acontecido.

— Meu pai me contou onde Lolla está. Precisou estar à beira da morte para ter um gesto de indulgência. Mas não consigo deixar de me perguntar: por que vocês não me disseram? — perguntei com lágrimas ainda rolando em minha face.

Certamente não é comum que homens

PERIGOSAS NACIONAIS

demonstrem suas fraquezas e dores, derrubando lágrimas para que todos vejam, mas eu não me importei.

— Porque fui um covarde, senhor James, eu sempre fui — disse o senhor Christopher, baixando os olhos.

— “A reflexão faz de todos nós covardes”³⁸ — disse-lhe, sorrindo fraco com a certeza de que Lolla, se ali estivesse, riria das minhas citações de Shakespeare.

E então levantei daquele sofá com um único propósito, buscar Lolla.

— Senhor James — fui interrompido pela voz da mãe de Lolla, que surgiu na sala e se colocou em minha frente. Ao seu lado, vi Audrey com o olhar assustado.

— O que deseja, senhora Mary? Perdoe-me,

PERIGOSAS ACHERON

mas não estou com a cabeça no lugar para ter agora qualquer tipo de discussão.

— Não desejo discutir. Quero pedir seu perdão — disse ela.

— Seu pedido de perdão nasceu junto com a morte de meu pai?

— Oh, não — falou, consternada. — Sinto muito pela morte do seu pai... Sobre Lolla, estou verdadeiramente arrependida, acredite. Ontem mesmo disse ao meu marido que devíamos buscá-la e deixá-la livre para o senhor. — E, fechando os olhos, pôs-se a orar: — “Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou”³⁹...

— Mary, pare com isso — interveio o esposo. — Ao menos uma vez em sua vida não use Deus para se proteger de seus pecados, sua

PERIGOSAS ACHERON

ganância. Nós erramos; eu ainda mais, por ter me deixado influenciar. Vá, senhor James, busque Lolla... E não se preocupe em tentar nos perdoar, porque não merecemos.

— Merecemos, sim, meu esposo — disse Mary, aflita. — Nosso erro foi sempre tentando acertar, buscando o que achávamos melhor para nossas filhas. Mas, sim, senhor James, busque-a. Sei que ainda a ama — acrescentou.

— Agora acredita no meu amor por Lolla? — Olhei-a, consternado. — Claro que a amo.

“Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza...Se alguém oferecesse todas as riquezas da sua casa para adquirir o amor, seria totalmente desprezado.”⁴⁰

E com esse pensamento eu os deixei naquela sala, tendo ainda a força de ir à casa do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor Julius e contar a ele e à senhora Holly sobre a morte de meu pai. Apesar do meu desejo de ir imediatamente buscar minha amada, tive de cuidar do sepultamento do meu pai, contando com o apoio do senhor Julius e de Richard. No final da noite, toda a vila de Woolgarston já sabia do acontecido. O pároco da igreja principal do condado ofereceu-se para fazer as rezas, e o senhor Julius tratou de tudo que eu não me sentia em condições de cuidar naquele momento, como o cortejo e outros pormenores.

Despedir-me de meu pai foi como ter perdido uma parte que nunca tive. Se a vida nos é uma oportunidade de encontro, penso que nos perdemos no caminho. Se havia algum segredo para descobrirmos, não pudemos desvendá-lo. E se o amor fosse o segredo, também não conseguimos ofertá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

26

“É amor bem pobre o que pode avaliar-se.”

Shakespeare.

Woolgarston, 07 de setembro de 1805.

Ao primeiro raiar do dia, parti para Wiltshire. O senhor Julius quis me acompanhar e junto com Richard me levar de caleça, mas insisti em ir sozinho e montado para chegar mais rápido ao convento onde Lolla estava. Julius insistiu e argumentou que eu não conhecia bem o trajeto, e

PERIGOSAS NACIONAIS

Richard ficou tão eufórico por descobrir o paradeiro da irmã que queria de toda maneira me acompanhar. Mas não houve maneiras de me convencer a esperá-los, eu precisava ver Lolla com urgência e a cavalo seria mais veloz. Falei para Richard ir procurar por Helen e contar a ela as boas novas. Com Lolla novamente em casa, Richard poderia finalmente partir com sua amada para algum lugar distante.

Só Deus sabe como cavalguei com pressa... Oh, como o mundo é grande quando se está com saudade. Só há o vazio a ser preenchido com um abraço. Como estava certo o poeta John Dryden ao dizer que “O amor calcula as horas por meses, e os dias por anos; e cada pequena ausência é uma eternidade.” E o escritor Bussy-Rabutin, quando afirmou que “A distância faz ao amor aquilo que o vento faz ao fogo: apaga o pequeno, inflama o

PERIGOSAS ACHERON

grande”.

Cavalguei com meu coração batendo forte e ritmado e depois de algumas horas avistei ao longe a imponente construção do convento de Wiltshire. Sobre uma colina, ele mal se destacava com sua edificação cinza em meio a muita neblina e um céu cinzento. Enquanto eu olhava para o convento e imaginava como faria para entrar, vi quando o portão foi aberto e algumas pessoas deixaram o local. Era um grupo bastante numeroso e pude ver, por suas vestes, que eram pessoas comuns, e não monjas. Ocultei-me atrás de uma grande rocha e esperei que alguma daquelas pessoas se aproximasse de onde eu estava. Logo surgiu uma caleça conduzida por um senhor, ao seu lado uma senhora lhe fazia companhia. Pus-me no caminho e os fiz pararem.

— Por favor, gostaria de uma informação

PERIGOSAS NACIONAIS

— falei com os braços erguidos para que não sentissem medo.

— O que o senhor deseja? — inquiriu o homem com um ar desconfiado.

— Minha irmã está naquele convento, e eu gostaria muito de vê-la — menti um pouco. — Observei que ainda há pouco deixaram o local... Sabe como posso entrar lá?

— O senhor precisará voltar em um mês. As visitas acontecem uma vez por mês e a de hoje já encerrou. Entretanto, precisará vir com alguém de sua família, sua mãe ou alguma outra irmã... Um homem sozinho não tem permissão para entrar — informou a senhora, e com um cumprimento cordial eles se foram.

O portão do convento se fechou e logo eu estava sozinho naquela estrada. Sentei-me no chão, recostado à rocha às margens da estrada, e pus-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a pensar em alguma solução para minha aflição. Foi quando vi que uma daquelas pessoas que saíram do convento não tomou a direção da estrada, mas se afastou pela colina acima, correndo. A distância não me permitia identificar se era um homem ou uma mulher, mas alguma força me impulsionou a segui-la.

Prendi meu cavalo a uma árvore e pus-me a subir a íngreme colina, lembrando como Lolla fazia isso com grande desenvoltura, sem cansar; enquanto eu, em poucas passadas já estava exausto. Parei algumas vezes para tomar fôlego, mas depois de alguns minutos cheguei ao topo, que estava completamente enevoadado.

Procurei pela pessoa que vi subir com pressa, mas não encontrei, a névoa cobria boa parte do local. Mas então, na ponta de uma falésia sobre o mar, eu vi a figura esguia de uma mulher trajada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de branco. Um lenço da mesma cor pendia em seu pescoço, mas logo foi arremessado pelo vento, voando para longe.

Aproximei-me com cautela, aquele parecia ser um local perigoso para estar. Ao passo que eu me aproximava, ouvia a voz melodiosa que parecia recitar um poema. Era uma voz suave, doce e... conhecida! Muito amada por mim. Era a voz de Lolla.

— “Devo morrer, é fato; foi para isso que vim aqui”⁴¹— dizia de braços abertos, segurando um livreto em suas mãos. — “Olhos, vede mais uma vez; é a última”⁴². Não tenho um punhal, mas tenho esse precipício. Vou de encontro às rochas e ao mar...

— Lolla, não faça isso! — gritei em desespero.

PERIGOSAS ACHERON

— James?! — Lolla se virou para mim bruscamente, fazendo pequenas lascas de rocha de giz rolarem pelo despenhadeiro aos seus pés.

— Não se mova, por favor, apenas olhe para mim — pedi, vendo como seu corpo estava trêmulo e que qualquer passo em falso resultaria em sua queda.

— É real? Você está mesmo aqui? Não pode ser... — murmurou enquanto seus olhos derramavam finas lágrimas.

— Sim, estou aqui. Acabou tudo, Lolla, eu vim por você. Como te procurei, meu amor.... Dê-me sua mão... — Aproximei-me, estiquei meus braços, e Lolla segurou minha mão.

Assim que a senti, puxei seu corpo para mim, abraçando-a com força.

— James, pensei que nunca mais o veria. Disseram-me que havia morrido... Está vivo! —
PERIGOSAS ACHERON

disse entre lágrimas, em um choro compulsivo que a levou para o chão e fez com que seu diário caísse junto a ela, diante de meus pés.

— Sim, Lolla, estou vivo. — Ajoelhei-me junto a ela e beijei seu rosto e seus lábios. — Estive à sua procura nestes últimos dois meses. Andei por cada lugar deste condado...

— Oh, James, disseram-me que havia morrido e então pensei que também iria morrer... Desejei isso... Assim como Julieta não podia viver sem Romeu, eu também não podia viver sem você. Mas eu não tinha veneno e não tinha um punhal... Eu só tinha esta colina e este despenhadeiro... Deus precisará me perdoar por isso, mas eu desejei morrer... — disse, soluçando, desesperada.

— Mas está aqui, Lolla, está comigo! — Acarínhei seu rosto banhado de lágrimas.

Permanecemos abraçados, sentindo o calor

um do outro, fazendo nossos corações entenderem que haviam se reencontrado.

— Seu beijo me cura de tudo... — ela sussurrou.

— Beijá-la é que me traz o alívio, meu amor. — Beije-a ainda mais, tocando seus lábios frios e aquecendo-os com meu toque.

— Que bom que está aqui, James. — Aninhou-se em meu abraço. — Disseram-me que havia morrido, que James Boorman havia morrido ontem...

— Sim, ele morreu — falei, vendo os olhos de minha amada se tornarem confusos. — Meu pai, Lolla, ele morreu ontem, aos gritos e enlouquecido pela dor. Foi uma morte terrível... Eu estava lá até o último momento e pensei que seria engolido junto com sua dor.

— Seu pai? Oh, James, quando me disseram

PERIGOSAS ACHERON

que James Boorman havia morrido, imaginei que era você... Pensei que morreria também... Oh, sinto muito, James. Eu sinto por isso, mesmo que tenha sido por causa do seu pai que...

— Eu sei... — disse, enxugando suas lágrimas, e conforme outras mais caíam eu as colhia com meus lábios, beijando-lhe a face carinhosamente. — Mas foi ele quem, por fim, revelou onde você estava.

Lolla expandiu seus olhos, certamente não esperava por aquilo.

— E meus pais?

— Eu implorei para que dissessem... Richard também implorou, até mesmo Audrey intercedeu por você, mas não disseram — contei com pesar.

— Não entendo porque me infligiram tanta dor. Sofri tanto sem notícias. — Soluçou. — Fiquei PERIGOSAS ACHERON

angustiada por não saber nada de Audrey, nada de Richard... Como eles estão? — inquiriu, aflita.

O ar gelado do alto da colina fazia com que o corpo frágil de Lolla tremesse em meus braços, seus lábios estavam arroxeados.

— No tempo certo saberá tudo, meu amor, mas agora precisamos sair daqui. Aliás, como saiu daquele convento?

— contei com a ajuda de uma amiga, Anna. Ela conseguiu roupas comuns para que eu saísse junto com os visitantes... — disse, pondo-se de pé. — E também recuperou meu diário, que a monja superiora havia recolhido — contou-me, juntando o diário caído ao chão.

Segurei suas mãos e a ajudei a percorrer o terreno íngreme e acidentado, repleto de pequenas rochas no caminho.

— Sabe, Lolla, eu não suportaria perdê-la...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então entendo o desespero que a trouxe até aqui, mas me prometa que nunca mais pensará em abandonar sua vida, até mesmo por mim...

— Não há mais razões para que eu pense nisso.

— Sim, não há. Nunca mais haverá. — Tomei-a nos braços e a beijei intensamente. — Lolla Gibbons, eu a amo! Eu a amarei tanto quanto durar minha existência... E para além dela, se for possível.

— Eu sempre disse à minha irmã que quando me apaixonasse, isso se eu me apaixonasse algum dia, escolheria meu par por suas virtudes, por qualidades que realmente perdurassem, aquelas vindas do caráter e do coração, e não as coisas efêmeras como a beleza e riqueza. Mas você surgiu, James, e arrancou de mim todas as certezas, deu-me um mundo de dúvidas e me deixou sem

PERIGOSAS ACHERON

escolhas. Eu o julguei, pensando que você era toda a ideia do que eu rejeitava, mas a verdade é que era tudo aquilo que eu mais admirava. A única coisa que eu podia fazer era ceder, aceitar que estava me apaixonando e que meu coração o escolhera antes que eu pudesse dar-me conta disso. E eu o amo, James, para a eternidade, com todo meu coração.

PRÓLOGO

E

Inalei o suave perfume de flor de laranjeira e murtas brancas antes mesmo de abrir meus olhos. Despertei de um sono deliciosamente preguiçoso. Sentei-me na cama e estiquei meus braços.

— Bom dia, senhorita — saudou-me a senhora Holly com a voz amorosa. — Posso abrir suas cortinas e mandar trazer seu desjejum?

— Oh, senhora Holly, está me mimando demais... — falei, sorrindo, ainda afetada pelo sono. Ao lado da minha cama, vi as flores responsáveis pelo perfume que senti ao despertar. — Que flores lindas...

— São de James, para a senhorita — disse-me antes mesmo de eu completar minha fala. — Sabe que dia é hoje, não sabe?

— Pensei tanto nisso antes de adormecer que temi que este dia não chegasse, que eu ficasse presa no ontem para sempre. — Sorri. — Foi uma madrugada longa...

— A ansiedade, querida... — falou, abrindo as cortinas e pondo-se diante de mim.

Deu-me a mão e me puxou para fora da cama, sentando-me diante da penteadeira e penteando meus cabelos. Fez uma pausa para agitar o sino, e com isso surgiram três criadas que, sem demora, trouxeram-me o desjejum e encheram a banheira de água morna para que eu pudesse me banhar.

Um vestido perolado delicadamente bordado nos punhos e na cintura foi deixado sobre

PERIGOSAS ACHERON

a cama, e depois de algumas horas eu estava de frente para o espelho, com os cabelos presos em uma tiara de flor de laranjeira, segurando em minhas mãos as delicadas murtas brancas. Finas lágrimas de felicidade desceram pelo meu rosto e rolaram até meus lábios. Sorri, invadida por uma alegria nunca antes experimentada.

— Obrigada, senhora Holly. A partir de hoje inicia-se uma nova fase para todos nós nesta casa. Estou feliz pela senhora e pelo senhor Julius terem aceitado nosso convite de vir morar conosco. Seremos uma família completa! — Abracei-a.

— Eu também agradeço a você, querida Lolla... Não pense que não sei que a senhorita tudo fez para que eu me reaproximasse de Julius. Hoje me sinto realmente feliz. Não havia me dado conta do quanto precisava viver esse amor... Mesmo na minha idade...

— O amor é sempre jovem, senhora Holly — disse-lhe, sorrindo, e vi seus olhos brilharem de emoção.

— Tem razão...

— Lolla! — Audrey entrou no meu aposento como o furacão de sempre, parando no meio do quarto e colocando suas mãos na cintura. — Já está acordada? Muito bem! E nem me chamaram para ajudar nos preparativos — reclamou, mas em seguida deu pulinhos de alegria ao meu redor e me abraçou. — Estou tão feliz! Seu sonho se realizou...

— E qual era meu sonho? — perguntei, sorrindo, avaliando seus olhos brilhantes.

— O amor verdadeiro, é claro! — respondeu. — E um dia o meu também se realizará...

— Ah, é? E qual é seu sonho, fedelha? —
PERIGOSAS ACHERON

gracejei, batendo meu dedo indicador na ponta do seu nariz.

Audrey retorceu o rosto e deu dois passos para trás. Com as mãos novamente na cintura, ela me encarou antes de responder:

— Ser feliz, Lolla. Apenas ser feliz... E, claro, um amor de verdade — acrescentou.

— Melhor sonho não há — garanti.

— Mas hoje só posso ser feliz se me ensinar alguns passos de contradança para que eu possa dançar no seu baile de casamento. — Arregalou seus olhos. — Benjamin apostou que eu não sei dançar o *longway* inglês e preciso mostrar a ele que sou muito capaz de...

— Audrey, Audrey... — interrompi seu discurso agitado. — Eu a ensinarei, mas você e Benjamin precisam parar de se provocar. Já avisei onde tantas implicâncias podem levar? Ao altar! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ri.

— Ah, que cisma! Eu e Benjamin? Não! — disse, fazendo uma careta.

— Sei...

— Sabe o quê? — Ela franziu novamente a testa e depois olhou-me séria, suspirou e pegou minhas mãos. — Lolla, há algo mais que preciso lhe dizer...

— Diga, Audrey. — Avaliei aquele suspense e imaginei o que poderia vir daquela cabecinha maluca.

— Sei que sempre dissemos que, quando uma de nós se casasse, levaríamos uma a outra para morar em sua nova casa... Eu sempre desejei estar perto de você, por isso vim para a *House Flowers* assim que seu noivado com James foi realizado, assim que ele a trouxe daquele convento.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, eu sei. E isso foi muito importante para mim, Audrey. Tê-la ao meu lado me deu forças para suportar a partida de Richard com Helen, a minha decepção com mamãe e papai...

— Eu amei o tempo que passei aqui... Conheci melhor o seu James e vi que você tinha realmente razão quando me aconselhava a somente me casar por amor, mas principalmente que avaliasse bem o caráter do meu escolhido. Mas agora que você se casará, penso que devo ficar com papai e com mamãe em nossa casa em Bincombe. O senhor James foi muito generoso em devolvê-la a nosso pai.

— Audrey, não se trata de generosidade. Talvez seja melhor dizer que foi o justo. O senhor Boorman se aproveitou da fragilidade financeira de papai e da ambição de mamãe...

— Eu sei. Gostaria que nossa mãe

entendesse, mas não há jeito. Para ela, estar de volta à nossa antiga casa é até mesmo uma afronta, um castigo que você, James e papai lhe impuseram. Ela ficou irada por nosso pai não ter aceitado morar na mansão de Chilcomb, em Hampshire, assim como James nos ofereceu. Ficou irada quando papai, em vez de aceitar, propôs que James os deixasse ficar com a nossa velha casa em Bincombe. Isso causou muitas brigas entre eles, já que mamãe acredita que deveria receber muito mais que isso, mas a verdade, Lolla, é que o que ela lhe fez é imperdoável.

— Mas eu a perdoei e já disse isso a ela. Eu os perdoei de coração, tanto mamãe quanto nosso pai. Aliás, eles virão para a cerimônia?

— Não tenho certeza, Lolla. Papai mandou que eu viesse com Benjamin, justamente por não saber se viriam. Nosso pai ainda sente vergonha, e

mamãe... você sabe.

— Pois eu espero que venham — disse-lhe sinceramente. — Quanto a você, Audrey, minha irmãzinha que cresce a cada dia e se torna uma linda mulher, estou feliz por sua conduta, por quem se tornou, pelo seu caráter. Estou feliz por não ter mais de me preocupar com você — acrescentei, rindo, depois acarinhei suas mãos e a trouxe para um abraço.

Jamais disse à Audrey sobre a chantagem que nossos pais me fizeram, ameaçando noivá-la com o senhor Boorman em meu lugar. Eu mesma havia chorado por um dia inteiro quando soube que a ideia da chantagem partiu de minha mãe, que não tinha sido uma real proposta do senhor Boorman. Não inicialmente.

— Então não se importa que eu não continue a morar aqui? Prometo visitá-la com

PERIGOSAS NACIONAIS

frequência — disse Audrey com um sorriso travesso.

— Não me importarei se realmente vier frequentemente — disse-lhe.

Na vida, não gostaríamos nem um pouco de ter de enfrentar certos momentos, já outros poderiam durar uma eternidade, sendo congelados ou repetidos dia após dia. E esse foi meu desejo ao ver James à minha espera naquele altar improvisado no jardim, eu quis fazer parar o tempo no instante em que ele me viu chegar. Seus olhos piscaram devagar, seus lábios permaneceram entreabertos. Eu podia ver seu peito subindo e descendo e o ar que soprava devagar de seus pulmões. O sorriso nasceu trêmulo e um suspiro lento foi soprado até mim quando me aproximei.

— Lolla... tão linda que nem parece real — sussurrou ao meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

— Sou real, James, se você também for —
sussurrei também.

James repousou um beijo em minha mão e
então nos voltamos para o altar.

A cerimônia simples e íntima contava com a
presença de poucos amigos de James, além da
senhora Holly, do senhor Julius e Audrey, que viera
acompanhada de Benjamin. Além deles, toda a
criadagem acompanhava a cerimônia com os olhos
brilhantes de alegria. Meu coração, embora feliz,
sentia falta de uma grande parte de mim: meus pais
e meu irmão, Richard, que havia partido com Helen
para o condado de York, a mais de trezentas milhas
de distância de Bincombe.

Porém, enquanto meus olhos passeavam
entre os convidados, pude ver ao longe, de braços
dados e olhos brilhantes, meus pais acompanhando
a cerimônia. Papai sorria ao me ver e minha mãe

enxugava discretamente uma lágrima que rolava de seus olhos. Quando nossos olhares se cruzaram, ela desviou o olhar, mas, quando voltou a olhar para mim, recebeu um sorriso sincero. Jamais poderia viver feliz se não fosse capaz de perdoá-los.

Troquei com Helen e Richard algumas cartas durante este tempo. Elas deram-me o alívio para a saudade. Em uma das cartas, eu lhes contei que o senhor Thompson havia partido para a Escócia, que soubemos disso por meio da sua governanta, que estava procurando outra mansão para trabalhar, pois não quis acompanhar o patrão. Com isso, sugeri que voltassem para Dorsetshire.

Em resposta, Helen disse que infelizmente ainda não poderiam voltar, pois sua mãe não havia perdoado sua fuga e o fato de ela estar vivendo com Richard como se fossem casados. Além disso, o senhor Thompson havia dito a todos que ficara

viúvo, para assim justificar o desaparecimento de sua esposa. Essa era uma justificativa completamente implausível, já que não houve nenhum funeral nem cortejo ou algo do tipo.

Muitos no vilarejo rumorejavam que o senhor Thompson havia sido abandonado. Foi também por meio de falatórios que chegou aos meus ouvidos uma grande indiscrição. Alguns cavalheiros de Dorsetshire, ao retornarem da temporada em Londres, passaram a evitar a presença do senhor Thompson e disseram que ele tinha atrações pouco comuns, na verdade completamente escandalosas. Se os boatos eram verdadeiros ou não passavam de maledicências, eu nunca soube.

Helen e Richard jamais tocaram no assunto. Nas cartas, contavam apenas que ela e Richard estavam bem e felizes, que o amor que sentiam um

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo outro compensava todas as adversidades pelas quais passaram. Meu irmão havia se tornado o homem que sonhou ser, trabalhava, cuidava da sua esposa e a venerava com todo seu coração, dando a Helen o amor que ela merece e recebendo em troca o mesmo carinho e cuidado.

Para mim, saber disso era o bastante para me sentir feliz, mesmo com suas ausências. No entanto, quando o baile de casamento começou, vi um casal entrando pela grande porta principal, sendo encaminhado para o salão. A bela moça de braços dados com um homem alto e forte sorria para mim, e seu acompanhante fazia o mesmo.

— Richard! Helen! — disse seus nomes, atônita. — Estão mesmo aqui? — perguntei, mas não aguardei respostas, voei para seus braços, acolhendo cada um em um ombro.

Ao meu lado, James sorria, emocionado.

PERIGOSAS ACHERON

— Parece que estamos — disse Richard, sorrindo. — Acaso eu perderia o casamento da minha irmã com meu melhor amigo?

— Recebi uma carta... — balbuciei.

— Sim, disse que ainda não podemos voltar definitivamente, mas perder seu casamento, Lolla, estava fora de cogitação. — Helen exibiu aquele seu sorriso aberto e fácil que é sua maior característica.

— Ainda não sei o que fazer quando ela sorri assim — comentou Richard com o olhar em sua amada.

— Vocês são perfeitos juntos — comentei.

— Assim como você e James, Lolla — emendou Helen. — Você é a noiva mais linda que já vi.

— Minha amiga! — Tornei a abraçá-la,

esfuziante, vibrando de alegria. — Veja só, você foi muito corajosa, obstinada como Hérnia. Da próxima vez que interpretarmos “Sonho de uma Noite de Verão”, você a representará!

— Sua coragem me inspirou, Lolla — respondeu com um sorriso.

O baile foi perfeito, dançar com James sendo sua esposa dava à dança uma magia especial. A forma como me olhava e me tocava causava-me arrepios e suspiros constantes.

Quando todos os visitantes se foram e os hóspedes já estavam acomodados, fui para meu aposento, que ainda era o pequeno dormitório de James. Retirei com cuidado os brincos e depois o colar em meu pescoço. Olhei-me no espelho e sorri. Estava casada com James... meu James... Perfeito!

Levei a mão aos cabelos e soltei alguns grampos que já estavam me incomodando. Foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando vi, pelo reflexo do espelho, que o pequeno defeito da porta ainda persistia. Ela estava entreaberta, e James estava ali, parado, avaliando-me. Sorriu ao ser notado.

— Não ouse retirar sozinha sequer um grampo do seu cabelo — disse, caminhando lentamente em minha direção. Sua voz era cálida, me deixou arrebatada.

— Posso retirar sozinha os grampos... — provoquei.

— Mas não deve... porque eu sonhei muito com este dia — falou, tocando minha nuca. Um arrepio surgiu junto com o toque. James permaneceu atrás de mim e tocou levemente minhas costas. Suas mãos alisaram toda a extensão da minha nuca, descendo até chegar à minha cintura. — E em meus sonhos, era eu quem fazia isso — continuou.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero que seja exatamente como sonhou — disse, virando-me para meu esposo, admirando o tom verde dos seus olhos. — Eu já me sinto em um sonho — acrescentei.

James me tomou em seus braços e me beijou com paixão, amor, entrega e carinho. Éramos, enfim, um do outro. Deixei que ele retirasse do meu corpo cada peça que eu vestia, que desatasse cada laço e desabotoasse cada pequeno botão. Por fim, ao me ver despida, James parou por alguns instantes. Olhando em meus olhos, ele acariciou meu rosto, depois subiu as mãos até meus cabelos, soltando os últimos grampos que impediam os fios de se soltarem completamente.

— Agora, sim... Linda — expressiu ao ver meus cabelos tocando minha cintura nua.

Quando me deitou na cama, pude ver algo que ainda não havia percebido desde que entrara

naquele aposento. Acima da lareira, pendurado na parede, estava o meu retrato. Sorri, encantada, feliz.

— Hum... Você é incrivelmente encantador... — Gemi entre os beijos que recebia.

— Está me cortejando, esposa?

— Sim — assumi com o rosto que se aquecia cada vez mais.

E então me permiti amar e ser amada, aprendendo com nossos corpos a sentir as ondas de prazer que nos invadiam.



— Sentirá saudades deste dia? — perguntei a James, abraçada ao seu corpo.

O aposento aquecido pelo nosso amor e pela lareira ainda presenciava nossa união, nossos dedos entrelaçados sobre o peito arfante de James.

— Não desejo sentir saudades deste dia,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque quero poder sempre reviver as sensações e emoções que vivemos hoje. Sentir saudade seria a certeza de que só o passado foi feliz. Mas, não, Lolla, eu lhe prometi a felicidade infinita. Todos os dias serão tão felizes quanto este, e não precisaremos sentir saudade.

— Tem razão — concordei, elevei meu rosto para olhá-lo nos olhos e perguntei: — O quanto me ama, James?

— Que pergunta, Lolla! Pensa que sou capaz de medir? Não seria o imenso amor que sinto, se eu pudesse mensurá-lo. Mas lhe dou garantias de que é muito, muito, muito... Veja bem, posso persistir até amanhecer, dizendo que é muito... Antes de conhecê-la, Lolla, eu sabia quem eu era, mas foi o seu amor que me mostrou o que eu ainda poderia ser. Esse é ou não é o maior amor do mundo?

PERIGOSAS ACHERON

Eu iria responder que sim, mas James me calou com um beijo.

FIM



1. Dorsetshire: hoje chamado de Dorset, é um condado situado no sudoeste da Inglaterra, na costa do Canal da Mancha.
2. Weymouth: cidade do [condado](#) de [Dorset](#), na [Inglaterra](#).
3. Duque de Gloucester: príncipe William Henry, foi o quarto filho de [Frederico, príncipe de Gales](#), e irmão do rei [George III](#).
4. George III: rei da Grã-Bretanha e Irlanda de 25 de outubro de 1760 até a união dos dois países em 1 de janeiro de 1801, tornando-se rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda até sua morte em 1820.

PERIGOSAS NACIONAIS

5. Gloucester Lodge: antiga residência real no balneário de Weymouth, na costa sul da Inglaterra. Era a residência de verão do príncipe William Henry, duque de Gloucester.
6. Máquina de banho: pequenas casas de madeira que eram colocadas na água. Uma pessoa cabia lá dentro, garantindo sua total privacidade. Depois, um cavalo puxava a cabana de volta para a areia, momento em que o banhista recolocava suas roupas comuns.
7. Barouche: carruagem semelhante à caleche, mas com duas rodas. Era puxada normalmente por quatro cavalos e levava no máximo seis passageiros. Tinha uma cobertura removível que cobria apenas a metade traseira do veículo. Era utilizada em ocasiões menos formais, como um passeio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no parque ou no campo.

8. Salmos 91:2-3.
9. House Flowers: por ser um vilarejo pequeno, as casas de campo tinham nomes próprios.
10. Woolgarston: vila do condado de Dorsetshire.
11. Faetonte: um tipo de carruagem de quatro rodas, pequena, alta e descoberta.
12. Hebreus 11:1.
13. Efésios 5:18.
14. Frase do livro “O Mercador de Veneza”, Shakespeare.
15. Salmos 118:24.
16. Provérbios 13:3.
17. Corfe Castle: castelo inglês, atualmente em ruínas, que se ergue no condado de Dorset. Em 1646 o castelo foi destruído com alguns explosivos e principalmente minado subterraneamente para assegurar que não

PERIGOSAS ACHERON

voltaria a erguer-se como uma fortaleza real.

18. O Purbeck Hills: também chamado de Purbeck Cume, é uma cordilheira — conjunto de montanhas — em [Dorset, Inglaterra](#).
19. Wareham e Swanage: paróquias civis localizadas no condado de Dorset, Inglaterra.
20. Êxodo 20:12.
21. Provérbios 23:4-5.
22. Jó 36:18-19.
23. Bloomsbury: área do centro de Londres, Inglaterra.
24. Chilcomb: pequena vila no condado de Hampshire.
25. Berkshire: condado da região da Inglaterra denominada sudeste da Inglaterra. Também é frequentemente chamado de Condado Real de Berkshire, devido à localização da residência real do Castelo de Windsor.

26. Castelo de Windsor: residência real localizada na cidade de Windsor, em Berkshire, Inglaterra.
27. Narval: baleia dentada de tamanho médio e o animal com os maiores caninos.
28. Hyde Park: parque no centro de Londres, na Inglaterra. É famoso pela sua esquina do Orador. Junto com os jardins Kensington, que ficam adjacentes, forma uma das maiores áreas verdes da cidade, com 2,5 km² de área. Ele é atravessado pelo lago Sinuoso (Serpentine). O parque Hyde é oficialmente reconhecido como um dos parques reais de Londres.
29. Fichu: espécie de lenço ou mantilha usado na cabeça ou nos ombros geralmente por mulheres.
30. Carolina de Ansbach: esposa do rei Jorge II e rainha consorte do Reino da Grã-

Bretanha e do Reino da Irlanda de 1727 até sua morte.

31. Timóteo 2:9-10.
32. Otford: vila e paróquia civil no distrito de Sevenoaks, Kent, um condado no sudeste da Inglaterra.
33. Soneto 116, Shakespeare.
34. Petersfield: cidade mercantil e paróquia civil no distrito de Hampshire, Inglaterra.
35. Trecho do soneto 88, Shakespeare.
36. Trecho do livro “Hamlet”, Shakespeare.
37. Wiltshire: também abreviado para Wilts, um condado cerimonial da Inglaterra, situado na parte sudoeste.
38. Trecho do livro “Hamlet”, Shakespeare.
39. Colossenses 3:13.
40. Cânticos 8:6-7.
41. Trecho do livro “Romeu e Julieta”, Shakespeare.

42. Trecho do livro “Romeu e Julieta”,
Shakespeare.

Biografia



Amanda Bonatti

BIOGRAFIA DA AUTORA

AMANDA BONATTI É catarinense, formada em Pedagogia e Letras, pós-graduada em Supervisão Escolar e em Revisão de Textos. Apaixonada pelo mundo dos livros e das palavras escreveu contos, poemas e publicou cinco livros entre os anos de 2013 e 2018. Atualmente dedica-se profissionalmente apenas à literatura. Nas colinas de Dorsetshire é o seu terceiro romance de época. Obras anteriores: O bosque de faias e Um amor para Johan.

Contato:

Instagram: @amandabonattion

PERIGOSAS NACIONAIS

Facebook:

<https://www.facebook.com/amandabonattilivros/>

PERIGOSAS ACHERON

CONHEÇA SEU TRABALHO



c

Nas Colinas de Dorsetshire

Sinopse: Lolla é a jovial e sagaz filha do meio da família Gibbons. De origem humilde, eles residem na vila de Bincombe, na Inglaterra. Para Lolla nada falta e a felicidade é sua companheira. Obstinação, com uma mente vivaz e personalidade forte, ela vê sua paz e destino serem afetados quando em sua casa aparece um senhor e oferece trabalho para seu pai em sua rica propriedade de campo apenas com o interesse de convencê-lo a entregar Lolla para ser sua esposa. A diferença de idade e ideais formam um grande abismo entre eles, evidenciando as dissemelhanças que a aterrorizam, além do comportamento abominável que o homem apresenta. Diante de tais conflitos, a situação só

piora quando Lolla conhece o filho do seu indesejado noivo e se apaixona por ele, se entregando a um amor arrebatador que os levará a vivenciar tormentas inconcebíveis em nome da prometida felicidade.

Compre a versão impressa: [Loja Editora Coerência](#)



O Bosque de faias:

Sinopse: Joana é uma jovem francesa criada no seio de uma família pertencente à burguesia do século XIX. Ela luta pelo seu direito de liberdade; no entanto, em uma época em que os pais ditavam as regras e firmavam acordos nupciais unicamente baseados em dotes e interesses, ela precisará usar de toda a sua força e rebeldia para alcançar o que quer.

Na [Amazon](#) ou pelo
amanda_bonatti@yahoo.com.br



Um amor para Johan

Sinopse: Quem daria crédito aos sentimentos de um libertino? Quem poderia julgar que Johan fosse um romântico? Teve apenas um amor, mas jamais pôde tê-la, e quando se esgotaram todas as esperanças, Johan acreditou que não havia nascido para o amor. A paixão sim, poderia vivê-la muitas vezes e se apaixonar todos os dias, mas seu coração ficaria guardado e ressalvo de qualquer outra decepção futura. Era mais seguro; Johan desejou nunca mais amar outra vez... Mas então, algo aconteceu...

Onde comprar: Na [Amazon](#) ou amanda_bonatti@yahoo.com.br



S.O.S Mamãe de primeira viagem

Sinopse: O que vem pela frente após a confirmação de duas “listrinhas” cor de rosa ou a palavra positivo em um exame de gravidez

surpreende e quase sempre gera um turbilhão de sentimentos e dúvidas, principalmente quando tudo é novo e as transformações ocorrem a todo momento, o corpo se prepara para ser: mãe. Estar grávida é viver uma aventura mágica de transformação, com choros e emoções à flor da pele. Uma aventura que leva a aprender o significado do amor incondicional, iniciando no momento da descoberta da gravidez, passando pelo nascimento e estendendo-se por toda a vida. Embarque nesta aventura que é ser mamãe de primeira viagem, para recordar ou descobrir os dramas e a comédia que é ser mãe.

Onde comprar: Na [Amazon](#) ou pelo amanda_bonatti@yahoo.com.br

**Gostou da diagramação?
Entre em contato e solicite um
orçamento.**

